



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

FERNANDO PISONI ZANAGA

**FUTEBOL E CARNAVAL NAS CRÔNICAS DE LIMA
BARRETO: OS EMBATES DO ESCRITOR COM JOÃO DO
RIO E COELHO NETO ACERCA DOS FUTUROS SÍMBOLOS
DA NAÇÃO**

**CAMPINAS,
2019**

FERNANDO PISONI ZANAGA

**FUTEBOL E CARNAVAL NAS CRÔNICAS DE LIMA
BARRETO: OS EMBATES DO ESCRITOR COM JOÃO DO
RIO E COELHO NETO ACERCA DOS FUTUROS SÍMBOLOS
DA NAÇÃO**

**Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do título de Mestre em
Teoria e História Literária na área de História e
Historiografia Literária.**

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Birman

**Este trabalho corresponde à versão final da Dissertação
defendida pelo aluno Fernando Pisoni Zanaga
e orientada pela Profa. Dra. Daniela Birman.**

**CAMPINAS,
2019**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

Z15f Zanaga, Fernando Pisoni, 1987-
Futebol e carnaval nas crônicas de Lima Barreto : os embates do escritor com João do Rio e Coelho Neto acerca dos futuros símbolos da nação / Fernando Pisoni Zanaga. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Daniela Birman.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Barreto, Lima, 1881-1922. 2. Coelho Netto, 1864-1934. 3. João do Rio, 1881-1921. 4. Futebol. 5. Carnaval. I. Birman, Daniela. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Football and carnival in Lima Barreto's chronicles : the writer's clash with João do Rio and Coelho Neto about the future national symbols

Palavras-chave em inglês:

Barreto, Lima, 1881-1922

Coelho Netto, 1864-1934

João do Rio, 1881-1921

Soccer

Carnival

Área de concentração: História e Historiografia Literária

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária

Banca examinadora:

Daniela Birman [Orientador]

Jefferson Cano

Fabio Mascaro Querido

Data de defesa: 01-10-2019

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-7869-3244>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/9147933581391386>



BANCA EXAMINADORA:

Daniela Birman

Jefferson Cano

Fabio Mascaro Querido

**IEL/UNICAMP
2019**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

Dedicatória

A todas bibliotecas e bibliotecários do Brasil, por tornarem possível não somente esta dissertação, mas também por proporcionarem muitas descobertas, a gestação de muitos sonhos, e por abrirem, literalmente, um mundo a milhares de brasileiros diariamente.

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família - minha mãe Mariângela, meu pai Luiz e minha irmã Letícia, por sempre estarem ao meu lado e me apoiarem nos momentos da minha trajetória de vida.

Agradeço à minha orientadora Daniel Birman, pelos conselhos, pela dedicação, pela atenção, pela disposição em dialogar e buscar novos caminhos para pesquisa e pela confiança que depositou em mim.

Gostaria de agradecer ao Fundo de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (Faepex – Unicamp) pela bolsa que possibilitou a realização deste mestrado.

Agradeço a todos os meus professores de graduação, não somente aos dos cursos de História e de Ciências Sociais, mas também aos da Faculdade de Educação, e sem esquecer os professores do curso de Jornalismo da Puc-Campinas, que pelo empenho nas aulas contribuíram na minha formação intelectual.

Agradeço também aos meus professores durante o período de Pós-graduação no IEL.

Agradeço aos meus colegas de orientação sob a supervisão da Daniela Birman: Carlos Henrique Vieira, Carolina V. Zacharias, Heloísa Malta Buttini, Thamires Breda e Verônica Lazzeroni Del Cet – pelas discussões sempre proveitosas durante os seminários.

Agradeço aos funcionários das bibliotecas IEL, do IFCH, da FE, e da BC, em especial Isabella Nascimento Pereira, Célia Aparecida Rodrigues e Fernanda Cristina Mira, do setor de obras raras da BC, pelo seu trabalho diário e pelo auxílio que prestaram à esta dissertação.

Agradeço aos professores da banca examinadora, Fabio Mascaro Querido e Jefferson Cano, por aceitarem participar da banca e pela dedicação ao lerem minha dissertação.

Agradeço aos professores da banca de qualificação, Jefferson Cano e Francisco Foot Hardman, por lerem meu projeto e indicarem novas perspectivas para a dissertação.

Agradeço a todos os funcionários do IEL, em especial aos que atuam na secretaria de pós-graduação, pela atenção e disposição em sanar dúvidas.

Agradeço aos meus colegas do curso Exato, em especial Laís e Marília, sou muito grato à amizade e pelas oportunidades de aprendizado.

Agradeço aos meus colegas professores, à coordenação, e também aos meus alunos do Colégio Méson, por me ensinarem algo novo diariamente.

Agradeço à Márcia e à Rosita - sem a ajuda das duas eu não teria conseguido avançar nos estudos até uma pós-graduação.

Agradeço à Fernanda, pelo carinho e pelo companheirismo dos últimos meses, essenciais para a conclusão desta etapa da minha vida.

Agradeço ao Leandro, ao Walter e ao Paulo, meus amigos há duas décadas, pelos momentos de descontração e parceria.

Agradeço também aos meus ex-colegas de IFCH, Ana, Danilo, Fernanda, Filipe, Guilherme, Michel, e Viking pelo companheirismo durante os anos de graduação.

Resumo

A partir da leitura da produção jornalística de Lima Barreto, máxime suas crônicas, este trabalho analisa as maneiras pelas quais o escritor não apenas acompanhou criticamente o processo de modernização do país proposto pelas elites durante a Primeira República, mas também tentou atuar criticamente na sociedade. Esta sua tentativa de intervenção aqui examinada se focará nos escritos acerca de duas práticas sociais que, ainda hoje, são pontos incontornáveis quando se pensa na “nacionalidade brasileira”: o futebol e o carnaval. Ampliando o escopo do estudo, busca-se ainda mostrar a oposição de Lima Barreto ao campo intelectual dominante do período. Para isso, as crônicas do autor são confrontadas com aquelas de Coelho Neto e João do Rio. Esses dois escritores apoiavam a nova burguesia republicana, “modernizadora” e contrária a tudo que era tradicional ou popular no Brasil. Esta elite se apropriou da doutrina liberal do século XIX, transplantando-a ao Brasil e legitimando assim a sua dominação e o aniquilamento cultural dos costumes africanos. Realiza-se o cotejamento das obras literárias com obras teóricas, com a finalidade de se localizar, classificar e interpretar as práticas populares presentes no *corpus*, sempre tendo em vista as maneiras através das quais estas práticas entram em choque, se modificam e acabam transformando a cultura dominante imposta pelas elites republicanas. Por fim, se verifica a maneira pela qual o futebol, o carnaval e o corpo do brasileiro mestiço foram transformados em símbolos da nacionalidade brasileira. Este processo, que durou décadas, foi acompanhado e comentado por Lima Barreto e seus dois interlocutores, Coelho Neto e João do Rio.

Palavras-chave: Lima Barreto. Coelho Neto. João do Rio. Futebol. Carnaval. Primeira República. Literatura brasileira.

Abstract

Considering Lima Barreto's journalistic output, especially his chronicles, as a starting point, this thesis analyzes the ways in which the author has not only critically examined the Brazilian modernization process proposed by the elites during the First Republic, but also tried to critically act. This master's thesis focuses on examining his writings concerning two social practices that are, to this day, defining aspects of the "Brazilian identity": football and carnival. Furthermore, this thesis aims to demonstrate Lima Barreto's opposition to the intellectual elite dominant at his time through the appraisal of his chronicles, in comparison to those written by Coelho Neto and João do Rio, authors who supported the republican *bourgeoisie*, which was against everything that was traditional or popular in Brazil at the time. This elite brought nineteenth century's liberal doctrine to Brazil as a means to legitimize the domination and cultural annihilation of African traditions. The authors' literary output is confronted against theoretical works in order to detect, classify and interpret the folk's practices present at the *corpus*, considering the manners the dominant culture imposed by the republican elites confronted, modified and transformed these traditional practices. Finally, the ways through which football, the carnival and the physical features of mixed-race Brazilians were transformed into symbols of Brazilian identity are analyzed. This decades-long process was observed and analyzed by Lima Barreto and his contemporaries, Coelho Neto and João do Rio.

Key-words: Lima Barreto. Coelho Neto. João do Rio. Football. Carnival. First Republic. Brazilian literature.

Sumário

Introdução	11
A Primeira República e a <i>belle époque</i> carioca.....	12
A imprensa carioca e o lugar da crônica na <i>belle époque tropical</i>	15
Lima Barreto: um escritor peculiar.....	19
Literatos em campos opostos: Lima Barreto contra Coelho Neto e João do Rio.....	23
A estrutura da dissertação.....	28
1 Lima Barreto X Football: uma disputa pelo Brasil	31
1.1 O futebol desembarca no Rio: uma novidade das elites que se querem modernas e cosmopolitas	32
1.2 O futebol das elites brasileiras: militarismo, violência e bovarismo.....	39
1.3 A Liga contra o Futebol	61
1.4 A disseminação do futebol entre as classes trabalhadoras.....	64
2 Lima Barreto versus teorias racistas: da ciência ao futebol	71
2.1 As teorias.....	71
2.2 Racismo e futebol	91
2.3 O futebol como símbolo brasileiro: o novo corpo nacional	96
2.4 Lima sai de campo	102
2.5 Lima, Freyre e a “democracia racial”	111
3 Lima Barreto e o carnaval carioca	114
3.1 Lima Barreto contra a “lírica atroz e sem sentido”	115
3.2 Bovarismo, helenismo e exclusivismo no carnaval carioca	120
3.3 Racismo no carnaval e na poética popular	137
3.4 Carnaval, samba e <i>mulata</i> : símbolos nacionais	154
Considerações finais	164
Referências	167

Introdução

O escritor carioca Afonso de Henriques Lima Barreto (1881-1922) e sua obra foram relegados ao esquecimento após sua morte. O autor carioca teve cinco livros publicados em vida: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909); *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915); *Numa e a Ninfa* (1915); *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919); *Histórias e sonhos* (1920). Logo depois de sua morte, foram também publicados *Os Bruzundangas* (1922) e *Bagatelas* (1923). No intervalo entre 1923 e a década de 1940, porém, somente *Os Bruzundangas* recebeu uma nova edição, em 1930.¹ *Clara dos Anjos* foi editada pela primeira vez em 1948. *Feiras e mafuás*, *Marginália* e o *Diário íntimo* saíram pela editora Mérito em 1953.

Os livros de Afonso Henriques só voltaram a circular nas estantes das livrarias e bibliotecas brasileiras após a compilação das obras completas do escritor realizada por Francisco de Assis Barbosa em 1956. As *Obras Completas* de Lima Barreto reúnem 17 volumes e correspondem ao primeiro esforço de publicar e sistematizar toda a produção. Cada volume foi prefaciado por nomes de vulto da vida intelectual brasileira. Ademais, cabe ressaltar a publicação da primeira biografia a respeito do escritor pelo próprio Francisco de Assis Barbosa em 1952, *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*.

Mesmo assim, após este primeiro passo, somente com o estudo do crítico Antônio Arnoni Prado de 1976, *O crítico e a crise*, Lima Barreto passa a ser estudado com mais minúcia pela academia.

O interesse da crítica sedimentou-se em estudos acerca dos romances e dos contos do autor carioca. Inclusive dois volumes de diários - *O diário íntimo* e o *Diário do Hospício* - foram muito analisados, como subsídios e como uma espécie de pedra de Roseta para destrinchar a obra ficcional do escritor.

Parte significativa da obra completa de Lima Barreto continuou a ser ignorada pela crítica literária: a contribuição do escritor para a imprensa. Cabe destacar que contra esta maré, foi lançado o estudo de Beatriz Resende, *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos*, de 1993, que valorizou a obra jornalística de Lima Barreto, mais especificamente as crônicas.

Deve-se ressaltar também o trabalho de Resende em parceria com Rachel Valença ao editar os dois volumes de *Toda Crônica* de Lima Barreto em 2004. Desde então, a produção para a imprensa de Lima Barreto tem recebido um novo impulso por parte da academia,

¹ Dados retirados de Beatriz Resende (2004, v.1, p.10) e Felipe Botelho Corrêa (2013, p.74).

destacando-se, além das pesquisadoras Resende e Valença, os trabalhos dos pesquisadores Felipe Corrêa e Denílson Botelho.

Entretanto, tendo em vista a totalidade da revisão crítica das obras do escritor dos subúrbios, os estudos que analisam os textos publicados em jornais de Afonso ainda são minoria.

Como é conhecido, o Brasil de Lima Barreto era um país recém-saído da escravidão, com um novo regime, a república, que buscava seu espaço no concerto das nações, e ansiava por uma identidade.

Lima Barreto assistiu ao processo de introdução do futebol no Brasil e à transformação deste esporte e do carnaval carioca em símbolos nacionais. Pode-se afirmar que estas duas práticas, consolidadas na década de 1930 como símbolos nacionais, permanecem vivas como representações do Brasil, tanto para os próprios brasileiros, quanto para os estrangeiros.

Esta dissertação será focada, contudo, no período anterior à consolidação destes símbolos da nossa nacionalidade, procurando acompanhar os conflitos e dissensos a respeito da prática do futebol, do carnaval e do samba na imprensa da época, dando atenção especial aos embates relativos à exclusão de elementos de origem africana e da cultura popular. Desse modo, num primeiro plano, este estudo busca examinar os posicionamentos de um intelectual negro que há mais de um século lutou contra projetos de dominação das elites através de sua atuação como escritor, e mais especificamente, na sua contribuição via imprensa, denunciando práticas excludentes e racistas presentes no Rio de Janeiro do século passado, máxime no futebol e no carnaval.

Num segundo plano, o trabalho colocará dois intelectuais alinhados a esta burguesia republicana e “modernizadora” em diálogo com Lima Barreto, de quem eram contemporâneos: Coelho Neto, e, máxime, João do Rio. Segundo é conhecido, esta elite se apropria da doutrina liberal do século XIX, transplantando-a ao Brasil, e assim, legitimando sua dominação e o aniquilamento cultural dos costumes africanos. Ela justificará, ainda, a condição de pobreza e de exclusão política, social e cultural da grande massa de negros e mestiços, tomada como marca de inferioridade. (GUIMARÃES, 2009)

A Primeira República e a *belle époque* carioca

A Primeira República foi um período conturbado. Findado o Império e a escravidão, seguia-se a tarefa de modernizar o Brasil. Em pouco mais de quarenta anos, foram intensas as

batalhas por direitos, pela busca de cidadania, pela construção da distinção entre público e privado. (SCHWARCZ; STARLING, 2015) Podemos encontrar na obra do escritor carioca Lima Barreto reflexos deste processo de modernização.

O historiador Nicolau Sevcenko (2003, p.36) destaca que uma série de crises políticas (nos anos de 1889, 1891, 1893, 1897 e 1904) no início da ordem republicana resultaram em “‘deposições’, ‘degolas’, ‘exílios’, ‘deportações’ que atingiram principalmente e em primeiro lugar as elites tradicionais do Império e o seu vasto círculo de clientes [...]”²

O fim da República das Espadas e a posse do presidente Prudente de Moraes assinalam a aliança entre as elites republicanas, e o início do controle efetivo destas elites sobre o Estado brasileiro. (SEVCENKO, 2003 ; CARVALHO, 2019) Rapidamente esvaziam a abolição e a própria proclamação da república de seus sentidos emancipadores e otimistas, abortam os projetos democráticos e de promoção social. “A economia, a educação e a cultura foram assim condenadas ao marasmo, sufocadas pelo primado da ‘ordem’, condição inseparável do ‘progresso’.” (SEVCENKO, 2003, p.309)

O Rio de Janeiro, manteve seu posto de capital federal e de maior cidade brasileira após a proclamação da república. Historicamente, a cidade e a vida urbana se caracterizariam pela ampliação da cidadania e, no caso brasileiro, o Rio de Janeiro apresentaria as melhores condições para o desenvolvimento de uma cultura de liberdades civis e de participação política. (CARVALHO, 2019, p.151)

Não foi o que aconteceu no Brasil e na sua capital. Após a sedimentação das oligarquias no poder republicano, nomeadamente com os presidentes civis, quando pactos como a política dos governadores e a liderança política e econômica das províncias de São Paulo e de Minas Gerais torna-se incontestável, a república brasileira: “Consolidou-se sobre a vitória da ideologia liberal pré-democrática, darwinista, reforçadora do poder oligárquico.” (CARVALHO, 2019, p.152)

Ao longo deste processo de transformação política e cultural, nossas elites republicanas mantinham-se antenadas com o que se passava na Europa, durante a *belle époque*³, e tentam transplantar tais ideias para o Brasil e, mais especificamente, para o Rio de Janeiro. Esta importação, contudo, adaptava-se à estrutura oligárquica do país.

² Entre esses clientes “degolados” temos o pai de Lima Barreto, João Henriques, monarquista ligado ao Conde Afonso Celso, que perde sua posição na tipografia nacional e assume um cargo na administração da Colônia de Alienados da Ilha do Governador em 1893. Ocupa o cargo até sua aposentadoria por invalidez, no início dos anos de 1900.

³ Período entre 1871 e 1914 (fim da guerra franco-prussiana e a eclosão da Primeira Grande Guerra). Espaço de tempo marcado pela relativa paz entre as potências europeias, que teria assinalado o auge de uma sociedade cosmopolita de influência parisiense.

Conforme observa o historiador Jeffrey Needell (1993, p.184),

[...] as práticas culturais aristocráticas franco-inglesas serviram para reforçar e legitimar a distinção e a superioridade da elite carioca. [...] A adoção das maneiras franco-inglesas legitimou de modo novo, com efeito, as relações tradicionais entre senhores e escravos, brancos e negros, patrões e clientes, europeus e não-europeus, elite e todos os demais. [...] Este uso de novas praxes culturais para exprimir e manter antigas relações, apesar das características alienígenas inerentes a estas práticas, não dissolveu os elementos de coesão essenciais aos usos tradicionais.

Ou seja, ao adotar as práticas cosmopolitas europeias, as elites cariocas buscavam identificação com símbolos, instituições e práticas metropolitanas. Esta identificação serviria como forma destas elites se distinguirem socialmente das classes populares brasileiras, ao mesmo tempo em que tentavam manter traços de uma sociedade dominada por grandes fazendeiros e seus valores familiares, tradicionais, típicos do Brasil Império.

O Rio de Janeiro do início do século XX ainda mantinha aspectos de uma ex-capital colonial e de uma antiga capital monárquica. O centro da cidade apresentava antigos casarões coloniais que eram utilizados como cortiços pelas classes populares, ruas estreitas, vielas. No centro carioca viviam e circulavam todas as camadas da população. Além disso, a cidade era alvo de constantes epidemias.

Assim, sob o presidente Rodrigues Alves, o engenheiro Pereira Passos é nomeado prefeito do distrito federal, o Rio de Janeiro, e inicia o seu projeto de reforma urbana, que visava modernizar a cidade, dando-lhe, novamente sob influência da *belle époque*, ares de capital europeia. Pereira Passos baseou-se nas reformas que Barão Haussmann realizou em Paris sob o Imperador Napoleão III. Nestas reformas, além de priorizar a eficiência, saúde e beleza para Paris, teria incluído projetos contrarrevolucionários, para evitar novas revoltas de trabalhadores franceses.

Needell (1993, p.73) afirma que nos projetos de reforma urbana, Pereira Passos baseia-se no Barão Haussmann, e também teria incluído “planos de caráter antitradicionalista em seus projetos de eficiência saúde e beleza *à la européenne* – atacando os bastiões de um meio essencialmente brasileiro e sua cultura afro-brasileira.”

Beatriz Resende (1993, p.100) concorda com Needell ao ressaltar que as reformas urbanas não seguiram apenas ideais estéticos e urbanísticos, mas tinham um forte componente político ao tentar delimitar e separar nitidamente os espaços de circulação e moradia das populações ricas e setores médios, dos pobres e negros cariocas. Carvalho (2019, p.38) também estabelece a segregação espacial como uma das prioridades da reforma: “As reformas tiveram

como um dos efeitos a redução da promiscuidade social em que vivia a população da cidade, especialmente no centro.”

Com as mudanças na capital federal, alçada ao posto de cartão-postal brasileiro pelas elites republicanas, o Brasil estaria iniciando seu renascimento (também chamado pelas elites de Regeneração) e demonstraria sua capacidade para fazer parte de uma “civilização universal” à europeia.

Com as reformas urbanas promovidas por Pereira Passos, e a expulsão das populações negra e pobre da região central, resta a esta população ocupar os subúrbios. Os subúrbios “foram sendo dominados por um contingente formado de pobres, e sobretudo afro-brasileiros – alguns deles saídos havia pouco do sistema escravista. Trabalhadores nacionais e imigrantes, funcionários públicos de baixo e médio escalão.” (SCHWARCZ, 2017b, p.166-167) Veremos mais adiante nesta dissertação a importância que os subúrbios e a população suburbana, sobretudo negra e pobre, vão ocupar na produção de Lima Barreto. O escritor se encaixa perfeitamente no perfil do morador dos subúrbios traçado por Schwarcz acima: Afonso era negro, além de ocupar durante a boa parte de sua vida o cargo de amanuense na Secretaria de Guerra (funcionário público de baixo escalão), e morou o maior período da sua vida nos subúrbios: primeiro em Engenho Novo e depois em Todos os Santos.

Ainda assim, mesmo após as reformas urbanas, as elites republicanas não encontraram alento e continuaram a engendrar projetos para modernizar o Brasil e extirpar o país de seu passado colonial e escravista. Na primeira república, conforme ressalta Resende (2017, p.47), ser moderno consistiria em ser *excludente*. Tudo o que não se encaixasse nesta acepção de mundo “deveria, se possível, ser posto abaixo [...]” Conforme observa Carvalho (2019, p.38-39), “no Rio reformado circulava o mundo *belle époque* fascinado com a Europa, envergonhado do Brasil, em particular do Brasil pobre e do Brasil negro.”

A imprensa carioca e o lugar da crônica na *belle époque* tropical

De acordo com Nicolau Sevcenko (2003, p. 287), tanto no Brasil quanto na Europa, durante o período conhecido por *belle époque*, a literatura foi eleita como a forma cultural por excelência, sendo um importante instrumento de propaganda intelectual e que tomava para si a tarefa de tentar redefinir os valores sociais em época de transformação. O campo literário seria, neste período, um termômetro das mudanças de mentalidade e sensibilidade. “Poucas vezes a criação literária esteve tão presa à própria epiderme da história *tout court*.⁴”

⁴ Sevcenko (2003, p.287).

Escolheu-se, neste contexto, trabalhar com a produção jornalística de Lima Barreto, pois desde os finais do século XIX os jornais eram o principal veículo de comunicação no mundo⁵. Apesar dos altos índices de analfabetismo, especialmente no Brasil, a mídia impressa atingia vários grupos sociais devido aos hábitos de leitura em voz alta em grupos e à rápida transmissão oral do que era publicado. (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005) Além disso, as publicações jornalísticas atendem a critérios de periodicidade, estando atreladas ao cotidiano e ao factual.

Deve-se ressaltar que esta dissertação se propõe a historicizar a obra literária, sobretudo a crônica, e colocá-la no meio social no qual foi produzida, investigando as suas redes e a sua interlocução social. Desse modo, busca-se examinar a forma como a literatura constrói ou representa a sua relação com a realidade social, partindo das observações dos historiadores Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira (1998, p.7-8). Tanto Lima Barreto, quanto João do Rio, Coelho Neto e outros literatos aqui abordados “são sujeitos e personagens das histórias que contam.”

Na década 1880, teriam surgido os primeiros jornais realmente populares na capital: **Gazeta de Notícias**, em 1875; **Gazeta da Tarde**, em 1880; **O Paiz**, em 1884; **Diário de Notícias**, em 1885; **Cidade do Rio**, em 1888. De maneira geral, conforme destaca Needell (1993, p.221), boa parte destes periódicos estariam ligados aos movimentos abolicionistas e republicanos. O historiador também destaca que, a partir da década de 1880 e com a expansão da imprensa, os homens de letras poderiam se dedicar somente à escrita, pois já seria possível viver apenas da pena, mesmo que de forma precária.

A imprensa carioca continua a crescer rapidamente sob o regime republicano. Surgem publicações específicas de diversas áreas, como a esportiva, científica e comercial. Esse crescimento da imprensa comprovaria a existência de um público urbano apto a consumir um amplo leque de informações:

[...] se entre 1890 e 1899 surgiram quinze jornais no Distrito Federal, entre 1900 e 1908 esse número mais que triplicou, chegando a 52 novos empreendimentos. [...] A natureza desses jornais de início do século XX (e até 1908) era bem variada, sendo eles divididos em noticiosos (36), literários (22), científicos (24), religiosos (onze), almanaques (sete), didáticos (quatro), humorísticos (quatro), estatísticos (quatro), comerciais (seis), espíritas (três), esportivos (dois), anunciadores (três), infantis (dois), históricos (três),

⁵ O rádio se massifica nos países centrais após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Já no Brasil, o rádio se populariza na década de 1930. Informações retiradas de: **Uma versão resumida da Era do Rádio**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/uma-versao-resumida-da-era-do-radio-4073404>> Acesso em: 25 nov. 2017.; **The golden age of radio**. Disponível em: <<http://www.chicagotribune.com/news/nationworld/politics/chicagodays-radio-story-story.html>> Acesso em: 25 nov. 2017.

industrial (um), marítimos (dois), militar (um). Tal crescimento refletia o anseio de informação de um público urbano e a emergência de uma classe média com interesses culturais mais definidos. (SCHWARCZ, 2017b, p.195)

A pesquisadora Flora Süssekind (1987, p.72, 75) destaca como a imprensa empresarial se tornou o modo dominante de produção e difusão da literatura no início do século XX.⁶ Além do jornalismo ter se tornado uma via de profissionalização dos escritores, como já mencionado acima, a imprensa proporcionaria aos literatos possibilidades de aumento de prestígio e de influência política.

O público alvo de Lima Barreto e de outros escritores contemporâneos - os novos leitores, frutos da nova sociedade e do novo regime, beneficiados com a ampliação das tecnologias de impressão e das novas possibilidades de instrução; este novo público, formado e educado pelo novo jornalismo, sem ares de alta cultura (SEVCENKO, 2003, p.254) – era atraído na tentativa dos escritores intervirem sobre a sociedade que pretendiam transformar. (PEREIRA, 2005, p.218).

A literatura do período republicano revelaria as forças ativas da esfera cultural da época, e seria utilizada pelos escritores como um instrumento de propaganda intelectual, em um esforço de redefinir os valores sociais neste período de mudanças. (SEVCENKO, 2003, p.273-274). A literatura produziria não somente deleite estético, mas poderia construir e modelar simbolicamente o mundo. (SEVCENKO, 2003, p.284)

A dissertação trabalha com a produção jornalística de Lima Barreto, mais especificamente com as crônicas. De acordo com a pesquisadora Marie-Ève Thérénty (2006, p. 131), a crônica seria um gênero jornalístico que se desenvolve nos jornais franceses durante o século XIX e se transforma no gênero que simboliza o cotidiano e indica o desenvolvimento da era midiática.

Uma das tensões que sempre perpassou o gênero crônica foi a relação com o público. Se por um lado, a crônica francesa e a brasileira⁷ surgem e se mantêm durante muito tempo destinadas ao público de elite, com vasto repertório cultural e linguístico, com o avanço das técnicas de impressão e com a ampliação do número de periódicos e das camadas sociais com acesso aos jornais (a era midiática de Thérénty), a relação entre o cronista e o público se

⁶ Veremos, mais abaixo, como as inovações técnicas influenciaram na produção dos escritores, inclusive Lima Barreto.

⁷ “A crônica brasileira nasce no século XIX, num espaço do jornal dedicado, como o modelo francês ao comentário do próprio jornal, do dia a dia da cidade e do país.” (RESENDE, 2016, p.53)

altera, já que agora ele deveria se dirigir, inclusive, às multidões. A preocupação com a legibilidade dos textos passa a pautar a produção dos cronistas.

Esta preocupação em se comunicar com o público e de atrair seu interesse aparecem explicitados por Chalhoub, Neves e Pereira (2005, p.13): “Ao cronista cabia a responsabilidade de buscar, dentre os acontecimentos sociais de maior relevo e divulgação, capazes de formar entre escritor e público códigos compartilhados que viabilizassem a comunicação, temas que lhe permitissem discutir as questões de seu interesse.”

Além disso, “[...] se o cronista fazia dos seus artigos um modo de intervir sobre a realidade, influenciando os leitores, por outro ele era também influenciado por eles, cujas expectativas e interesses ajudavam a definir temas e formas que passaria a adotar.” (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005, p.17) Por conseguinte, a crônica vista como um caminho de mão-dupla, no qual o autor influencia e é influenciado pelo seu público, se apresenta como o mais indicado meio para podermos apreender as tensões que perpassaram a produção de Lima Barreto.

Nesta dissertação são analisados os livros que reúnem as crônicas e os artigos de Lima Barreto: *Toda crônica: v.1-2; Impressões de leitura; Sátiras e outras subversões*; outros escritos jornalísticos compilados na *Obra Completa* de Lima Barreto - *As mágoas e sonhos do povo, Hortas e capinzais, Coisas do Reino de Jambon*. Também foram consultados, conforme a necessidade, romances e contos de Lima Barreto, além da correspondência ativa e passiva do escritor, o *Diário íntimo*, e outros textos compilados nas *Obras Completas* editados sob direção de Francisco de Assis Barbosa. Por ser objeto principal deste estudo, o veículo de publicação e a rubrica (se, por ventura, Lima usou algum pseudônimo) sob o qual foram publicados os textos do autor serão destacados.

Para realizar o debate com Lima Barreto, foram selecionados dois autores contemporâneos ao autor de *Triste fim de Policapo Quaresma*: Coelho Neto e João do Rio. Estes foram selecionados, por terem, em boa parte de sua produção jornalística, se posicionado ao lado das elites republicanas e de seus projetos modernizadores. Conforme afirma Needell (1993, p.260): “Autores típicos da *belle époque*, como Coelho Neto ou, mais tarde, João do Rio, em geral, falaram exclusivamente para a elite contemporânea: na verdade, ajudaram a elaborar suas dispendiosas fantasias.”

De Coelho Neto foram analisadas as crônicas compiladas nos seguintes livros: *O meu dia* e *Às quintas*, além de uma compilação recente (2013) de crônicas de Coelho Neto, *Melhores crônicas*, editadas por Ubiratan Machado.

Já de João do Rio os livros de crônicas *Crônicas efêmeras*, *Pall-Mall*, e *No tempo de Wenceslau* foram analisados. De forma secundária, esta dissertação também consultou edições de *A alma encantadora das ruas*, *As religiões no Rio*, e *O momento literário*.

Cabe ressaltar que, quando se fez necessário, a dissertação recorreu diretamente a fontes primárias - periódicos -, fazendo uso da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, conforme indicado nas notas de rodapé.

Foi realizado ainda o cotejamento das obras literárias com obras teóricas, com a finalidade de se localizar, classificar e interpretar as práticas do futebol e do carnaval presentes no *corpus*, sempre tendo em vista as maneiras através das quais estas práticas entram em choque, se modificam e acabam transformando os projetos de uma cultura dominante nacional única imposta pelas elites republicanas.

Lima Barreto: um escritor peculiar

Nascido⁸ no elegante bairro das Laranjeiras, no dia 13 de maio de 1881, Afonso Henriques de Lima Barreto era filho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Barreto. Os pais de Lima eram descendentes de escravos, mas nasceram livres⁹. Afonso realizou os primeiros estudos em casa com a mãe, diretora de uma pequena escola nas Laranjeiras. Amália adoece em 1884, tendo que fechar seu colégio. Em dezembro de 1887, falece a mãe do escritor. Cabe ao pai, empregado como tipógrafo na Imprensa Nacional, sustentar Afonso e seus três irmãos, Evangelina (nascida em 1882), Carlindo (1884) e Eliézer (1886). Com o advento da República João Henriques é demitido e passa a trabalhar na Colônia dos Alienados na Ilha do Governador, para onde se muda com toda a família.

Após concluir o curso secundário no Liceu Popular Niteroiense, Lima Barreto matricula-se no Colégio Paula Freitas, no Rio de Janeiro, em 1896. Inicia seus estudos em Engenharia Civil na Escola Politécnica em 1897. A vida acadêmica de Lima foi conturbada, acumulando uma série de reprovações. Em apuros financeiros, após seu pai João Henriques passar a sofrer de distúrbios mentais que o incapacitavam o trabalho, e a demora para a concessão da pensão por invalidez, Afonso abandona a escola Politécnica e assume o cargo de

⁸ As informações deste parágrafo e do seguinte foram retiradas de: Resende, 2004, p.587-596; Lima Barreto, 2016, p.547-550; Schwarcz, 2017b, p.119-120, 130, 143-144.

⁹ Para mais informações a respeito da família de Lima Barreto consultar Schwarcz (2010, p.32). Para a autora, esta família seria um exemplo típico da família extensa brasileira: filhos naturais, de criação e agregados permitiria a formação diferenciada para todos os membros, mas também geraria laços de parentesco, de submissão e de fidelidade.

amanuense na Secretaria de Guerra em outubro de 1903. Lima Barreto mantém-se no cargo até ser aposentado por invalidez em dezembro de 1918. A partir de então, a sua contribuição para a imprensa amplia-se imensamente, sendo que boa parte da sua produção jornalística abrange o ano de 1919¹⁰ até sua morte em novembro de 1922, devido a um colapso cardíaco.

Lima Barreto inicia seu trabalho na imprensa em 1902, na secretaria da **Revista da Época**. Seu real despontar acontece em 1905, com a série de reportagens acerca do morro do Castelo para o **Correio da Manhã**.

Em 1907, Lima Barreto, se demite da revista **Fon-Fon**, na qual havia ingressado no mesmo ano no cargo de redator. Sentia-se desprestigiado pela publicação e reclamava da “imprensa burguesa”. Saindo da **Fon-Fon**, uma revista de grande circulação, cria no mesmo ano com outros jovens literatos frequentadores do Café Papagaio a **Revista Floreal**. Este projeto encabeçado por Lima Barreto teve vida curta. Ele editou, entre outubro e dezembro de 1907, as únicas quatro edições da revista.

A publicação do romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* em 1909 praticamente decreta a morte de Lima Barreto para a grande imprensa¹¹. Neste romance *à clef*, Afonso critica o jornal **Correio de Manhã**, traça retratos pouco elogiosos de boa parte dos literatos e jornalistas cariocas, tornando-se persona *non grata* para toda grande imprensa da capital.

Lima Barreto passa a então a colaborar com revistas e jornais de pouca expressão, com algumas contribuições esporádicas aos grandes jornais: **O Paíz, A Notícia, O Diário de Notícias, o Rio-Jornal**. Resende (1993, p.17) ressalta que: “Essa colaboração constante com a pequena imprensa será definidora de grande parte de sua produção literária: as crônicas.” Para Prado (1989, p.63), Lima Barreto teria feito uma opção consciente pelas pequenas publicações de forma a subverter a ordem do consagrado.

Contudo, Lima Barreto se tornará um contribuinte imprescindível de uma revista de grande circulação, a **Careta**. Em muitas edições desta revista chega a publicar mais de uma crônica, escrevendo pequenas matérias, adotando diversos pseudônimos.

¹⁰ Segundo Resende (2017, posição 860), metade da obra de Lima Barreto como cronista vai ser escrita de 1920 até sua morte em 1922.

¹¹ Lima Barreto sempre teve dificuldades de aceitar seu papel como jornalista. Em carta a Antônio Noronha dos Santos em 1908, reclama: “É bem ignóbil esta minha vida de escriba assalariado a jornalecos de cavação e de pilhérias! Estou tentando me libertar dessa infame cousa.” (LIMA BARRETO, 1961c, v.1, p.61). As reclamações ao seu ofício na imprensa continuaram em cartas aos amigos. Conferir Lima Barreto (1961c, v.2, p.178; 229).

Além da **Careta**, Lima Barreto atuou assiduamente na revista do movimento operário **A.B.C.**. Acerca das duas publicações, Corrêa (2013, p.75) comenta:

Both were prominent publications from Rio in the 1910s and 1920s, but A.B.C can hardly be compared to Careta in terms of circulation and popularity. In the 1920s, while A.B.C. reached a few other states apart from the Federal District, where it was printed, Careta was already regularly read not only by Brazilians in most of the states of the republic, but also in Argentina and other countries. Indeed, it was one of the most popular publications of the First Republic in Brazil, and there Lima Barreto probably found the largest audience he enjoyed throughout his lifetime as a writer.

Corrêa (2012, p.93) sustenta que a **Careta** deveria vender números iguais ou superiores ao **O Malho**, que apresentava circulação semanal de 40.000 exemplares em 1906. A circulação permaneceria semelhante em 1911.

Antes do rádio e da televisão, as revistas populares seriam a maneira mais eficiente de circulação de notícias em nível nacional. (CORRÊA, 2013, p.75-76) Muito superiores, inclusive, aos jornais cariocas. Felipe Botelho Corrêa (2012, p.73) afirma:

In comparison to the main magazines published in the Capital, only a small proportion of daily newspapers reach the countryside, even those with a large circulation. The magazines manage to distribute between 60% and 70% of their substantial weekly issues to all parts of the country, reaching even the farthest backlands.

Assim, a posição de Lima Barreto como um dos principais colaboradores da **Careta**, o transformou em um dos escritores com o maior número de leitores em nível nacional durante a Primeira República. (CORRÊA, 2013, p.78)

Lima Barreto ocupava um local especial no horizonte de escritores e intelectuais brasileiros da época, como um intelectual independente (RESENDE, 1993, p.18), que não se deixa cooptar pelas estruturas de poder. Ele seria uma exceção aos intelectuais brasileiros, que em grande parte preferiam, conforme expresso por Carlos Nelson Coutinho (1974), um “intimismo à sombra do poder”, recebendo benesses do Estado.

A literatura então vigente retratava as classes baixas e os temas cotidianos sob forma de farsa ou com tons burlescos. Já o Lima Barreto pintava tais temas com tons épicos e trágicos. Tal escolha de tons adviria da experiência dolorosa dos “humilhados e ofendidos” que o escritor, por ser mulato, suburbano, não bacharel, teria vivido. (SEVCENKO, 2003)

Lima Barreto foi um feroz crítico da literatura produzida em seu tempo, considerando-a banalizada enquanto força social e instrumento de intervenção histórica, reduzida a meros exercícios estéticos (atacando por tal motivo tanto Coelho Neto quanto João

do Rio). O escritor atribui um caráter instrumental à literatura, uma literatura militante que deveria reforçar os laços de solidariedade entre toda a humanidade. O literato deveria assumir uma posição na sociedade, pois a obra de cada um, individualmente, deveria ser vinculada ao destino do povo. Os escritores teriam a obrigação de se colocar na linha de frente da crise enfrentada com o advento da República. (PRADO, 1989)

Lima Barreto tinha uma posição muito singular quando comparada com a de outros homens de letras de sua época. Conforme observa o historiador Denílson Botelho (2002, p. 55):

De fato, ocorre que o escritor mantém com essa população pobre, miserável e suburbana do Rio de Janeiro do início do século, uma relação complexa e ambígua. Ao mesmo tempo em que ele próprio se diz um homem do povo, não abre mão de defender para si uma condição diferente e, por que não, superior a estes indivíduos ao quais se julga irmanado – pelo menos no que diz respeito às condições de vida material e financeira.

Como aponta Prado (1989, p.11): “Acima de tudo é um vencido, como Gonzaga de Sá, que medita na irreversibilidade de sua condição de dominado.” Consequentemente, a obra de Lima Barreto se aproxima da experiência do homem comum (PRADO, 1989, p.75) e revela “transformações no conteúdo da sociação e nas formas de percepção do mundo, configurando transformações de mentalidade e das relações sociais” (MACHADO, 2002, p.209)

Segundo Lilia Schwarcz (2010, p.27), Lima teria sido o primeiro escritor a se reconhecer/definir como literato negro. Sua posição como escritor negro condicionaria sua percepção da realidade: “o autor constrói, assim, uma literatura que se pretende negra, suburbana e pobre.”

Muitos autores, para combater o racismo, “apagavam” a sua cor. Não Lima Barreto, que tinha um dilema na projetada inclusão e na realidade de exclusão.

[...] não poucas vezes o autor tentava se distanciar de seu grupo de origem, declarando uma situação educacional e formação ímpares, lembrando de feitos como escritor, jornalista ou ativista social. Há, pois, um movimento de aproximação e distanciamento importante a anotar; uma espécie de identidade partida. [...]No caso de Lima Barreto, nomear constantemente sua cor, bem como a de seus personagens representava, a um só tempo, uma regra de integração e uma forma de distinção e agenciamento. (SCHWARCZ, 2010, p.24-25)

Assim, Afonso viveria sob constante tensão, cingindo entre identidades díspares: negro que pela instrução pertenceria à elite intelectual branca, um suburbano com amigos nos altos círculos de poder.

A técnica de escrita de Lima Barreto está ligada ao jornalismo¹², à simplicidade, ao despojamento, aos temas cotidianos, aos tipos comuns, às ruas. O público de Lima seria urbano, habituado aos processos jornalísticos. Logo, para se comunicar mais diretamente com este público, Afonso propositadamente buscou um estilo “descaracterizado”, nas palavras de Sevcenko (2003, p.197-198), para obter uma “comunicabilidade mais imediata e expressiva com um público mais vasto.”

Novamente, ressaltamos a importância da obra de Lima Barreto, que em suas crônicas registraria a voz dos vencidos na história, dando a palavra aos que foram silenciados. As crônicas de Lima Barreto: “São a voz de alguém à margem, de um membro da *marginália*, fora do eixo do poder, do centro hegemônico das decisões políticas, *bagatelas* que foram esta história, testemunhos do cotidiano do Rio de Janeiro, dos primeiros anos da república e ainda dados e referências de uma vida literária que não constam das ‘histórias da literatura brasileira.’” (RESENDE, 2004, v.1, p.11)

Literatos em campos opostos: Lima Barreto contra Coelho Neto e João do Rio

A rivalidade mais famosa que Lima Barreto cultivou em vida foi com o literato Coelho Neto. Filho do comerciante Antônio da Fonseca Coelho e de Ana Silvestre Coelho, Henrique Maximiano Coelho Neto nasceu em Caxias, no Maranhão, em 21 de fevereiro de 1864¹³. A família mudou-se para o Rio de Janeiro quando Henrique Maximiano tinha seis anos. Após cursar o Colégio Pedro II, matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1883. Assim, como Lima Barreto, ele teve uma vida universitária conturbada, chegando, inclusive, a cursar um ano de direito na Faculdade do Recife, mas seu envolvimento com as causas abolicionistas e republicanas tomaram o lugar dos estudos. Coelho Neto retorna ao Rio de Janeiro em 1885, sem concluir um curso superior. Logo integra os círculos literários da cidade e passa a contribuir com os jornais **Gazeta da Tarde** e **Cidade do Rio**. Começa a publicar seus trabalhos literários. Casou-se com Maria Gabriela Brandão, filha do educador Alberto Olímpio Brandão, e em seguida passa a ocupar diversos cargos públicos: secretário do governo da província do Rio de Janeiro, professor de História da Arte da Escola Nacional de Belas Artes, professor de Literatura do Ginásio Pedro II. Chegou a ser diretor da Escola de Arte Dramática.

¹² De acordo com Sússekind (1987, p. 85): Lima Barreto teria sido um dos autores marcados pelas novas técnicas de impressão e pela rápida difusão dos periódicos: “*Há um jogo direto ou indireto com as novas formas de impressão, reprodução e difusão, assim como com as condições do trabalho intelectual no período, que enforma a técnica literária destes autores.*”

¹³ Informações retiradas de: **Coelho Neto**. Disponível em: < <http://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia>>. Acesso em: 03 set. 2019.

Assim, podemos assinalar um perfil totalmente diverso de Lima Barreto: Coelho Neto sempre esteve próximo às esferas do poder republicano, se encaixando na classificação de Carlos Nelson Coutinho do intelectual à sombra do poder. Elegeu-se deputado federal pelo Maranhão em duas oportunidades, em 1909 e em 1917.

Sua obra publicada é imensa¹⁴ e foi um dos autores mais populares, lidos e admirados de sua época. De acordo com o jornalista Ubiratan Machado (2013, posição 66) foi : “Admirado pelo público , cortejado pelos principais jornais cariocas e paulistas , interessados em ouvir as suas opiniões sobre a vida diária e as rapidíssimas transformações do mundo , com sucessivos volumes de crônicas editados[...]”. Foi, inclusive, eleito o Príncipe dos Prosadores, em um concurso realizado pelo **O Malho**. Tamanho era seu prestígio que foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1897.

Morreu no Rio de Janeiro em 28 de novembro de 1934, já em baixa, tendo sido impiedosamente atacado pelo movimento modernista de 1922 devido ao seu estilo de escrita. O crítico literário Alfredo Bosi (2006, p.199-200) ressalta as flutuações na recepção da obra de Coelho Neto. O escritor teria sido “a grande presença literária entre o crepúsculo do Naturalismo e a Semana de 22.”, e cuja obra apresentaria “Documento e ornamento levados às últimas consequências.”

Seu crítico mais impiedoso em vida foi Lima Barreto. No romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, Coelho Neto é representado pela personagem Veiga Filho. A seguir verifica-se a maneira como ele é descrito pelo narrador Isaiás Caminha:

Os retratos, espalhados pelos quatro cantos do Brasil, tinham tornado familiar aquela fisionomia; mas, de perto, ali a dois passos de mim, o seu olhar fixo, atrás de fortes lentes, a testa baixa e fugidia, quase me fizeram duvidar que fosse aquele o Veiga Filho, o grande romancista de frases campanudas, o fecundo conteur, o enfático escritor a quem eu me tinha habituado a admirar desde os quatorze anos... Era aquele o homem extraordinário que a gente tinha que ler com um dicionário na mão? Era aquela a forte celebração literária que escrevia dois e três volumes por ano e cuja glória repousava sobre uma biblioteca inteira? Fiquei pasmado. (LIMA BARRETO, 1909b, posição 1855)

No trecho abaixo, Veiga Filho lê uma reportagem que escrevera sobre uma palestra que ele próprio proferira a respeito de Napoleão Bonaparte. A profusão de citações e a falsa erudição que Lima Barreto atribuía a Coelho Neto tornam-se patentes:

Eu demorei-me ainda muito e pude ouvi-lo ler a notícia. Começou dizendo que era impossível resumir uma conferência de um artista como Veiga Filho. Para ele, as palavras eram a própria substância de sua arte. Dizer em alguns períodos o que ele dissera em hora e meia, era querer mostrar a beleza do

¹⁴ Conforme Bosi (2006, p.198-199) destaca na nota 160.

fundo do mar com uma gota d'água trazida de lá (não citou o autor). Em seguida, a grande glória das letras pátrias mostrou como tinha começado: citou Nietzsche, de quem, hoje, entre nós, Veiga Filho é um dos mais profundos conhecedores e a cuja filosofia a sua inspiração obedece. Começou com o Zaratustra: o homem é uma ponte entre o animal e o super-homem. Daí partiu seguindo o grande Corso na passagem desta ponte. Serviu-se dos mais modernos historiadores: Masson, Albert Sorel, Lord Rosebery. Descreveu a batalha de Austerlitz, contou a campanha da Rússia e a passagem do Berezina foi motivo para uma descrição das mais artísticas que ainda se fez na nossa língua. Pelo auditório, quando ele mostrou aqueles milhares de homens, caindo ao rio gelado, amontoando-se uns sobre os outros, debatendo-se, lutando sob uma chuva de metralha, correu um frisson de terror. Contestou teorias de Tólstoi, pôs finas notações aos ataques feitos a Napoleão e ao estudo do seu gênio por Lombroso. Patenteou uma grande erudição e conhecimento não suspeitados; e, quando a sua palavra colorida descreveu os súplices desse titã roído pelo enfado, houve na sala um soluço. Foi um duplo triunfo, terminava assim a notícia, de Veiga Filho e de Napoleão, o último grande homem que a nossa espécie viu, cuja grandeza e cujos triunfos aquele grande artista soube pintar e descrever, jogando com as palavras como um malabarista hábil faz com as suas bolas multicores. Raro e fugace gozo foi essa conferência do eminente cultor das letras pátrias. Veiga Filho acabou de ler a notícia no meio da sala, cercada de redatores e repórteres. Enquanto ele lia cheio de paixão, esquecido de que fora ele mesmo o autor de tão lindos elogios, fiquei também esquecido e convencido do seu malabarismo vocabular, do sopro heroico de sua palavra, da sua erudição e do seu saber... Cessando, lembrei-me que amanhã tudo aquilo ia ser lido pelo Brasil boquiaberto de admiração, como um elogio valioso, isto é, nascido de entusiasmo sem dependência com a pessoa, como coisa feita por um admirador mal conhecido! A Glória! Glória! E de repente, repontaram-me dúvidas: e todos os que passaram não teriam sido assim? E os estrangeiros não seriam assim também? (LIMA BARRETO, 1909b, posição 1888)

A crítica mais bem-acabada e contundente de Lima sobre a escrita empolada e erudita de Coelho Neto encontra-se em *Histrião ou Literato?*, uma reação do morador da Vila Quilombo (a maneira pela qual Lima Barreto apelidou sua casa na rua Major Mascarenhas, n.26, em Todos os Santos) ao discurso “helênico” proferido por Coelho Neto por ocasião da inauguração das piscinas do clube do Fluminense.

O Senhor Coelho Neto é o sujeito mais nefasto que tem aparecido em nosso meio intelectual. Sem visão da nossa vida, sem simpatia por ela, sem vigor de estudos, sem um critério filosófico ou social seguro, o Senhor Coelho Neto transformou toda a arte de escrever em pura *chinoiserie* de estilo e fraseado. [...] Os literatos, os grandes, sempre souberam morrer de fome, mas não rebaixaram a sua arte pelo simples prazer dos ricos. Os que sabiam alguma coisa de letras e tal faziam, eram os histriões; e estes nunca se sentaram nas sociedades sábias...”. (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.318-319)

Coelho Neto escolhe o silêncio. Não responde aos ataques de Lima Barreto. Talvez tenha trabalhado contra a candidatura de Afonso a uma cadeira na Academia Brasileira de

Letras. Mas quatro dias após a morte de Lima Barreto, ele publica *A sereia*¹⁵, no **Jornal do Brasil** de 05 de novembro de 1922. Fiel à sua mania helenizante, Coelho Neto retoma o episódio da *Odisseia* - no qual as sereias tentaram seduzir Ulisses. Transplantadas à sua época, o papel das sereias era feito pela boemia, e que em vez de devorar marinheiros desavisados, “vai destruindo vidas [...] apagando em cérebros privilegiados o sagrado lume que esplendera, por vezes, em clarões de genialidade.” Suas vítimas se trajavam miseravelmente, tinham os olhos assonorentados, cabeleiras leoninas – em suma, maltrapilhos. Finalmente, chega a Lima Barreto: “Uma das suas últimas vítimas foi esse grande Lima Barreto [...] era um boêmio de gênio. [...] Lima Barreto, assim como se descuidava de si, da própria vida, descuidou-se da obra que construiu, não procurando corrigi-la de vícios de linguagem [...] sem a revisão necessária [...] o toque definitivo, de remate que queria a obra d’arte.” Coelho Neto chega a reconhecer o valor de romancista de Lima Barreto, mas justamente a falta de apuro na linguagem (o que Lima criticara nele) o teria impedido de realizar obras duradouras e alcançar a grandeza. Lima teria sido mais um boêmio com algum talento, vencido pelo vício.

Já João do Rio¹⁶, pseudônimo adotado por João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, também conhecido por Paulo Barreto, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 05 de agosto de 1881 (mesmo ano de Lima). Faleceria na mesma cidade em 23 de junho de 1921, durante uma viagem de táxi. No texto biográfico da Academia Brasileira de Letras é pontado como “criador da crônica social moderna”. Fez enorme sucesso durante a vida, “sagrando-se como o maior jornalista de seu tempo”. Além do pseudônimo de João do Rio, adotou outros como: Claude, Caran d’Ache, Joe, José Antônio José. Sob os dois últimos pseudônimos, mais o consagrado João do Rio, Paulo Barreto publica sua série de crônicas na **Revista da Semana**. As crônicas reunidas em *Pall Mall* foram todas publicadas sob a rubrica de José Antônio José. Needell (1993, p.333, nota 102) relata que a série de crônicas *Pall-Mall* seria uma coluna social, escrita por João do Rio para **O Paiz** e funcionando como sucessora da coluna social *Binóculo* de Figueiredo Pimentel na **Gazeta de Notícias**. Já o livro *Celebridades-desejo* não traz indicações dos veículos em que as crônicas foram retiradas nem se elas foram publicadas sob algum pseudônimo.

Schwarcz (2017b, p.224) ressalta que as séries de reportagem *As religiões do Rio*, especialmente as reportagens que abordavam os cultos afro-brasileiros que ocorriam à época

¹⁵Edição 265 do **Jornal do Brasil**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_04&pasta=ano%20192&pesq=A%20sereia> Acesso em: 30 ago. 2019.

¹⁶ Informações retiradas de: **Paulo Barreto**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/paulo-barreto-pseudonimo-joao-do-rio/biografia>>. Acesso em: 01 set. 2019.

no Distrito Federal, deram enorme renome ao escritor, tanto que logo foram reunidas em livro, com vendas expressivas.

Em 1910, é eleito para a cadeira nº 26 da Academia Brasileira de Letras, sendo recepcionado por Coelho Neto¹⁷. A seguir, trechos do discurso de recepção, onde o estilo de Coelho Neto é novamente evidenciado:

É um grego da grande era e fala dos deuses e das hetairas, descreve-nos os jogos da arena e o culto dos templos, sabe das expedições por terra e mar e anuncia-nos a vitória de um condutor de quadriga ou a coroação de um poeta. [...] Sente-se que tal homem é um excêntrico que, negligentemente, ou para gozar o disparate, orna a gorja de Vênus de Milo com um colar de conchas [...]. Todos os livros de Paulo Barreto são brilhantes, palpitam neles vasquejos, mas a claridade reabre-se, mais viva e esplêndida.

Ainda segundo a biografia da ABL, o corpo de João do Rio foi velado publicamente nos salões do jornal do qual Paulo Barreto era diretor, o periódico *A Pátria*. O enterro teria sido acompanhado por aproximadamente cem mil cariocas.

Alguns anos antes, João do Rio entrevistara Coelho Neto para *O momento literário*. O tom adotado na entrevista é extremamente elogioso, e destaca a riqueza do vocabulário do escritor maranhense:

Se é de pasmar o brilho, a cintilação de estilo no escritor, a faculdade da imagem, o poder evocador, o comentário agudo e a torrencial fantasia do seu claro espírito como que se acentuam na conversa. [...] A palavra escrita vive do adjetivo, que é a sua inflexão. Daí a grande necessidade de disciplinar o vocabulário. Coelho Neto é no Brasil o que Rudyard Kipling é na Inglaterra, — o homem que joga com maior número de vocábulos. Alguém já lhe calculou o léxico em 20.000 palavras. (RIO, 1908b, p. 18-19)

Lima Barreto não compartilhava do entusiasmo que boa parte de seus contemporâneos apresentava em relação a João do Rio. Novamente em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, seu romance descreve em tons muito depreciativos João do Rio, representado pela personagem Raul Gusmão:

[...] sua voz fanhosa, sem acento de sexo e emitida com grande esforço doloroso. Falar era para a sua natureza obra difícil. Toda a sua pessoa se movia, se esforçava extraordinariamente; todos os seus músculos entravam em ação; toda a energia da sua vida se aplicava em articular os sons e sempre, quando falava, era como se falasse pela primeira vez, como indivíduo e como espécie. [...] Nos confins da minha aldeia natal, eu não podia adivinhar que o Rio contivesse exemplar tão curioso do gênero humano, uma desconhecida mistura de porco e de símio adiantado, ainda por cima jornalista ou coisa que

¹⁷Discurso de recepção disponível em: **Paulo Barreto**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/paulo-barreto-pseudonimo-joao-do-rio/discurso-de-recepcao>>. Acesso em: 02 set. 2019.

o valha, exuberante de gestos inéditos e frases imprevistas. (LIMA BARRETO, 1909b, posição 398)

Raul Gusmão é personagem assídua do romance e suas descrições vão se tornando mais grotescas: seu corpo é de elefante, seu sorriso é de uma espécie de *Homo erectus*, sua fisionomia é a de um porco Yorkshire, apresenta uma covardia moral. Além disso, em outras passagens do romance, alude à homossexualidade de Paulo Barreto, questionando se seria um “vício” ou uma maneira de lhe aumentar a popularidade pela excentricidade.

Considerando a maneira como foi retratado no romance, Schwarcz (2017b, p.255) observa: “Não fica difícil, portanto, entender o ‘troco’ que João do Rio lhe daria [a Lima Barreto] não apoiando a publicação de seu livro¹⁸ e sua futura candidatura à ABL.”

Lima Barreto também se opunha a João do Rio e Coelho Neto no plano da linguagem. O escritor carioca era contrário à “mania” clássica que teria dominado nossa literatura (com a oposição dos românticos) até o início do século XX, segundo o jornalista Brito Broca “ninguém podia considerar-se verdadeiramente culto, se não falasse em Heitor, Ajax e no cerco de Tróia.” (BROCA, 2005, p.154). Coelho Neto é apontado pelo jornalista como um dos maiores responsáveis pela propagação desta mania. João do Rio também, pois, numa tentativa de esconder a sua própria formação cultural apressada e superficial, citaria a cada momento tragédias de Sófocles e Eurípidas.¹⁹

Assim, pode-se atribuir uma dimensão política e estética à rejeição de Lima Barreto a João do Rio e a Coelho Neto. Os últimos, alinhados politicamente com a elite republicana, escreviam em uma linguagem com referências rebuscadas, palatável a esta elite. Já Lima, se opondo aos projetos desta elite, e aos seus vates-porta-vozes, combate a linguagem ornada, as grandes figuras e comparações ao passado clássico, defendendo uma linguagem simples, mas que transmita sentimentos humanos.

A estrutura da dissertação

Os dois primeiros capítulos desta dissertação tratarão da introdução do futebol no Rio de Janeiro, a percepção de Lima Barreto ao fenômeno, os posicionamentos de João do Rio e Coelho Neto, e os ideais que estavam pautando a introdução do esporte bretão no Brasil.

¹⁸ O livro em questão seria o próprio *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

¹⁹ Inclusive, Brito Broca destaca os ares de tragédia grega que João do Rio (1917a, p.123-131) tenta imprimir na crônica *A horrível tragédia*.

No primeiro capítulo dedicado ao futebol, estudaremos o futebol desejado pelas elites brasileiras, associado ao militarismo e ao exclusivismo. Enquanto João do Rio e Coelho Neto são entusiastas de primeira hora do esporte bretão, Lima Barreto vê nele mais um bovarismo das elites. O conceito será retomado no capítulo 1, mas, em linhas gerais, Lima Barreto (2011, p.56) o define como: “o poder partilhado no homem de se conceber outro que não é.” Tal termo poderia ser empregado para as nações, e neste caso, de se conceber através do estrangeiro. No caso específico do Brasil, seria a tentativa de se imitar e tentar instaurar práticas, costumes (e preconceitos) das nações europeias ou dos Estados Unidos no Brasil. Needell (1993, p. 260) ressalta a obsessão de Lima com o bovarismo que identificava nos seus contemporâneos: [...] “Lima Barreto vivia obcecado com o conceito de *bovarismo* [...] uma ideia que ele associava à sua própria percepção do modo ilusório como seus contemporâneos²⁰ se viam. Essa glosa de Flaubert deu a Lima Barreto uma de suas chaves para entender o Rio de 1900: o bovarismo apontava para as fantasias centrais que compunham o significado da *belle époque carioca*.”

Além disso, veremos as estratégias argumentativas utilizadas por Lima Barreto para convencer os leitores dos malefícios do futebol e como, para desgosto das elites, o esporte bretão rapidamente se disseminou entre as classes populares.

No capítulo seguinte apresentaremos como o futebol foi um dos vetores pelos quais as elites brasileiras expressavam seu racismo. Aprofundaremos ainda as teorias racistas, as estratégias que Lima adotou para rebater tais teorias e como o racismo era presente nas primeiras décadas do futebol brasileiro. Além disso, veremos como o escritor suburbano não teve sucesso em sua empreitada de convencer seus leitores, e que, ao morrer, o futebol já era um fenômeno inclusive nos subúrbios. Por fim, analisaremos como o futebol vai ser utilizado politicamente para a construção de uma ideia de nacionalidade e de um corpo nacional brasileiro e mestiço, com a emergência de Gilberto Freyre, tornando-se um dos símbolos nacionais incontornáveis na ideia de “democracia racial”.

O terceiro capítulo será dedicado ao carnaval carioca. Analisaremos, de partida, as ressalvas de Lima Barreto ao carnaval, principalmente em relação à qualidade poética das canções momescas. Em uma trajetória semelhante à adotada com o futebol, veremos como as elites brasileiras (e seus porta-vozes, Coelho Neto e João do Rio), principalmente no final do

²⁰ Em uma carta de Lima Barreto a Oscar Lopes, o escritor exemplifica o bovarismo da elite carioca: “Botafogano [...] é o brasileiro que não quer ver o Brasil tal qual ele é. Que foge à verdade do meio, e faz figurino de um outro cortado em outras terras [...] quer fugir à nossa grosseria, à nossa fealdade [...] Botafogano é o brasileiro exilado no Brasil; é o homem que anda, come, dorme, sonha em Paris.” (LIMA BARRETO, 1961c, v.1, p.233-234).

século XIX e início do XX, tentarão controlar o carnaval carioca, instituindo um modelo “correto” de se festejar, partindo dos carnavais europeus e tentando agregar os foliões ao redor de uma festa à europeia através das Grandes Sociedades Carnavalescas; ao mesmo tempo, buscavam extirpar o carnaval de seus traços populares e africanos. A seguir, veremos o racismo presente no Carnaval e na poética popular e as estratégias utilizadas por Lima Barreto para denunciar o preconceito racial. Por fim, de modo semelhante ao futebol, atentaremos para a maneira como o carnaval, o samba e a *mulata* foram transformados, após choques entre os festejos populares e as práticas das elites, em símbolos da nação brasileira.

Encerrando este trabalho, apresentaremos considerações que reforçam o posicionamento de Lima Barreto em relação ao futebol e ao carnaval. Nestas duas práticas, o escritor conseguiu desvelar projetos excludentes, racistas e bovaristas das elites brasileiras que dominaram a Primeira República.

Capítulo 1 Lima Barreto x *Football*: uma disputa pelo Brasil

O embate de Lima Barreto contra o futebol e seus defensores inicia-se efetivamente nas páginas da *Careta*, em 2 de outubro de 1915, na crônica *O ideal*. Nela, Lima (2004, v.1, p.241) narra o caso de duas amigas de colégio, Irene e Inês, que há muito não se viam. Desde os tempos de escola, Inês tinha o sonho de se casar com um grande poeta, de forma que seu nome corresse o mundo junto ao do ilustre vate. Interessada pelas letras, ela segue todas as conferências literárias quando moça. Anos mais tarde, Irene fica sabendo que a amiga, que morava em Paris, tinha se casado e voltava ao Rio com o marido devido à guerra. Conhecedora dos sonhos da colega, imaginava que ela tinha se casado com um jovem e talentoso poeta. Ao se verem, Irene já comenta com Inês:

“- Já vi que o teu marido é um grande poeta.

- Não; é campeão do *football*²¹.”

Nesta curta e aparentemente ingênua crônica, o autor dá uma estocada na sociedade carioca que, passada pouco mais de uma década da introdução do futebol, na então Capital Federal, já coloca, no mesmo patamar de admiração e respeitabilidade social, os poetas e os jogadores deste esporte.

Este capítulo visa analisar a posição contrária de Lima Barreto ao futebol e às práticas esportivas de forma geral, na esfera pública (imprensa) em que se discutia a “mania” de futebol que ia tomando conta do Rio de Janeiro desde os primeiros anos do século XX. Aparentemente banal, a transformação do Brasil – uma então jovem República ainda buscando seu papel no concerto das nações - no “país do futebol” esconde disputas entre distintos setores da sociedade por diferentes projetos de nação, envolvendo questões como racismo, trabalho, higiene, privilégios de classes, entre outras. Busca-se evidenciar como Lima identificou no futebol uma prática introduzida e dominada pelas elites republicanas, buscando os significados subjacentes a esta prática. Dessa maneira, o escritor suburbano encontra no futebol um tópos a partir do qual faz oposição ao projeto da elite republicana. João do Rio e Coelho Neto também participam do debate acerca do futebol através da imprensa, com posicionamentos antagônicos aos de Lima Barreto.

²¹ Rosso (2010, p.229-230) aponta em nota que Lima Barreto se recusava a utilizar a grafia inglesa ao tratar do futebol, e quando o fazia, era de forma a satirizar o estilo empolado dos cronistas esportivos da época. Parece ser o caso em *Sobre o football*: “Continuei a ler a descrição do jogo, mas não entendi nada. Parecia-me tudo aquilo escrito em inglês e não estava disposto a ir à estante, tirar o Valdez e voltar aos meus doces tempos dos “significados.” Eram só *backs, fowards, kicks, corners*; mas havia um “chutada”, que eu achei engraçado.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.373) Valdez refere-se a um dicionário de inglês-português de autoria de João Fernandez Valdez e editado pela Livraria Garnier.

Segundo apresentaremos nesse capítulo e no próximo, o escritor criticará duramente o futebol, sobretudo entre os anos 1915 e 1922, concentrando-se em três linhas de ataque. Mostraremos inicialmente como Lima traçará um paralelo entre futebol e culto à violência, identificando nesse esporte a presença de uma ideologia nacionalista moderna calcada no militarismo e na guerra. Ele verá ainda no gosto pelo futebol das elites brasileiras um traço do bovarismo nacional, uma mania de se imitar o que acontecia na Europa. No capítulo 2, sobretudo, apresentaremos como Lima Barreto denuncia o racismo manifesto nas primeiras décadas da prática do futebol no Brasil.

1.1 O futebol desembarca no Rio: uma novidade das elites que se querem modernas e cosmopolitas

Criado na segunda metade do século XIX o “esporte bretão” permaneceu, nos primeiros anos, restrito aos círculos da elite. Bourdieu (2003, p.184), partindo do cenário europeu, investiga a transformação dos exercícios físicos que receberam novos significados até se tornarem o desporto moderno²², destacando o sucesso mundial do futebol, o produto desportivo mais valorizado. Estes novos significados foram sendo incorporados nas grandes escolas dedicadas às elites burguesas na Inglaterra da segunda metade do XIX:

[...] onde os filhos de famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram um certo número de *jogos populares*, quer dizer vulgares, fazendo-os sofrer uma transformação de sentido e de função inteiramente semelhante à que o campo da música erudita fez sofrer às danças populares [...]. (BOURDIEU, 2003, p.185)

Diferenciando-se, os exercícios corporais da elite, ao contrário dos populares, não estariam ligados a ocasiões sociais (festas agrárias) nem a funções sociais ou religiosas (como jogos rituais praticados em sociedades pré-capitalistas durante viragem do ano agrário). Ou seja, tais práticas se desvincularam de uma de uma motivação ulterior, possuindo um “fim em si mesmo”, mas sendo controladas por um conjunto de regras específicas. Assim como na arte, esta seria uma das características do temperamento burguês:

O que é adquirido na e pela experiência escolar, espécie de retirada para o exterior do mundo e da prática cuja forma acabada os grandes internatos das escolas de “elite” representam, é a inclinação pela actividade sem para quê,

²² Este capítulo, por não tratar especificamente do surgimento do desporto profissional, e sim de como Lima Barreto acompanhou o surgimento e o desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro, utilizará as palavras esporte e desporto como sinônimos, a despeito do que é apresentado na nota do tradutor Miguel Serras Pereira (BOURDIEU, 2003, p.184, nota 1), sobre as diferentes origens dos vocábulos em português e também na língua francesa.

dimensão fundamental do *ethos* das “elites” burguesas, que se reivindicam sempre do desinteresse e se definem pela distância electiva – afirmada na arte e no desporto – relativamente aos interesses materiais. (BOURDIEU, 2003, p.186)

Tal atitude “blasé” refletir-se-ia no conceito de *fair play*: buscar a vitória, claro, mas manter sempre um distanciamento, não se deixar ser tomado pelo jogo.

Diferentemente das artes, o esporte moderno teria sido concebido como uma prática de coragem e virilidade, formadora de “caráter”, sendo inclusive capaz de introjetar a vontade de vencer (“*will to win*”) - a marca dos verdadeiros chefes -, mas uma vontade de vencer a partir de um jogo limpo, respeitando as regras, opondo-se de maneira frontal à vulgaridade da busca da vitória a qualquer custo. (BOURDIEU, 2003, p.187) Como veremos mais adiante, Lima Barreto perceberá como esse elogio da virilidade poderá ser contaminado ou perpassado pelo culto à força bruta e disseminação da violência. Segundo mostraremos, o escritor fará uma associação entre militarismo, preparo para a guerra e futebol, associação que constitui uma das principais causas da sua oposição a esse esporte.

Mas voltemos à história do futebol em nossas terras. Em 1897, o jovem Oscar Cox retorna ao Brasil após alguns anos de estudo na Suíça. Na bagagem, uma bola de futebol e a vontade de praticar o esporte que se espalhava pela Europa. Passa a procurar, entre seus pares, a fina juventude estudantil carioca, colegas para disputarem partidas com ele. Este é, geralmente, assinalado como marco zero do futebol na cidade do Rio de Janeiro.²³

É conveniente notar, como já destacam alguns trabalhos sobre futebol (Santos, 1981; Pereira, 2000; Rosso, 2010), que o perfil do patriarca do futebol carioca é muito semelhante ao do pioneiro, Charles Muller, que além da ascendência inglesa, também ao retornar dos estudos na Europa (na Inglaterra), cria a “cena” de futebol, desta vez na cidade de São Paulo em 1894.

Os primeiros anos de prática do “esporte bretão” passaram em branco por Lima Barreto. Neste período, o futebol era restrito às elites, pouco despertando as atenções dos jornais. Inicialmente, os clubes²⁴ que passaram a oferecer o futebol aos sócios eram ligados à colônia inglesa²⁵. Em 1902, começam a surgir os primeiros clubes em que brasileiros, sem

²³ Há indícios de que o jogo com os pés já era praticado em escolas da elite da Capital Federal desde a década de 1890, além de registros de marinheiros ingleses praticando o esporte na região portuária da cidade, conforme aponta Pereira (2000, p. 21-23). Mas o marco oficial continua a ser 1897, com Oscar Cox.

²⁴ Rosenfeld (1993, p.76) ressalta a ligação entre o esporte moderno e os clubes: “Só se pode falar de esporte no sentido moderno quando os exercícios físicos se organizaram na forma estabelecida de um clube.”

²⁵ Santos (1981, p.13-15) aponta que com a expansão do capital britânico pelo mundo, os cidadãos da Ilha passam a se reunir em *cantonments* em diversos países – verdadeiras reproduções de cidades inglesas, com seu jardim público, matadouro e banco próprio, lojas e igreja. Nelas só eram admitidos súditos da Rainha. O coração deste enclave seria o clube. No Brasil, os clubes ingleses surgiram desde 1850, onde geralmente eram praticadas as

ascendência britânica, eram a maioria dos sócios, como foi o caso do Fluminense, que reunia, nas palavras da época, rapazes da nossa “melhor sociedade”, grande parte educada na Europa. Ainda assim, os esportes que dominavam a atenção dos jornais eram o turfe, em primeiro lugar, e a regata²⁶, em seguida.

Os retratos das primeiras equipes de futebol brasileiras eram compostos por jovens de pele clara, cabelos e bigodes bem aparados, vestidos com camisas elegantes e bem passadas, com vistosos cordões que prendiam as bermudas. Referindo-se especialmente ao Fluminense, que ia atraindo cada vez mais público aos jogos, e, diga-se de passagem, um distinto público, Pereira (2000, p.31) descreve os significados que tais disputas iam adquirindo, tornando-se cada vez mais eventos da “boa sociedade”:

[...] palco de afirmação de modismos e hábitos europeus, os estádios serviam para essa juventude endinheirada como um espaço de celebração de seu cosmopolitismo e refinamento, em um processo que ia imprimindo ao futebol por eles praticado a marca da modernidade.

Já em 1905, o futebol passa a disputar espaço com outros passatempos dos endinheirados, como o turfe e o teatro. Valorizado por ser inglês, cosmopolita e com regras definidas (para distanciá-lo daquele praticado por marinheiros no cais), em suma, como uma “arte refinada” que só poderia ser dominada por *gentlemen*, o futebol ia crescendo entre as elites cariocas.

Os termos do jogo e as orientações dadas em campo, entre os próprios jogadores, eram em inglês²⁷. A lógica dos praticantes era que quanto mais conhecimento das técnicas e táticas inglesas, melhor seria o rendimento do time. Reforçava-se assim, a ideia de sofisticação, uma modalidade esportiva complexa, e logo, exclusiva. Conforme aponta Lopes (2004, p.127): “[...] o fato de praticar regularmente o futebol era uma entre várias características de um modo de vida de elite.” Em 1906, os jornais passam a dedicar pequenos espaços ao futebol, inicialmente explicando as regras e as expressões (em inglês)²⁸.

modalidades de *cricket* ou *squash*. Para mais detalhes sobre ligação entre o imperialismo britânico e o futebol, conferir: Rosenfeld (1993, p.82); Pereira (2000, p.26-27).

²⁶ Lopes (2004, p. 126) aponta uma certa resistência inicial ao futebol entre as elites (seguindo a mesma lógica pela qual, futuramente, defenderão o esporte): “Os praticantes do *rowing* achavam o futebol uma prática esportiva pouco masculina com suas correrias e ‘saltinhos’”.

²⁷ A própria torcida externava seu entusiasmo com manifestações em inglês como: *hip, hip, hurrah!* (PEREIRA, 2000, p.127).

²⁸ Pereira (2000, p.37) ressalta que um livro que ensinava como praticar esportes de origem inglesa – *Sports atléticos*, de E. Weber – cuja primeira edição brasileira é de 1907, editada pela Livraria Garnier, já se encontrava em sua nona edição, em 1910.

Lopes (2004, p.130) ressalta que, nesta primeira década de futebol em terras cariocas, as classes populares arrumavam um jeito de ir imitando os finos e praticando o futebol em qualquer lugar, com bolas de meia, balizas feitas com calçados. Já em 1923²⁹, Coelho Neto (2007, p.349), talvez desejoso de voltar aos tempos em que o futebol era uma prática exclusiva da alta sociedade carioca, critica a forma como as crianças pobres praticavam o esporte em *Perversidade*: “[...] pássaros mortos, frutos sonoros das verdes árvores, que a gurizada impiedosa aproveita como ‘bola’ para futebol. E andam aos pontapés de sórdidas matulas de cadáveres de rolas, de sabiás, de pardais, tico-ticos e bem-te-vis. Como divertimento chega a ser estúpido.”

As classes populares também podiam frequentar os campos dos clubes grã-finos como gandulas ou espectadores das gerais. Em 1910, assinala Santos (1981, p.16-17) surge o primeiro clube de raízes verdadeiramente populares, fundado por artesãos e pequenos funcionários, no Bom Retiro, em São Paulo, o Sport Club Corinthians Paulista³⁰. Esse fenômeno vai se espalhando por vários locais do Brasil, inclusive no Rio de Janeiro, com a proliferação de clubes, antes restritos à região central e à zona sul, nos subúrbios.

Para desgosto dos *sportmen*, o futebol se populariza, mas a reação não tarda. Muitos clubes, como o Botafogo e o Fluminense, aumentam consideravelmente o preço para associação, tanto da joia quanto da mensalidade, além de escreverem com todas as letras nos seus estatutos a exigência para se associar de “não ser, não ter sido profissional de qualquer serviço braçal.”³¹ Já em 1905, estes dois clubes, mais o Bangu, foram os mentores da criação da Liga de Metropolitana de Foot-ball³². De acordo com Pereira (2000, p.63), a Liga tinha a pretensão de zelar pela imagem refinada do esporte, organizando a prática na cidade do Rio de Janeiro, assegurando a aplicação das regras definidas pela Associação Inglesa de Futebol, inclusive mantendo os termos em língua inglesa. As associações esportivas que quisessem participar da Liga, além de arcar com pesadas taxas, teriam que receber indicação de dois membros. A Liga, de acordo com Pereira, teria um caráter excludente e elitista, alijando os clubes menores e de base popular. Esse fenômeno ocorre em outras regiões do país. “Se o

²⁹ *Perversidade*, publicada em 30-08-1923, no jornal **A Noite**.

³⁰ Um dos cinco fundadores e o primeiro presidente do Corinthians, o alfaiate Miguel Bataglia seria militante anarquista, de acordo com fontes diversas na Internet, especialmente o jornalista Mauro Carrara. Mesmo que este dado biográfico não possa ser atestado, é importante notar a construção da memória do clube, e a opção de se divulgar ou não tal possibilidade.

³¹ Cf. Pereira (2000, p.63).

³² Esta era a liga mais importante que promovia partidas entre clubes de futebol no Rio de Janeiro. Reunia os clubes mais ricos e poderosos da época (em outras palavras, os mais elitizados). Posteriormente deu origem à C.B.D. (Confederação Brasileira de Desportos que, por sua vez, originou a C.B.F.) e à Federação Carioca de Futebol.

campo dos direitos civis não servia mais para distinguir os indivíduos, seria necessário criar novos espaços e mecanismos de diferenciação”, ressalta Pereira (2000, p.67). O futebol seria um destes espaços.

Apesar de proibições³³ impostas pelas diversas ligas esportivas que organizavam os torneios entre os clubes, a presença dos trabalhadores em seus próprios clubes (através dos clubes de “segunda linha”, mais pobres, da pequena burguesia), ou ainda, nos próprios times dos clubes elitizados, era inevitável.

Entre as décadas de 10 e 20 do século passado, o futebol vai crescendo de forma vertiginosa, em todos os setores e em todas as regiões do Brasil. Tal crescimento não passa despercebido por Lima Barreto, que em 1913, escreve sua primeira crônica com referências aos esportes (neste caso, o boxe e a luta greco-romana) e a atração que exerciam sobre a população carioca.

Em *Semana artística I*, publicada pelo **Correio da Noite** em 15-4-1913, Lima Barreto (2017, p.95-96) comenta que apesar de ser uma semana cheia de atividades artísticas e culturais na cidade, o evento mais prestigiado pela população foram as lutas romanas e o boxe. “A incultura do povo justifica exuberantemente essa predileção.” Servindo-se de argumentos evolucionistas, uma de suas táticas para minar tais espetáculos, liga estas práticas aos nossos instintos atávicos, ou seja, a predileção por espetáculos violentos seria uma marca ancestral:

As “lutas romanas” e os “combates de *box*”, aos nossos olhos, sendo uma manifestação de animalidade e revertendo o homem a um estádio inferior da escala evolutiva, são a expressão máxima da estupidez humana.

Invertendo a lógica dos *sportmen* e dos defensores dos esportes na imprensa, que viam nos exercícios de adestramento físico um caminho para atingir-se a evolução da humanidade – um ideal de humanidade forte e viril -, o criador de Policarpo vê uma queda na escala evolutiva. Os homens estariam mais próximos do estado de animalidade. A relação entre evolução humana e racismo serão abordadas no capítulo seguinte, quando analisarmos o futebol como uma arena de debates acerca das teorias racistas.

Apesar disso, foram necessárias quase duas décadas desde sua chegada à Capital Federal para que o futebol adquirisse tamanha importância, dominando as seções de esportes dos jornais, fomentando o surgimento de revistas esportivas, sendo praticado por todos os

³³ Não poderiam ser sócios dos clubes pertencentes à Liga Metropolitana: além da proibição já mencionada acima, referente à prática de trabalho braçal em qualquer fase da vida, não se admitiam pessoas que não tivessem outra profissão, ou outro meio de renda, sendo vetada a participação de atletas profissionais. (PEREIRA, 2000, p.63-67) Depois, proibem-se atletas analfabetos. Alguns clubes passam então a investir em cursos de alfabetização para seus jogadores. (ROSENFELD, 1993, p.84)

setores da sociedade, nas diferentes regiões da cidade, passando a ser alvo constante das ponderações do morador da Vila Quilombo.

Tanto que, duas semanas antes de morrer, o escritor publica *Novos ministérios* na **Careta**, em 14-10-1922. Nela, Lima Barreto observa que as comemorações do centenário de Independência têm sido totalmente esportivas. Como na ocasião circulavam na cidade rumores da criação de novos ministérios, Lima sugere o de *football*, já que o esporte recebia, há alguns anos, subvenções estatais. Depois chama a atenção, ironicamente, para a Sociedade Protetora dos Animais que, após intensa campanha, estaria prestes a conseguir a aprovação de leis proibindo, em todo país, práticas esportivas como touradas, rinhas de galo, tiro ao pombo³⁴. Conseqüentemente, Lima (2004, v.2, p.570) diz que não há necessidade de criar-se um ministério dos esportes para proibir a prática do boxe no Rio de Janeiro:

[...] bastava, *ad instar* da “Protetora dos Animais” a criação de uma “Sociedade Protetora dos Homens”. Estou certo de que, no fim de um ano, ela conseguiria que o Senado ajuntasse à lista de esportes que vai proibir, esse inumano e feroz box.

O escritor questiona, assim, os valores que regem a sociedade brasileira, visto que setores da mesma conseguiriam se articular em solidariedade ao sofrimento dos animais, decorrente de práticas “esportivas” cruéis, enquanto seria permitido que homens se espancassem para deleite de espectadores³⁵. Seria assim tão reduzida a empatia entre os brasileiros? A falta de solidariedade ao próximo consistirá, como mostraremos aqui, em um dos pilares da sua resistência ao futebol.

Mesmo depois de morto Lima não abandona a luta, pois é publicada, postumamente, *Herói!*, no dia 18-11-1922 na mesma **Careta**. Nela, relata a história de dois amigos preocupados com o futuro dos filhos. Apesar de seus esforços, eles não conseguem

³⁴ Coelho Neto (2007, p.349-350) faz referência à mesma proibição ao “esporte” na crônica *Perversidade*: “Quando aqui se falou em permitir o ‘Tiro aos pombos’ tantos foram os protestos que iniciadores da tentativa desistiram de trabalhar por ela.” O escritor, que em várias crônicas flerta com algo parecido com a consciência ambiental, acha um absurdo matar: “[...] por esporte, animais inofensivos, que são alegria e enfeite da cidade?”

³⁵ Talvez uma das raras vezes que Coelho Neto e Lima Barreto concordam em algo: seu repúdio ao boxe, e um desgosto pela cultura estadunidense. Em *Um anúncio*, de 29-09-1923, o escritor maranhense reclama da voracidade com que os norte-americanos avançam sobre o mercado de arte: “[...] com a mania esmurraçadora, que agora grassa na América, o dinheiro deve andar curto para outros empregos além do ringue e, em matéria de gosto, o *yankee* não discute: entre primores de arte, e um murro de Dempsey... tudo pelo murro.” (COELHO NETO, 2007, p.358). Jack Dempsey foi um boxer estadunidense, campeão mundial entre 1919-1926, e um dos primeiros grandes ídolos esportivos no país, tornando-se uma celebridade. Suas lutas batiam recordes de audiência nas rádios e sua disputa contra Gene Tunney, em 1927, apresentou um dos maiores públicos da história do boxe, com 104 mil presentes no Soldier Field em Chicago. Informações retiradas de: **Boxing**. Disponível em: <<http://www.encyclopedia.chicagohistory.org/pages/159.html>>. Acesso em: 14 maio 2018.; **Jack Dempsey**: biography records & facts. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Jack-Dempsey>>. Acesso em: 14 maio 2018.

fazer os rebentos engrenarem. Um deles tem a “mania” de futebol. Ficava o dia inteiro a jogar, sendo sustentado pela mãe. Ou seja, um indício da condição amadora do futebol – logo, os atletas precisavam desfrutar de uma boa condição social.

Aliás, a defesa do amadorismo seria um dos pilares das práticas de exclusão. Bourdieu (2003, p.185) aponta que o amadorismo seria uma dimensão de uma filosofia aristocrática que fazia do esporte uma prática desinteressada. Além do mais, haveria o fato da não aceitação de uma carreira esportiva para um burguês³⁶ (exceto tênis/golfe), e a constatação de que carreira esportiva seria uma das únicas vias de ascensão social para uma pessoa das classes subalternas. Assim, tudo indicaria que interesses das classes populares nas práticas esportivas coincidiriam com o movimento de profissionalização, da metodologia de treinamento e a busca por vitórias e recordes. No Brasil, os clubes de elite passam a exigir:

[...] uma atividade amadorística pura, provada através do exercício de uma profissão (ou da posse de uma fortuna), foi um dos meios mais importantes para impedir a penetração de elementos indesejáveis nas associações aristocráticas, e a criação de empregos frequentemente fictícios pelos clubes um dos meios mais importantes para se contornar esse empecilho. (ROSENFELD, 1993, p.84)

Somente em 1923, passa-se a discutir abertamente a possibilidade de profissionalização do futebol. Para Pereira (2000, p.325), a profissionalização seria a solução para um aumento na tensão social e racial, ocasionada pela inclusão de jogadores das classes populares nos clubes de elite. Assim, ela traçaria uma nova linha divisória, separando claramente os jogadores dos sócios destes clubes. Mas a defesa do amadorismo continuou.

³⁶ É interessante ressaltarmos o caso de Coelho Neto - escritor renomado durante a maior parte da vida, ocupou vários cargos públicos de destaque, recusando, inclusive, indicação diplomática do Barão do Rio Branco – e sua relação com o esporte, mais especificamente, a ligação do futebol com sua família. Seu filho mais velho, Emanuel (Mano), foi tricampeão carioca de futebol pelo Fluminense, ainda na época do amadorismo. Sua morte precoce, inclusive, teria sido causada pela sua dedicação ao esporte. “Em uma partida contra o São Cristóvão, em 1922, sofreu séria contusão. O jogo estava apertado e Mano não quis deixar o campo. Venceu por 2x1, mas o preço foi alto. O traumatismo lhe causou infecção generalizada e, por fim, sua morte, na véspera do jogo Brasil x Uruguai pelo Sul-Americano. O contraste entre a alegria da multidão que chegava para o jogo e a tristeza na casa da família Coelho Neto, em frente ao estádio, era desolador. O Brasil jogou com braçadeiras negras em sua homenagem.” Outro filho de Coelho Neto também se tornaria jogador do Fluminense, superando em fama o irmão falecido. João Coelho Neto, o Preguinho, além de vários títulos, foi o responsável por marcar o primeiro gol da história da Seleção Brasileira em Copas do Mundo, em 1930, na derrota ante a Iugoslávia por 2 a 1. “Quando o profissionalismo foi adotado no Brasil, jamais aceitou receber um centavo para jogar pelo clube.” Informações retiradas de: **Ídolos**. Disponível em: <<http://www.fluminense.com.br/sobre/idolos>>. Acesso em: 14 maio 2018. Informações estatísticas da seleção brasileira de futebol retiradas de: **Seleção Brasileira: 1923-1932**. Disponível em: <<http://www.rsssfbrazil.com/sel/brazil192332.htm>>. Acesso em: 13 maio 2018. Os filhos de Coelho Neto representaram o ideal do *sportmen*, conforme posiciona Marcos Mendonça, defendendo a prática esportiva amadora, idealisticamente, desprezando o profissionalismo. Coelho Neto ainda dedicou uma obra ao seu filho, publicada em 1924, *Mano*. Informações também retiradas de: Coelho Neto, 2007, p.XLIII – LVIII.

Marcos Mendonça³⁷, ídolo da conquista do Sul-Americano de 1919, vindo das elites, o modelo ideal de esportista, famoso pelo apuro e elegância com que se trajava e se portava durante as disputas, afirmou, em 1932, que a profissionalização seria a substituição dos valores idealistas pelos utilitaristas, uma desgraça que ameaçava os alicerces morais das entidades esportivas. Ele pedia a volta de um futebol pelo bem do corpo e do espírito, não pelo dinheiro. (PEREIRA, 2000, p.318)

Retomando a crônica, Lima Barreto, de certa forma, concorda com a interpretação tradicional que o esporte surgiu e manteve-se por um tempo como um esporte de elite, já que só seus integrantes poderiam continuar dedicando-se ao esporte, mesmo não recebendo remuneração alguma. O pai desiste, confidenciando ao amigo: “- Pois o meu, por não dar para nada, deixei-o no futebol.”³⁸ Anos depois, os dois genitores se reencontram e o mesmo pai exclama orgulhoso a respeito do filho:

- Vai receber cinquenta contos; é um herói nacional.
- Homem?
- Venceu o Campeonato Sul-Americano de *Football*, com o *team* nacional. E dizer que ele não dava para nada!³⁹

Curiosamente, a primeira (*O ideal*) e a última crônica (a póstuma *Herói!*) de Lima Barreto sobre o futebol terminam do mesmo modo. Demonstrem o orgulho e a admiração que o futebol despertava entre os brasileiros. O morador da Vila Quilombo acompanhou com desgosto, nos sete anos que separam as duas crônicas, o prestígio dos jogadores de futebol aumentar, a ponto desses atletas se tornarem a imagem do Brasil, tanto no exterior quanto internamente; os heróis nacionais, nos quais tanto o rico quanto o pobre se projetam, e refletidos neles, se orgulham de serem brasileiros, como será demonstrado mais adiante.

1.2 O futebol das elites brasileiras: militarismo, violência e bovarismo

Da publicação de *O ideal*, em 1915, até 1918, quando escreve *Sobre o football*⁴⁰, o autor carioca não dedicou mais nenhuma linha ao esporte bretão. Enquanto isso, a popularidade do esporte só crescia. Na crônica *Sobre o football*, o autor traça de modo claro uma associação entre o futebol e a violência.

³⁷ Vide o perfil de Marcos Mendonça, saudado como o modelar herói da conquista do Sul-Americano de 1919, disputado no Rio de Janeiro, em: Pereira, 2000, p.172- 173.

³⁸ Lima Barreto (2004, v.2, p.576)

³⁹ *Ibid.*, p.577.

⁴⁰ **Brás Cubas**, de 15-8-1918.

Lima Barreto (2004, v.1, p.372-375) abre o texto declarando: “Nunca foi do meu gosto o que chama de *sport*, esporte ou desporto.” Recluso em casa, ele lê os jornais de cabo a rabo, inclusive a seção de esportes, à qual não aprecia. Depara-se com a notícia do jogo entre as seleções das cidades do Rio e de São Paulo. Surpreende-se com o tom inflamado adotado pelos jornais, já que os paulistas, ou nas palavras dos cronistas esportivos da época – “valorosos êmulos paulistas” - contestam o resultado da partida (vitória carioca) devido à atuação do juiz. Lima fica surpreso com tal demonstração de paixão: “[...] pois não acredito que um jogo de bola, e sobretudo jogado com os pés, seja capaz de inspirar paixões e ódios. Mas, não Senhor!” Os jornais cariocas identificam um ataque à honra dos cariocas, e que a população da cidade aguarda ansiosa outra oportunidade para comprovar que seus *players* estão à altura dos paulistas. Os conterrâneos de Lima chegam a falar em armas, usando metáforas de guerra. Afonso ressalta o disparate de analogias com guerra: “A cousa era a sério e o narrador da partida, mais adiante, já falava em armas. *Puro front!*”

Ele interrompe a narração da celeuma entre paulistas e cariocas para fazer associações entre o futebol e o espírito violento estadunidense⁴¹.

Eu sabia, entretanto, pela leitura de Jules Huret, que o famoso *match* anual entre as universidades de Harvard e Yale, nos Estados Unidos, é uma verdadeira batalha, em que não faltam, no séquito das duas *équipes*, médicos e ambulâncias, tendo havido, por vezes, mortos, e, sempre, feridos. Sabia, porém, por sua vez, o que é o ginásio da primeira, verdadeiro sanatório de torturas físicas; que o jogo de lá é diferente do usado aqui, mais brutal, por exigir o temperamento já de si brutal do americano em divertimentos ainda mais brutais do que eles são. Mas nós? ... (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.372)

É válido observar que Lima identifica no futebol mais um exemplo de bovarismo dos brasileiros. Bovarismo é um conceito criado pelo filósofo e jornalista francês Jules Gaultier em *Le Bovarysme*, a partir da protagonista de *Madame Bovary*⁴² de Gustave Flaubert. Nas palavras de Schwarcz (2017b, p.155):

⁴¹ Na verdade, as universidades estadunidenses disputavam uma partida de futebol americano (*football* nos E.U.A.) e não de futebol (*soccer*). As partidas acontecem desde 1875. Informações retiradas de: **Harvard and Yale should stop playing football**. Disponível em: <<http://www.chicagotribune.com/news/opinion/chapman/ct-perspec-chapman-harvard-yale-football-cte-20171112-story.html>>. Acesso em: 26 nov. 2017. Hobsbawm (2012, p.374-375) ressalta que as disputas esportivas entre grêmios estudantis de instituições de elite de ensino superior remetiam à ideia aristocrática do esporte, de disputa formal contra antagonistas dignos socialmente. Serviria, também, como uma forma de indivíduos das elites escolherem parceiros sociais aceitáveis de outros círculos geograficamente distantes. Além dos EUA, Hobsbawm observa que tais disputas eram tradicionais na Inglaterra e na Alemanha de meados do XIX a meados do século XX.

⁴² Em sua biblioteca, Lima tinha um exemplar tanto de *Madame Bovary* quanto de *Le Bovarysme*. (BARBOSA, 1988, p.283-296)

A teoria do francês girava em torno do poder da ilusão e da capacidade humana de se conceber a partir do que *não* se é. Para ele, os homens eram grandes mentirosos e produziam sentidos com base nas ilusões que criavam para si. Segundo o filósofo, essa conduta poderia ser aferida num grupo, mas também numa sociedade e até mesmo numa nação.

Lima perceberia este traço nele mesmo⁴³, mas principalmente na sociedade brasileira, que se conceberia sempre como o outro, estrangeiro, europeu ou estadunidense. A ambição das elites brasileiras era modernizar o Brasil aos moldes europeus, rejeitando as tradições, a cultura, os costumes e as origens de grande parte da população, apagando tais traços e buscando formar a nação moderna-europeia. Assim, para Lima, a mania do futebol entre os brasileiros seria uma face do bovarismo nacional (especialmente das elites), consistindo em uma maneira de se querer fazer europeu e moderno, a partir de um jogo que não coadunaria com o espírito nacional. Ademais, o futebol seria associado, por exemplo, à brutalidade dos estadunidenses. E ainda por cima, os defensores do futebol buscariam impingir tal prática de ares aristocráticos⁴⁴, como ele escreve em *O meu conselho* de 1-10-21, publicada no **A.B.C.** Citamos: “*O football é coisa inglesa ou nos chegou por intermédio dos arrogantes e rubicundos caixeiros dos bancos ingleses, ali, da Rua da Candelária e arredores, nos quais todos nós teimamos em ver lordes e pares do Reino Unido.*” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.427)

Voltando à crônica *Sobre o football*, outro ponto que Lima critica nas reportagens dos jornalistas cariocas é que, lendo a notícia do jogo, não se entende nada, pois os termos dos movimentos da partida são escritos em inglês. Ele explica que consulta um dicionário e chega a se regozijar ao ler “chutada”.

A polêmica não termina aí. Lendo jornais paulistas nos dias seguintes, Lima surpreende-se ao perceber que a disputa entre cariocas e paulistas continua.

O órgão de São Paulo, se bem me lembro, dizia que os cariocas não eram “cariocas”, eram hebreus, curdos, anamitas; enquanto os paulistas eram “paulistas”. Deus do céu! Exclamei eu. Posso ser rebolo (minha bisavó era), cabinda, congo, Moçambique, mas judeu – nunca! Nem com dois milhões de contos.⁴⁵ (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.373)

⁴³ Lima Barreto (2011, p.54): “A minha vida de família tem sido uma atroz desgraça. Entre eu e ela há tanta dessemelhança, tanta cisão, que eu não sei como adaptar-me. Será o meu bovarismo?”

⁴⁴ Mais um traço bovarista.

⁴⁵ Temos neste excerto uma demonstração de menosprezo de Lima Barreto em relação aos judeus. À época em que escrevia, estavam em voga as teorias defensoras de hierarquia das raças. Pode-se, num primeiro momento, atribuir ao escritor esta lógica hierárquica na sua crítica aos hebreus. Tendo em vista o escopo de crônicas (só para citar algumas: *Carta fechada – meu maravilhoso senhor Zé Rufino*; *A penhora da moralidade*; *O meu conselho*) nas quais o morador da Vila Quilombo demonstra reservas em relação aos judeus, é possível, contudo, concluir que a discriminação de Lima Barreto não se inseria na lógica ligada ao racismo científico, mas se aproximava do preconceito calcado em noções de classes sociais, típico do início do século XIX, como parece ser o caso de Karl Marx, judeu, em obras como “O 18 de Brumário de Luís Bonaparte.” Hobsbawm (2011, p.123) afirma que “O

Os jornais paulistas usam como estratégia desqualificar a origem étnica dos jogadores cariocas. O preconceito fica claro nas linhas acima. Este não era um caso isolado no futebol. A questão do negro e seu pertencimento ao mundo do futebol foi assunto de intensos debates na sociedade brasileira, sendo que tal tema será retomado com mais detalhes pelo próprio Lima em crônicas futuras das quais trataremos mais adiante.

A revista paulista **Rolha** narrava que teriam acontecido festejos nas ruas da capital, semelhantes a uma vitória militar, regados a champanhe, hinos, jantares; o povo em comunhão nas ruas, com a vitória no futebol dos cariocas sobre paulistas. Lima afirmava ser tudo fantasia da imprensa paulista:

Se assim fosse, se as partidas de *football* entre vocês de lá e nós daqui apaixonassem tanto um lado como o outro, o que podia haver era uma guerra civil; mas, se vier, felizmente, será só nos jornais e, nos jornais, nas seções esportivas, que só são lidas pelos próprios jogadores de bola adeptos de outros divertimentos brutais, mas quase infantis e sem alcance, graças a Deus; dessa maneira, estamos livres de uma formidável guerra de secessão, por causa do *football!* (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.374-375)

Lima Barreto ataca a prática dos jornalistas esportivos, que exageravam na rivalidade, sem eco na população. A crítica à imprensa esportiva será um dos campos de batalha dele na guerra contra o futebol. Aparece também, de forma breve, na passagem acima, a acusação de brutalidade que Lima atribui ao esporte, que o próprio explorará mais detidamente em crônicas futuras.

Em 21 de dezembro do mesmo ano, é publicada no **A.B.C. Não valia a pena**. Nela, Lima Barreto (2004, v.1, p.419) critica o aumento de espaço que os esportes vinham ganhando nos jornais – “Verifiquei agora, por lê-los mais detidamente, que todos eles consagram colunas e colunas a crônicas, notícias, biografia, enfim, a cousas e acontecimentos referentes aos jogos de bola e a corridas de cavalos.”

antisemitismo não adquiriu um caráter ‘racial’ (diferente de um caráter religioso e cultural) até por volta de 1880 [...]” Claro, tal consideração não pretende diminuir os malefícios do preconceito nem de seu entrelaçamento com as perseguições que resultaram nos crimes nazistas. Tal tema merece investigação mais profunda. Deve-se destacar que outros autores da época também apresentam traços antisemitas. Coelho Neto (1922, p. 134), na crônica *A vitória do poeta*, ao argumentar que a Itália foi injustiçada pelos tratados de paz ao fim da 1ª Guerra, compara: “[...] roubada por um golpe de avareza, só comparável ao que o judeu Schylock pretendeu talhar no peito de Antônio [...]”. Schylock é uma personagem judia, que oscila entre o estereótipo do sovina, ao mesmo tempo em que faz um discurso contra o preconceito, em **O mercador de Veneza**, de Shakespeare (2017), nas páginas 73-74. Já João do Rio, na sua obra **As religiões no Rio**, incorre no antisemitismo, poupando os elementos judaicos nacionais, mas insinuando que os judeus (estrangeiros) dominariam o mercado financeiro internacional. “As riquezas das nações estão nas mãos dos judeus, brada o antisemita Drumont, ao vociferar os seus artigos. A nossa também está, não, porém nas dos judeus daqui, que são apenas homens ricos, bem instalados nos bancos e na vida.” (RIO, 1976, posição 1713-1715)

Sobre determinada edição da **Gazeta de Notícias**, observa, por exemplo, que duas colunas são dedicadas a uma corrida no Derby Club. Critica também o fato de as notícias esportivas serem escritas em tons épicos e que os cronistas esportivos não conseguem perceber a distância que separa uma corrida de cavalos do combate singular entre heróis, como Aquiles e Heitor. “Por não haver convicção, é que o plúmbeo dos prados guinda-se no estilo e transforma cada corrida que assiste em uma guerra de Tróia. A casa das pules é Helena”. (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.419)

Para fornecer um exemplo ao seu leitor, ele chega a reproduzir um trecho da reportagem sobre o páreo narrada em tom épico, concluindo, sinceramente, não entender nada (e outros leitores, certamente, afirma o escritor, também nada entenderam). Na mesma edição da **Gazeta**, são dedicados ao futebol quatro colunas e dois clichês. O tom do jogo é igual ao dos páreos, ou seja, épico e incompreensível.

Lima Barreto (2004, v.1, p.561-562), em sua crônica *A Academia Nacional de Medicina: o poeta Avruccio Aurora da Estrela; a sua candidatura; várias opiniões – II*, copia um trecho da crônica *Às pressas* de Coelho Neto publicada dois meses antes.⁴⁶ Descrevendo o campo do Fluminense: “A rua Farani são as Termópilas; a rua do Rosso é a planície de Salamina, onde Temístocles derrotou o cita Suvóroff [...] O conselho é a fé: fé é o football. Tirai da humanidade os pés, ela nada vale; tirai-lhe a fé, ela será um esconjuro.”

Nesta crônica, Coelho Neto (1922⁴⁷, p.80) descreve a movimentação e agitação da Capital Federal devido a um jogo da Seleção Brasileira de Futebol no Campeonato Sul-Americano de 1919, observando que a “rua Paysandú é como um rio humano”, que a “rua Guanabara formiga”. O escritor maranhense evidenciaria, com a escolha das palavras com as quais faz a descrição, que o futebol já estaria se massificando, atraindo todas as classes sociais. Coelho Neto (1922, p.82) ressalta ainda que os ricos entram no estádio para ver o jogo, enquanto: “[...] a colina, ao fundo, começa a encher-se: levas e levas subindo encarreiradamente, espalhando-se pela relva, tomando os pontos mais altos. Aparecem vultos nos telhados das casas, rapazes tentam marinhar pelos caules das palmeiras...”.

Trocando em miúdos, apesar de já estar difundido entre as classes populares, o futebol “oficial” ainda era dominado pelas elites. O corpo que deveria estar em campo era o corpo branco do rico, o mesmo que povoaria as arquibancadas. Aos pobres, negros, pardos, restavam os morros, os telhados, as copas das árvores. O corpo escuro tenciona-se. Excluído, tanto no campo quanto na arquibancada, expulso de sua casa com a Reforma Urbana de Pereira

⁴⁶ Mais precisamente em 29-5-1919, no jornal **A Noite**.

⁴⁷ Neste trabalho, em todas as citações desta obra a grafia foi atualizada.

Passos, vivendo numa República que constantemente exclui, lhe nega a cidadania e tenta apagar as marcas da escravidão⁴⁸, este corpo tenciona-se no esforço e na tentativa de acompanhar o movimento do futebol brasileiro, demonstrando a vontade do povo de participar deste esporte, que ia constituindo cada vez mais um traço identitário, uma marca da nacionalidade brasileira.

João do Rio (1917b, p.245) também sofre do mesmo mal helenizante, como fica evidente em a *Hora de foot-ball*:

Há de fato uma coisa séria para o carioca: - *foot-ball*! Tenho assistido a meetings colossais em diversos países, mergulhei no povo de diversos países, nessas grandes festas de saúde, de força e de ar. Mas absolutamente nunca vi o fogo, o entusiasmo, a ebbriez da multidão assim. Só pensando em antigas leituras, só recordando o Coliseu de Roma e o Hipódromo de Bizâncio.

Já em *Foot-ball*, o escritor compara: “Os jogos Olímpicos na Hélade criara-os Hércules em honra a Zeus [...] os jogos píticos, celebrados em Delfos fundara-os Agamenon em honra de Apolo [...]. Os jogos nemeanos celebravam-se entre Cleópatra e Phlonte, na Argolida [...]” com as partidas de futebol. Ressalta ainda que o homem moderno, que vive na época da neurose e do automobilismo: “[...] guarda intacta na alma a herança divina e tem o sagrado delírio desses desesperados combates de paz em que se coroa o vitorioso com o vencido vivo e a sorrir. Os jogos são *sports*, à inglesa, porque da Hélade foi a Grã-Bretanha a depositária da herança.” (RIO, 1917b, p.338- 339)

Para o João do Rio haveria dois modelos que o Brasil não deveria perder de vista: a Antiguidade Clássica, especialmente a Grécia, e a Europa da *Belle Époque*, destacando a maior potência da época, o Reino Unido. Não por acaso, Paulo Barreto estabelece ligação entre a civilização clássica e a Grã-Bretanha, o berço da Revolução Industrial, fonte da modernidade que as elites brasileiras tanto perseguem.

Conforme a crônica *Não valia a pena*⁴⁹ se desenrola, Lima Barreto vai se dedicar ao “apavorante culto à força bruta”, identificando nos esportes e, mais especialmente no futebol, um veículo de propagação da força física. Ele usará como base para os seus argumentos o livro do filósofo inglês Herbert Spencer⁵⁰, *Fatos e comentários*. Sobre apreço ao futebol na Inglaterra, Lima (2004, v.1, p. 421) escreve:

⁴⁸ Como comprovam os versos do Hino de Proclamação da República: Nós nem cremos que escravos outrora/Tenha havido em tão nobre País.../Hoje o rubro lampejo da aurora/Acha irmãos, não tiranos hostis. Disponível em: BRASIL. **Hinos**. Disponível em: < <http://www2.planalto.gov.br/conheca-a-presidencia/acervo/simbolos-nacionais/hinos>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

⁴⁹ **A.B.C.**, de 21-12-1918.

⁵⁰ Limana, biblioteca pessoal de Lima Barreto, continha dois livros de Herbert Spencer: v.288 – *La morale evolutioniste* e o v. 709 – *Faits et commentaires*. Para a relação completa da Limana, cf. Barbosa (1988, p. 283-296). O filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903) foi um dos formuladores da teoria do darwinismo social: que

No generalizado amor exaltado, exagerado, a esses espetáculos violentos, brutais, simuladores de combates guerreiros, procurando mesmo alguns a exibição de sangue, de sofrimentos, de tormentos físicos, de dores em outras vidas, homens ou animais, encontrava o grande pensador um dos sintomas de nossa regressão à barbárie, pois todos os prazeres, obtidos à custa de cenas tão cruéis, determinavam e denunciavam nos espectadores um dessecamento da simpatia.

Ele complementa afirmando que quem frequenta tais espetáculos por gosto não teria em mente a busca pelas emoções da arte ou da beleza, ou pelos sentimentos de bondade, afeição, piedade, etc.

Podemos estabelecer a relação entre o culto à violência nos esportes com o *Manifesto Futurista* de Marinetti⁵¹, publicado no jornal francês **Le Figaro**, em 1909. A ideologia da força, aliada à modernidade, aos avanços tecnológicos, e por fim, à violência, também reverberaram nas artes. Abaixo, alguns itens do manifesto, que por si só, já são esclarecedores:

3. Desde então a literatura exaltou uma imobilidade pesarosa, êxtase e sono. Nós pretendemos exaltar a ação agressiva, uma insônia febril, o progresso do corredor, o salto mortal, o soco e tapa. 4. Nós afirmamos que a magnificência do mundo foi enriquecida por uma nova beleza: a beleza da velocidade. [...] 7. Exceto na luta, não há beleza. Nenhum trabalho sem um caráter agressivo pode ser uma obra de arte. [...] 9. Nós glorificaremos a guerra — a única higiene militar, patriotismo, o gesto destrutivo daqueles que trazem a liberdade, ideias pelas quais vale a pena morrer, e o escarnecer da mulher. [...]

Conforme este capítulo for se desenvolvendo, a oposição de Lima Barreto ao futurismo⁵², e esta ideologia da força, aliada à modernidade, ficará mais clara. De mesmo modo, o pendor de João do Rio e Coelho Neto por tal ideologia ficará patente.

consiste na aplicação dos princípios da evolução, inclusive a seleção natural, aos homens, às sociedades, aos indivíduos, etc. Formulou a expressão *survival of the fittest*. Informações retiradas de: **Herbert Spencer**. Disponível em: < <https://www.britannica.com/biography/Herbert-Spencer> >. Acesso em: 14 jul. 2018. É interessante observar como Lima Barreto faz uso de teorias às quais, devido ao seu engajamento deveria desprezar, para construir seus argumentos. Tática semelhante foi empregada em sua crítica ao gosto da população pelo boxe, em crônica de 1913 já aqui comentada.

⁵¹ Todas as referências e transcrições do manifesto foram retiradas de: **1909: Marinetti-Movimento Futurista**. Disponível em: < <http://espiral.fau.usp.br/arquivos-artecultura-20/1909-Marinetti-manifestofuturista.pdf> >. Acesso em: 11 jul. 2018.

⁵² Em 22-7-1922, Lima Barreto publica na **Careta** a crônica *O futurismo*, após receber um exemplar da revista **Klaxon** por intermédio de Sérgio Buarque de Holanda. O escritor ironiza os modernistas paulistas, comentando que eles querem travestir o futurismo como novidade inventada em São Paulo. Lima Barreto deixa claro seu desgosto com o futurismo e a figura do Marinetti, “[...] que ferem não só o senso comum, mas tudo o que é base e força da humanidade.” E completa sobre o movimento: “[...] que no fundo não é senão brutalidade, grosseria e escatologia [...].” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.538-539). A resposta não tardou. Na edição do mês seguinte da **Klaxon**, artigo não assinado, mas atribuído a Mario de Andrade, refere-se ao escritor carioca como: “um sr. Lima Barreto”, “escritor de bairro”. Além disso, fazendo conexões preconceituosas, o artigo ressalta que Lima Barreto teria saído de uma viela da Saúde (bairro com histórica concentração de negros no Rio de Janeiro), munido de navalha e disposto a passar rasteiras (alusão à capoeira) nos modernistas. Lima morre meses depois, e a rusga com os modernistas paulistas nunca foi resolvida. **Klaxon**: mensário de arte moderna, São Paulo, n.4, p.17, 15 ago.

Como claro indício da popularização dos esportes, e conseqüentemente do futebol, Lima Barreto reclama de determinada edição da **Gazeta de Notícias** que tem em mãos, excluindo os anúncios e as partes dedicados aos esportes, das seis páginas do jornal só sobram três “para a matéria própria a um jornal”. Conclui que se um jornal é editado de tal maneira, com tal distribuição de conteúdo, e lembrando que eles sempre visam agradar ao público, para atrair mais leitores, “[...] é isto de fazer crer que estamos também sendo invadidos por aquele estado de espírito, característico do retrocesso para a barbária [...]” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p. 421)

Logo, o que acontece nas partidas de futebol não seria um divertimento inocente:

[...] revestem-se de uma fisionomia feroz de briga, de rixa, de combate a valer entre os contendores, e os espectadores acompanham as peripécias do jogo com vaias e chufas, com aclamações e palmas, conforme o seu partido respectivo está perdendo ou ganhando. Às vezes, há pugilatos e, em outras, são respondidas as chufas e vaias com gestos e palavras pouco protocolares. (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p. 422)

Nem as moças escapam, também participando de tais manifestações “indecorosas”, vendo nos jogadores o seu ideal humano, naqueles “Aquiles de domingo”, os valores da civilização clássica.

Aponta que, no Brasil, o jornalismo seria um dos responsáveis pelo regresso à barbárie, por propagar, inicialmente na forma de aforismos, o culto à força física, e “dignificar” os esportistas com retratos, biografias, epitáfios, como se fossem “beneméritos da pátria e da sociedade”. Assim, os esportistas começariam a se encher de si, desprezando as manifestações de inteligência e optando por resolver questões pelo muque. Estes seriam os modelos de cidadão seguidos pela sociedade.

Um dos expoentes do jornalismo e responsável pelo culto à força física era Paulo Barreto. Na já mencionada *Hora de foot-ball*, além de reforçar a ideia da valorização do corpo em detrimento da mente, João do Rio (RIO, 1917b, p.243-244) também menciona Olavo Bilac como um dos primeiros defensores das práticas esportivas no Brasil:

O Club de Regatas do Flamengo tem, já vinte anos pelo menos, uma dívida a cobrar dos cariocas. Dali partiu a formação das novas gerações, a glorificação do corpo e a saúde da alma. Fazer sport há vinte anos ainda era para o Rio uma extravagância. As mães punham as mãos na cabeça, quando um dos meninos arranjava um haltere. Estava perdido. Rapaz sem pince-nez, sem discutir literatura dos outros, sem cursar as academias – era homem estragado.[...] Então, de repente, veio outro club, depois outro, mais outro, enfim, uma porção. O Boqueirão, a Misericórdia, Botafogo, Icarahy estavam cheios de

centros de regatas. Rapazes discutiam *muque* em toda parte. Pela cidade, jovens, outrora raquíticos e balofos, ostentavam largos peitorais e a cinta fina e a perna nervosa e a musculatura herculeana dos braços. Era o delírio do *rowing*, era a paixão dos *sports*. Os dias de regatas tornavam-se acontecimentos urbanos. Faltava apenas a sagração de um poeta, Olavo Bilac, escreveu a sua celebrada ode *Salamina*. - Rapazes, foi assim que os gregos venceram em Salamina! Depois disso, há dezesseis anos, o Rio compreendeu definitivamente a necessidade dos exercícios, e o entusiasmo pelo *foot-ball*, pelo *tennis*, por todos os outros jogos, sem diminuir o da natação e das regatas – é o único entusiasmo latente do carioca.

Lima Barreto (2004, v.1, p.422) ressalta ainda que além de propagarem os esportes violentos, os jornais da cidade, nos últimos tempos: “[...] clara ou disfarçadamente, fazem apologia dela [brutalidade] e da violência, para obtermos a nossa prosperidade e afastarmos os óbices que, no julgar de tais sociólogos de última hora, a entravam.” Na sequência, de forma até bastante atual, o escritor fornece exemplos de argumentos dos jornalistas esportivos – as leis são muito liberais; quem defende os procedimentos legais para tratar de crimes é taxado de protetor de criminosos. Sentimentos como piedade e solidariedade seriam os “vestígios de uma filosofia sentimental e chorosa.”

De acordo Bourdieu (2003, p.188-189), a visão acima corresponderia a um raciocínio das elites, que acaba perpassando o esporte:

Basta termos presente que as fracções dominantes da classe dominante tendem sempre a pensar a sua oposição às fracções dominadas – “intelectuais”, “artistas”, “caros professores” – através da oposição entre masculino e feminino, o viril e o efeminado, que toma conteúdos diferentes segundo as épocas [...] para compreendermos uma das implicações mais importantes da exaltação do desporto e em particular dos desportos “viris” [...].

Lima conclui a crônica traçando um paralelo entre a tal ideologia de força, ação, expansão, domínio, com a ideologia alemã, que teria conduzido, na sua visão, o mundo à Primeira Guerra Mundial⁵³. Pondera, amargamente, que todos os esforços e sacrifícios de milhões de pessoas para combater, como diziam os próprios jornais brasileiros, “a barbária alemã” foram em vão. O Império Alemão foi vitorioso, não no campo de batalha, mas no campo das ideias – tendo seus ideais se propagado pelo globo. Conforme escreve em *Após a guerra*⁵⁴:

⁵³ Vale destacar, como já mencionada acima, a existência do movimento futurista e a ênfase dada à força como espaço de engrandecimento humano. Não é por mero acaso, que, na Itália, a maior parte dos porta-vozes do futurismo tornaram-se fascistas na década de 1920. Conforme ressalta Gramsci em: **O futurismo italiano** (carta a Trotski). Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/gramsci/ano/mes/futurismo.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

⁵⁴ Publicada no **A.B.C.**, em dezembro de 1919. A data de publicação não está livre de incertezas, pois de acordo com as organizadoras: “Esta crônica, não foi localizada na imprensa, foi escrita no final do ano, como indica o

“[...] parece-me, que os cadáveres dos milhares de alemães que morreram na guerra não foram sepultados. Estão se decompondo ao ar livre e infeccionando a Terra toda, com os ideais que tinham, quando vivos, de violência, de brutalidade, de carnagem, em nome da Pátria, pelos quais morreram...” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.95)

A ojeriza de Lima pela violência é um dos traços mais evidentes de seu pacifismo – também influência do anarquismo, que se posicionou fortemente contra a guerra. Assim, o paralelo entre futebol-violência-guerra foi umas das causas da firme oposição de Lima Barreto a este esporte.

João do Rio exemplifica esta vitória do ideário guerreiro germânico, em *D’Annunzio – o Supremo*. Nesta crônica, Paulo Barreto faz uma defesa ardorosa da controversa figura de D’Annunzio⁵⁵. Defende que ser favorável ao poeta e político italiano é ser um defensor do patriotismo latino. Faz defesa implícita do Brasil, que seria a potência latina da América. João do Rio estabelece uma relação umbilical entre o Brasil e a pátria latina, a Itália, tanto pelo trabalho quanto pelo sangue⁵⁶. Apoiar os ideais de D’Annunzio conferiria um atestado de pureza, de saúde, do arrebatamento pela justiça celeste; é ser pró-dignidade e pró-força. O homem D’Annunzio deveria ser o modelo a ser seguido pelo Brasil: generoso e autônomo nos atos e solidário com a liberdade e a beleza. (RIO, 1932, p.10) D’Annunzio seria um gênio e os seus detratores, como Lima Barreto, parvos de alma e de instinto (RIO, 1932, p.11).

Brito Broca (2005, p.157) relaciona tanto a mania grega quanto a insistência de boa parte dos intelectuais brasileiros da época em reforçar nosso caráter latino, remetendo às glórias da Antiguidade e do Renascimento, à uma resposta ao fenômeno da mestiçagem: “Essa mania da Grécia, como também da latinidade que há muito prevalecia entre nós, era um meio, por vezes inconsciente, de muitos intelectuais brasileiros reagirem contra a increpação de mestiçagem, escamoteando as verdadeiras origens raciais, num país em que o cativo estigmatizara a contribuição do sangue negro.” Broca desvela o véu da latinidade sob o qual

cumprimento ao fim do texto [boas festas], um ano depois da assinatura do Armistício, em 11 de novembro de 1918. Deve, pois, ter sido publicada em dezembro de 1919.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.95)

⁵⁵ Gabriele D’Annunzio foi um poeta, herói de guerra e político italiano do início do século XX. Em 1919, organiza uma expedição paramilitar, ocupa a cidade de Fiume (atual Croácia), desrespeitando o Tratado de Versalhes, sendo condenado tanto pelo Reino da Itália quanto pelos países da Entente. D’Annunzio governou Fiume como ditador até o final de 1920, quando o exército italiano obriga-o a abdicar. De todo jeito, sua ação ecoou. Em 1924, já sob Mussolini, a Itália ocupa o Fiume. D’Annunzio aderiu ao fascismo, mas logo foi proscrito pelo Partido. Informações retiradas de: **Gabriele D’Annunzio**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Gabriele-DAnnunzio>>. Acesso em: 17 maio 2018.

⁵⁶ Referência à imigração italiana ao Brasil. Uma delas é de ordem quantitativa: entre 1870 e 1920, momento áureo do largo período denominado como da "grande imigração", os italianos corresponderam a 42% do total dos imigrantes que entraram no Brasil, ou seja, em 3,3 milhões pessoas, os italianos eram cerca de 1,4 milhões. IBGE. **Brasil: 500 anos**. Informações retiradas de: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos.html>>. Acesso em: 17 maio 2018.

se cobriria o racismo. A relação entre o racismo e o futebol será tratada no próximo capítulo deste trabalho.

João do Rio faz uma defesa da guerra como higiene (vide o manifesto futurista⁵⁷ acima), demonstração de força da juventude, do caráter de um povo e de uma nação, citando o professor Dell Vecchio⁵⁸ sobre as guerras:

- Que purificatriz salutar das vontades impuras que cirurgião radical de egoísmo pode haver maior que a guerra? Ela é a experiência interior, revelando de súbito e como por milagre ao indivíduo a faculdade do autodomínio. É essa a sua verdadeira e suprema natureza. Na vontade unânime do sacrifício, inerente à guerra, constitui-se e fortifica-se a unidade moral de um povo. Essa unidade não vem de uma suposta igualdade de condições físicas ou econômicas, nem de uma inverificável comunhão de origem, nem de caracteres étnicos que ao contrário devem ser variados para maior intensidade da vida do povo e mais fecunda energia: - Ela resulta apenas do inabalável sentimento de uma missão comum, da vontade constante e inveterada de colaborar perpetuamente na realização de fins humanos que excedem as forças e os limites da existência individual. (RIO, 1932, p.23)

Apesar disso, o trecho acima faz uma defesa de uma união em torno da ideia de pátria, que deveria congrega todas as classes sociais. Ademais, é essencial destacar o caráter antirracista da passagem, pois defende a variabilidade genética como algo salutar e fortalecedor de um povo. Poderíamos transpor o caso para o Brasil, e pensar na questão da inserção do negro e do mestiço na pátria, na nação brasileira?

Nas páginas seguintes, João do Rio começa a destacar os motivos que teriam levado a Itália a combater na Primeira Grande Guerra. Primeiramente, teria sido por generosidade. “A Itália entrou na guerra, em segundo lugar, pela necessidade afirmativa de sua saúde.” (RIO, 1932, p.25). Além da saúde da raça italiana, João do Rio vê a guerra como algo belo: “E realizou nas altas montanhas, na planície, no ar e no mar, a guerra moderna com uma beleza de epopeia incrível.” (RIO, 1932, p.26)

Conclui:

Essencialmente a guerra foi para a Itália a certeza maior de vida nova, a afirmação concreta da unidade espiritual, a prova da sua marcha conquistadora. [...] É possuir a força agregadora, combatendo o mal-estar da

⁵⁷ Gramsci (fonte na nota 53) ressalta a oposição dos futuristas a D'Annunzio, apesar das ideias do movimento e do poeta coincidirem: Deve-se dizer que o futurismo, na sua origem, manifestava-se, expressamente, contra d'Annunzio: “Um dos primeiros livros de Marinetti intitulava-se *Les Dieux s'en vont, d'Annunzio reste*. Ainda que durante a guerra os programas políticos de Marinetti e de d'Annunzio coincidissem em todos os pontos, os futuristas permaneceram anti-d'Annunzio.”

⁵⁸ Provável referência a Giorgio Dell Vecchio, filósofo do direito “neokantiano” e professor da Universidade de Roma. Inicialmente apoiador do fascismo, depois rompe com o regime. Informações retiradas de: **Dell Vecchio, Giorgio**. Disponível em: <

terra, resistindo às forças dissolventes do internacionalismo, do socialismo, do pacifismo, colher um povo inteiro no mesmo ideal de projeção. É glória de unidade afirmar-se assim. Se os eunucos das ideias podem acreditar que para os povos másculos os interesses da humanidade entendem os das Pátrias. Por isso mesmo a Itália é mestra de todos nós e a sua coragem, defendendo-se, não só defendeu concretamente a latinidade, como nos defendeu de debilitantes fantasias, pela força de seu generoso querer. (RIO, 1932, p.27)

Similarmente ao que apresentou Bourdieu anteriormente, João do Rio reforça a ideia das práticas guerreiras e da força, desprezando outros ideários (como o internacionalismo socialista), usando a figura do eunuco, opondo a masculinidade à feminilidade.

Lima Barreto, em *D'Annunzio e Lenin*⁵⁹, insiste em se referir ao poeta-ditador italiano pelo primeiro nome, Gabriel, revelando não sentir nenhum respeito pela figura. “Mau sociólogo, ainda pior homem político, o Senhor Gabriel meteu-se nos cascos de fazer-se Sforza⁶⁰, Gattamelata⁶¹, enfim, um *condottiere*⁶² qualquer do século XIV ou XV, nos nossos dias e voando em aeroplano”, escreve. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.288)

Lima ressalta a atuação de D'Annunzio como um ditador, mandando prender arbitrariamente, ameaçando e aterrorizando seus opositores. Um tirano, vaidoso, obcecado pela guerra: “É um gesto de letrado exacerbado por intensa e doentia vaidade pessoal, para quem a vida dos homens vale pouco e é simples matéria de fabricar beleza [...]” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.291) Conclui com sua visão política: “O nosso anelo é outro: queremos paz e anarquia.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.291)

Coelho Neto (1922) também compartilha do entusiasmo de João do Rio por D'Annunzio na crônica *A vitória do poeta*⁶³. Novamente demonstra sua faceta helenizante.

⁵⁹ A.B.C., de 8-1-1921.

⁶⁰ Família que comandou o ducado de Milão do século XIV ao XVI. Seus membros foram figuras políticas importantes no cenário europeu, chefiando expedições militares (como *condottiere*) em toda Itália, e realizando alianças com casas reais, influentes em Roma. A família foi importante patrocinadora das artes, sendo que Ludovico, o Mouro, foi mecenas de Leonardo da Vinci. Informações retiradas de: **Sforza**. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/sforza/>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

⁶¹ Erasmo Gattamelata (1360-1442) foi um famoso *condottiere*, que chefiou as milícias da República de Florença e da República de Veneza. Foi eternizado em uma estátua feita por Donatello, que está até hoje na Praça do Santo, em Pádua. Informações retiradas de: **Gattamelata da Narni**. Disponível em: <http://www.enciclopediabresciana.it/enciclopedia/index.php?title=GATTAMELATA_da_Narni,_Erasmo>.

Acesso em: 13 jul. 2018.; **Gattamelata**. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/erasmo-da-narni-detto-il-gattamelata/>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

⁶² *Condottieri* eram os chefes militares que possuíam sua própria milícia. O prestígio garantia a lealdade das tropas, e os *condottieri* cuidariam de forma paternal dos comandados. Muitos eram senhores de feudos ou de cidades, enquanto outros ascenderam socialmente pela fortuna nas armas. Podiam atuar como mercenários a soldo das cidades italianas ou, no caso dos mais poderosos, para aumentar seus domínios. Outro aspecto que deve ser ressaltado é o legado artístico que deixaram através do mecenato. Entre as obras destacam-se: o castelo e a Catedral de Urbino, a catedral de Rimini (templo Malatestiano), o palácio de Gubbio, entre outras. Informações retiradas de: **Condottieri**. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/condottieri_%28Enciclopedia-Italiana%29/>. Acesso em: 15 jul. 2018.

⁶³ Publicada em **A Noite**, de 25-9-1919.

Destacando o heroísmo militar do poeta, escreve que o italiano seria como um filho de Apolo, a cruzar os ares⁶⁴, assim como Phaetonte⁶⁵, mas vitorioso. Herói, define Coelho Neto, comparando-o a Garibaldi e a Tirteu⁶⁶. Encerra, elogioso: “Integrador da Itália, redentor de cidades, Poeta Olímpico, glória a ti na terra e nos céus, onde aladamente iniciaste e tua carreira triunfal de herói!” (COELHO NETO, 1922, p.134)

Além disso, Coelho Neto também identifica na política brasileira figuras que encarnariam o ideal deste homem-força, como D’Annunzio. Em *Gilliat⁶⁷ e o polvo⁶⁸*, o escritor vê nestes brasileiros exemplares: “uma legião de iluminadores, cada qual assinalado a um destino.” A seguir, passa a elencá-los: “Tivemos Passos, o construtor ousado que nos deu a cidade tirando-a da alfurja colonial, como se tira uma flor de esterquilínio.” (COELHO NETO, 1922, p. 68); Rondon e Frontin, identificados ao homem-força, operam e vencem a turba apática. Frontin, enquanto prefeito do Rio, deu continuidade às Reformas Urbanas iniciadas por Pereira Passos, e arrasou o Morro do Castelo (“feia montanha, como uma verruga”, nas palavras do escritor maranhense). Conclui: “Esse é o homem do tempo, o herói-cíclico, que a nossa era reclama.” (COELHO NETO, 1922, p.70)

Aqueles que fazem oposição a tais Reformas, como Lima Barreto, são qualificados por Coelho Neto como balordos⁶⁹. Coelho Neto encerra a crônica questionando quem sairá vencedor: o herói, o Gilliat e, conseqüentemente, o Frontin, a elite republicana, ou os balordos, os polvos, os opositores a este modelo modernizador-excludente imposto pela elite republicana, como Lima Barreto?

⁶⁴ Cabe lembrar que durante a 1ª Guerra o avião estreia como arma de combate.

⁶⁵ Na mitologia, Faetonte era o filho de Apolo com a ninfa Climene. Após ser zombado por um colega de escola desacreditando sua origem divina, Faetonte parte para a Índia para conhecer o pai, Apolo. O pai lhe promete cumprir qualquer desejo e o rapaz pede para guiar por um dia o carro do sol. A divindade tenta demovê-lo, inutilmente. Movido por orgulho e coragem, o mortal conduz o carro celestial. Incapaz de dominar o carro, o calor do Sol abrasa as constelações, queima florestas e plantações na terra, incendeia o cume das montanhas, faz as águas dos rios evaporarem. Os raios de Sol atingem até o Tártaro. Os deuses clamam que Zeus ponha um fim neste caos. Assim, sem alternativa, o rei do Olimpo lança um raio e fulmina Faetonte, “arrancando-o do seu lugar e da existência”. (BULFINCH, 2002, p.51-58). Devido ao tema da dissertação é pertinente observar que esta história também apresenta uma origem para o negro: “Então, acredita-se, que o povo da Etiópia tornou-se negro, pelo fato de o sangue ser forçado a subir tão subitamente à superfície, e formou-se, pela seca, o deserto líbico, nas condições em que permanece até hoje”. (BULFINCH, 2002, p.56)

⁶⁶ Tirteu, poeta de origem ática que viveu em Esparta em meados do século VII a.C. Famoso pelos seus cantos marciais, e também elegias exortando a bravura, a excelência, a ordem. De sua obra conservam-se apenas fragmentos. Informações retiradas de: HARVEY, P., comp. Tirtaios. In: _____. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p.494.

⁶⁷ Personagem do romance *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo. Gilliat é o herói da obra, realizando feitos notáveis, com engenho (como o resgate da máquina do navio Durande), e com força (derrotando um grande polvo).

⁶⁸ **A Noite**, de 10-4-1919.

⁶⁹ “1. Sujo, imundo.2. Bronco, obtuso, estúpido.” Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Balordo. In: _____. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5.ed. Curitiba: Positivo, 2010. p.273.

Em *Um ofício da A.P.S.A.*, publicada no **A.B.C.** em 28-12-1918, Lima Barreto salienta novamente o paralelo entre o futebol, a ideologia baseada na força, o nacionalismo e a guerra. Ele reclama da posição assumida por alguns articulistas da imprensa em relação ao Tratado de Versalhes (estes viam na atuação do Brasil uma comprovação de seu papel como potência; mas, pergunta Lima, e a pobreza?). Novamente ironiza Coelho Neto que estaria a procurar uma Hélade atemporal, “[...] especialmente fabricada para o gasto caseiro da gente dos *sports* da nossa terra.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.426)

O escritor ironiza a compreensão do interesse pelos esportes como um ato de civismo (sem deixar de cutucar Coelho Neto):

Desprezando esse atletismo dominical, não vira eu como ele tendia para o progresso da Pátria, para o rejuvenescimento da nossa juventude que nasce velha, extirpando-lhe d’alma o pessimismo, a melancolia, as perturbações nervosas, fazendo-nos um povo escultural, sadio e alegre, como eram os tais gregos que o Senhor Coelho Neto inventou. (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p. 426)

Essa valorização do físico defendida pelos esportistas, aos moldes clássicos, teria levado à morte, logo ao nascimento, filósofos como Pascal, Voltaire e Rousseau, argumenta o escritor em referência ao costume de certas cidades gregas de sacrificar crianças com deficiência física. Afinal, o mundo seria dos fortes. Sobre a Grande Guerra, ironiza os que não veem relação entre militarismo, nacionalismo e esporte: “[...] [A Grande Guerra] foi obra dos pacifistas, dos internacionalistas, dos anarquistas, dos antimilitaristas, dos que não se entregam a *sports*.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.426) Novamente, menciona articulistas nacionais que veem nos valores humanitários algo efeminado e idiota. Diz que há dois meses lê diariamente notícias sobre futebol e outros esportes, discordando, porém, da ideia propagada do futebol como elemento de união entre brasileiros, aglutinador de identidades. Lima Barreto (2004, v.1, p.427) continua em tom de ironia: “[...] a força do Brasil há de originar-se principalmente da coesão que o *football* vai trazer às várias partes da federação, unindo os espíritos e almas num mesmo pensamento e num mesmo anelo.”

Antes, a união nacional se daria pela difusão da obra do poeta Casimiro de Abreu, e das revistas **O Malho** e **Rio-Nú**⁷⁰, editadas na capital, que segundo Lima Barreto, atingiam os recantos mais distantes do país.

⁷⁰ **O Malho** foi uma das primeiras revistas ilustradas brasileiras a obter sucesso. A revista satírica foi lançada em 1902. Já o **Rio-Nú** foi lançado em 1898. Também era um periódico ilustrado, mas destinado especificamente ao público masculino, tendo um conteúdo (inclusive fotos) de cunho sexual. Correa (2012, p.73-74) aponta que as revistas ilustradas eram produzidas tendo-se em mente o público nacional.

Meio ano se passa até que Lima Barreto dedique outra crônica ao futebol. *A missão dos utopistas* é publicada em **A Notícia** em 6-7-1919. Apesar da guerra na Europa ter acabado no ano anterior, os vencedores disputam entre si os espólios. Comentando incidentes ocorridos entre soldados aliados após o fim da Primeira Guerra, Lima Barreto (2004, v.1, p.545) exprime o seu ideal de civilização:

Porque o fim da Civilização, não é a guerra, é a paz, é a concórdia entre os homens de diferentes raças e de diferentes partes do planeta; é o aproveitamento das aptidões de cada raça ou de cada povo para o fim último do bem-estar de todos os homens.⁷¹

Nesta crônica, Lima retoma a ideia, já desenvolvida anteriormente, que os ideais nacionalistas, expansionistas-guerreiros, patrióticos dos alemães se espalhavam pelo mundo, aliada à visão do esporte como treinamento para a guerra:

Essa pregação das excelências do *sport*, “esporte, “desporto”, ou quer que seja, é uma manifestação desse singular estado de espírito. Partindo de uma meia-verdade, isto é, de que para os *sportmen* britânicos, franceses, americanos, etc., que venceram os alemães, também esportivos, os sermonários desses jogos chamados atléticos não deixam de pedir favores ao Estado para eles, pretextando preparação para a guerra. (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.548)

De acordo com essa lógica, os defensores do esporte passam a pedir subvenções ao Estado, defendendo a utilidade do adestramento esportivo ao país, pois serviria de adestramento para a guerra, e logo, seria uma atitude patriótica.

Em *Dia de parada*, João do Rio (1917b, p.390) reforça esta ideia, pois defende o adestramento das classes populares via exercício físico, a partir de organizações militares. “Depois dos fuzileiros navais, o aparecimento da polícia militar mostra bem que tudo depende de exercícios, de disciplina, da capacidade de incutir no inferior o sentimento, o orgulho da classe”, resume.

Coelho Neto se alinhava a João do Rio. Em *Angustioso apelo*, publicado em 11-1-1923 em **A Noite**, o fundador da Academia Brasileira de Letras pede que o prefeito do Distrito Federal⁷² auxilie os clubes particulares Boqueirão do Passeio, Natação e Regatas, Internacional e o Vasco da Gama: “[...] núcleos de preparação eugênica e escolas práticas de reservistas de

⁷¹ Neste excerto temos mais uma evidência de que as teorias deterministas foram introjetadas em Afonso, a despeito de seus esforços de combatê-las, já que o próprio aponta que cada raça ou cada povo deveria contribuir para a humanidade de acordo com a própria habilidade específica, de “acordo aptidões de cada raça ou de cada povo”. Obviamente, tais aptidões eram hierarquizadas.

⁷² Alair Prata Leme Soares, cujo mandato ocorreu entre 1922-1926. Cf. **Quadros de governantes do Rio de Janeiro**, produzido pelo Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/governantes/gov_rio_de_janeiro_5.pdf>. Acesso em: 21 maio 2018.

nossa marinha, tais clubes que se mantêm a expensas próprias, sem favores oficiais de ordem alguma [...] prestam à Pátria serviços inapreciáveis [...] e desviam do vício tantos moços aos quais ministram educação enérgica e incutem princípios de moral cívica [...]” (COELHO NETO, 2007, p.261, p.264) Em outras palavras, ajudar a manter tais clubes já seria um preparo para a guerra, além de que neles os jovens: “treinando-se em exercícios metódicos nos quais, não só educam o espírito [...] como se retemperam energicamente revigorando-se no mar, onde adquirem saúde, força e beleza para orgulho e melhoramento da raça⁷³.” (COELHO NETO, 2007, p.261-262)

Coelho Neto observa que o único esporte que consegue manter-se sozinho é o futebol. Ademais, ressalta que os esportistas são os representantes do país no mundo: “[...] vão competir no estrangeiro com vencedores olímpicos, dando prova do que somos como povo culto e forte.” (COELHO NETO, 2007, p.263)

Em outubro de 1919, Lima Barreto escreve *Uma partida de football*⁷⁴, na qual, sarcasticamente afirma que uma das principais “elegâncias” cariocas estaria nas partidas de futebol. Ele observa, ironicamente, que os projetos elitistas de segregar o futebol estariam naufragando: “É um espetáculo da maior delicadeza em que a alta e a baixa sociedade cariocas revelam sua cultura e educação.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.29). O escritor destaca especialmente a participação das senhoras nos jogos, as “chamadas torcedoras”. Diz apreciar, em especial, o vocabulário destas: “Rico no calão, veemente e colorido, o seu fraseado só pede meças ao dos humildes carroceiros do cais do porto.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.29) Conclui reforçando sua crítica à violência gerada pelo esporte: “Sendo um divertimento ou passatempo, elas [partidas de futebol] acabam sempre em rolo e barulho⁷⁵.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.29)

Em *Uma conferência esportiva*⁷⁶, o escritor suburbano reproduz artigo de um cronista esportivo que se dizia chocado porque as confusões agora também acontecem em *matches* entre clubes de elite, não somente nos campos dos clubes de terceira ordem. Lima (2004, v.2, p.275) ironiza esta pretensão de classe: “Curioso, esse jornalista! Pois ele queria que os clubes aristocráticos e puros ficassem atrás dos clubezinhos dos subúrbios? O *football* é uma mesma e mesma cousa, em toda a parte!”

⁷³ A questão do melhoramento da raça será tratada no próximo capítulo.

⁷⁴ **Careta**, de 4-10-1919.

⁷⁵ João do Rio (1917b, p.35) faz uma descrição mais delicada das partidas em *Comemorações*: “A atmosfera eletriza, o jogo inebria, convulsiona. Há gritos, há exasperações, há entusiasmos, há uma tremenda agitação na turba densa. [...] Aplausos ruidosos, milhares de mãos batendo, milhares de vozes gritando, rebentam como descargas a um ou outro golpe de defesa dos *goals* [...]”

⁷⁶ **Careta**, de 1-1-1921.

Lima elenca ainda dois casos de violência no futebol. No primeiro, um jogador armado de revólver fere os adversários, em um jogo em Niterói: “Tomado de fúria sagrada em prol das cores da sua sociedade esportiva, a “Malta”, João feriu mais outras pessoas, com o seu heroico revólver.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.276) Ironiza também os bardos do futebol, adjetivando o revólver. Por fim, reproduz um caso ocorrido em São Paulo publicado pelo **Correio da Manhã**, no qual, após um jogo entre Palestra Itália e Paulistano, uma discussão entre dois torcedores, um barbeiro italiano e um operário brasileiro, terminou em navalhadas. Esse episódio exemplificaria o viés anarquista de Lima, já que o futebol, além de distrair as classes trabalhadoras, causaria dissensão em seu seio. “Penso bastarem as provas que aí ficam, para demonstrar à sociedade a prosperidade e as vantagens advinda à comunhão brasileira, com a introdução do *association* entre nós.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.277)

Partindo de um caso noticiado pelos jornais de briga entre dois professores da Escola Normal⁷⁷, Lima Barreto (2016, p.131) não deixa de atribuir a briga ao estado de violência instituído pela prática esportiva, com auxílio da imprensa: “Como se sabe, e os jornais buzina por aí, a atenção de todos que se interessam pelos destinos de nosso país deve ser encaminhada para a educação física da nossa mocidade.” Com apoio do governo federal, a “evolução” acontecia a olhos vistos - brigas e rolos, vaias e chufas ocasionadas pelo futebol. Seguindo o “espírito do tempo”, os professores da Escola Normal decidem instituir a prática da educação física:

Não há como elogiá-los por essa obra de civismo e patriotismo em que se empenharam desinteressadamente. Até bem pouco, a Escola Normal era célebre pelo culto que se prestava à Mnemósine; hoje, porém, o culto é a Hercules e outros semideuses e deuses forçados e brigões. (LIMA BARRETO, 2016, p.132)

As alunas passariam de ano sem saber a matéria, mas saberiam lutar à unha como qualquer malandro da Saúde, ironiza.

*Memórias da Guerra*⁷⁸ é publicada em 17 de abril de 1920. Lima Barreto escreve motivado pela publicação das memórias de generais alemães, sobre a recém-finda guerra, n’**O Paíz** e no **Correio da Manhã**. Esta guerra à alemã, nas suas palavras, seria caracterizada pelo amor aos regulamentos e, assim, acabaria por oprimir os verdadeiros grandes homens, os de iniciativa, cuja intelectualidade não se sujeitaria à tirania das normas (afinal, quem possui pendor para os regulamentos seriam os homens medíocres e as mulheres). Ligando duas

⁷⁷ *Escola Normal*, publicada na **Careta**, de 8-1-1921, sob o pseudônimo Jonathan.

⁷⁸ O veículo no qual a crônica foi publicada não foi identificado. De acordo com Beatriz Resende e Rachel Valença (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.173), é muito provável que tenha sido no **A.B.C.**, pois tal veículo fazia oposição ao belicismo, além de ser onde, mais frequentemente, Lima Barreto criticava o **Correio da Manhã**.

instituições disciplinares⁷⁹, a escola e o exército, o cronista demonstra que a guerra, para tais gerais, não seria a busca por glória ou por saques, mas sim uma oportunidade de demonstrar que tinham aprendido de forma exemplar os regulamentos e as práticas ensinados nas academias militares. Por fim, novamente reforçando a ligação entre práticas de guerra e futebol (e um futebol aos moldes defendidos pela elite da bola tupiniquim que, conforme mencionado anteriormente, veria nos regulamentos e nas ordenações do esporte uma condensação de cultura, modernidade e disciplina europeizante), acusa a barbárie regulamentada de oprimir o intelecto e revela suas simpatias políticas.

Houve um único homem que se lançou ousadamente pelo “Mar Tenebroso” em fora; e este foi Lenin. É este o grande homem do tempo, que preside, com toda audácia, uma grande transformação social da época, enquanto Joffre⁸⁰, o êmulo de Alexandre, César e Napoleão, vai presidir partidas de football...(LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.173)

Lima Barreto aproveita o espaço dedicado à resenha do livro de Albertina Berta⁸¹, *Estudos*, e novamente expõe sua visão que entrelaça o esporte à guerra e ao nacionalismo. Nesta resenha publicada na **Gazeta de Notícias** em 20-10-1920⁸², ele critica duramente o filósofo analisado no livro: Nietzsche. O escritor afirma com todas as letras que odeia Nietzsche, pois o alemão teria exaltado: a brutalidade, o cinismo, a amoralidade, a inumanidade; e teria defenestrado sentimentos de caridade e piedade. O modelo de civilização baseado na força seria consequência das ideias de Nietzsche. Assim, imputa ao filósofo e ao esporte a responsabilidade pela Grande Guerra. Novamente, recorre a Spencer em *Fatos e comentários* para demonstrar seu raciocínio:

Condenando-os, sobretudo o *football*, o grande filósofo [Spencer] dizia muito bem que todo o espetáculo violento há de sugerir imagens violentas que determinarão sentimentos violentos, dessecando a simpatia humana, enfraquecendo a solidariedade entre os homens. Nietzsche, catecismo da burguesia dirigente, combinando-se com uma massa habituada à luta ou a espetáculos de lutas, só podia dar em resultado essa guerra brutal, estúpida, cruel, de 1915, que continua ainda e não resolveu cousa alguma. (LIMA BARRETO, 2017, p.221)

⁷⁹ Foucault (2014b), especialmente a parte três.

⁸⁰ Referência ao Comandante-em-chefe francês Joseph Jacques Césaire Joffre (1852-1931), que comandou as tropas francesas durante a Primeira Guerra Mundial. Obteve vitórias críticas, como na primeira batalha do Marne. Tornou-se um herói nacional. Após a guerra, afastou-se do Exército. Foi aceito na Academia Francesa em 1918. Publicou um livro de memórias em 1928. Informações retiradas de: **Joseph-Jacques-Cesaire-Joffre**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Joseph-Jacques-Cesaire-Joffre>>. Acesso em: 1 out. 2017; **Joseph Jacques Cesaire Joffre**. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JophJCJo.html>>. Acesso em: 1 out. 2017.

⁸¹ Tanto João do Rio quanto Coelho Neto teceram loas à escritora.

⁸² Curiosamente, publica no mesmo veículo que criticou tão duramente em *Não valia a pena*, conforme demonstrado anteriormente.

Lima Barreto em *Uma conferência esportiva*⁸³ relata a reclamação dos jogadores uruguaios em relação ao comportamento dos torcedores brasileiros (vaias, xingamentos, logo, não condizentes com a postura dos *sportmen* e do *fair-play*) durante o sul-americano do ano anterior, disputado no Rio. O escritor ironiza, afirmando ser este mais um exemplo do futebol unindo os sul-americanos.

Esta ideia de união entre os países estava presente na fundação da Confederação Sul-Americana de Futebol, em 1916⁸⁴. No primeiro Congresso da Confederação, Juan Rocca, presidente da Associação Uruguaia de Futebol, enaltece a realização dos campeonatos entre as equipes do continente, exaltando o Campeonato Sul-Americano: “[...] organizado como exteriorização do sentimento de solidariedade do mundo esportivo da América. [...] esse poderoso veículo [o torneio de futebol] de sentimento de solidariedade internacional, que será fator eficiente de confraternidade americana[...].”⁸⁵ Pereira (2000, p.147-148) elenca mais depoimentos que indicam a aproximação dos países sul-americanos através de partidas de futebol. Em alguns casos, cronistas esportivos escreviam que, preferível à vitória, seria o respeito, a integridade e a fidalguia na conduta dos jogadores nacionais.

Neste mesmo ano de 1916, João do Rio (1917b, p.341) destacava o aspecto da união que o esporte traria na crônica *Foot-ball*:

Mas o *foot-ball* faz mais agora – é o formador da unidade americana. Tal como outrora os heróis de várias cidades corriam a um certo estádio e disputavam a vitória na aclamação da multidão de todas essas cidades, agora, nos campos de Paysandu, eu vejo reunidos e aclamados jovens de músculos de aço, argentinos e brasileiros, heróis do *shoot*, destros *goalkeepers*. Toda a cidade vibra, toda a cidade anseia, toda a cidade sabe-lhes os nomes e, quando eles passam, as palmas estralejam como se eles fossem os mais fortes que os diplomatas e mais hábeis que os guerreiros.

Coelho Neto (2007, p.236), assim como João do Rio, atribui um caráter agregador ao futebol. Ele publica *As tais embaixadas...* em 9-11-1922, no jornal **A Noite**, na qual retoma o ideal do *sportmen* e do *sport*:

Os campeonatos não são apenas demonstrações de agilidade e força, senão também, e principalmente, de cultura moral, de polidez, de boas maneiras.

⁸³ **Careta**, de 1-1-1921.

⁸⁴ A CONMEBOL foi a primeira das seis confederações continentais de futebol a ser criada. A título de comparação, a confederação europeia (UEFA) surgiu em 1954. Cabe observar, porém, que a FIFA existia desde 1904, formada exclusivamente por países europeus: França, Bélgica, Dinamarca, Países Baixos, Espanha, Suécia, Suíça.

⁸⁵ **Livro do Centenário**: o relato de uma epopeia de magnitude. Disponível em: <<http://www.conmebol.com/pt-br/20150830-1845/o-livro-do-centenario-relato-de-uma-epopeia-com-sublimes-casos-de-grandezas>>. Acesso em: 1 out. 2017.

Não basta vencer a muque, é necessário também conquistar pela educação, impor-se pela compostura, porque os povos prendem-se mais pelo espírito do que pelas garras de seus homens de força. [...] Energia não é sinônimo de brutalidade. Apolo vencida dragões e abatida lutadores e era, entretanto, o deus, entre todos, gracioso.

Mas no campeonato sul-americano de 1922, assim como o de 1921, tal como Lima relatou mais acima, houve violência, brigas, rolos. Coelho Neto atribui a violência à má seleção dos jogadores, pois, segundo ele, muitos deles nem como carregadores de malas poderiam integrar as “embaixadas”⁸⁶. O escritor maranhense continua a explanação sobre qual seria o verdadeiro espírito do esporte:

Ganhar em campo, à custa de violências, respondendo às manifestações de assistência com acenos como os que foram feitos da arena do Estádio para as arquibancadas, cheias de senhoras, poderá ser uma prova de força bruta e grosseira, demonstração esportiva isso é que não é. A mais bela vitória, a única que, em verdade, prevalece pela conquista da simpatia, é a da cortesia. (COELHO NETO, 2007, p.236)

Neste trecho é possível vislumbrar uma contradição em Coelho Neto. Como anteriormente, o escritor também ressalta a força, virilidade e masculinidade do futebol, ao traçar paralelos entre o jogo e imagens guerreiras da Antiguidade em *Às pressas*, mas no trecho acima desvaloriza a violência e destaca a cortesia. Esta aparente contradição também é ressaltada por Bourdieu (2003) ao observar que a elite ressalta a dimensão viril dos esportes, ao mesmo tempo em que prega o esporte como uma prática desinteressada, *blasé*, na qual seus praticantes (corpos das elites) não se devem deixar tragar pelo acirramento das disputas esportivas. O escritor maranhense exemplifica esta posição da elite, demonstrada por Bourdieu, na sequência da crônica:

Felizmente para os povos amigos, que foram aqui tão mal representados por arruaceiros depredadores, nós sabemos que tais embaixadores foram constituídos com pessoal... de uso externo, porque nos centros cultos das suas próprias pátrias nenhum deles jamais entrou nem tentará entrar pela certeza que tem de que não será recebido.

Não têm culpa os países do que fizeram os seus mandatários – a escolha da gente para tal representação é que foi malfeita: em vez de a tomarem na sociedade, apanharam-na na rua. (COELHO NETO, 2007, p. 236)

Coelho Neto ainda insiste na imagem do futebol conciliador, como instrumento para fazer uma política internacional amistosa. Por fim, acaba demonstrando sua face elitista,

⁸⁶ O uso que Coelho Neto faz da palavra embaixada, como sinônimo das seleções nacionais de futebol, evidencia seu posicionamento.

ao atribuir a violência nos jogos à origem social dos jogadores, pois se os elementos fossem escolhidos entre a elite, não haveria problema (justamente por terem incorporado o ideal do *sportmen*, da prática esportiva desinteressada, que funcionava como um evento de congregação das elites).

Pode-se observar que, ainda em 1922, o ideal do futebol como uma prática da elite persistia: moderno, por ser um jogo inglês que se disseminava em toda Europa, restrito, pois só corpos específicos poderiam ocupar os gramados e as arquibancadas, disciplinado, já que devia-se seguir regras e manter a postura de *gentleman*. Qualquer corpo estranho, esta “gente da rua”, nas palavras de Coelho Neto, acabaria com o futebol ideal e ordeiro, e por isso mesmo, excludente.

Em crônica publicada em 1919⁸⁷, Coelho Neto (1922, p.77) já defendia o caráter diplomático do futebol. Compara diplomacia ao contato entre árvores. Os diplomatas fazem os superficiais (como o contato entre folhas das árvores), e o esporte realiza os verdadeiros (continuando a metáfora, entre as raízes das árvores). Os torneios de futebol seriam festas agonísticas⁸⁸ e espaço antitético, onde os jogadores *marchariam*, ao som de *hinos*, para o *combate harmonioso*. Mesmo considerando o futebol um espaço para a aproximação, para o estabelecimento de laços fraternais entre as nações, Coelho Neto continua imerso no tópos guerreiro e nacionalista, e aparenta não distinguir esta evidente contradição, conforme Lima Barreto ressaltava.

A questão do esporte como ensaio da guerra é assunto recorrente nos jornais. Lima Barreto escreve *Educação física*⁸⁹ justamente para se contrapor ao artigo do dia 31 de março de 1921 sobre educação física, impresso em **O Jornal**. Este artigo reforçava que a educação física seria uma preparação para a guerra e, por esse motivo, os americanos e ingleses, povos adestrados fisicamente, foram os grandes responsáveis pela vitória da Entente na guerra recém-terminada, enquanto os franceses, tendo se descuidado deste aspecto, tiveram um rendimento pífio. Lima rebate afirmando que os generais franceses exerceram papel decisivo na vitória. Eles comandaram, da mesma forma, tanto ingleses e americanos quanto gurgas e senegaleses (Lima provavelmente faz essa referência para demonstrar seu despreço pela hierarquia das raças, ao equiparar negros e brancos) e que, para tal, foi preciso desenvolver o intelecto, e não o corpo. Assim, após desqualificar os argumentos do articulista, o escritor (2004, v.2, p.343)

⁸⁷ *O campeonato*, publicada em 15-5-1919, no jornal **A Noite**.

⁸⁸ As festas agonísticas consistiam em uma competição atlética, dramática ou musical, parte dos jogos públicos na Grécia e Roma Antigas. Informações retiradas de: HARVEY, P., comp. Ágon. In: _____. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p.20.

⁸⁹ **A.B.C.**, de 9-4-1921.

faz uma bela defesa dos seus princípios tanto de Humanidade quanto de Civilização, demonstrando por que se opõe ao culto ao esporte:

O mal do esporte está mesmo nisto [paralelo com guerra], como mostrou Spencer; e é por isso que o combate, de todos os modos e feitios. Não posso admitir nem conceber que o fim da civilização seja a guerra. Se assim fosse, ela não teria significação. O fim da civilização é a paz, a concórdia, a harmonia entre os homens; e é para isso que os grandes corações de sábios, de santos, de artistas têm trabalhado.

O mesmo assunto é tratado em *Uma lembrança*, publicada na **Careta** em 20-8-1921, sob o pseudônimo Jonathan. Lima comenta a respeito das disputas de boxe como demonstrativas do valor de uma nação (patriotismo-nacionalismo-esportes): ele narra o caso de um *boxer* francês que derrotou um inglês. Para os jornais, foi prova da superioridade da França sobre a Inglaterra. Por fim, o gaulês foi batido por um atleta estadunidense. Pela lógica dos cronistas esportivos, tal fato atestaria a superioridade dos EUA sobre seus pares europeu, observa Lima, justamente reforçando seu argumento que retira das práticas esportivas a autoridade de mensurar o valor do povo de um país.

Destarte, ficou comprovado que Lima Barreto acompanhou o desenvolvimento do futebol, identificando na prática esportiva um bovarismo da elite republicana. Esta elite, que advogava por um Brasil cosmopolita, moderno, aos moldes europeus, em um momento inicial tenta segregar integrantes das camadas populares do futebol, defendendo o amadorismo e criando clubes exclusivos. A ideologia nacionalista europeia, que forjou um elo entre a disciplina, a força, a guerra, a nacionalidade, era extravasada nos campos de futebol, a partir da elite republicana. Fica claro o alinhamento de Paulo Barreto e Coelho Neto com a elite, em defesa deste futebol elitizado e da ideologia excludente, baseada na força. Já Lima ocupou outro espaço, criticando e expondo a elite republicana a partir do futebol. E mais, criticou diretamente seus colegas jornalistas e literatos, máxime Coelho Neto, por impingirem ao esporte ares épicos e helênicos. Tais ligações com o mundo clássico europeu produziriam uma legitimidade (evocando uma tradição⁹⁰, que Lima Barreto reputa como sendo inventada) ao futebol, e traziam figuras e palavras rebuscadas aos textos esportivos, ação que o criador de Policarpo considera “démodé” (uma tradição parnasiana que não atendia à literatura que entendia adequada ao momento) e vazia.

A seguir, o trabalho vai demonstrar como o futebol foi se popularizando entre as classes mais baixas, que passaram a reclamar o espaço antes exclusivo dos clubes das elites. O

⁹⁰ A questão das tradições, como elas foram inventadas e como serviram para legitimar o nacionalismo europeu no século XIX, será tratada mais adiante nesta dissertação.

estudo exporá ainda como Lima Barreto vai denunciar e atacar o racismo e o ideal higienista que o futebol brasileiro do início do século XX exemplificava.

1.3 A Liga contra o Futebol

Uma nota da edição de 12-3-19 do **Rio-Jornal**⁹¹ anuncia a criação da Liga contra o Futebol. Seus integrantes eram Lima Barreto, o médico Mário de Lima Valverde, o jornalista Antonio Noronha dos Santos e o jornalista Coelho Cavalcanti.⁹² O mesmo jornal, no dia seguinte, publica a matéria: *A Liga contra o Futebol: um jogo de pés que concorre para a animosidade e malquerença entre os filhos de uma mesma nação*. A matéria consistia numa entrevista com Lima Barreto.⁹³ Nela, o escritor conta que estava conversando sobre esportes com o Mario Valverde numa confeitaria do Méier, e que este explicou-lhe os prejuízos advindos da prática imoderada dos esportes, especialmente o futebol. Daí teria surgido a ideia da Liga. De forma didática, seguem-se perguntas (que não buscam contrapor em nada o romancista) e respostas. Referindo-se ao período da sua internação no Hospital Central do Exército para tratar de uma clavícula quebrada por devido a um descontrole etílico, Lima explica que na ocasião lia todos os jornais que lhes caíam nas mãos, e diz:

- Verifiquei que havia uma irritação inconveniente entre os *players*.
- Você já sabe a técnica do futebol?
- Isso é técnica? *Player* está ali no Valdez.
- Vamos adiante...
- ... entre os *players*, amadores, torcedores, enfim, entre o público do *bola-pé* de lá e o daqui. Você sabe disso?
- Sei. (ROSSO, 2010, p.82)

Assim, Lima apresenta seu primeiro argumento – que o futebol, ao invés de unir as pessoas e regiões do Brasil, separava-as. O autor de Policarpo continua:

- [...]. Os grandes clubes daqui, aqueles que têm para cerimoniais o caucásico⁹⁴ Coelho Neto, são portadores de uma pretensão absurda, de classe, de raça, etc., você não pode negar isso!

⁹¹ O **Rio-Jornal** não está disponível on-line. As informações e as citações de suas edições foram retiradas de Rosso (2010, p.80-84).

⁹² “FOOT-BALLERS” alerta. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, n.71, p.7, 13 mar. 1919. Entre seus fundadores, foi acrescido o funcionário público Lício Barbosa. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_03&pasta=ano%20191&pesq=>. Acesso em: 13 out. 2017.

⁹³ Rosso (2010, p.80) afirma que Lima não foi entrevistado, mas que este seria um artigo produzido pelo próprio, no qual ele simulou uma entrevista. Nenhum dos outros organizadores e compiladores da obra de Lima Barreto (Francisco de Assis Barbosa; Beatriz Resende e Rachel Valença; Felipe Botelho Correa) aponta este artigo como sendo de sua autoria.

⁹⁴ Pode ser referência irônica ao fato de Coelho Neto ser considerado pardo por Lima. O morador de Todos os Santos, inclusive, chega a enviar uma carta a C. Bouglé, professor de Sociologia na Sorbonne, e ardoroso

- Não nego; é verdade.
- Está aí, uma grande desvantagem social do nosso futebol. Nos nossos dias, em que, para maior felicidade dos homens, todos os pensadores procuram apagar essas diferenças acidentais entre eles, no intuito de obter um mútuo e profundo entendimento entre as várias partes da humanidade, o jogo do pontapé propaga a sua separação e o governo subvenciona.
- Subvenciona?
- Sim. Parece que a Liga e tal Confederação estão inscritos no orçamento da despesa da República. (ROSSO, 2010, p.82-83)

Lima aponta os preconceitos raciais e sociais dos clubes de elite como mais um dos argumentos para sua oposição ao esporte. A entrevista continua na mesma toada. Antes de encerrar, o romancista indica que cuidará do combate ao futebol no campo político-social-administrativo, enquanto Valverde vai tratar dos assuntos relacionados à higiene, à saúde mental. Ele termina dizendo que a Liga contra o Futebol não vai permitir que se forme, a partir dos impostos de todos, uma “aristocracia que se baseia nas habilidades com os pés...”

O preconceito racial e social apontado por Lima encontra eco na já mencionada *A hora do foot-ball*. Nela, João do Rio descreve uma partida no campo de Flamengo:

O campo do Flamengo é enorme. Da arquibancada eu via o outro lado, o das gerais apinhado de gente, a gritar, a mover-se, a sacudir os chapéus. Essa gente subia para a esquerda, pedreira acima, enegrecendo a rocha viva. Embaixo a mesma massa compacta. E a arquibancada – o lugar dos patrícios no circo romano, era uma colossal formidável corbelha de beleza vivas, de meninas que pareciam querer atirar-se e gritavam o nome dos jogadores, de senhoras pálidas de entusiasmo, entre cavalheiros como tontos de perfume e também de entusiasmo. (RIO, 1917b, p.245-246)

Assim, os espaços sociais estavam bem definidos. O espaço dos brancos e finos, as arquibancadas e no campo de jogo. Os pobres e negros ocupavam as gerais, e os morros próximos aos estádios, enegrecendo-os.

As notícias da existência da Liga contra o Futebol causaram rebuliço e logo foram combatidas pelos defensores do futebol. Em artigo publicado no **O Paiz** de 14-3-1919, intitulado *Futebol: reparos*, assinado pelas iniciais E.B.S., o articulista afirma que vai contrapor-se aos argumentos da Liga – primeiramente, diz que lhes faltam conhecimento sobre

darwinista social, em francês, no ano de 1906, para “apontar certos juízos falsos com que o mundo civilizado envolve os homens de cor”, dando exemplos de intelectuais brasileiros mestiços: entre eles está Coelho Neto, incluso no rol dos grandes nomes da literatura brasileira com Machado de Assis e Olavo Bilac. (LIMA BARRETO, 1961c, v.1, p.157-158) Coelho Neto (2007, p.XLIII) foi filho de Ana Silvestre Coelho, que teria ascendência indígena. Para fins estatísticos, o IBGE reconhece cinco “cores ou raças”: amarelos, brancos, pardos, pretos e indígenas. As pessoas que tivessem ascendência índia e branca, como no caso de Coelho Neto, seriam classificadas, nos critérios do censo, como pardas. Informações retiradas de: **A cor e a raça nos censos nacionais**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/cor-e-raca-nos-censos-demograficos-nacionais>>. Acesso em: 18 maio 2018.

a educação física de maneira geral, em seguida, reafirma a crença no futebol altruísta e abnegado, cristalizado na forma dos clubes, como forma de melhorar a população⁹⁵:

Aqui [Distrito Federal], todos a aplaudem, todos a praticam, piamente crentes dos serviços ótimos que ela confere à mulher e ao físico de nossa mocidade. Aqui, uma associação benemérita, como o Fluminense, arroja-se aos mais gigantescos esforços para levantar, no conceito geral a tradição e honra do futebol e mais esportes. Aqui, uma profusão de clubes esportivos, cada qual mais oneroso e próspero, cada qual mais abnegado e heroico, labuta pelo engrandecimento do esporte, com a tenacidade, com o orgulho e com a honradez dos que se batem, convicta, em prol dos mais nobres ideais humanos [...]. (1919 apud ROSSO, 2010, p.85)

E.B.S diz que tal esforço dos opositores do futebol deveria concentrar-se em evitar que ele seja praticado em logradouros públicos e terrenos baldios, desvirtuando-o, tornando mero passatempo de “desocupados e vadios”, ou seja, deve-se manter o futebol “puro”, praticado pelo *sportmen*, seguindo um código de conduta elitista, pois só assim haveria os benefícios para a mocidade⁹⁶. Por fim, arremata, o futebol é uma verdade universal.

Lima e sua Liga continuaram a ser atacados em **O Paiz**. Em uma coluna humorística, de 15-3-1919, afirmava-se que: “a Liga maximalista vai acabar com o futebol no Rio”. De acordo com Pereira (2000, p.285, nota 55), esta seria uma referência direta a Lima Barreto e suas preferências políticas.

N’**O Imparcial** de 14-3-1919, em *Foot-ball*, o redator vê os críticos do futebol como um “grupo de leigos”, “contrários ao desenvolvimento físico da mocidade brasileira” e “favoráveis às farras noturnas, onde o álcool é abusado de maneira lamentável.” (PEREIRA, 2000, p.218) Tais argumentos, além de possivelmente referirem-se às bebedeiras de Lima Barreto, também fazem alusão ao melhoramento físico.

Já na **Gazeta Suburbana**⁹⁷ de 12 de abril de 1919, em *As campanhas contra o foot-ball*, a oposição ao futebol seria coisa de homens cujo único esporte seria “o brincar com bonecas até os vinte anos.” (PEREIRA, 2000, p.218). Conforme mencionado acima por Bourdieu, foi utilizada a tática da burguesia de contrapor seus valores com aqueles de outras classes, traçando a oposição entre feminino e masculino.⁹⁸

⁹⁵ A ligação entre prática esportiva e o aprimoramento físico nacional, ideia advinda de racismos, e higienismo, será discutida ainda nesta dissertação.

⁹⁶ Ou, de outra maneira, só a mocidade elegante, a corporificação da nação desejada pelas elites, merecia ter seu físico melhorado.

⁹⁷ AS CAMPANHAS contra o foot-ball. **Gazeta Suburbana**, Rio de Janeiro, ano 9, n.487, p.4, 12 abr. 1919. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830364&pasta=ano%20191&pesq=>>. Acesso em: 13 out. 2017.

⁹⁸ Rosenfeld (1993, p.81) também aponta o futebol como modelo de virilidade para a elite carioca: “O futebol tornou-se símbolo da virilidade flexível de uma juventude formada por uma cultura patriarcal em que a vigorosa

Apesar da repercussão que ganhou nos jornais, a Liga contra o Futebol duraria poucos meses, tendo acabado por falta de dinheiro⁹⁹. Rosso (2010, p.80) observa que “muitos” sustentavam que a Liga só tinha existido nas notícias de jornal.

1.4 A disseminação do futebol entre as classes populares

Em *O club e os bairros*, João do Rio relata um encontro com o jornalista Tobias Barreto no Jockey Club. Os dois conversam sobre a elegância do *club*, dos chás dançantes, de como o Jockey promovia o encontro da elite carioca.

Tobias Barreto observa que clubes grandes como os que existiam na Europa nunca existiriam no Rio devido às grandes distâncias: “Porque o Rio é cidade das grandes distâncias e são essas distâncias os fatores da sociabilidade de bairro a que somos mais ou menos forçados. Para o carioca, há o centro da cidade, a *city* para as horas de trabalho e o seu bairro, a sua cidade.”(RIO, 1917b, p.55)

Assim, devido à distância, gente do Botafogo só se daria com gente do Botafogo, suburbano só lidaria com gente do subúrbio, inviabilizando um grande *club* central de frequência diária.

E, como a necessidade do *club* é um fato, em vez do grande *club* a que é impossível vir depois do jantar, os bairros desenvolvem a autonomia e criam os centros de reunião, os *clubs* dos bairros, de que são exemplos o *Club S. Cristovão*¹⁰⁰, o Copacabana *Club*...

Chegamos a tal ponto de personalização e de isolamento autônomo, que não há bairro sem *club*, e creio agora que sem jornal também. (RIO, 1917b, p.56-57)

potência viril e a elegância verbal literário-retórica contavam entre os valores mais altos [...] os jogadores podiam, então, com uma espécie de retórica física, incomparavelmente mais eficaz que a verbal, explorar sua masculinidade.”

⁹⁹ Como Lima Barreto (2004, v.2, p.516) admite em *Como resposta*, na *Careta* de 8-4-1922.

¹⁰⁰ O clube São Cristovão foi campeão carioca em 1926, e vice em 1934. Em 1948, o clube assume o nome que mantém até hoje, Clube São Cristovão de Futebol e Regatas. O time de futebol está ativo hoje, disputando a série B2 do campeonato carioca. Foi o clube que revelou Ronaldo “Fenômeno”. Informações retiradas de: **São Cristóvão**. Disponível em: < <http://futpedia.globo.com/sao-cristovao>>. Acesso em: 15 maio 2018.; **FERJ-campeonatos**. Disponível em: <<http://www.ferj.com.br/Campeonatos?alias=82>>. Acesso em: 15 maio 2018. A respeito da definição de quais bairros se encaixariam na denominação de subúrbio: “Definições à parte, este formidável livro de Nelson da Nóbrega Fernandes, derivado de sua dissertação de mestrado em Geografia pela UFRJ, faz um apanhado histórico dos antigos subúrbios cariocas, a partir do ano de 1858, para entendermos como se deu esse raptó ideológico. Até então, nos mapas oficiais da cidade e nas próprias documentações consultadas, subúrbio poderia ser tanto o Méier, Madureira e Inhaúma como Copacabana, Ipanema ou Gávea, por exemplo. Ou seja, eram regiões adjacentes à zona central (incluindo bairros urbanizados no entorno do Centro, como São Cristóvão, Botafogo e Tijuca) e, portanto, suburbanas.” Informações retiradas de: BASTOS, Pedro Paulo. **Subúrbio**: um conceito que se ‘carioquizou’. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/blog/as-ruas-do-rio/suburbio-um-conceito-que-se-8220-carioquizou-8221/>>. Acesso em: 15 maio 2018.

Esta crônica de 1916 ressalta a proliferação dos clubes, e, conseqüentemente, do futebol, por todas as regiões do Rio de Janeiro.

Deve-se destacar o surgimento do *The Bangu Athletic Club*¹⁰¹ em 1904, em Bangu, subúrbio carioca. Este bairro era sede de uma grande fábrica de tecidos que buscou na Inglaterra seu corpo técnico. Os funcionários ingleses criaram o clube com a anuência da diretoria, e ganharam dela um campo nas cercanias da fábrica. Inicialmente só os bretões disputavam as partidas. Mas com a dificuldade de formar equipes fechadas somente com seus patrícios, pois muitos residiam nas áreas centrais da Capital Federal e consideravam o subúrbio longe¹⁰², e também incentivados pela diretoria da fábrica, passaram a aceitar operários brasileiros em seus times. Lopes (2004, p.131) sublinha a intenção por trás de tais “benevolências”:

Se de início o futebol é introduzido por iniciativa dos ingleses para o seu deleite e sociabilidade, logo a empresa percebe – atualizada que era com a prática internacional de outras empresas na Europa que promoviam o futebol como estímulo aos trabalhadores, aumentando seu sentido de pertencimento a uma comunidade de empresa – que aquele esporte se encaixa bem nas atividades e o emprego do tempo de uma vila operária de fábrica.

Além disso, “cada vez mais fábricas e empresas diversas promoviam o futebol como forma de lazer e integração entre empregados e operários” (LOPES, 2004, p.130), dando origem a outros clubes de fábrica aos moldes do Bangu, como: Andaraí Athletico Club¹⁰³, Carioca Futebol Clube¹⁰⁴, Mavílis Football Clube.¹⁰⁵

Voltando à já mencionada *Não valia a pena*, Lima reproduz trecho de reportagem de **O Correio da Manhã** sobre três jogadores que foram suspensos pela diretoria da Liga Metropolitana por envolvimento com anarquismo. (Vale observar os tons horríveis com os quais são pintadas as simpatias destes jogadores ao movimento).

¹⁰¹ As informações deste parágrafo foram retiradas de: Rosenfeld (1993, p.82); Pereira (2000, p.32-33); Lopes (2004, p.131).

¹⁰² Como a crônica acima de João do Rio exemplifica.

¹⁰³ Ligado à Fábrica Cruzeiro de tecidos. Cf. Santos Junior (2013).

¹⁰⁴ Ligado à Fábrica de Tecidos Carioca. Cf. **Fábrica de tecidos Carioca**. Disponível em: <http://www.museudohorto.org.br/F%C3%A1brica_de_Tecidos_Carioca?id=1097>. Acesso em: 13 out. 2017.

¹⁰⁵ O nome vem de **Manuel Vicente Lisboa**, um dos diretores da Cia. América Fabril. Cf. **Equipes**. Disponível em: <<https://futebolnacional.com.br/infobol/teamdetails.jsp?code=DA19D288858D8628C6C3D030D5A8974A>>. Acesso em: 13 out. 2017.

Lima nunca escondeu sua afinidade pelo movimento anarquista e fez sua a luta das lideranças sindicais cariocas¹⁰⁶ (à época, boa parte destas eram anarquistas) contra o futebol. Muitos desses líderes consideravam o operariado carioca passivo, inerte, dominado¹⁰⁷.

A maneira de trazer esse operariado à consciência seria a participação efetiva nos sindicatos. Assim, todas as práticas de lazer que afastassem os trabalhadores das centrais sindicais eram combatidas, como a dança, o carnaval e o futebol. De acordo com Pereira (2000, p.258), os anarquistas pareciam buscar a construção do processo identitário do operariado apenas através do trabalho.¹⁰⁸ A prática do futebol seria um meio de continuar a dominação. Os patrões justamente incentivariam esse esporte, patrocinando os times das fábricas e organizando torneios, de forma a esvaziar os encontros sindicais. Pereira (2000, p.255) e Resende (2016, p.143) ressaltam que um dos pontos centrais da oposição de Lima Barreto ao futebol - apesar de não tão importante quanto a questão racial - se originaria de sua concordância com os líderes anarquistas, identificando no futebol uma maneira de distrair os trabalhadores das matérias realmente importantes.¹⁰⁹

Esta é uma interpretação consagrada a respeito da implantação do futebol no Brasil, que vê a proliferação do esporte bretão como um projeto da burguesia industrial, objetivando pacificar e disciplinar o operariado brasileiro. Lopes (2004, p.131) segue esta linha interpretativa:

[...] a adoção do futebol como técnica pedagógica e disciplinar de “instituição total”, inventada nos internatos das escolas de elite inglesas, mas aplicável à disciplinarização dos jovens das classes populares por diversas instituições de enquadramento moral e simbólico dessas classes. Assim, não somente as escolas (voltadas para as elites em um país de baixa escolarização da população), mas principalmente as empresas fazem a difusão da prática e do acesso mais direto ao futebol entre as classes populares.

¹⁰⁶ Conforme apresentam Pereira (2000, p.255-261); Resende (2016, p.143-146).

¹⁰⁷ Na crônica *O seu a seu dono*, Coelho Neto (2007) escreve não ser admissível que digam que somos um povo fraco, sem iniciativa, sem dedicação ao trabalho, etc.

¹⁰⁸ Esta afirmação de Leonardo Affonso Pereira é problemática, pois, conforme observa Hardman (1983, p.31-35), muitas associações de lazer teriam surgido sob a influência do anarco-sindicalismo desde o final do século XIX, como, por exemplo, o salão da Sociedade Beneficência Guglielmo Oberdan (1889). Os salões, além de servirem para fins de propaganda, abrigavam espetáculos teatrais e bailes.

¹⁰⁹ Futuramente, a estratégia das lideranças anarquistas mudará, passando a incorporar o futebol como uma maneira de se aproximar dos trabalhadores (PEREIRA, 2000, p.275). Hardman (1983, p.39-45) aponta o surgimento dos festivais-espetáculos que “[...] converte a festa de propaganda (onde o aspecto doutrinário educativo ressaltava mais) em uma aparatosa gama de diversões populares e massivas, onde o aspecto lúdico do entretenimento é o principal.” Tais práticas também estariam ancoradas nas ideias de Lafargue, que via nos momentos de ócio, de preguiça, de diversões como momentos de liberdade para o operário (mais detalhes sobre Lafargue, em Hardman (2002, p.217-232), no capítulo *Lazer operário: duas visões*).

É sintoma da proliferação do futebol entre as classes populares a presença de Carlos Alberto, *mulato*¹¹⁰, no time do Fluminense (o clube da fina flor), em 1914. Trata-se do insólito caso no qual o jogador em questão, antes de entrar no campo, era maquiado com pó-de-arroz pelos companheiros de time. No decorrer da partida, com o suor, a máscara se diluía e o grito de “pó-de-arroz” ecoava pelas arquibancadas – já que na época era necessário ser branco para jogar os campeonatos oficiais –. As palavras de Santos (1981, p.17) resumem o sentimento: “Quem era pobre e varzeano, como Carlos Alberto, tratava de virar branco e elegante.”

Em *Ser snob*, João do Rio reforça a ligação entre as classes altas cariocas, o futebol e outros esportes. O tom da crônica é de deboche. Nela, o autor reclama que todos queriam ser *chics* e fazer parte da sociedade. Elenca, inclusive, itens que os pretendentes à sociedade deveriam seguir: “Ir a todos os *five-o-clocks* e citar depressa todos os nomes na ponta da língua das senhoras que dão recepções. Jogar *bridge* com as damas, o *poker* com os homens e falar seriamente dos *law-tennis*, do *polo* e do *foot-ball*.” (RIO, 1917b, p.203) Paulo Barreto conclui de forma ríspida, afirmando que, para fazer parte da sociedade, as pessoas teriam que ter algo a mais (ou seja, já não adiantava participar de atividades tidas como práticas de elite, como o futebol e outros esportes). Ele chega, inclusive, a traçar de modo grosseiro uma barreira racial: “[a falta das qualidades para pertencer aos altos círculos] enfuria todos os palermas negroides e jornalitiquinhos do vasto Rio!” (RIO, 1917b, p.205)

Os conflitos relacionados à “raça” do jogador de futebol brasileiro também são abordados na recepção do nosso time no exterior. Com efeito, em *Macaquitos*¹¹¹, Lima Barreto se diz espantando com a comoção social (ao menos na imprensa e entre os altos círculos sociais) que um jornal de Buenos Aires causou ao pintar os integrantes da seleção brasileira¹¹² de macacos. Lima Barreto faz uma defesa do macaco, comparando-o com outros animais nacionais (o galo na França, a águia na Áustria, e o urso na Rússia): nenhum destes nem se aproximaria dos macacos, nossos parentes, na escala evolutiva. Conclui: “Não vejo motivos de zanga, nesta história dos argentinos chamar-nos de macacos, tanto mais que, nas nossas histórias populares¹¹³, nós demonstramos muita simpatia por esse endiabrado animal.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.224).

¹¹⁰ O trabalho optou por utilizar-se do termo *mulato* em itálico de forma a refletir as mudanças ocorridas na sociedade brasileira nos últimos anos, destacando seu caráter pejorativo. Em muitas ocasiões esta dissertação manterá o uso deste termo, especialmente quando sua manutenção for essencial para a clareza da exposição (como quando se analisará a oposição de Lima Barreto à construção da figura da *mulata* no capítulo 4).

¹¹¹ **Careta**, de 23-10-1920.

¹¹² Mais um exemplo de como os esportistas eram transformados em símbolos da nação, tema que será tratado mais adiante.

¹¹³ Lima compila muitas histórias populares que envolvem animais, com destaque para aquelas nas quais o macaco figura, reunidas sob o título de “Mágoas e sonhos do povo” e publicadas no volume VIII das *Obras Completas* da

Tal reação “conciliadora” de Lima pode parecer estranha, tendo em vista sua ferina pena. Para compreender a posição dele é pertinente lembrar que fato similar já tinha acontecido cinco anos antes, quando jornais argentinos publicaram charges retratando os brasileiros como macacos. Foi a mesma comoção nos jornais e nos círculos governamentais. Em resposta a tal acontecimento, Lima publica *Um conselho*¹¹⁴ no **Correio da Noite**, em 29-1-1915. Ele resume sua opinião sobre a situação: “Se lá aparecem desenhos em que o Brasil figure com pretos, os sábios cá de casa vociferam que aqui não há pretos.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.171). Ou seja, a intenção nunca foi de revolta contra tal estereótipo racista dirigido aos negros, mas sim de querer negar a presença de população de origem africana no país.

Lima também desenvolve a ideia da simpatia do povo com o macaco na crônica *Recordações da Gazeta Literária*¹¹⁵, primeiro destacando a importância de se conhecer o folclore nacional: “[...] que messe de fábulas e narrativas, algo originais e denunciadores do nosso gênio, dos nossos defeitos e qualidades morais [...]”, já que tais fábulas “sondavam a alma e a inteligência do povo”. (LIMA BARRETO, 1961b, p.243-244).

Conforme a crônica se desenrola, o escritor (1961b, p.245-246) reafirma que há negros sim no Brasil, tentando se apropriar e ressignificar o racismo inerente à comparação entre negros e macacos:

Apesar das manhas, planos e esperteza do macaco, os contos populares lhe emprestam também uma generosidade e alguma graça e uma filosofia de matuto ‘tinguijador’¹¹⁶. Há mesmo em todas elas, ao que me parece, uma grande simpatia por ele. Se o nosso povo não o fez o seu ‘totem’, de alguma forma o faz seu herói epônimo.

editora Brasiliense. Destaco a crônica *Histórias de macaco*, publicada no jornal **Hoje**, 16-4-1919, na qual o escritor reproduz duas fábulas: *História do macaco que arranhou viola* e *O macaco e a onça*. Curiosamente, ele inicia comparando o macaco brasileiro com os grandes primatas (gorilas, orangotangos, gibões). Estes símios, asiáticos e africanos, passam a impressão de ferocidade e bestialidade, enquanto o macaco brasileiro transmite: “[...] astúcia e malignidade curiosa, quando não de esperteza e malandragem.” (LIMA BARRETO, 1961b, p.252)

¹¹⁴ Existem indícios que podem concatenar o episódio da década de 1910 com o futebol. A recém-formada seleção brasileira de futebol, cujo primeiro jogo foi em 21-7-1914, excursionou em setembro do mesmo ano para a Argentina disputar a primeira Copa Rocca. O grande destaque da seleção nacional era Friedenreich, jogador do Ypiranga de São Paulo, e filho de um imigrante alemão e uma lavadeira negra. Em outras palavras, ele não possuía o fenótipo desejado pelas elites brasileiras. Outro ponto, também, é que esta é a expressão que Lima, possivelmente, usa para se referir aos jogadores “sucessos nacionais”. Este trato irônico dos jogadores-heróis seria uma constante de sua campanha contra o futebol. As informações acima foram retiradas de: **Seleção Brasileira 1914-1922**. Disponível em: < <https://www.rsssfbrasil.com/sel/brazil191422.htm>>. Acesso em: 5 out. 2017; SENECHAL, A. **Os dez maiores confrontos entre Brasil e Argentina**. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/esporte/os-maiores-confrontos-entre-brasil-e-argentina/>>. Acesso em: 5 out. 2017; **Friedenreich**. Disponível em: < <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/friedenreich-654>>. Acesso em: 5 out. 2017.

¹¹⁵ **Hoje**, de 20-3-1919.

¹¹⁶ “1. Envenenar (a água) com tinguí ou timbó (para pescar). [td.] 2. Ser envenenado por tinguí ou timbó. [int.] [F.: Do tupi *tinguí'yara*.]”. Cf. Tinguíjar. In: **Aulete digital**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/tinguijar>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

Os estrangeiros, talvez, tenham alguma razão quando nos chamam de *macaquitos* ou *little monkeys* [...].

Logo, ele atribui características positivas ao estereótipo, como a generosidade e graça dos símios, dando a entender que o povo brasileiro não leria a ligação entre negro-macaco ou macaco-povo brasileiro, pela chave de um evolucionismo racista raso, mas sim pelas qualidades que atribuíam a estes animais.

Em épocas de racismo amparado pela ciência, a presença de elementos populacionais considerados degenerados, e inferiores, é entendida como causa de fracasso do país como nação. Em oposição a esta compreensão, Lima Barreto insiste em atacar a negação, por parte das elites, da participação do negro na sociedade brasileira. Com efeito, em 1920¹¹⁷, o criador de Policarpo resgata a crônica de um amigo dos tempos do Café Papagaio, Rafael Pinheiro, publicada em 1905¹¹⁸. O assunto é uma visita de Puccini ao Rio, que se impressionara com o número de negros na cidade. Ele transcreve trechos de seu colega: “De fato, uma fatalidade reuniu na Rua dos Voluntários, de todas as idades, de todos os feitios, uma centena de negros, proporção esmagadora para os brancos que por ali transitavam. Negros vinham conosco no bonde, negros vira ele no cais [...] Um mal-estar nos entristecia [...]” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.265)

Puccini teria feito um gracejo com uma negra que passava vestida toda de azul celeste, perguntando se ela não seria a verdadeira Aida¹¹⁹. Todos riram. “E nós também... rimos, um tanto dolorosamente.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.265)

Lima Barreto critica o colega, por rir dolorosamente, por querer esconder os negros, apagando as passagens do passado nacional que julga inconvenientes: “Esses sestros e outros mais idiotas ainda, é que devemos combater, abandoná-los, e aceitar; com toda a coragem e decisão, sem falsas vergonhas que levam à mentira cínica, a nossa terra e a nossa história como de fato elas são e o tempo, os homens e a natureza fizeram.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.266)

O escritor suburbano questiona este posicionamento da elite brasileira: feita a abolição e proclamada a república, que simbolizariam o progresso e a modernização do Brasil,

¹¹⁷ *Sestros brasileiros*, publicada no **A.B.C.** em 1920. As organizadoras Beatriz Resende e Rachel Valença (LIMA BARRETO, 2004, v.2) apresentam apenas o ano da publicação.

¹¹⁸ Mais precisamente na revista **Figuras e Figurões**, de 2-8-1905.

¹¹⁹ Aida é a personagem principal da ópera de mesmo nome, escrita por Antonio Ghislanzoni e a música ficou a cargo de Giuseppe Verdi. Ela é filha de Amonasro, rei da Etiópia, mas é escrava no Egito, servindo Amneris, a filha do faraó. Em meio ao conflito entre Egito e Etiópia, há um triângulo amoroso, que tem seu outro vértice em Radames, o chefe dos guardas reais. Informações retiradas de : **VERDI 200**. Disponível em: <<http://www.giuseppeverdi.it/it/works/characters/aida/>> . Acesso em: 17 jul. 2018.

agora não deveria mais existir negros no país? O ideal por trás do Hino da Proclamação da República é novamente escancarado. Afinal, eram tempos do racismo científico, da hierarquia das raças, do ideal de segregar povos diferentes – para evitar a degeneração dos tipos humanos “superiores”. A elite brasileira tentava solucionar, então, um quebra-cabeça que ela própria criara: como modernizar o Brasil, e torná-lo um país à europeia, se havia um grande contingente populacional de ascendência africana, que segundo esta mesma elite, seria racialmente inferior, impedindo o progresso brasileiro? No capítulo seguinte, veremos as diferentes estratégias utilizadas por Lima Barreto para combater o racismo da época. O escritor trava a batalha em várias arenas, partindo de discussões científicas da origem da humanidade, passando pela teoria da hierarquia das raças, sem deixar de marcar o desenvolvimento do futebol no Brasil como campo privilegiado para o desenrolar deste conflito.

Capítulo 2 Lima Barreto versus teorias racistas: da ciência ao futebol

2.1 As teorias

A ideia de degeneração foi introduzida pelo holandês Cornelius de Pauw¹²⁰, a partir da noção de hierarquia biológica defendida por Buffon¹²¹. Desse modo, a partir de Pauw a degeneração passa a descrever um desvio patológico da espécie original. (SCHWARCZ, 2017a, p.62) Logo depois, no início do século XIX, o termo *raça* passa a ser utilizado, inicialmente por Georges Cuvier¹²², defendendo a ideia da existência da transmissão de traços físicos permanentes entre os vários grupos humanos. (SCHWARCZ, 2017a, p.63)

No final do século XIX, após a publicação de *A Origem das Espécies* de Charles Darwin, um grupo de cientistas e pensadores formulam a “teoria das raças”, também conhecida como “darwinismo social”. Nela, as “raças constituiriam fenômenos finais, resultados imutáveis, sendo todo cruzamento, por princípio, entendido como erro.” (SCHWARCZ, 2017a, p.78) Consequentemente, passam a defender a superioridade dos “tipos puros”, e a mestiçagem, ou cruzamento entre raças diferentes, resultava, invariavelmente, em degeneração, tanto racial quanto social¹²³.

Deve-se lembrar que, à época, havia um debate entre duas teorias sobre a origem do homem: a poligenista e a monogenista. A poligenista defendia que a espécie humana não tinha um ancestral comum, que cada “tipo racial” provinha de um ancestral diferente. Logo, as raças indicariam também espécies diferentes, e a miscigenação, neste caso, produziria um tipo inferior, como exemplificado no caso do cruzamento entre cavalos e asnos, que gera mulas e burros, animais estéreis. Os monogenistas defendiam que toda a humanidade tinha um ancestral comum (muitos neste grupo ainda pensavam em termos religiosos, na ancestralidade advinda

¹²⁰ Cornelius de Pauw (1739-1799), clérigo holandês, publica sua obra mais famosa *Les Recherches Philosophiques sur les Américain*, em 1769, recebida com entusiasmo na Europa. É convidado por iluministas franceses a contribuir para a Enciclopédia. Em dois períodos integrou a corte do “déspota esclarecido” Frederico II da Prússia. Informações retiradas de: PIEL, Helen. Cornelius de Pauw and degenerate Americans. In: **MaRBL** **Research Papers**, v.6, p.73-93. 2014. Disponível em: <<http://openjournals.maastrichtuniversity.nl/Marble/article/viewFile/219/166>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

¹²¹ **Georges Louis Leclerc**, conde de Buffon (1707-1788), naturalista francês, publica sua obra mais famosa *Histoire naturelle, générale et particulière* entre 1749–1804. Membro da Royal Academy, e da Academia Francesa. Traduziu algumas obras do inglês, com destaque para Fluxions, de Newton. Informações retiradas de: **Georges-Louis Leclerc**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Georges-Louis-Leclerc-comte-de-Buffon>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

¹²² Georges Léopold Chrétien Frédéric Dagobert, Barão de Cuvier (1769-1832), político e zoólogo francês, reputado por firmar como ciências a anatomia comparada e a paleontologia. Informações retiradas de: **Georges Cuvier**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Georges-Cuvier>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

¹²³ Deve-se lembrar que apesar de superiores aos mestiços, todos os outros “tipos puros” seriam inferiores ao branco.

de Adão e Eva), ou seja, todos os tipos raciais fariam parte de uma só espécie, a humana. Isso não quer dizer que os monogenistas não acreditavam que diferenças raciais tenham se desenvolvido posteriormente. (SCHWARCZ, 2017a, p.63-75)

Lima Barreto acompanhava de perto este debate, conforme deixa claro em *A origem do homem*¹²⁴. O escritor carioca ataca as conclusões do cientista amador britânico Charles Tout Hill¹²⁵, que defendia que os seres humanos não teriam a mesma origem. Ou seja, não tinham ancestrais em comum. No fechamento da crônica, ele afirma que as ideias poligenistas motivam o massacre de negros nos Estados Unidos. Aliás, a obra em crônica de Lima Barreto é marcada por um feroz sentimento de antiamericanismo cujo principal motivo é o racismo existente nesse país. O que mais choca o autor brasileiro são as recorrentes notícias de linchamentos e massacres de negros nos Estados Unidos.

A eugenia¹²⁶ surge nos anos 1880 como um movimento científico e social que consistiria em uma prática mais “avançada” do darwinismo social, com a meta de intervir na reprodução das populações. Formulada pelo cientista britânico Francis Galton¹²⁷, objetivava a produção de “nascimentos desejáveis e controlados”, atuando no campo social, encorajando uniões entre certos grupos e desencorajando outras consideradas nocivas à sociedade. Este controle visando o “aprimoramento” da raça humana, na verdade, advogava pela preservação da suposta “pureza” de determinados grupos. (STEPAN, 2005, p.9)

Naturalmente, a “degeneração da raça” seria resultado de uma mistura de “espécies humanas diferentes” que, de acordo com o conde Gobineau¹²⁸, acarretaria em nações e raças

¹²⁴ Careta, de 25-6-1921.

¹²⁵ Charles Tout Hill, afinal, conseguiu bastante respaldo da comunidade científica, apesar de não estar vinculado a nenhuma universidade, já que foi presidente da seção de Antropologia da The Royal Society of Canada e foi um “fellow” da Royal Anthropological Institute of Britain. Informações retiradas de: **Charles-Hill-Tout**. Disponível em: <<http://talonbooks.com/authors/charles-hill-tout>>. Acesso em: 9 dez. 2016.

¹²⁶ De acordo com Stepan (2005, p.9) a palavra foi inventada por Francis Galton em 1883, a partir do grego *eugen-*, “bem nascido”.

¹²⁷ Francis Galton (1822-1911), cientista e eugenista inglês, primo de Charles Darwin. Membro da Royal Academy. Publica *Hereditary Genius* em 1869. Por sua vontade, é instituída a cátedra de Eugenia na Universidade de Londres. Informações retiradas de: **Sir Francis Galton** Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Francis-Galton>> . Acesso em: 17 jul. 2018.

¹²⁸ Arthur de Gobineau (1816-1882), diplomata, escritor e etnologista francês. Sua obra mais famosa é *Essai sur l'inégalité des races humaines* em 4 volumes (1853–1855). Exerceu uma enorme influência na Europa e nos Estados Unidos com seu determinismo racial. Conforme descreve Skidmore (1976, p. 46-47), Gobineau foi transferido como ministro para o Rio, em 1869. O diplomata teria detestado o país devido à miscigenação (“Todo mundo é feio aqui, mas incrivelmente feio: como macacos”) e ao pavor de contrair febre amarela. Buscava encontrar justificativa para suas teorias racistas, desprezando todos os brasileiros devido à miscigenação. A população brasileira estaria fadada à extinção devido à degenerescência genética. A única solução seria a introdução das mais altas raças europeias. De temperamento explosivo, teria tido muitos desentendimentos com autoridades da época, até ser removido do cargo em 1870, a pedido do Imperador (o único brasileiro que admirava). Informações retiradas de: **Arthur de Gobineau**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Arthur-de-Gobineau>> . Acesso em: 17 jul. 2018.

(no final do século XIX, muitos autores passam a usar o conceito de nação como sinônimo de raça) que não conseguiriam alcançar o progresso. Algumas sociedades seriam “compostas por sub-raças mestiças não civilizáveis”. (SCHWARCZ, 2017a, p.83)

Foucault (2014a) ressalta que na passagem para o século XIX, a questão da hereditariedade é colocada sob o prisma da “responsabilidade biológica” para com a espécie humana – além de o sexo já ser afetado por doenças específicas, caso ele, sexo, e, conseqüentemente, a reprodução, não fosse controlado, podia-se transmitir ou mesmo criar-se doenças para as gerações futuras. Disto resulta o projeto político-médico de organizar e administrar o sexo e a fecundidade. O filósofo francês ressalta que duas grandes novidades da segunda metade do XIX incorporadas à tecnologia¹²⁹ do sexo – medicina das perversões e programas de eugenia - foram possíveis com a gestação da teoria da degenerescência: “[...] ela explicava de que maneira uma hereditariedade carregada de doenças diversas – orgânicas, funcionais ou psíquicas [...] induzia um esgotamento da descendência – raquitismo dos filhos, esterilidade das gerações futuras.” (FOUCAULT, 2014a, p.128-129.)

Tais tecnologias foram amplamente divulgadas por todo o corpo social através da psiquiatria, da jurisprudência, da medicina legal, das instâncias de controle social (famílias, casamentos, etc.). Foucault (2014a, p.162) assinala ser este o momento em que o racismo moderno e de Estado emerge:

O racismo se forma neste ponto (racismo em sua forma moderna, estatal, biologizante): toda uma política do povoamento, da família, do casamento, da educação, da hierarquização social, da propriedade, e uma longa série de intervenções permanentes no nível do corpo, das condutas, da saúde, da vida cotidiana, receberam então a cor e justificação mítica de proteger a pureza do sangue e fazer triunfar a raça.

No Brasil, a primeira referência realizada pelos médicos do país à eugenia foi feita justamente no ano da Greve Geral, em 1917, de acordo com a historiadora Nancy Stepan (2005, p.48). Estes profissionais médicos identificavam na eugenia um caminho “suprapolítico capaz de aliviar as tensões sociais existentes no seio de uma população urbana em vertiginoso crescimento.” Se a elite brasileira já identificava tradicionalmente na população negra e mestiça uma potencial violência e perigo contra a ordem social estabelecida, segundo observa a autora, nesse momento surgia outro grupo social potencialmente disruptor: os operários, principalmente, os nascidos no estrangeiro, que traziam na bagagem ideias anarquistas e socialistas.

¹²⁹ Tecnologia abrangendo o aspecto disciplinar – definindo um padrão de normalização, sendo este o único admissível.

O combate de Lima Barreto aos discursos e às práticas racistas se dará de modos vários. Como sabemos, o escritor denuncia a discriminação racial praticada pelo Estado brasileiro em crônicas de temas diversos: a repressão policial às práticas religiosas de matriz africana (em “*Iaiá das Marimbas*”, por exemplo); os projetos de reforma urbana do Rio de Janeiro (criticado dentre outras, em *O prefeito e o povo*) que dividiam a cidade em duas: uma branca, rica, cartão de visitas do Brasil no exterior¹³⁰, e outra negra, pobre, marginalizada, posta às margens; a exclusão de pessoas com sangue negro da polícia do estado de São Paulo (apontada em *São Paulo e os estrangeiros [I]*). Isso só para citar alguns exemplos. Os casos que envolvem o futebol serão tratados logo adiante.

Além disso, segundo foi destacado mais acima, o escritor suburbano nunca deixou de acompanhar e participar das discussões sobre o racismo, seus princípios e suas metodologias científicas durante os anos da sua atuação como cronista.

Lima Barreto examina uma típica obra desta intelectualidade europeia racista, do final do século XIX, em *Meia página de Renan*¹³¹. Nela, ele faz comentários a respeito da obra de 1871 de Ernest Renan¹³², *La réforme intellectuelle et morale de la France*, cujo trechos tinham sido traduzidos e impressos naquele ano de 1919. O escritor expressa seu desapontamento com as ideias do francês¹³³, especialmente quando este retrata os europeus como uma raça de dominadores e soldados, ao contrário dos negros e dos chineses que seriam dóceis à dominação e propensos ao trabalho na terra. O escritor carioca rebate, dizendo que Renan escreve sobre o que não conhece¹³⁴, e utilizando-se da história brasileira de escravidão destaca que os negros nunca aceitaram a escravidão docilmente; se revoltavam ante a dominação, vide, argumenta, o grande número de quilombos que pulularam Brasil afora. Ele conclui maldizendo o patriotismo, ainda mais aquele de cunho racial, que “[...] nos faz julgar mal os semelhantes, homens como nós [...]” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.536)

Neste combate contra a discriminação de cor, o escritor tanto se apoia em teorias científicas quanto questiona a suposta cientificidade dos discursos racistas. Em *O patriotismo*¹³⁵ (2004, v.1, p.125), ele argumenta que “[...] a raça é uma abstração, uma criação lógica, cujo

¹³⁰ Conforme assinala Lima Barreto, os políticos brasileiros tinham por modelo de metrópole latino-americana Buenos Aires, assim queriam imitar desde a arquitetura até a “branquitude” de sua população.

¹³¹ **Revista Contemporânea**, de 3-7-1919.

¹³² Joseph-Ernest Renan (1823-1892) foi um filósofo e historiador francês, conhecido pelo anticlericalismo e pelo liberalismo. A derrota da França na Guerra Franco-Prussiana o conduziu a um pensamento autoritário. Para mais informações, consultar: **Ernest Renan**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Ernest-Renan>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

¹³³ Atribui os disparates à derrota e humilhação francesa na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871).

¹³⁴ Indaga se teria esquecido a escravidão antiga – quando romanos escravizaram indivíduos de diversos povos europeus – e que Renan não conhece os negros, porque na França não os há.

¹³⁵ **Correio da Noite**, de 21-12-1914.

fim é fazer o inventário da natureza viva, dos homens, dos animais, das plantas, e que, saindo do campo da história natural, não tem mais razão de ser.” Refere-se à obra *Filosofia zoológica* do naturalista francês Lamarck¹³⁶ ao argumentar que “[...] a natureza não formou realmente nem classes, nem ordens, nem espécies constantes, mas unicamente indivíduos, que se sucedem uns aos outros, e que assemelham àqueles que os têm produzido.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.125)

Já em *Considerações oportunas*¹³⁷, comenta a obra do franco-polonês Jean Finot¹³⁸, *Le Préjugé des Races*, de 1906, para contrapor-se ao discurso científico-racista. Lima Barreto ataca especificamente o valor de verdade¹³⁹ de tais teorias:

Nada mais falso do que apelar para a Ciência em tal questão. [...] Cada autor faz um poema à raça de que parece descender ou com que simpatiza, por isto ou aquilo. Os seus dados, as suas insinuações, os seus índices [...] são interpretados ao sabor da paixão oculta ou clara de cada dissertador. (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.583)

O escritor carioca diz que aqueles que se dedicam a tais estudos de antropologia, teriam se esquecido do naturalista Lineu¹⁴⁰, que teria afirmado que “a natureza não tem raças nem espécies; ela só tem indivíduos.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.583) Continua a carga, argumentando que todas as classificações provenientes das ciências naturais são um produto apenas da nossa capacidade de abstrair (sem possibilidade de uma prova empírica): “Em matéria de raças, fazendo delas entidades concretas fora de nós, acabamos, se o fizermos, em erro tão lamentável como o geômetra que afirmasse haver na natureza esfera, cicloide, cilindro, linha, ponto, etc.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.584). Lima Barreto (2004, v.1, p.585) conclui que as motivações de tais discursos são mesquinhas, pois:

Esses senhores que edificaram essas teorias de irremediável desigualdade de raças são tenazes e ferrenhos em remover todas as diferenças desta ou daquela

¹³⁶ Jean-Baptiste-Pierre-Antoine de Monet, cavaleiro de Lamarck (1744-1829), biólogo francês cuja principal formulação é aquela de que os caracteres adquiridos em função do meio são transmitidos geneticamente aos descendentes. Esta teoria ficou conhecida como Lamarckismo. A partir dela seria possível explicar as transformações ocorridas nas espécies ao longo do tempo. Informações retiradas de: **Jean-Baptiste Lamarck**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Jean-Baptiste-Lamarck>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

¹³⁷ **A.B.C.**, de 16-8-1919.

¹³⁸ Jean Finot (1858-1922), filósofo e publicista polaco-francês. Foi diretor da revista *La Revue des Revues*. Informações retiradas de: **Jean Finot** (1852-1922). Disponível em: <http://data.bnf.fr/atelier/12169138/jean_finot/>. Acesso em: 17 jul. 2018.

¹³⁹ Aqui partimos da relação entre poder e verdade de Foucault. Todo o poder, toda autoridade prática ou espiritual, toda moralidade reivindica a verdade, supõe-na e é respeitada como fundada em verdade. (VEYNE, 2011, p.154). Logo, “O que é tido por verdadeiro se faz obedecer.” (Ibid., p. 167)

¹⁴⁰ Carolus Linnaeus (1707-1778) foi um naturalista e botânico sueco. Foi responsável pela introdução do sistema binominal de nomenclatura, que organizava os seres vivos a partir do gênero e da espécie. O modelo estabelecido por Linnaeus transformou-se no modelo padrão para se classificar e nomear os organismos. Informações retiradas de: **Carolus Linnaeus**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Carolus-Linnaeus>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

natureza que possam separar o homem do macaco; mas, em compensação, são também tenazes e ferrenhos em acumular antagonismos entre os brancos e negros. Às vezes mesmo, fazem enormes esforços para justificar, em teorias sociais, ódios de grupos humanos contra outros que, entretanto, têm diversa origem.

Além do determinismo racial, que previa um Brasil bárbaro e sem possibilidade de atingir o estágio “avançado” dos países europeu, já que a população brasileira apresentava uma mistura racial¹⁴¹, o país também estaria fadado ao fracasso pelas teorias do determinismo geográfico. Buffon foi pioneiro ao caracterizar o continente americano pela falta. Para ele, na América faltariam condições propícias para o desenvolvimento de culturas humanas vigorosas ao contrário da Europa. Sugere, inclusive, a inversão da associação entre América-Éden para América-Inferno. O continente americano seria uma terra imatura e de debilidade, comprovada pelo pequeno porte dos animais, o escasso povoamento, a ausência de pelos nos homens. (SCHWARCZ, 2017a, p.61). As ideias do determinismo geográfico foram sistematizadas pelo historiador britânico Henry Thomas Buckle¹⁴² em *History of civilization on England*, cujos vários volumes foram publicados entre 1857 e 1861. Nesta obra ele defende que o desenvolvimento cultural de uma nação seria condicionado pelo meio – clima, solo, etc. (SCHWARCZ, 2017a, p.76). Skidmore (1976, p.44-45) comenta que o historiador britânico dedica oito páginas para analisar o Brasil: topografia, hidrografia, índice pluviométrico, circulação dos ventos. Tais elementos teriam sido benéficos para o desenvolvimento da natureza, mas, esta, tão luxuriosa, não teria deixado espaço para o desenvolvimento humano. O homem brasileiro seria insignificante, pequeno, incapaz de progredir. Nas palavras do próprio Buckle: “Porque mesmo no presente, com todos os aperfeiçoamentos originários da Europa, não há sinais de progresso real...”. Ou seja, o clima tropical não seria adequado ao desenvolvimento de grandes civilizações, como a superioridade europeia sobre o mundo (climas temperados) atestavam.

¹⁴¹ No censo de 1872, os brancos compunham 38,1% do total da população, os negros 19,7%, pardos 38,3% e indígenas 3,9%. No censo seguinte, de 1890, os percentuais foram: 44% de brancos, 14,6% de negros, 32,4% de pardos e 9% de indígenas. Mesmo que os dados obtidos pelos censos não sejam totalmente confiáveis, é seguro afirmar que o Brasil nos finais do século XIX tinha uma população majoritariamente não-branca. Não é mero acaso, tendo em mente a penetração das ideias que ligavam a composição racial aos destinos de um país, que os dois censos seguintes – 1900 e 1920 – não apresentam o critério de cor/raça. Informações retiradas de: Distribuição percentual dos indivíduos segundo a cor/raça, ao longo dos diferentes censos demográficos – Brasil – 1872-2010. (Fonte: IBGE, 2010; PETRUCCELLI, 2012). In: SENKEVICS, Adriano. **A cor e a raça nos censos demográficos nacionais**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/cor-e-raca-nos-censos-demograficos-nacionais/>>. Acesso em: 12 maio 2018.

¹⁴² Henry Thomas Buckle (1821-1862), historiador britânico. Quando jovem foi reconhecido como um dos melhores enxadristas do mundo. Morre antes de concluir sua história da civilização inglesa. A despeito disso, a obra encontra acolhida calorosa. Informações retiradas de: **1911 Encyclopaedia Britannica**. Vol. 4. Disponível em: <https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclop%C3%A6dia_Britannica/Buckle,_Henry_Thomas>. Acesso em: 17 jul. 2018.

Lima Barreto também questiona os determinismos geográficos, que no Brasil encontraram alguns poucos defensores (quando comparado ao número de pensadores, cientistas que incorporaram a ideia de hierarquia das raças), entre eles, Tobias Barreto¹⁴³, chamado por Lima de “o tudesco da Escada”. Em uma das suas primeiras contribuições na imprensa, na crônica *Vendo a brigada Stegomya* publicada no **Tagarela**¹⁴⁴ de 9-7-1903, o morador da Vila Quilombo ironiza:

Tudo definha sob o nosso céu de fogo: as auras embalsamadas das florestas parecem trazer sobre as nossas almas o letárgico veneno da mancenilha; os eflúvios ardentes do nosso sol derrama sobre nós o princípio entorpecedor do ópio; a natureza esmaga-nos – pensamento e corpo. (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.62)

Por fim conclui - já que a natureza foi tão inclemente, já era tempo de “estarmos reduzidos à proporção de mosquitos zumbidores.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.63)

Destarte, a intelectualidade brasileira, proveniente ou intimamente ligadas às elites¹⁴⁵, encontrava-se em um impasse: por um lado, para se dizer moderna, queria estar alinhada com as últimas novidades científicas europeias – e as teorias racistas, inclusive, justificavam a dominação¹⁴⁶ exercida sobre a sociedade brasileira; por outro, se aplicadas ferreamente, as ideias de hierarquia racial e degeneração tornavam inviáveis o futuro moderno desejado para o país.¹⁴⁷

Soluções científicas para este nó passam a ser engendradas. Vale destacar a importância da **Gazeta Médica da Bahia** (GMB), publicação ligada à Faculdade de Medicina

¹⁴³ Tobias Barreto (1839-1889) foi um entusiasta das ideias evolucionistas e racistas, principalmente, de autores alemães. O pensador e crítico era pardo como Lima. Utilizando a lógica da hierarquia das raças, que o segregava, via nos povos latinos, seus opressores, seres inferiores aos povos germânicos, os verdadeiros brancos. Por isso Lima se referiu ironicamente a ele como tudesco. Apesar das barreiras impostas pela cor, forma-se em direito e casa-se com a filha de um coronel do interior, proprietário de engenhos no município de Escada. Chegou a ser eleito para a Assembleia Provincial, mas não progrediu politicamente. É patrono da cadeira nº 38 da Academia Brasileira de Letras, por escolha de Silvio Romero, um amigo e discípulo da Escola de Direito. Informações retiradas de: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Tobias Barreto**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/tobias-barreto/biografia>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

¹⁴⁴ Jornal humorístico criado em 1903, onde contribuíram os caricaturistas Raul e K.Lixto, segundo Beatriz Resende e Rachel Valença (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.63).

¹⁴⁵ Neste caso, vale a pena remeter a Carlos Nelson Coutinho e à definição de intimismo à sombra do poder. Os intelectuais brasileiros, geralmente, dependiam de empregos no serviço público. Logo, teria sido construída uma aliança tácita entre os intelectuais brasileiros e as elites. Aliança que teria perdurado do Romantismo ao Concretismo. Este conceito é apresentado de forma simplificada; para um maior aprofundamento, consultar Coutinho (1974, p.4-6).

¹⁴⁶ “A doutrina liberal do século XIX, segundo a qual os pobres eram pobres porque eram inferiores, encontrava, no Brasil, sua aparência de legitimidade no aniquilamento cultural dos costumes africanos e na condição de pobreza e de exclusão política, social e cultural da grande massa dos pretos e mestiços. A condição de pobreza dos pretos e mestiços, assim como, anteriormente, a condição servil dos escravos, era tomada como marca de inferioridade.” (GUIMARÃES, 2009, p. 49)

¹⁴⁷ Conforme argumenta Schwarcz (2017a, p.120): “O problema de como conviver com o paradoxo de uma teoria que mediante sua aceitação levava ao próprio descrédito e à confirmação da inviabilidade futura dessa nação [...]”

da Bahia. Como se sabe, a figura central da medicina baiana na virada do século XIX para o XX era Nina Rodrigues¹⁴⁸, que via, na mestiçagem e no negro, problemas a serem superados para a formação de uma sociedade avançada no Brasil. Schwarcz (2017a, p.277, 284) relata os esforços da **Gazeta**, em fins do século XIX, em reforçar o papel da medicina legal no Brasil, que deveria fazer uma “sciencia brasileira” que se dedicasse aos casos de degeneração racial. “Os exemplos de embriaguez, alienação, epilepsia ou amoralidade passavam a comprovar os modelos darwinistas sociais em sua condenação ao cruzamento, em seu alerta à ‘imperfeição da hereditariedade mista.’” Mais adiante, ao tratar de artigos da mesma publicação de meados dos anos 1920, tal ideia ainda persiste: “Mal disfarçando uma grande repugnância pela população miscigenada, o artigo defendia divisão entre mestiços redimíveis e aqueles absolutamente enfermos – “os alcoólatras, loucos, epiléticos e doentes” (1927 GMB apud SCHWARCZ 2017a, p.275) -, para os quais não haveria solução a não ser o desaparecimento, darwinisticamente esperado.”

Deve-se lembrar que Lima Barreto, além de pardo, sofreu durante a vida adulta com o alcoolismo (a “gripe torácica” e o “colapso cardíaco” que resultaram em sua morte foram atribuídos ao uso imoderado de álcool), fator desencadeante do processo que o levou a ser internado duas vezes em hospitais psiquiátricos. A tese da escola baiana deveria assombrar o escritor carioca se levarmos em conta que seu pai, João Henriques, também fazia uso imoderado do álcool, além de ter sido diagnosticado, em 1903, com neurastenia. (BARBOSA, 1988; SCHWARCZ, 2017b)

Concomitantemente às ideias da medicina baiana, a Escola de Recife também começa a desenvolver teorias que conseguissem, por um lado, manter a hierarquia racial, por outro, viabilizar a “civilização brasileira.” O crítico literário Silvio Romero¹⁴⁹ considerava que ao branco cumpria exercer o papel essencial no processo civilizatório, mas ao invés de lamentar as “incapacidades” dos negros e dos índios, ele via no mestiço um futuro possível para a nação. Conforme observa Schwarcz (2017a, p.202), Silvio Romero passou a ver no mestiço “a condição da vitória do branco no país.”¹⁵⁰

¹⁴⁸ O médico seria *mulato*, de acordo com Skidmore (1976, p.74).

¹⁴⁹ Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914), crítico, ensaísta, folclorista, e historiador da literatura brasileira. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Um dos grandes expoentes da Escola de Direito do Recife, foi muito influenciado pelas ideias evolucionistas de Herbert Spencer. Cf. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Sílvio Romero**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia>>. Acesso em: 12 jul. 2018. Skidmore (1976, p.48-53) destaca a insegurança de Sílvio Romero em relação às teorias europeias. Ele demonstra que o crítico acreditava na hierarquia das raças, alternando euforia e desânimo ao pensar o futuro do Brasil, tendo em mente, obviamente, como e se a questão da mestiçagem seria equacionada.

¹⁵⁰ Outro ponto de originalidade em relação às teorias europeias e estadunidenses. Fica implícito que tanto negros quanto indígenas, apesar de inferiores, seriam redimíveis.

Skidmore (1976, p.60) destaca a particularidade do Brasil enquanto sociedade de recente passado escravocrata, por ter constituído uma sociedade multirracial¹⁵¹. Observa, contudo, que esta multirraciedade está calcada em premissas racistas.

O ‘caucásico’ era considerado o pináculo natural e inevitável da pirâmide social. O europeu branco representava a ‘imagem normativa somática’ ideal [...] Os brasileiros em geral tinham o *mais* branco por *melhor*, o que levava naturalmente a um ideal de ‘branqueamento’, que teve expressão tanto nos escritos elitistas quanto no folclore popular.¹⁵²

Assim, passam a surgir teorias que postulavam o branqueamento da população: com o afluxo de população branca através da imigração europeia que ocorria no Brasil, a população brasileira, que já tinha este pendor à miscigenação, iria incorporando as qualidades “civilizatórias”¹⁵³ do “sangue branco”, e dentro de algumas gerações, o país seria predominantemente branco (SCHWARCZ, 2017a, p.122), e logo, civilizado e candidato a figurar no rol dos países modernos.

Guimarães (2009, p.53) esclarece:

Em suma, a particularidade do racismo¹⁵⁴ brasileiro residiu na importação de teorias racistas europeias, excluindo duas de suas concepções importantes – ‘o caráter inato das diferenças raciais e a degenerescência proveniente da mistura racial – de modo a formular uma solução própria para o problema negro’ (SKIDMORE, 1993, p.77). O núcleo desse racismo era a ideia de que o sangue branco purificava, diluía e exterminava o negro, abrindo assim, a possibilidade para que os mestiços se elevassem ao estágio civilizado.

Dessa maneira, as elites brasileiras tomavam as ideias do racismo científico europeu, e tratavam de adaptá-las ao cenário nacional. No período entre 1872 e 1940¹⁵⁵, a percentagem de brancos na população brasileira tinha crescido bastante (40% para 70%),

¹⁵¹ “Tais oportunidades econômicas e sociais – abertas aos homens livres de cor - dão prova de que o padrão multirracial da categorização racial estava firmemente estabelecido muito antes de 1888.” (SKIDMORE, 1976, p.60)

¹⁵² Schwarcz (2018, p.10-11) exemplifica o ideal de “branquitude” analisando o conto *A princesa Negrinha*, que integrava o livro *Contos para crianças*, de 1912. Outros exemplos são encontrados nas expressões: negro de alma branca; eles que são brancos, eles que se entendam; ou mesmo na marchinha *O teu cabelo não nega*.

¹⁵³ Schwarcz (2017a, p.160) reproduz um trecho de 1869 da **Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano**, que reclama da falta da imigração europeia para as províncias do Norte do país: “Deste modo sem o influxo branco, toda a extensão do território do norte está condenada a estagnação e a rotina porque é sabido em filosofia biológica que o patrimônio comum hereditário entre as raças, sem o influxo rejuvenescedor do cruzamento acabará por força do hábito num estado de imutabilidade senão de decadência fatal.”

¹⁵⁴ Guimarães (2009, p.30-31), a partir das ideias de Appiah, explica porque prefere usar o termo racismo ao invés de racismo: “[...] afirmo que o conceito de ‘raça’ não faz sentido senão no âmbito de uma ideologia ou teoria taxonômica a qual chamarei de racismo.” O trabalho não objetiva entrar no debate sobre qual a definição de raça, se hoje seria possível falar em raças (não no plano biológico, mas no plano político), se o termo a ser empregado seria etnia, etc. Deste modo, racismo e racialismo não serão diferenciados.

¹⁵⁵ De acordo com a figura 2.1. *População brasileira segunda a cor*. (SKIDMORE, 1976, p.62)

enquanto a de mestiços tinha caído mais de 10 pontos percentuais e a de negros se manteve estável, mas com tendência à queda. A partir de tais resultados, a ideologia do branqueamento passa a ganhar legitimidade “científica”. Partindo dos pressupostos europeus convenientes, como a superioridade branca, é criada uma teoria racial “científica” nacional. Skidmore (1976, p.81) enumera outros pontos centrais da teoria racial brasileira:

Primeiro - a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia ‘naturalmente’ uma população mais clara, em parte porque o *gene* branco era mais forte e em parte porque as pessoas procuravam parceiros mais claros do que elas.

Destarte, foi possível produzir uma ideia original sobre racismo e miscigenação: “a de que a miscigenação não produzia inevitavelmente ‘degenerados’, mas uma população mestiça sadia capaz de tornar-se sempre mais branca, tanto cultural quanto fisicamente.” (SKIDMORE, 1976, p.81)

Já em 1911, João Batista Lacerda, diretor do Museu Nacional, preparou uma defesa científica da tese do branqueamento a ser apresentada no Primeiro Congresso Universal de Raças, em Londres. Stepan (2005, p.166) apresenta os cálculos feitos pelo diretor do Museu Nacional em 1912: ele previa, baseado em dados do censo, que por volta de 2012, a população mestiça não representaria mais que 3%, enquanto a de negros seria reduzida a zero.

A consequência implícita do branqueamento seria o extermínio da população negra, não por meio de guerras, segregações, ou esterilizações forçadas¹⁵⁶, mas através da suposta ausência do preconceito de raças no Brasil, que fomentaria a união de pessoas de raças diferentes. Após gerações, os negros, e sua influência negativa na nacionalidade brasileira, teriam sido extirpados, restando uma nação branca, e, portanto, apta a desenvolver-se e tornar-se uma grande civilização¹⁵⁷.

¹⁵⁶ Schwarcz (2017a, p.306-307) apresenta que leis de esterilização foram aprovadas nos EUA a partir de 1919 e informa que no período de 1907–1945 teriam sido esterilizados 70 mil americanos, especialmente pobres, usualmente negros. No Brasil, o grande defensor da esterilização foi o médico Renato Kehl que argumentava, em 1921, ser a conclusão lógica da eugenia esterilizar-se os deficientes e degenerados. Stepan (2005, p.123-124) atribui à influência da Igreja Católica e ao repúdio à interferência na reprodução humana (eugenia seria incompatível com os valores católicos) que projetos de esterilização não tiveram grandes defensores na América Latina e no Brasil. Além dos Estados Unidos, outros países de tradição protestante chegaram a esterilizar número significativo de cidadãos no início do século XX, como a Dinamarca e, obviamente, a Alemanha Nazista.

¹⁵⁷ Skidmore (1976, p. 88-90) aponta que esta “solução” reverberou entre intelectuais brasileiros de perfil diverso como Manuel de Oliveira Lima, José Veríssimo, Oliveira Viana, Domingos Jaguaribe.

Skidmore (1976, p.92-93) reproduz um artigo do ex-presidente dos Estados Unidos Theodore Roosevelt¹⁵⁸, que visitara o Brasil na década de 1910. Nele é feito um contraste de como cada país lidou com o “problema do negro”. Roosevelt escreve com suas palavras a argumentação da elite brasileira: enquanto na república do Norte o negro seria mantido como um elemento totalmente separado, ele, o negro, perduraria como uma ameaça à civilização americana. No caso do Brasil, “na questão [do negro] tende a desaparecer porque os próprios negros tendem a desaparecer e ser absorvidos...”. O brasileiro, apesar de admitir uma desvantagem inicial com o cruzamento, prevê a extinção do negro após algumas gerações e conclui: “Pensa que a nossa, a longo prazo e do ponto de vista nacional, é menos prejudicial e perigosa que a outra, que vocês, nos Estados Unidos, escolheram.”

Assim, as elites brasileiras conseguiriam, com a teoria do branqueamento, amalgamar duas ideias contraditórias: ao mesmo tempo em que exaltavam a ausência de preconceito racial no Brasil, e condenavam o racismo norte-americano, justificavam o seu próprio domínio sobre os negros e mestiços.

Não por acaso, das últimas décadas do século XIX às duas primeiras do XX¹⁵⁹, as elites brasileiras promoveram a imigração europeia. Os diplomatas brasileiros dirigiam-se ao velho continente para tentar atrair mão de obra branca. Entre suas principais estratégias estava a de desmentir a ferocidade das doenças tropicais, argumentar que o clima seria saudável e próprio para o assentamento (especialmente na região Sul – que foi a que recebeu mais imigrantes) e que no Brasil, destinado a se tornar uma das maiores potências agrícolas do mundo, aquela população encontraria emprego e terras. Skidmore (1976, p.144-145) ressalta não ser mero acaso o governo brasileiro investir recursos e participar das Exposições Mundiais a partir da segunda metade do XIX.

Em 1886, um importante grupo de fazendeiros de São Paulo fundou a Sociedade Promotora de Imigração que, apesar de ser uma entidade privada, contava com subsídios da

¹⁵⁸ Theodore Roosevelt (1858 – 1919) foi presidente dos Estados Unidos entre 1901 e 1909. Durante seu governo, os Estados Unidos adotaram uma política externa mais agressiva. Ele justificou o imperialismo estadunidense na América Latina em nome da civilização, formulando seu famoso corolário: “Speak softly and carry a big stick; you will go far.” A secessão na Colômbia e a formação do Panamá é resultado da nova política americana. Informações retiradas de: **Theodore Roosevelt**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Theodore-Roosevelt#ref8430>>. Acesso em: 20 jul. 2018. O artigo ao qual Skidmore se refere, *Brazil and the negro*, está disponível para consulta em: **Theodore Roosevelt Center**. <<http://www.theodorerooseveltcenter.org/Research/Digital-Library/Record?libID=o279297>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

¹⁵⁹ “Nos anos que se estendem do fim do Império até 1920, quase todos os brasileiros educados continuaram, ainda, a assumir que o Brasil podia, e até, devia receber imigrantes, especialmente da Europa. A fim de atraí-los, políticos e escritores tanto cuidaram de projetar uma imagem do país capaz de impressionar tanto europeus ocidentais quanto norte-americanos.” (SKIDMORE, 1976, p.142)

Província de São Paulo. Skidmore (1976, p.156-157) comenta que para os cafeicultores paulistas, os trabalhadores brasileiros só seriam úteis nos trabalhos mais pesados, e para o trabalho mais organizado de cultivar e colher café, consideravam os imigrantes europeus mais habilitados e confiáveis. O programa de imigração paulista durou até 1928. Ou seja, esta política de “branqueamento” oficial permanece mais de quatro décadas.

A relação das elites com as teorias raciais em voga no Brasil aparece de modo claro nos cronistas aqui estudados. Na crônica *Mães e filhos*¹⁶⁰, por exemplo, Coelho Neto ao relatar o caso insólito de uma possível troca de bebês em uma maternidade, exprime sua concordância com a hierarquia racial e ideia da degeneração, além de sua fé no branqueamento. Pode-se notar a primeira diferença já no tratamento dado aos bebês, enquanto um é apenas “o mulatinho”, o outro é “a Branca-Flor”. Faz, ainda, uma observação curiosa sobre a explicação científica que circulava nos jornais naqueles dias sobre o caso: “A ciência atribui a pigmentação colorida da filha da portuguesa à insuficiência das cápsulas supra-renais. E como explicará, a mesma ciência pitoresca, a alvura da filha da mulata?” (COELHO NETO, 2007, p.267)

O escritor continua relatando o caso: as enfermeiras diziam não ter errado, já que “lavaram as crianças em água e não em tinta”, e sugerem infidelidades por parte das mães. Coelho Neto (2007, p.269), com uma única observação, reúne as ideias de degeneração racial, hierarquia das raças e o ideal do branqueamento: “E a questão está neste pé, sem que se saiba, ao certo, se a portuguesa degenerou e a mulata apurou-se ou se houve engano das enfermeiras.”

Conclui-se, então, que nos casos de brancos “puro sangue”, a miscigenação seria um passo atrás na escola evolutiva, mas a ideia do branqueamento era a saída para os brasileiros de cor mais escura.

João do Rio (1917a, p. 283), em *O estadista brasileiro Rodrigues Alves*, escreve com todas as letras sua anuência com a ideia da hierarquia das raças e com o projeto da elite. Sobre o ex-presidente da República¹⁶¹ ressalta que suas qualidades provinham da raça: “As origens étnicas trouxeram-lhe a resistência física e a fibra moral.” Paulo Barreto considera que a Abolição conduziu à desorganização no Brasil, exceto em São Paulo, que contava com a Sociedade Promotora de Imigração. Para João do Rio, tais atitudes dos políticos paulistas representariam vitórias do regime republicano. É válido observar que o preconceito racial das

¹⁶⁰ **A Noite**, de 04-1-1923.

¹⁶¹ Rodrigues Alves (1848-1919), filho de Domingos Rodrigues Alves (imigrante português) e de Isabel Perpétua (Nhá Bela) Alves. A família da mãe era proprietária de fazendas na região de Guaratinguetá-SP. Rodrigues Alves logo entra para a vida pública, sendo deputado tanto na Província de São Paulo quanto na Capital Imperial, sempre ligado ao Partido Conservador. No período republicano exerce dois mandatos como presidente de São Paulo e um como presidente da República (1902-1906). Informações retiradas de: Rodrigues Alves. In: FGV/CPDOC. **Atlas histórico do Brasil**. Disponível em: < <http://atlas.fgv.br/verbetes/rodrigues-alves>>. Acesso em: 20 maio 2018.

elites brasileiras não se voltava apenas aos negros e aos índios, mas também aos asiáticos. João do Rio expressa seu apoio aos projetos de leis¹⁶² que visavam impedir a entrada de imigrantes asiáticos para evitar o “horror do mal amarelo do Brasil.” (RIO, 1917a, p.288).

Pode-se observar nos dois autores alinhados às elites da época que o pensamento racista persistia, mesmo quando em sua negação (o argumento de que o Brasil é um país com população miscigenada, logo, não havia preconceito de cor), através da política do branqueamento. João do Rio defendendo a imigração de europeus, e atacando a possibilidade da entrada de outros povos “inferiores”; Coelho Neto demonstrando o ideal de que quanto mais branco melhor (apurar x degenerar).

Não foi somente através das políticas do branqueamento que as elites brasileiras tentaram resolver a “questão do negro”. Stepan (2005, p.96-99) ressalta que o Brasil, em comparação aos Estados Unidos e à Europa, enfatizou mais práticas e técnicas sanitárias, em projetos de higienização. Os cientistas de estrato racista do Atlântico Norte viam na raça uma realidade acabada¹⁶³, um fato determinado, inescapável, e que, se degenerado ou inferior, estaria fadado a continuar a ser inferior e, por fim, a desaparecer. No Brasil, desenvolveu-se a ideia de que o corpo do brasileiro estaria sim degenerado, porém não *somente* devido à raça, mas também à falta de higiene e de educação da maior parte da população. Logo, este corpo, se tratado, poderia passar por uma regeneração, tornando-o mais apto à civilização e à modernidade – “Operava, dentro da medicina, um esforço para resistir às afirmações do exterior de uma degeneração inerentemente brasileira [...]” (STEPAN, 2005, p.96)

Nesse contexto, a interpretação dos médicos brasileiros sobre as teorias hereditárias

deixava aberta a possibilidade de ‘regeneração’ como resposta ao medo de ‘degeneração’ racial, seu sistema permitia a fusão das linguagens moral e

¹⁶² Skidmore (1976, p.155) ressaltava que antes mesmo da primeira Constituição republicana, um decreto de lei de 1890, já vedava a imigração indígena da África e da Ásia. Skidmore (1976, p.212-214) e Stepan (2005, p. 171-172) aprofundam as discussões do Congresso já na década de 1920 sobre barrar ou não imigrantes de determinadas origens. Sobre o debate durante a Era Vargas, consultar Skidmore (1976, p.217-219). É válido destacar os argumentos dos políticos que defendiam as leis anti-imigração, novamente compreensíveis pela chave do branqueamento: os asiáticos seriam um elemento inassimilável, um quisto amarelo, enquanto os negros (que nas palavras de um deputado, já tinham sofrido tanto no Brasil) recebê-los, significaria atrasar ainda mais o processo de melhoramento do brasileiro. Skidmore (1976, p.215-216) apresenta o resultado de uma enquete feita pela Sociedade Nacional de Agricultura com 166 brasileiros “eminentes”, a maioria ligada à lavoura, de todas as regiões do Brasil. Quase a totalidade respondeu ser favorável à imigração. Quanto à imigração negra, só 30 aceitavam. Houve uma divisão quando perguntados quanto à imigração asiática. Podemos inferir, que o africano ainda era considerado um elemento étnico inferior. O asiático, apesar de superior ao negro, seria inferior ao branco.

¹⁶³ Stepan (2005, p.35) discorre sobre hereditariedade versus meio social: “Considerava-se que a linhagem – não a vida social – determinava o caráter. A hereditariedade passara a ser tudo. Na verdade, o simples fato de dizer que uma característica, condição ou comportamento era de origem ‘hereditária’, em vez de ‘social’, implicava uma série de conclusões – que a condição era ‘inerente’ ao indivíduo, com um peso socialmente causado poderia vir a adquirir; que ela era ‘fixa’, de maneira peculiarmente danosa; que não havia muito a fazer a respeito dela, salvo tentar evitar que a condição se transmitisse às gerações futuras através da reprodução.”

científica. Pobreza, doenças venéreas e alcoolismo podiam, então, ser interpretados como produtos tanto das condições sociais, quanto de comportamento imoral. (STEPAN, 2005, p.98)

Assim, o desenvolvimento da medicina no Brasil trouxe novos fatores para solucionar a equação do povo brasileiro. O povo brasileiro passa a ser tratado como um corpo enfermo e cabe à medicina e ao médico higienista salvar o Brasil, em oposição ao antropólogo ou sociólogo. Conforme ressalta Schwarcz (2017a, p.219) citando RAFDR¹⁶⁴ (1919, p.59):

O ‘problema nacional’ continuava a existir, porém podia não ser exclusivamente causado por fatores étnicos ou raciais. A questão talvez fosse de higiene e social, como sugeriam novos dados, de natureza até então bastante desconhecida: “80% da população sofre de ancilostomíase, sendo que temos 80% de analfabetos dos quais 29% sabem ler e 5% soletram e compreendem mal. Temos assim a explicação da nossa diferença que nos deprime perante as outras nações.”

Este era o novo argumento – deveria se corrigir a natureza e aperfeiçoar o povo: através da higienização e da educação. (SCHWARCZ, 2017a, p.219)

Stepan (2005, p.47) afirma que a base da pirâmide sócio-racial brasileira (negros e mestiços) era o alvo preferido destes especialistas, inclusive justificando as desigualdades sociais já “[...] que os pobres eram pobres porque eram anti-higiênicos, sujos, ignorantes e hereditariamente inadequados.”

Desta forma, os espaços físicos precisariam ser readequados: casas, escolas, hospitais e a própria região central da Capital Federal. Também seria preciso investir na construção de novos bairros “higienizados” para as classes abastadas, na adoção das práticas higiênicas (que resultaria na vacinação compulsória) e em pesquisas de microbiologia no Brasil. (STEPAN, 2005, p. 96-97; SCHWARCZ, 2017a, p.297). Afinal, segundo Olegário de Moura, vice-presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo – “saneamento-eugenia é ordem e progresso”.

Foucault reputou a prática médica moderna como subserviente ao poder, e não comprometida com a verdade, justificando práticas racistas e autoritárias. Ao final do século XIX, a medicina teria se autoatribuído novos poderes:

[...] arvora-se em instância soberana dos imperativos da higiene, somando os velhos medos do mal venéreo aos novos temores da assepsia, os grandes mitos evolucionistas às modernas instituições da saúde pública, pretendia assegurar o vigor físico e a pureza moral do corpo social, prometia eliminar os portadores de taras, os degenerados e as populações abastardadas. Em nome de uma urgência biológica e histórica, justificava os racismos oficiais, então

¹⁶⁴ Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife.

iminentes. E os fundamentava como “verdade¹⁶⁵”. (FOUCAULT, 2014a, p.60)

A saúde pública havia se tornado um objeto político. Emprega-se uma abordagem “biológica-engenheirística-tecnocrática” sobre a sociedade. Agora tratava-se de tornar a população brasileira apta ao progresso, reduzindo as altas taxas de mortalidade e contágio. No espectro político, este encaminhamento interessava aos médicos, pois legitimavam uma prática médica intervencionista na sociedade. Não é mera coincidência Oswaldo Cruz¹⁶⁶ ter sido transformado em herói cultural pelas elites, um dos primeiros brasileiros aclamados pela qualidade científica. (STEPAN, 2005, p.51, 215)

Um ano antes da Revolta da Vacina¹⁶⁷, Lima Barreto escreveu a já mencionada *Vendo a brigada Stegomya*, ironizando a pompa e altivez com que desfilavam os higienistas pelas ruas cariocas – “Era como um Napoleão [Oswaldo Cruz] vencedor de mosquitos; parecia um Alexandre que viesse de esmagar pernilongos em Arbelles.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.63) Vemos que Lima faz usos de helenismos para diminuir e criticar as personalidades do tempo, o oposto que faziam Coelho Neto e João do Rio.

¹⁶⁵ A verdade para Foucault (2001), citado por Veyne (2011, p.129), seria: “Por verdade, não quero dizer o conjunto das coisas verdadeiras que há para descobrir ou para fazer aceitar, mas o conjunto das regras segundo as quais se separa o verdadeiro do falso e se associam ao verdadeiro efeitos específicos de poder.” Assim, a verdade verdadeira, última, seria impossível, pois cada indivíduo pode somente atingir uma coisa, de acordo com o que é pensado sobre esta coisa em determinada época.

¹⁶⁶ Oswaldo Cruz (1872-1917), médico brasileiro. Trabalhou três anos no Instituto Pasteur, em Paris, na última década do século XIX. Volta ao Brasil em 1899. Combate a peste bubônica em Santos com Vital Brasil e Adolfo Lutz. Em março de 1903, assumiu a direção do Serviço da Saúde Pública do Rio de Janeiro, sob a presidência de Rodrigues Alves. Enfrentou a Revolta da Vacina (1904) na tentativa de impor a vacinação a toda a população carioca. Seu nome tornou-se conhecido no mundo inteiro. É eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1913. Informações retiradas de: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Oswaldo Cruz**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/osvaldo-cruz/biografia>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

¹⁶⁷ Lima Barreto (2011, p.20-23), escreve suas impressões sobre a Revolta da Vacina em seu diário. Ele vê pontos positivos na revolta: “[...] 1) demonstrar que o Rio de Janeiro pode ter opinião e defendê-las com armas na mão; 2) diminuir um pouco o fetichismo da farda [...] Pela primeira vez, eu vi entre nós não se ter medo de homem fardado. O povo, como os astecas no tempo de Cortez, se convenceu que eles também eram mortais.” Sobre os desdobramentos do levante popular, ele denuncia a truculência e a estupidez das forças repressivas. E mais, os militares envolvidos foram isentos, enquanto os civis revoltosos são mandados para prisões, sem provas - “A polícia arrepanhava a torto e a direito pessoas que encontrava na rua”. Conclui, refletindo sobre o histórico dos governos no Brasil e o racismo: “Um progresso! Até aqui se fazia isso [prisões arbitrárias de pessoas à margem da sociedade] sem ser preciso estado de sítio; o Brasil já estava habituado a essa história. Durante quatrocentos anos não se fez outra coisa pelo Brasil. Creio que se modificará o nome: estado de sítio passará a ser estado de fazenda. De sítio para fazenda, há sempre um aumento, pelo menos no número de escravos.”

Lima Barreto se insurge contra a imposição do saber médico¹⁶⁸ e a repressão na crônica *Os tais higienistas*. Esta crônica é especialmente endereçada ao higienista brasileiro doutor Carlos Chagas¹⁶⁹:

Ele julga que, se há tuberculose, é porque não se decreta tal e qual lei [...] se há opilação é porque não se açoita o sujeito que anda descalço e não se fuzila o que não constrói fossos sépticos nos fundos do seu “tijupar¹⁷⁰”[...]. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.237)

O cronista ainda ironiza: “Todos os males da humanidade estariam curados se ela fosse governada por ditadores médicos, auxiliares acadêmicos, mata-mosquitos, etc., etc.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.237). Ele conclui reclamando de como os médicos sempre expedem regulamentos minuciosos sobre os atos da vida doméstica das populações carentes, visando controlá-las, mas não se preocupam em estabelecer medidas que garantam as mínimas condições de subsistência para tal população, o que diminuiria a incidência de doenças.

Em *Escola Normal*¹⁷¹, Lima Barreto (2016, p.132) traça um paralelo entre o culto à força, já tratado anteriormente, e as práticas dos higienistas – a força, o uso da violência – para fazer cumprir seus regulamentos:

O tempo é de guerra e violência, diziam eles. Vejam só o que vai pelo mundo; vejam só o Vilar, com as duas precárias; e o Teófilo Torres e o Chagas a nos quererem dar saúde com multas, prisão e gritaria de feitor de fazenda. Não é para a violência que eles apelam? O viático para a nossa salvação, segundo as concepções modernas, é o chicote, o chanfalho e o xadrez. É preciso que todos se habituem aos espetáculos violentos, a fim de que sejam denominados por sentimentos violentos e empreguem a violência em proveito próprio e dos outros com suma sabedoria.

Lima relaciona a imagem dos higienistas, com sua violência ante os pobres, seus alvos preferenciais, à violência de um feitor (continuidade da figura, mesmo após a Abolição,

¹⁶⁸ “Há muitas presunções profissionais. [...] há a médica, que é de uma lamentável estreiteza [...] porque cada profissão tem a sua presunção e se julga como a dominadora de todas as outras.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.237)

¹⁶⁹ Carlos Chagas (1878-1934), renomado médico brasileiro. Discípulo de Osvaldo Cruz, em 1909 descobriu uma nova doença humana, *tripanossomíase americana*, mais conhecida como doença de Chagas. O protozoário responsável pela doença foi nomeado por Chagas de *Tripanosoma cruzi*, sendo o *cruzi*, uma homenagem a Osvaldo Cruz. Após a morte de seu mentor ocupa a direção do Instituto Osvaldo Cruz. Fonte: VASCONCELOS, L.A.B.A. et al. Carlos Chagas: sua vida e sua arte. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, São Paulo, v.9, n.3, p. 171-172, maio/jun. 2011. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2011/v9n3/a1971.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

¹⁷⁰“1. Cabana de índios, menor que a oca. 2. Palhoça que os trabalhadores constroem no meio da mata, nos seringais, roças, etc. [Cf. *coió* (6)] 3. Choupana, choça, rancho.” Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Tijupá. In: _____. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5.ed. Curitiba: Positivo, 2010. p.2040.

¹⁷¹ Publicada sob o pseudônimo Jonathan, na **Careta**, de 8-1-1921.

a fustigar negros). A memória da truculência que ocasionou a Revolta da Vacina, em 1904, continuava viva.

A crônica *Os médicos e o espírita*¹⁷² apresenta uma síntese das reservas que Lima fazia à atuação dos médicos brasileiros.

A medicina é importante atividade intelectual, mas não é a única importante e não chegou a tal ponto de perfeição que os médicos tenham na cabeça ou nos livros as leis que regem as moléstias e a sua cura e a organização do Universo. Se eles fossem verdadeiramente cientistas haviam de ter dúvidas e nunca tentariam estabelecer na Terra a ditadura dos médicos, porque esta só seria válida se a medicina fosse uma verdade perfeita e plenamente estabelecida. [...] Os médicos não querem saber disso e se arrogam ou se quiseram arrogar o direito de dirigir os engenheiros encarregados de obras de saneamento, de dirigir os políticos no governo dos povos, de substituir as mães no acalantar os filhos, de vetar o amor dos sexos com o auxílio da duvidosa reação de Wasserman¹⁷³, etc., etc. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.334)

Ainda reforça sua crítica ao alvo preferencial das práticas higienistas, os pobres, e a truculência com a qual são tratados pelos médicos.

Para os demais, principalmente os miseráveis, todo o rigor é pouco, é preciso mesmo o vexame e a brutalidade; mas, para os fartos, especialmente os médicos notáveis, não há necessidade de energias despóticas, porque, a esses, os *morbus* terríveis não atingem. A moléstia é como a fome: só alcança os pobres, os sem dinheiro. Concordo em parte. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.335)

Mas é em *Problema vital*¹⁷⁴ que Lima reforça que não acredita em tais planos higienistas e ideias para melhorar o corpo do brasileiro, deixando claro que a tal carência física do brasileiro é resultado de problemas socioeconômicos, a bem dizer – a concentração de renda.

Ele trata de duas obras de Monteiro Lobato, *Urupês*¹⁷⁵ e *Problema vital*. Lima é muito elogioso à obra do paulista. O escritor carioca identifica, nesta segunda, uma defesa da

¹⁷² A.B.C., de 19-3-1921.

¹⁷³ A reação de Wassermann era utilizada para diagnosticar sífilis, que podia ser transmitida hereditariamente. Informações retiradas de: MOSES, Arthur. Técnica e modificação da reação de Wassermann. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, 1913. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/mioc/v5n1/tomo05\(f1\)_78-97.pdf](http://www.scielo.br/pdf/mioc/v5n1/tomo05(f1)_78-97.pdf)>. Acesso em: 21 jul. 2018.

¹⁷⁴ **Revista Contemporânea**, de 22-2-1919.

¹⁷⁵ Skidmore (1976, p.200-203) demonstra como a visão do próprio Lobato mudou e foi influenciada pelas ideias dos higienistas, desde o surgimento do personagem Jeca Tatu, em artigo de 1914 (compilado em *Urupês*). Inicialmente, o Jeca era o responsável pela sua própria miséria, preguiçoso, indolente, que não se prestava a grandes esforços (como melhorar a própria moradia ou investir em plantações). Após a retomada da figura do Jeca em *Urupês*, em 1918, um intenso debate público foi travado, inclusive com a participação de Rui Barbosa (contrário a Monteiro Lobato), sobre quais seriam os fatores e as culpas envolvidas no atraso do povo brasileiro. No mesmo ano, Lobato altera sua posição – “O Jeca não é assim: está assim” - publica *Problema Vital*, na qual tece elogios à ciência médica, que vai reabilitar o corpo do brasileiro, inerte pelas várias moléstias que o acometem. “O laboratório dá-nos o argumento por que ansiávamos. Firmados nele, contrapomos à condenação sociológica de Le Bon, a voz mais alta da biologia.” Segundo Stepan (2004, p.342), *Problema Vital* foi publicado conjuntamente

questão do saneamento, e dos jovens médicos higienistas, entre eles Carlos Chagas, que “[...] vieram demonstrar que a população roceira do nosso país era vítima desde muito de várias moléstias que a alquebravam fisicamente.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.457) “Os identificadores de tais endemias [os médicos] julgam ser necessário trabalho sistemático para o saneamento” de todo Brasil. Lima aponta que estes médicos não falseiam a situação das populações campestres brasileiras, mas discorda quanto ao remédio a ser aplicado: “[...] me parece que há mais nisso uma questão de higiene domiciliar e de regime alimentar.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.457)

A questão é social, e não médica, conclui o escritor carioca.

O problema, conquanto não se possa desprezar a parte médica propriamente dita, é de natureza econômica e social. Precisamos combater o regime capitalista na agricultura, dividir a propriedade agrícola, dar a propriedade da terra ao que efetivamente cava a terra e planta e não ao doutor vagabundo e parasita, que vive na “Casa Grande” ou no Rio ou em São Paulo. Já é tempo de fazermos isto e é isto que eu chamaria o “Problema Vital.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.458)

Coelho Neto também analisa *Urupês* de Monteiro Lobato, na crônica *Por água abaixo*¹⁷⁶, publicada um dia após a resenha de Lima. O escritor maranhense, simpático à natureza, elege o matuto¹⁷⁷ como o maior inimigo da natureza: “Indiferente à beleza que não o seduz, ignorante dos benefícios que nos presta a árvore, preguiçoso e sensual, como a lavoura é trabalhosa e lenta e a derrubada é fácil e de compensação imediata, com um machado e um isqueiro faz a sua vida.”¹⁷⁸ (COELHO NETO, 1922, p.40-41)

Esta defesa do meio ambiente está alicerçada nas transgressões do caboclo¹⁷⁹ – mestiço entre branco e índio. Desmata, porque não se dedica à agricultura, pois é trabalhosa. Necessita de trabalho metódico e lento, que é rejeitado, já que o caboclo seria preguiçoso, indolente. É possível que o escritor maranhense tenha traçado a relação entre hierarquia racial

pela Sociedade Eugênica de São Paulo e pela Liga Pró-Saneamento do Brasil. Gustave Le Bon (1841-1881) era um intelectual francês, cuja principal obra, *Les lois psychologiques de l'évolution des peuples* (1894), apresenta a tese de que a história é um produto da qualidade racial-nacional de cada região, sendo a emoção a principal força de evolução social. Apresentava um especial desprezo pela miscigenação. Informações retiradas de: **Gustave Le Bon**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Gustave-Le-Bon>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

¹⁷⁶ **A Noite**, de 23-2-1919.

¹⁷⁷ É interessante observar que entre os possíveis sinônimos está finório, jeca, ignorante, ingênuo. E entre as ideias afins encontramos: negligente, sujo, frouxo, preguiça, apatia. (FERNANDES, F. Matuto. In: _____. **Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa**. 7.ed. Rio de Janeiro: Globo, 1953. p.606; AZEVEDO, F.F. dos S. Matuto. In: _____. **Dicionário analógico da língua portuguesa**: ideias afins/thesaurus. 2. ed. atual. e rev. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010, p. 188).

¹⁷⁸ A visão de Coelho Neto é muito similar à posição inicial de Monteiro Lobato, que via a indolência e a pobreza como culpa do Jeca e por extensão, do matuto.

¹⁷⁹ Coelho Neto usa o termo como sinônimo de matuto.

e degeneração, pois o matuto, por ser mestiço – e logo, degenerado estaria pouco inclinado às práticas mais laboriosas, sendo, por fim, um empecilho ao desenvolvimento do país.

Coelho Neto, além disso, faz coro às ideias sanitaristas. Em *Ecce Homo!*¹⁸⁰, ele toma por base as ideias defendidas por alguns médicos que o problema do Brasil não seria *estritamente* racial, mas especialmente de higiene. Apresentando relato de um grupo de escoteiros do Rio Grande do Norte, que conversaram com um sinaleiro, afirma:

Esse é o ‘homem’ do nosso interior, o ignorante que não tem a mais ligeira noção do que seja a terra em que nasceu, que dela sabe apenas o que ouve na feira, em roda de sertanejos. Esse é o mísero coitado que planta uma roça escassa para manter-se e à família, que definha assezoado ou impa, atupido de vermes e, a tiritar de febre, calcorreia as estradas carregando pedras, nas tristes ‘desobrigas’ pregadas pelos missionários, que o trazem preso ao fanatismo, intimidando-o com o inferno, o demônio e tudo mais que lhe pregam do púlpito ou para obedecer ao mandão político que lhe dá um papelucho para que vote nas eleições. (COELHO NETO, 2007, p.346)

Coelho Neto ressalta que além da alienação (influência da religião, mando dos coronéis, ou mesmo ignorância), o brasileiro do interior (e, até 1904, também aquele que vivia Capital Federal) tem um corpo enfermo. Enfermo não por razões inatas, hereditárias, mas um corpo doente, infectado por vermes e doenças tropicais. Assim, o problema do Brasil, e do brasileiro, não seria *somente* de cunho racial, e sim, um problema de saúde pública.

Em *Mosquitos*¹⁸¹, o escritor mantém o tom, e trata especificamente do Rio e da ação de Carlos Chagas. É interessante contrastar com a abordagem que Lima fez acima. Até a liderança de um “homem enérgico” - Chagas - o Rio seria empestado. Energia empregada com violência em direção às populações pobres da cidade, no afã de impor códigos e normas, como ressalta Lima, sem se preocupar com as condições sociais e econômicas destas populações carentes. “A cidade saneou-se e o benefício que a depurou estendeu-se generosamente a todo o Brasil, que passou a ser considerado como a região predileta de Hygia.”¹⁸²(COELHO NETO, 1922, p.223)

Coelho Neto conclui reclamando da desmobilização da prefeitura em relação ao combate aos mosquitos. O investimento nesta questão seria essencial, tanto na questão sanitária,

¹⁸⁰ *A Noite*, de 23-8-1923.

¹⁸¹ *A Noite*, de 20-5-1920.

¹⁸² Deusa grega da saúde e filha de Asclépios. Asclépios por sua vez, era o filho de Apolo e deus da medicina. Informações retiradas de: HARVEY, P., comp. Asclépios; Higiéia. In: _____. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 62, 272.

quanto para que os estrangeiros em visita à Capital Federal não sejam molestados por mosquitos e maculem a imagem do país no exterior¹⁸³.

O arrasamento do morro do Castelo é defendido por Coelho Neto a partir das duas questões levantadas no parágrafo acima – higiene e imagem. Em *O morro do Castelo*¹⁸⁴, o escritor reclama dos tradicionalistas, que querem manter o morro em nome de uma pretensa tradição. Para Coelho Neto (1922, p.242-243):

O morro do Castelo é um cisto no rosto da cidade, uma verruga monstro [...] É um enorme monturo de casario arruinado e lôbrego onde se alija a miséria e pulula a vérmina. É do Castelo, muralha que se opõe aos ventos beneficiadores, que descem, em nuvens ravazes, os cupins que infestam os prédios da Avenida. O morro, na sua velhice rabugenta e sórdida, faz guerra à cidade que se lhe estende aos pés [...] E ficaremos livres dessa espécie de tumor, a esputar constantemente sobre a cidade a saúde da sua imundice.

Trocando em miúdos, o morro personificaria uma doença (o cisto) no seio do Rio de Janeiro. Ali moram os pobres, os miseráveis, geralmente negros; dali partem as infecções que assolam a cidade. Logo, com seu arrasamento, excluindo os fatores estéticos, as populações negras e pobres, doentes, que eram os alvos dos higienistas seriam expulsas, tornando a cidade mais agradável – mais branca – às elites e aos estrangeiros. Além disso, também estava presente a ideia de higiene, já que o morro do Castelo¹⁸⁵ impediria a circulação dos ventos, dispersando “miasmas”, e seria um ponto de concentração de sujeira, de imundice, de pestilência.

João do Rio também faz esta relação entre reformas urbanas, higiene, e da Capital como cartão-postal. Na já mencionada *O estadista brasileiro Rodrigues Alves*, o escritor elenca os “avanços” promovidos sob a presidência de Rodrigues Alves:

Foi sob Rodrigues Alves que o Sr. Muller executou o seu plano ferroviário; foi sob Rodrigues Alves que se fizeram todas as reformas da administração, transformando estabelecimentos lamentáveis em modelares exemplos; foi sob Rodrigues Alves que se fez o cais do porto do Rio de Janeiro, a Avenida Central e a transformação da velha cidade numa das grandes cidades

¹⁸³ Retomando, uma preocupação à época - demonstrar que o Brasil seria um país civilizado, moderno, assim atraindo imigrantes europeus, fortalecendo a política de branqueamento. Podemos encontrar um exemplo desta preocupação de Coelho Neto na crônica *Para o rei Alberto ver... o que é bom*, publicada em **A Noite** de 19-8-1920. Preocupado com a visita do Rei da Bélgica, herói do front, nas palavras de Coelho Neto (1922, p.250), o escritor defende intervenções urbanas realizadas na Capital Federal, para que seja mostrado ao herói como o Brasil é belo e moderno.

¹⁸⁴ **A Noite**, de 5-8-1920.

¹⁸⁵ Lima Barreto trata da demolição do morro em *Variações*. Ele relata a alta dos preços dos aluguéis, pois estaria ocorrendo um projeto de expulsão dos pobres do Rio em direção ao interior. Conclui que a demolição do morro do Castelo foi mais um passo dado neste sentido, tendo contribuindo para a elevação ainda maior dos preços das moradias. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.484-486). A destruição do morro já tinha sido assunto de outra crônica - *O pavilhão da Inglaterra* (LIMA BARRETO, 2016, p.198-201). Nela, o escritor discorre sobre a política para a destruição do morro, lar de tantas pessoas. Ele comenta que esperava um levante popular, mas nada.

monumentais do mundo, que é hoje o Rio; foi sob Rodrigues Alves que Oswaldo Cruz acabou com a epidemia de febre amarela. (RIO, 1917a, p.288)

João do Rio deixa claro seu comprometimento com o projeto da burguesia brasileira de aspirações cosmopolitas, que fez da Capital Federal seu cartão de apresentação¹⁸⁶. Paulo Barreto conclui sobre Rodrigues Alves: “[...] ele abria ao Brasil uma nova era de civilização. A Avenida é em tudo o traço de separação entre o Brasil Parado e o Brasil Novo...” (RIO, 1917a, p.289) O novo Brasil, higienizado (Oswaldo Cruz), moderno, branqueado, com as expulsões promovidas pelas reformas no Rio.

Ainda nesta chave que abriria o Brasil à civilização, a prática esportiva é apontada como um elemento de saneamento, de higiene, de melhoria do corpo e da raça brasileira. Schwarcz (2017a, p.305) elenca vários artigos publicados na revista **Brasil Médico**, vinculada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, nos anos de 1912, 1920, 1921, 1922 e 1923, que defendiam a prática esportiva como uma maneira de se atingir a “regeneração da raça”. A pesquisadora ainda destaca que as práticas esportivas, e conseqüentemente, o futebol, como elemento regenerador foram defendidas por autoridades, intelectuais e políticos e correspondiam ao espírito do tempo: “Tendo como respaldo a recente experiência da Primeira Guerra Mundial e os novos modelos biológicos e sociais, parecia ser necessária a criação de um corpo atlético e saudável, símbolo da ‘regeneração física da nossa raça’.” Stepan (2005, p.99) também discorre no mesmo sentido, ressaltando que para muitos eugenistas brasileiros a promoção de práticas esportivas, e logo, a boa condição física, podiam ser consideradas práticas eugênicas, já que “aprimoravam a raça”.

2.2 Racismo e futebol

Não é mero acaso que as ideias de melhoramento da raça brasileira também circulavam nos clubes das classes altas e no futebol praticado pelas elites. Nesse contexto, vale a pena atentarmos ao primeiro hino do Fluminense, escrito em 1915, por Coelho Neto:

O Fluminense é um crisol/ Onde apuramos a energia. / Ao pleno ar, claro sol/
Lutando em justas de alegria/ O nosso esforço se congreja/ Em torno do ideal viril/
De avigorar a nossa raça/ Do nosso Brasil! [...] Ninguém no clube se pertence;/
A glória aqui não é pessoal:/Quem vence em campo é o Fluminense/
Que é, como a Pátria, um ser ideal. / Assim nas lutas se congreja/Em torno de

¹⁸⁶ Já em *O ajardinador da cidade*, João do Rio (1917b, p.326) aproveita para elogiar e destacar a superioridade do prefeito Pereira Passos: “Excepcionalmente teve um plano e realizou-o Pereira Passos. Os outros não têm tempo de ter planos”.

um ideal viril/A gente moça, a nova raça/ Do nosso Brasil. (PEREIRA, 2000, p.207-208)

O hino deixa bastante nítida a ideologia que permeava a prática do esporte pelas elites brasileiras – o futebol era entendido como um meio de “avigorar a nossa raça”, uma tarefa patriótica, que age por um “ideal viril” que por fim vai criar “a nova raça.” Conforme declarou Coelho Neto, em entrevista à **Época Sportiva**, em 1909: “[...] criar no país uma nova raça que deixasse definitivamente para trás sua malfadada herança cultural.” (ROSSO, 2000, p.51).

Assim, fica claro o princípio das elites de se aplicar a eugenia no Brasil através do esporte, conforme as palavras de Coelho Neto. Pereira (2000, p.42) aponta que desde os primeiros anos do século XX a ideia de “higienização do corpo do indivíduo, supostamente depauperado por séculos de inércia e de preguiça”, vinha ganhando força no Brasil. Na Europa, desde os anos 30 do século XIX, surgiam teorias que destacavam a necessidade da educação física, pois a força muscular seria um importante elemento da nação. Os europeus, considerados mais aptos fisicamente, ainda contariam com a vantagem do clima temperado, enquanto o Brasil, com seu clima tropical (que não seria adequado às atividades físicas) possuiria também a “mácula da mestiçagem”. Conseqüentemente, o melhoramento da raça brasileira através do esporte era um imperativo. As classes mais abastadas:

Ao recorrerem ao apelo que as práticas esportivas ganharam no período, jogadores e sócios desses clubes solidificavam a identidade moderna que criaram através do futebol, dando a ela uma justificativa moral.[...] De proposta médica para a sociedade, a higiene convertia-se em meio de legitimação da identidade construída por esses rapazes que se juntavam nos clubes de *foot-ball* tentando firmar para si o papel de salvadores da nação, patrocinadores de uma luta que teria como objetivo a regeneração do próprio país. (PEREIRA, 2000, p.54-55)

Bourdieu (2003, p.200-201) aponta no mesmo sentido:

Por contraste, a inclinação das classes privilegiadas para a “estilização da vida” reaparece e reconhece-se na tendência para tratar o corpo com um fim, com variantes conforme a tônica é posta no próprio funcionamento do corpo como organismo, o que inclina ao culto higienista da “forma” [...]

Não se pode deixar de ressaltar que os benefícios, as virtudes regeneradoras, só podiam se manifestar em corpos da elite. Pereira (2000, p.60-61) reúne depoimentos de médicos neste sentido. Em 1904, Álvaro Reis defendia que o futebol só seria benéfico para “a mocidade mais preparada”, sendo necessário a reunião de condições físicas e materiais para sua prática, pois senão a cultura da saúde do corpo se transformaria em ruína do corpo. Outro médico argumentava que, para despertar uma reação salutar, o futebol só deveria ser praticado “por órgãos solidamente constituídos e isentos de qualquer estorvo nas funções nutritivas.” A própria

medicina da época dava argumentos para os clubes e os *sportmen* isolarem o futebol das classes baixas. Como Lima Barreto dizia, eles tinham uma pretensão absurda de classe e de raça. Utilizavam seus corpos e a higiene para marcar sua diferença, como indicadores da hierarquia social e racial. Há neste trecho uma contradição nos discursos, já que a higiene também teria sido “solução” encontrada pela elite para o “problema do negro”.

Em *O jovem carioca*, Paulo Barreto destaca a melhora física que observava nos jovens cariocas em 1916, quando os comparava aos da passagem do século:

Em primeiro lugar endireitou o tipo físico. Em 1890, em 1900 mesmo, os rapazes eram enfezados, de pince-nez, corcovados e na sua maioria, amaralecidos. O jovem de agora é, em geral, forte, corado, sabendo dar pontapés (*foot-ball*), sabendo dar socos (boxe). Alguns atiram mesmo (*épée de combat*, florete). (RIO, 1917a, p.107-108).

Esclarecendo que trata dos jovens da elite. Continua a comparação observando que os de outrora não falavam outras línguas, não pensavam em vestir-se bem, em estar moda, nos cuidados (como fazer as unhas mãos e pés, etc). E arremata que o jovem carioca de 1916: “[...] trata todos com imensa superioridade (bom tom, *set*), dança (tango), diverte-se enfim.” (RIO, 1917a, p.108-109).

Pode-se identificar mais um exemplo de bovarismo das elites brasileiras nesta crônica: o modelo desejado, o moderno europeu, incorporado nos jovens endinheirados cariocas - no conhecimento de línguas estrangeiras (europeias), no apurmo das vestimentas, e nas práticas esportivas.

Ainda no mesmo ano, publica *A primavera e os acadêmicos*, na qual reforça as ideias da crônica acima: “A adolescência deixa os livros, deixa a ciência e mostra a destreza, a saúde, e alegria, o entusiasmo, o desejo das vitórias inúteis.”¹⁸⁷ A geração de 1900 saberia uns “versinhos idiotas”, abominaria os exercícios físicos e usava *pince-nez*. Vaticina sobre a geração futura: “Eles terão fé porque terão entusiasmo; eles terão bondade porque terão saúde e força.” (RIO, 1917a, p.427-428) A prática esportiva seria redentora, inclusive no campo moral.

Coelho Neto não compartilha da mesma visão otimista quanto à jovem geração carioca da época. Em *Aviso...*¹⁸⁸, reclama da mocidade macilenta, balbuciante, trêmula, sem ideal, viciada em álcool e éter, que via na Capital Federal, apenas uma minoria “reacionários que cumprem os preceitos de higiene e praticam o esporte.” Contra esta minoria, já haviam se

¹⁸⁷ Novamente, devemos retomar Bourdieu (2003) e o ideal do *sportmen*, de não se deixar levar pela prática esportiva.

¹⁸⁸ *A Noite*, de 18-12-1919.

erguido opositores, como Lima Barreto, denunciando “que a vida ao ar livre, os exercícios de campo e na água comprometem o desenvolvimento intelectual [...]” (COELHO NETO, 1922, p.153)

E a salvação deveria vir de São Paulo, mais especificamente do Dr. Renato Kehl, e da Sociedade Eugênica de São Paulo.¹⁸⁹ A Sociedade Eugênica:

Preconizando a ciência de Galton, que trata do aperfeiçoamento físico e moral do homem, [...] vai conseguindo realizar, ainda que lentamente, a obra filantrópica da regeneração do homem, para cuidar, em seguida, do aperfeiçoamento da espécie. A matéria prima que aí temos está tão estragada que se não for convenientemente corrigida e apurada não dará produto apreciável...e as formigas (ou os ratos) tomarão conta do mundo [...] (COELHO NETO, 1922, p.154)

Coelho Neto conclui com seus típicos trejeitos helenistas. “Pratiquemos a eugenia, tal como no-la ensinam os seus nobres propagandistas, e regressemos à idade de ouro apolínea, idade da beleza e da força [...]” (COELHO NETO, 1922, p.154)

Não à toa, a prática esportiva era reputada à época como regeneradora da raça brasileira, conforme não compreende Lima Barreto em *Um ofício da A.P.S.A.*:

[...] não vira eu como ele [o atletismo] tendia para o progresso da Pátria, para o rejuvenescimento da nossa juventude que nasce velha, extirpando-lhe d’alma o pessimismo, a melancolia, as perturbações nervosas, fazendo-nos um povo escultural, sadio e alegre [...]. (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.426)

Na crônica *Uma entrevista*¹⁹⁰, Lima Barreto relata que o médico e higienista Plácido Barbosa, recém-chegado dos Estados Unidos, observara que a prática do *football* conduziria à eliminação das moléstias no país *yankee*. Este médico teria ido estudar mosquitos nos E.U.A. (aqui não os há!), e volta maravilhado com a prática do *football* pelos americanos que, segundo ele, nunca ficariam doentes. Assim, essa seria uma prova das virtudes da prática de esportes. Lima Barreto arremata com extrema mordacidade: “Julgo, pois, e com toda a lógica, que o doutor Plácido deve trabalhar para a fusão da Saúde Pública com a Liga Metropolitana dos Trancos e Pontapés e pôr nas farmácias o medicamento – bolas.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.341) Ou seja, mais um exemplo da prática esportiva como a solução para os males do “corpo” brasileiro.

¹⁸⁹ Stepan (2004, p.339-342) esclarece que a Sociedade Eugênica de São Paulo realizou seu primeiro encontro em 15 de janeiro de 1918. Apesar do sucesso e da empolgação inicial, a Sociedade organizou apenas quatro reuniões, entre janeiro de 1918 e dezembro de 1919. O objetivo da Sociedade era promover “estudos científicos, conferências e propaganda sobre o fortalecimento físico e moral do povo brasileiro.” A organização é encerrada com a mudança para o Rio do principal expoente da eugenia no Brasil, Renato Kehl, e a morte do presidente, o médico Arnaldo Vieira de Carvalho.

¹⁹⁰ **Careta**, de 26-3-1921.

Na já trabalhada *Uma conferência esportiva*, Lima reproduz trecho do discurso de um dos diretores da Liga Metropolitana chamado: “A educação física, o *football* e as suas conquistas e progressos, entre nós”. Assim, só pelo título já se sabe do que se trata. No discurso, o diretor fala dos belos músculos dos estivadores, as perfeições de suas formas. Mas arremata: “Que beleza! Que perfeição! Mas para que servem? Para nada - podemos dizer; pois carregar fardos de alfafa, de algodão, sacos de café não é trabalho útil à sociedade.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.273). Mas, continua o diretor, quando vemos os jogadores de futebol, com seus músculos desarmônicos (pernas mais desenvolvidas):

[...] percebemos a utilidade da educação física. Ela não está no emprego para serviços de que toda a sociedade precisa; ela está no seu platonismo, no seu desinteresse, em não se aplicar ou em dar proveito algum dia e noite pontapés num pelotão. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.273)

De novo, estão presentes os valores burgueses do ócio e da atividade física¹⁹¹ como um fim em si mesma, já referidos anteriormente.

Em *Vantagens do football*¹⁹², Lima Barreto repete sua tática de reproduzir notícias de jornais sobre o futebol, elencando os seguintes casos: a) um garoto quebrou a perna ao jogar bola durante recreio no colégio; b) um menino de quinze anos morreu subitamente jogando bola; c) relato de uma notícia de Niterói, segundo a qual um rapaz luxou o braço jogando bola; d) notícia de Ribeirão Preto, a respeito de um garoto que quebrou o braço jogando bola, que morre quando este gangrena. O romancista dos subúrbios arremata, atacando a ideia dos defensores do futebol que tal esporte traria benefícios à saúde da população: “Não é só aqui no Rio que o maravilhoso jogo que vai nos fazer derrotar todos os nossos inimigos, inclusive a carestia de vida, manifesta a sua capacidade de dar saúde e robustez à nossa mocidade.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.196)

Em *Divertimento?*, o autor aponta rolos e brigas ligados ao futebol noticiados pelos jornais. Compara ainda o futebol com a capoeira, questionando porque a prática da capoeira é reprimida pela polícia enquanto a do futebol é incentivada. “Não quero que se acabe com semelhante jogo. Não quero que se acabe com a capoeiragem. Lastimo até o desaparecimento

¹⁹¹ Rosso (2010, p.44-45) observa que no Brasil, desde os tempos de Colônia, imperava uma ideologia, calcada na escravidão, de que o esforço físico seria indigno, logo as práticas esportivas não eram valorizadas. Soma-se, a isto, o medo das epidemias, que desmotivava a aglomeração. A valorização do esforço físico teria acontecido no começo do século XX. Tanto Manuel Bomfim (2008) quanto Sérgio Buarque de Holanda (2014) ressaltam que os primeiros colonos e seu caráter ibérico seriam responsáveis pela desvalorização do trabalho metódico e físico. Os dois autores, com terminologias diferentes, ressaltam o caráter dos povos ibéricos - violento e propenso a saques (Bomfim) ou “aventureiro” (Sérgio Buarque). Concordam que estes colonos portugueses buscavam enriquecer rapidamente nas Colônias e não realizar um trabalho lento e metódico até enriquecerem.

¹⁹² *Careta* de 19-6-1920.

dos Nagoas e Santa-Ritas. É preciso, porém, dar nomes aos bois. Essa coisa não é divertimento, não é esporte.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.233)

Faz-se necessário observar que a capoeira tinha sido proibida com o advento da República, pelo Decreto número 847, de 11 de outubro de 1890, Capítulo XIII - Dos vadios e capoeiras¹⁹³. Rosenfeld (1993, p.76) afirma sobre a capoeira: “Na época de seu florescimento, entretanto, ela foi, em alta medida, a perigosa arma do lumpem-proletariado formado pela libertação de muitos escravos de cor, dos arruaceiros do submundo urbano, terror da polícia e do burguês pacífico para que pudesse ser considerada esporte ou jogo.” Pereira (2000, p.133-134) observa que, em um artigo de 1920 da revista **Athlética**, faz-se a associação negativa entre os pobres jogando futebol e a capoeira. Os jogos dos pobres pareceriam choque entre maltas, transformando os campos em pistas de capoeiragem, criando uma imagem criminosa. Santos (1981, p.11) aponta que as autoridades cariocas apoiavam o futebol de modo que ele substituísse a capoeira entre as classes baixas.

A trama se enreda ainda mais quando Lima Barreto passa a criticar a transformação do futebol em símbolo da nacionalidade brasileira. Veremos na sequência como os jogadores do *scratch* nacional começaram a representar o país no mundo. Personificariam o corpo do país. Um corpo, que para as elites - apesar destas terem relativizado a ideia da degenerescência de raça com o higienismo - deveria ser branco. Ainda será apresentada a forma como a partir da década de 1930 adotou-se um discurso de um corpo nacional mestiço, de uma cultura mestiça, de um país sem preconceito de raças – traço ainda aceito e defendido em muitas parcelas da sociedade nacional, e em boa parte do exterior.

2.3 O futebol como símbolo brasileiro: o novo corpo nacional

Uma das crônicas mais curiosas de Lima Barreto é publicada no **A.B.C.** em outubro de 1921, sob o título *O meu conselho*. É iniciada com a reprodução de um anúncio, em francês, publicado na **Gazeta de Notícias**, de um inglês que se dizia de nobre ascendência, domiciliado em Trinidad, que procurava uma brasileira de boa família para casar. Logo a crônica se volta para o futebol.

¹⁹³ **Código penal brasileiro.** Disponível em: <https://pt.wikisource.org/wiki/C%C3%B3digo_penal_brasileiro_proibi%C3%A7%C3%A3o_da_capoeira_-_1890>. Acesso em: 12 out. 2017.

O escritor constata que Trinidad se parece com o Brasil pela presença de negros, mas o que separa os dois países é a prática do futebol. De certa forma, Lima Barreto acabava concordando que o futebol se tornara um dos traços identitários¹⁹⁴ do país, mas logo ressalva:

Quando não havia *football*, a gente de cor podia ir representar o Brasil em qualquer parte: mas, apareceu o *football* dirigido por um “ministreco” enfatuado e sequioso de celebridade, logo o tal esporte bretão, de vários modos, cavou uma separação idiota entre os brasileiros. É a missão dele. De modo que ela, a tal separação, não existe no Senado, na Câmara, nos cargos públicos, no Exército, na magistratura, no magistério; mas existe no transcendente *football*. Benemérito *football*! E ainda dizer-se que o governo dá gordas subvenções aos perversos de semelhante brutalidade, para eles insultarem e humilhem quase a metade da população do Brasil – é o cúmulo! E nota-se que o dinheiro que o governo lhes dá provém de impostos que todos pagam, brancos, pretos e mulatos. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.427)

Neste momento, no final de 1921, os negros ainda sofriam restrições tanto na seleção brasileira quanto nos principais times cariocas (e por consequência, brasileiros). O título do Vasco da Gama em 1923, com um time composto por jogadores negros, assinala o início da aceitação dos jogadores de cor nos grandes clubes. Este foi um processo lento, permeado por atritos¹⁹⁵. Somente no decorrer da década de 1930 os jogadores negros iriam consolidar seu espaço nos grandes clubes e na seleção brasileira, como veremos a seguir.

Retornando à crônica *Meu conselho*, Lima Barreto faz um paralelo entre a escravidão negra nas Américas com o futebol:

É o fardo do homem branco: surrar negros, a fim de trabalharem para ele. O *football* não é assim: não surra, mas humilha; não explora, mas injúria e come as dízimas que os negros pagam. O importante é que esses sujeitos do *football* são de uma mediocridade intelectual a toda prova; e é por isso mesmo que eles se julgam a raça eleita por Deus, graças às suas habilidades nos pés. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.427)

Neste trecho, pode-se pensar em raça sob duas referências: no sentido de raça dos jogadores de futebol, ou no sentido de raça branca (neste caso “abençoada”, não por Deus, mas pela “ciência”). Deve-se ressaltar que ao utilizar a expressão “fardo do homem branco”, Lima Barreto faz uma referência direta ao poema de Rudyard Kipling, *The White Man’s Burden*¹⁹⁶. Nesta poesia, Kipling faz uma defesa do imperialismo europeu e estadunidense afirmando que

¹⁹⁴ Assim como a existência de uma população negra e mestiça que a elite tentava esconder.

¹⁹⁵ Pereira (2000, p.320-325) elenca vários episódios que revelam a tensão na aceitação dos jogadores de cor nos principais clubes cariocas.

¹⁹⁶ **The white man’s burden**: Kipling’s hymn to U.S. imperialism. In: HISTORY MATTERS: the U.S. survey course on the web. Disponível em: <<http://historymatters.gmu.edu/d/5478/>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

seria uma obrigação (o fardo) destas nações (brancas) civilizar os países atrasados (de populações não brancas), justificando assim a dominação imperialista.

Lima termina pensando no que o tal inglês pode fazer por aqui. Sugere o futebol, pois o governo é generoso com o futebol e com os estrangeiros que o praticam:

Afianço-lhe isto porque o nosso governo e os antropologistas do *football* andam atrapalhadíssimos para arranjar sempre uma nívela representação futebolesca do Brasil na estranja. Um inglês [com ascendência remetendo ao século XII] [...] está livre de toda e qualquer suspeita de negrismo. [...] e o governo nacional, de mãos dadas com as eugênicas autoridades dos pontapés, cheias de contentamento por terem encontrado tão lídimo “expoente” (vá lá!) da população brasileira, há de cumulá-lo de toda espécie de recompensas, inclusive monetárias. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.431)

Explicita, desta maneira, a relação entre futebol, raça, eugenia, elite e nação. Retomando, as autoridades brasileiras desejavam um país branco. Inseridas no arcabouço teórico do racismo científico, as elites brasileiras buscavam “recuperar” o corpo do brasileiro, “degenerado” pela miscigenação. Isto explicaria políticas como a do “branqueamento”. A prática do futebol seria uma fórmula de se “higienizar” e fortalecer¹⁹⁷ o corpo (corpo branco e burguês, claro) nacional¹⁹⁸. Além disso, as disputas esportivas internacionais passaram a ser vistas como uma demonstração de força pelas populações dos países. As elites brasileiras se interessavam, então, em se utilizar deste símbolo da nacionalidade, a equipe brasileira de futebol, para propagar a ideia de uma nação branca. Ademais, ao atrelar o sentimento de nacionalidade à nívela equipe de futebol, toda a população brasileira, independentemente da cor¹⁹⁹, acabaria incorporando o ideal de uma nacionalidade de cor branca.

É possível apontar a contradição presente neste discurso das elites brasileiras, já que, em primeiro lugar, as elites buscam recuperar e embranquecer o corpo do brasileiro e o futebol seria um modo de recuperar esse corpo; também argumentam que o futebol só recupera o corpo do branco, que poderia ser fortalecido. Mas por que recuperar o corpo dos brasileiros brancos, já que o branco não precisaria ser salvo, pois não seria degenerado? Como já visto

¹⁹⁷ Coaduna com a ideia em voga que a força de um país poderia ser medida pela soma da força física dos seus habitantes. Muitos governos de países da Europa, em polvorosa desde a Revolução Francesa, passaram a implementar políticas de incentivo à natalidade e à prática esportiva. Conforme assinala Stepan (2005, p.85), os debates sobre as taxas de natalidade eram intensos na Europa e, especialmente, na França. Após a derrota na guerra Franco-Prussiana: “vários médicos concluíram que o crescimento da população francesa era pequeno demais para permitir que os franceses competissem econômica e militarmente com os alemães.”

¹⁹⁸ Abaixo será explicada a contradição presente na ideia de superioridade do corpo branco, que ainda assim precisaria ser regenerado.

¹⁹⁹ João do Rio (1917b, p.35-36) observa a congregação (se não física, ao menos sentimental) em torno dos clubes de futebol em 1916, em *Comemoração*: “Depois, de repente, é a vitória, um grito formidável de todas as bocas, e a saída, os do partido vencido um pouco penalizados, os outros contentíssimos, como se tivessem todos dado o pontapé decisivo.”

anteriormente, João do Rio também atribui ao corpo branco de elite uma dose de degeneração, ao se referir de forma negativa às gerações anteriores: de jovens poetas de *pince-nez*, atentos à uma filosofia sentimental; em contraste com os corpos atléticos e vigorosos das elites da época em que escrevia. De toda maneira, em meio a esta contradição, as elites também desenvolvem projetos para recuperar o corpo mestiço brasileiro, estes projetos têm como ponto final o embranquecimento da população brasileira.

*Bendito football*²⁰⁰ é o segundo artigo sobre futebol de Lima Barreto publicado no mesmo dia, mas em veículo diferente. O assunto é o mesmo – racismo no futebol. Rumores circulavam nos jornais de que o presidente da República teria pedido a exclusão de jogadores negros na seleção que disputaria o Sul Americano em Buenos Aires.²⁰¹

Lima repete os argumentos da crônica anterior e, por fim, sugere ao governo brasileiro investir todos os recursos empregados no socorro aos pobres assolados por doenças (as práticas sanitaristas, das quais não era fã) no futebol:

[...] o *football* ficava mais rico e mais branco; e a gente de cor, de que se compõe, em geral, os socorridos por aquele doutor, acabava desaparecendo pela ação da malária, da opilação. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.434)

Assim, continua Lima, seria mais lógico o governo exterminar a parcela da população que lhe enche de vergonha, pois:

Ilógico é querer conservar essa gente tão indecente e vexatória, dando-lhes médico e botica para depois humilhá-la, como agora, em honra do *football* regenerador da raça brasileira, a começar pelos pés. Matem logo os de cor; e viva o *football*, que tem dado tantos homens eminentes ao Brasil! (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.434)

Em uma observação final, Lima Barreto assinala a vingança dos excluídos: os argentinos não distinguem cor nos brasileiros - para eles, são todos “macaquitos”.

Aliás, não era apenas na seleção de futebol que a elite queria demonstrar um país branco e civilizável. Lima reclama em diversas oportunidades do racismo do Barão de Rio Branco²⁰², que preferiria juntar aos corpos diplomáticos jovens brancos, bonitos, mesmo sem talentos, a não ser o de dançar belamente.

²⁰⁰ Careta, de 1-10-1921.

²⁰¹ “Futebol: para o campeonato sul-americano - o Presidente da República não quer “homens de cor” no nosso *scratch*.” (ROSSO, 2010, p.151-152)

²⁰² José Maria da Silva Paranhos Júnior (1845-1912), o Barão do Rio Branco, herdou, além do título do pai, a vida de diplomata. Sua carreira iniciou-se sob a Monarquia e não sofreu grandes abalos com a transição para a República. Publicou artigos de propaganda em jornais europeus, com o objetivo de estimular a imigração para o Brasil de trabalhadores rurais brancos (tendo em vista as ideias de branqueamento e substituição da mão de obra escrava). Em 1902, a convite de Rodrigues Alves, torna-se ministro das Relações Exteriores. Foi considerado um

Lima Barreto reclama deste apadrinhamento e do preconceito racial do Barão do Rio Branco em *Carta Aberta*, publicada em **O Debate**, de 8-9-1917. Nela, ataca um conhecido seu dos tempos de boemia²⁰³: Hélio Lobo²⁰⁴. O escritor suburbano ressalta que Lobo teria sido nomeado, sem concurso, por Rio Branco, amanuense da Secretaria do Exterior²⁰⁵. Lima reclama da ignorância de Hélio Lobo que, inclusive, se julgava pelo retrato, “não há ninguém capaz de saber que tu saibas ler e escrever.” Reclama também dos apadrinhamentos do Barão, cuja única preocupação era a cor (e, conseqüentemente, a beleza, julgada por um espectro racial) dos protegidos, não o conhecimento: “O barão só não gostava de inscientes, quando fossem feios ou *mulatos*; mas tu não eras nem uma coisa, nem outra e, logo, ele te deu alguns exemplos de como se fazia o trabalho.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.283)

Skidmore (1976, p.151) respalda as acusações de Lima Barreto. Escreve que o Barão do Rio Branco, ministro das relações exteriores entre 1902-1912, fez um intenso trabalho para demonstrar ao mundo desenvolvido uma “imagem civilizada” do Brasil. Seria uma propaganda sofisticada e branca.

Desejava, acima de tudo, apresentar o Brasil como país culto. Uma das maneiras de fazer isso (e ele o fez) era preencher as fileiras do serviço diplomático com homens brancos que estrangeiros pudessem considerar civilizados e refinados – para reforçar a imagem de um país europeizado que se tornava mais e mais branco.

Por isso, escritores como: Graça Aranha, Joaquim Nabuco, Rodrigo Otávio, Domício da Gama, Aluísio Azevedo, Oliveira Martins foram escolhidos (Coelho Neto teria recusado). Já Euclides da Cunha, todavia – homem pequeno e fisicamente pouco impressionante - teve de implorar ao ministro do Exterior que lhe desse um emprego no Itamarati, e Rio Branco nunca o enviou ao exterior. (SKIDMORE, 1976, p.152)

Conforme ressalta Hobsbawm (2011, p.11-23), o século XIX (mais especificamente a Europa, pós-Napoleão) enfrentou o “problema” de conceituar uma nação. O que seria necessário para formar um Estado-nação independente? Quais seriam os critérios que

hábil diplomata, especialmente ao negociar as querelas envolvendo as fronteiras do Brasil com países vizinhos. Foi ministro até a morte, tendo atuado sob quatro presidentes diferentes: Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca. Informações retiradas de: *Barão do Rio Branco*. In: FGV/CPDOC. **Atlas histórico do Brasil**. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/verbetes/barao-do-rio-branco>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

²⁰³ Observando, mordazmente: “Tu julgavas que eu ia ser grande coisa e nunca mais, apesar de tua elegância e branquidade, me deixaste de cumprimentar.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.282)

²⁰⁴ Hélio Lobo (1883-1960), diplomata brasileiro, que ocupou cargos em delegações prestigiadas durante várias décadas. Foi eleito para a cadeira nº 13 da Academia Brasileira de Letras em 1918. Dedicou-se a escrever a história da diplomacia brasileira. Informações retiradas de: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Hélio Lobo**. Disponível em: < <http://www.academia.org.br/academicos/helio-lobo/biografia> >. Acesso em: 8 ago. 2018.

²⁰⁵ Inclusive, a própria biografia de Hélio Lobo presente no site da Academia Brasileira de Letras destaca estes favorecimentos: “Ingressou no Itamarati, quando dominava o prestígio do Barão do Rio Branco. Não tardou muito para que Hélio Lobo revelasse uma vocação para a diplomacia.”

definiriam a “nacionalidade” de um indivíduo? Como despertar a “consciência nacional” nas massas, inculcar-lhes um sentimento de lealdade?²⁰⁶

Entre os principais fatores levantados pelos estudiosos europeus estava a ideia de que o que definia a nacionalidade seria a *raça*, e não a língua, ou a cultura (HOBBSAWM, 2011, p.113). Inclusive, a ligação entre raça e nação foi fortalecida durante o século XIX, pois era muito comum estes dois termos serem utilizados de forma indistinta, formando, também de forma pouco precisa, um suposto caráter “racial/nacional”. (HOBBSAWM, 2011, p.124).

Stepan (2005, p.117-118) complementa e traz o problema da mestiçagem latino-americana e, por extensão, brasileira:

O desejo de “imaginar” a nação em termos biológicos, de “purificar” a reprodução das populações para adequá-las às normas hereditárias, de regular o fluxo de pessoas através das fronteiras nacionais, de definir em novos termos quem poderia pertencer à nação ou não - todos esses aspectos da eugenia giravam em torno de questões de gênero²⁰⁷ e de raça e produziram propostas ou prescrições de novas políticas invasivas do Estado, voltadas para os indivíduos. Em resumo, por causa da eugenia, gênero e raça ficaram ligados à política de identidade nacional. [...]

Para os eugenistas, uma verdadeira nação teria um propósito comum, língua e cultura compartilhadas e uma população homogênea. Por esses critérios, muitos, entre a elite, inclinavam-se a pensar que os países da América Latina ainda não eram as nações de seus anseios. Faltava-lhes, especialmente, coerência biológica.

Além disso, conforme apontam Stepan (2005) e Hobsbawm (2011, 2012), as políticas nacionalistas, que buscam definir e identificar diferentes nações, produziam novos ritos e práticas, através dos quais uma nacionalidade específica poderia formar-se. No Brasil, é possível identificar a transformação dos lugares comuns, que por muito tempo definiram (e para muitos ainda definem) a brasilidade: a cultura mestiça, o futebol e o samba.

Autores como Skidmore (1976), Pereira (2000), Cunha (2001), Stepan (2005), Guimarães (2009), Schwarcz (2017a, 2018) apontam a década de 1930 e o regime Vargas como o momento da formação destes locais comuns da cultura brasileira. Esta transformação será retratada mais abaixo neste capítulo e, no caso do carnaval e da *mulata*, no capítulo seguinte. Deve-se ressaltar que esse processo de formação da “cultura nacional”, cunhado por Vargas, não foi um processo rápido, nem livre de atritos. Este foi sim um processo de décadas²⁰⁸, de sedimentação destas ideias, da aceitação (mesmo que parcial, no qual simultaneamente, se

²⁰⁶ Para grande parte dos movimentos nacionalista-territorialistas, “um território deveria ser ocupado por uma população étnica, cultural e linguisticamente homogênea.” (HOBBSAWM, 2011, p.178)

²⁰⁷ Stepan (2005) trata das questões de gênero e eugenia que no presente trabalho não cabe destacar.

²⁰⁸ Podemos identifica-lo no início do século XX.

desafricanizava e se abasileirava) da cultura popular e do próprio povo brasileiro, até a formação desta “cultural nacional” corporificada no futebol, no carnaval, no samba, no *mulato*.

As elites brasileiras da 1ª República atuaram no sentido de criar uma determinada identidade nacional, que conforme já demonstrado acima, procuravam ressaltar o caráter branco (ou em vias de branqueamento) da nação brasileira. Logo, buscava-se, como denunciava Lima Barreto, esconder-se boa parte da população: a “de cor”.

Hobsbawm (2011, p.162-163) destaca como se deu a transformação dos esportes (e, mais especificamente, do futebol) em espetáculos de massa, e a transformação de atletas e times em símbolos do Estado-nação.

O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam identificar como a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de 11 pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação.

O mesmo se deu no Brasil. Conforme o século XX se desenrolava, Lima Barreto assistia os futebolistas tornarem-se símbolos da nação brasileira, e o como o Brasil ia moldando-se no “país do futebol”. Hobsbawm (2012, p.378-379) ressalta que o futebol inglês foi se transformando na “demonstração concreta de laços que uniam todos os habitantes do Estado nacional, independentemente de diferenças [...] os campeonatos ‘internacionais’ serviam para sublinhar a unidades das nações [...]” Assim, o futebol e outros esportes constituiriam um meio de identificação nacional, formando o sentimento de comunidade nacional.

Lima Barreto via que o futebol também servia como forma de identificar a nação. Ao contrário do caso inglês, no qual o esporte uniria todos os habitantes, indistintamente, para o cronista suburbano, contudo, o futebol brasileiro atuaria na chave da dissensão. Além de fomentar a separação entre os brasileiros (já que negros não atuavam pelos principais times, eram proibidos de representar a seleção nacional, clubes criavam estatutos para proibir a associação de negros), haveria a criação de um tipo nacional falso, puramente branco, no qual se ocultaria a maior parte da população brasileira. Para Lima, este tipo nacional seria cristalizado na figura do jogador da seleção brasileira de futebol: branco e advindo das elites.

2.4 Lima sai de campo

Poucos meses antes de morrer, Lima Barreto (2004, v.2, p.551) assume seu fracasso:

Toda a gente, hoje, nesta boa terra carioca, se não fica com os pés ferrados, ao menos com a cabeça cheia de chumbo, joga o tal *sport* ou esporte bretão, como eles lá dizem. Não há rico nem pobre, nem velho nem moço, nem branco nem preto, nem moleque nem almofadinhas que não pertença virtualmente pelo menos, a um *club* destinado a aperfeiçoar os homens na arte de servir-se dos pés.²⁰⁹

O futebol já se espalhara por toda a cidade. Em 1920, existiam no Rio de Janeiro treze mil jogadores associados a clubes inscritos em alguma liga desportiva (ou seja, o número deveria ser bem maior, desconsiderando os clubes que não eram afiliados, ou praticantes de futebol não afiliados). A população do Rio de Janeiro, no mesmo ano, contava 598.307 homens. Ou seja, dois em cada cem homens cariocas praticavam futebol em clubes. Deve-se ressaltar que tal número é sobre o total de homens, tendo-se em conta o número de homens não aptos a praticar o esporte (idosos, ou crianças), a proporção seria ainda mais significativa²¹⁰.

Na crônica *Como resposta* publicada na **Careta** de 8-4-1922, Lima Barreto (2004, v.2, p.516) promete: “O meu caro doutor Süssekind pode ficar certo de que, se a minha liga [A Liga Contra o Futebol] morreu, eu não morri ainda. Combaterei sempre o tal de *football*.” Curiosamente, este foi um dos poucos projetos que Lima Barreto concluiu. Abandonou obras como *O cemitério dos vivos*, *Os negros*. Muitos projetos indicados no *Diário Íntimo*²¹¹ não chegaram nem a ser iniciados como “Germinal negro”, ou o estudo “História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade”. Deixou de cumprir também o segundo item do seu decálogo de 1903: “Não beber excesso de coisa alguma.”, que depois seria uma assombração em sua vida.

Enquanto viveu, Afonso combateu o futebol, mas seus amados subúrbios, em 1920, já abrigavam duas das três mais importantes ligas de futebol da cidade (a Liga Suburbana e a Associação Atlética Suburbana). De acordo com levantamento do jornal **O Imparcial**, em 1919, os subúrbios abrigavam 35,6% dos clubes de futebol da cidade, sendo que contribuía com 27,7% do total de habitantes. Somando ao número de clubes dos distritos rurais da época (27,4% do total), as regiões periféricas da Capital Federal representam 63% dos clubes, de acordo com este levantamento.

Lima Barreto viveu o início do período de massificação do futebol. De um esporte da colônia inglesa, tornou-se restrito às elites nacionais e, no final da década de 1910, um

²⁰⁹ *O nosso esporte*, publicada no **A.B.C.**, de 16-8-1922.

²¹⁰ Os dados utilizados neste e nos próximos parágrafos foram retirados de: Pereira (2000, p.126, 167).

²¹¹ Lima Barreto, 2011, p.12 e seguintes, 47.

fenômeno disseminado em todas as classes e raças. Inicialmente um elemento de diferenciação social, passa a ser um elemento de congregação nacional. Mais do que isso, se torna a imagem e a identidade nacional, conforme demonstra Coelho Neto em *A vitória do frio*²¹². O escritor maranhense relata o sofrimento dos atletas brasileiros, nos Jogos Olímpicos de 1920, na Antuérpia, Bélgica, com o frio (“inimigo mefistofílico”). Como era de se esperar, adota tons épicos ao se referir aos esportistas nacionais (valentes heróis) e a todos os brasileiros: “filhos do Sol”, “heliógenos”. Assim, conclui: “O Frio... Foi ele vencedor dos nossos patrícios nas Olimpíadas. Se eles tivessem levado um pouco do nosso sol no navio em que seguiram [...] não teriam, certamente, cedido a palma a outros povos.” (COELHO NETO, 1922, p.259).

Identificando nas manifestações nacionalistas do futebol em todas as camadas da população brasileira uma vitória das elites que teriam no futebol mais um instrumento para implementação de seus projetos higienistas e racistas, que culminariam na figura do esportista vitorioso, e por bem dizer, branco e de elite²¹³, Lima Barreto não teve tempo de enxergar que:

Coexistindo com outros níveis de identidade, a afirmação de pertencer à comunidade brasileira permitia aos muitos trabalhadores que se apertavam pelas gerais ou pelos morros ao redor do estádio expor o processo de exclusão social que outras leituras desse sentimento tentavam negar. Lutando não somente em torno de questões econômicas ou políticas, mas também pela legitimidade de seus valores e aspirações, definiam outros espaços para as disputas sociais, fazendo da cultura um campo de efetivação de negociações e embates diversos. (PEREIRA, 2000, p.182)

O escritor suburbano considerava o futebol como um instrumento a serviço das elites, ignorando os múltiplos significados que o campo esportivo poderia assumir para as camadas populares. Esta população poderia vislumbrar um sentimento de pertencimento à nação brasileira, expressando um complexo mosaico identitário, com várias camadas, que um membro das classes populares poderia assumir. Em outras palavras, um homem negro, estivador, poderia sentir-se “irmanado” ao homem branco, burguês, na medida em que ambos se identificavam como brasileiros, cariocas, torcedores da seleção brasileira e do Flamengo, por exemplo. Esta coincidência de identidade não significa que no cotidiano estes dois homens não atuem de forma antagônica, lutando por interesses de suas outras camadas identitárias.

Lima Barreto não viveu o suficiente para assistir, apenas cinco anos após sua morte, um jogo entre as seleções paulista e carioca que reuniu 50 mil pessoas, inclusive o então presidente da República, Washington Luís. O embate que entrou para a história. Na ocasião, o

²¹² *A Noite*, de 02-9-1920.

²¹³ O já mencionado Marcos Mendonça.

time paulista se recusou a continuar o jogo após a marcação de um pênalti a favor do *scratch* carioca. Washington Luís manda, então, um oficial de seu gabinete descer ao campo e informar aos paulistas que o presidente da República ordenava o reinício do jogo. Feitiço, *mulato*, um dos destaques do time responde, segundo um jornal da época:

[...] o doutor Washington Luís mandava lá em cima – lá em cima sendo a tribuna de honra – cá embaixo – cá embaixo sendo o campo - quem mandava era ele. E para mostrar que mandava mesmo, que não era conversa, fez um sinal, os jogadores paulistas saíram atrás dele. Washington Luís, Presidente da República, não teve outro remédio, senão ir embora, ofendidíssimo. (SANTOS, 1981, p.52)

O escritor também não assistiu ao primeiro grande ídolo nacional do futebol, Leônidas da Silva, o Diamante Negro, que, em 1938, era tão popular quanto Getúlio Vargas, sendo garoto propaganda de inúmeras marcas e assediado por todo tipo de gente. (SANTOS, 1981, p.54)

Não conseguiu ver no futebol um caminho de ascensão social e identificação para os “homens de cor”, conforme ressalta Rosenfeld (1993, p.87, 99):

No campo de futebol, de uniforme esportivo, o homem de cor, apesar de múltiplas dificuldades, apesar do protetor de jogadores brancos, e mesmo da saída de sócios de clubes nobres, podia ter provado sua plena igualdade em perseverança.[...] Na medida em que começou a comprovar o mesmo valor dos jogadores de raça negra [...] cresceu simultaneamente a autoconsciência das massas e elas começaram a sentir o jogador negro ou mulato como seu representante.

Hobsbawm (2012, p.366-367) se refere ao desenvolvimento do futebol, especificamente nos países europeus mas, neste trabalho, estendemos ao Brasil:

Ao que parece, o esporte, importado da Grã-Bretanha, permaneceu monopolizado pela classe média por muito mais tempo que em seu país de origem, mas sob outros aspectos a atração que o futebol exercia sobre a classe operária, a substituição do futebol de classe média (amador) pelo plebeu (profissional) e a ascensão da identificação das massas urbanas com os clubes, desenvolveram-se de modos semelhantes.

Ou seja, o processo de profissionalização do futebol brasileiro, que ocorre desde a segunda metade da década de 1910 e se cristaliza 1933 quando os primeiros clubes brasileiros profissionalizaram seus jogadores através de seus estatutos²¹⁴, torna este esporte um meio de

²¹⁴ Para mais informações a respeito do longo e turbulento processo de profissionalização dos jogadores de futebol no Brasil, consultar: SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Em especial, páginas 32-49.

ascensão social para uma parcela da população negra brasileira e consiste num indicador de popularização e aceitação (parcial) dos jogadores pobres nos times.

Os clubes de elite brasileiros, em um raciocínio aparentemente contraditório, indicam uma lógica de acomodação que, ao mesmo tempo em que inclui, separa, mantendo relações hierárquicas. A elite desejava o futebol como símbolo da nação, de uma nação branca, porém cada vez mais negros e pobres estão jogando e se identificando com o futebol e com esta imagem de Brasil. Assim, os corpos brancos vão se encontrando cada vez mais com os corpos escuros na prática futebolística. Logo, a imagem do ser nacional construída pela prática do futebol passa a incluir o corpo escuro.

As disputas internacionais, recheadas de simbolismo nacionalista-guerreiro, onde ganhar era demonstrar a força do país, do vigor do povo, agem como uma chave dupla: para ganhar precisava-se recorrer aos melhores jogadores, mesmo que fossem não-brancos, pois assim demonstrariam a força nacional; ao mesmo tempo, ao utilizar estes jogadores de cor, reforçava-se a ideia de uma nação vigorosa, ou seja, civilizável, a despeito da miscigenação e das teorias racistas europeias que condenavam o país ao eterno atraso. Assim, começa-se a, paulatinamente, incorporar os jogadores de cor no futebol brasileiro oficial e dos grandes clubes por volta das décadas de 1920 e 1930.

Deve-se ressaltar que a profissionalização reforçou nos clubes de elite uma diferenciação social evidente: o sócio, branco, de elite, fazia parte do clube, integrava a “boa sociedade”, tinha no clube um local de diferenciação social, onde encontrava seus pares, enquanto o jogador, agora profissionalizado, era um funcionário do clube como outro qualquer: como o faxineiro, como o porteiro, como a cozinheira – geralmente, ainda hoje, negros - com a inegável diferença da possibilidade do jogador se tornar um ídolo do clube. Logo, o jogador poderia ser de cor, mas já seria estigmatizado sob uma dupla marca de subalternidade: a raça e a condição de empregado do clube. A confusão entre sócio e jogador, presente nos tempos do amadorismo, que poderia gerar encontros desconfortáveis nas sedes sociais dos clubes de elite, seria claramente evitada.

É válido destacar a maneira como Hobsbawm (2012, p.383-384) considerava como sendo de caráter inconsciente as conquistas populares no campo esportivo:

O esporte específico de classe entre plebeus raramente evoluiu conscientemente como tal. Onde isso ocorreu, foi geralmente pela apropriação de práticas das classes altas, expulsão²¹⁵ dos antigos praticantes e

²¹⁵ De acordo com Hobsbawm (2012, p.365), o fenômeno da profissionalização nos esportes foi acompanhado pelo afastamento da maior parte das figuras filantrópicas e moralizadoras das elites dos desportos.

desenvolvimento de um conjunto específico de procedimentos sobre uma nova base social (cultura futebolística).

Para o autor, as conquistas das classes populares no campo esportivo não eram fruto de uma ação politicamente planejada. A prática esportiva pelo povo não deveria ser encarada como um *locus* especial de resistência.

Essa aceitação do negro no futebol ocorria em consonância com uma tolerância ao negro por parte da intelectualidade brasileira, cristalizada em 1933, com a publicação de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, obra que apresenta vantagens na mistura racial.

Freyre comenta que sua visão culturalista o separava dos outros intérpretes do Brasil, visão que reduzia o peso das supostas qualidades raciais. É válido destacar que ele ressalta a influência que Franz Boas²¹⁶ teve sobre a sua obra, relativizando a importância das raças como fator biológico e definidor do caráter e aptidões dos indivíduos (ou seja, negando-lhe o individualismo característico do liberalismo) e expandindo-se, de uma nação.

Diante da possibilidade da transmissão de caracteres adquiridos, o meio, pelo seu físico e pela bioquímica, surge-nos com intensa capacidade de afetar a raça, modificando-lhe caracteres mentais que se tem pretendido ligar a somáticos. Já as experiências de Franz Boas parecem indicar que o *biochemical content* – como o chama Wissler – é capaz de alterar o tipo físico do imigrante. Admitida esta alteração, e a possibilidade de gradualmente, através de gerações, conformar-se o adventício a novo tipo físico, diminui, consideravelmente, a importância atribuída a diferenças hereditárias de caráter mental, entre as várias raças. Diferenças interpretadas de superioridade e inferioridade ligadas a traços ou caracteres físicos. (FREYRE, 2013, p.377)

É possível observar, porém, que Freyre nunca abandona o pressuposto da superioridade branca: “Não se negam diferenças mentais entre brancos e negros. Mas até que ponto essas diferenças representam aptidões inatas ou especializações devidas ao ambiente ou às circunstâncias econômicas de cultura é problema difícilimo de apurar.” (FREYRE, 2013, p.380) Nesse mesmo sentido, ele (2013, p.387) comenta que muitos dos africanos trazidos ao Brasil seriam de “um estoque superior”, pois teriam se cruzado com povos do norte da África, e teriam “Cabelo mais suave. Nariz mais afilado. Traços mais próximos aos dos europeus. Mais

²¹⁶ Franz Boas (1858-1942), antropólogo teuto-americano, catedrático professor na Universidade de Columbia. Foi o antropólogo mais influente dos Estados Unidos e um dos mais importantes do século XX. Defende suas ideias em um ambiente dominado pelas noções de hierarquias raciais. Boas advogava que todas as raças apresentariam igual capacidade para o desenvolvimento, e as diferenças sociais apresentadas entre as raças seria o resultado do processo histórico e de condições particulares. A própria ideia de raças diferentes seria um construto social, não caracterizado biologicamente. Informações retiradas de: **Franz Boas**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Franz-Boas>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

doces ou ‘domesticados’ como se diria em linguagem antropológica.” Ou seja, aceitava-se o corpo negro e mestiço, mas este sempre pressionado rumo ao embranquecimento²¹⁷.

Por outro lado, Gilberto Freyre defende e considera o negro um elemento civilizatório (no caso brasileiro) – indo na contramão de outras interpretações baseadas em raça que viam no negro um elemento disruptivo, indesejável, e por que não, amaldiçoado ao eterno subdesenvolvimento, com seu toque de Midas às avessas, transformando populações com que mantinha contato não em ouro, mas em salitre. “Tais contrastes de disposição psíquica e de adaptação talvez biológica ao clima quente explicam em parte ter sido o negro na América portuguesa o maior e mais plástico colaborador do branco na colonização agrária [...]” (FREYRE, 2013, p.372)

Freyre vê no futebol a síntese da mistura cultural e racial que formara a própria nação brasileira, e afirmava a supremacia do estilo brasileiro sobre os demais. Mais do que igualar os brasileiros aos europeus, como queriam Coelho Neto, João do Rio, e as elites modernizadoras da *belle époque*, Freyre exaltava a superioridade do nacional, não em termos raciais, mas sim de formação cultural. (PEREIRA, 2000, p.334)

O sucesso do autor de *Casa-grande & senzala* é imediato. Conforme ressalta Guimarães (2009, p. 63-64), Freyre aparece com uma interpretação que é logo encampada pela elite e pelos intelectuais.

Aqui no Brasil, a construção da nacionalidade foi, muito cedo neste século, positivamente afetada pelo descrédito do conceito de raça, o qual representou sempre um enorme estorvo para os construtores da nação, dada a incongruência entre, de um lado, a importância dos mulatos e dos mestiços na vida social, e, de outro, os malefícios que as teorias racialistas atribuíam à hibridização. Com a aparição de *Casa-Grande & Senzala*, em 1933, estava dada a partida para uma grande mudança no modo como a ciência e o pensamento social e político brasileiros encaravam os povos africanos e seus descendentes, híbridos ou não. Gilberto Freyre (1933), ao introduzir o conceito antropológico de cultura nos círculos eruditos nacionais, e ao apreciar, de modo muito positivo, a contribuição dos povos africanos à civilização brasileira, representou um marco no deslocamento e no desprestígio que, daí em diante, sofreram o antigo discurso racialista de Nina Rodrigues e, principalmente, o pensamento da escola de medicina legal italiana, ainda influente nos meios médicos e jurídicos nacionais

²¹⁷ Stepan (2005, p.177): “Apesar de representar em seus dias uma subversão do racismo científico e uma crítica ao pessimismo racial característico de muitos intelectuais da década de 1930, sua obra não constituía uma quebra fundamental com o passado. Na verdade, Freyre afirmava que, longe de serem eugenicamente inadequados, como dizia Oliveira Vianna e outros, os africanos trazidos para o Brasil eram ‘eugenicamente’ superiores e tinham se fundido livremente, em uma ‘democracia racial’, com os índios e os portugueses culturalmente adequados aos Trópicos para produzir um povo racialmente miscigenado de solidez étnica e eugênica cada vez maior.”

Fernando Henrique Cardoso (2013, p.22) justifica o sucesso da obra de Freyre: “No fundo, a história que ele conta era a história que os brasileiros, ou pelo menos a elite que lia e escrevia sobre o Brasil, queriam ouvir.”

Schwarcz (2017a, p.324-325) ressalta que no Brasil a crítica culturalista de Gilberto Freyre toma o local das análises raciais, que ganhavam novo fôlego na Europa e nos Estados Unidos, encontrando seu expoente máximo no arianismo alemão. A ideia freyriana de um país miscigenado social e culturalmente torna-se uma ideologia não oficial do Estado brasileiro, se sobrepondo aos conflitos sociais e às diferenças manifestas entre brancos e negros (neles incluídos os mestiços) nos indicadores socioeconômicos.

Casa Grande & Senzala assinalaria a primeira vez que os brasileiros teriam recebido um “exame erudito do caráter nacional brasileiro” com uma clara mensagem otimista. Os brasileiros deveriam se orgulhar por terem construído uma civilização tropical, original, e etnicamente mestiça. Os problemas sociais existentes e as diferenças evidentes seriam fruto do sistema escravocrata agrário-exportador que perdurara até os estertores do século XIX. Ou seja, a chave estava na relação malsã entre senhor e escravo, e não na mistura racial. (SKIDMORE, 1976, p.211) Apesar de Freyre advogar que a relação entre senhor-escravo no Brasil foi mais “doce” quando comparada à norte-americana, a escravidão foi causadora de degeneração tanto para os cativos quanto para os senhores. Freyre assinala a diferença entre o ser negro e o ser escravo - a raça não seria fator de degeneração para o autor, mas sim, viver sob a escravidão. Já os senhores teriam sido prejudicados pelo regime de ociosidade proporcionado pela escravidão.

Bastos (1986, p.56-57) sintetiza de forma clara os “ganhos” que a elite recebia ao adotar a ideia da miscigenação, de uma escravidão menos violenta, de uma “democracia racial”, na qual os preconceitos seriam de classe e não de cor. “Em outros termos, analisar o *ethos* nacional a partir da percepção do *nacional como soma* de raças, regiões, culturas, grupos sociais significa apagar a possibilidade de percepção do *social como contraditório*, onde a dominação se reitera exatamente porque se exerce sobre a diversidade.”

Norvell (2002, p.256-257) desvela como Freyre e outros defensores da teoria da democracia racial, do Brasil como cadinho de três raças e do corpo do brasileiro como sendo um corpo mestiço, analisam o brasileiro mestiçado partindo do pressuposto de que o corpo da nação brasileira é branco e europeu, “temperado” pelo exotismo do contato com outras raças não brancas.

O Brasil, ou a nação brasileira, ou o povo brasileiro, ou mesmo a raça brasileira, é uma mescla de sangues e raças indígena, negra e europeia. Segunda: os *brasileiros* se misturam, e continuam a fazê-lo, *com* indígenas e negros. É possível dizer ‘brasileiros misturaram-se com negros e com índios’, mas é impensável dizer ‘brasileiros misturaram-se com portugueses ou europeus’. O ‘brasileiro’ é, portanto, um paradoxo genealógico que, em uma construção linguística, é uma mescla, um produto de três raças diferentes; como sujeito gramatical ativo, porém, mistura-se com duas dessas raças, mas não com a terceira, a europeia, porque há, neste caso, uma suposta continuidade.

E conclui um pouco mais adiante:

É claro, que em si, Freyre e outros autores discutidos acima estão descrevendo uma fina camada de qualidades não europeias sobre um eu brasileiro essencialmente branco, ou indefinido [...]. Essa visão de brancura como norma [...]. Os não-brancos são vistos como alguém que incorpora a diferença por sua mera presença. O multiculturalismo tempera uma brancura que, de resto, é amena, neutra.” (NORVELL, 2002, p.260-261)

Skidmore (1976, p.211) já “denunciara” década atrás o ideal de branqueamento que apesar da retórica igualitária, persistia em Gilberto Freyre:

Gilberto Freire oferecia, assim, àqueles brasileiros que o quisessem interpretar desta maneira, uma nova *rationale* para a sociedade multirracial, em que, as ‘raças’ componentes – europeia, africana e índia – podiam ser vistas como *igualmente* valiosas. O valor prático da sua análise não estava, todavia, em promover o igualitarismo racial. A análise servia, principalmente, para reforçar o ideal de branqueamento, mostrando de maneira vívida que a elite (primitivamente branca) adquirira preciosos traços culturais do íntimo contato com o africano (e com o índio, em menor escala).

Na década de 1930, então, a cultura mestiça foi transformada em representação oficial do Brasil. Schwarcz (2018, p. 47-48) ressalta que a mestiçagem se tornou traço essencial para a elaboração da nacionalidade, inclusive em sua dimensão política, já “no Estado Novo que projetos oficiais são implementados no sentido de reconhecer na mestiçagem a verdadeira nacionalidade.” As manifestações da cultura popular, fortemente marcadas por traços de culturas africanas, que em um primeiro momento tinham sido descartadas pelas elites republicanas, vão se tornando símbolos identitários, ao mesmo tempo em que sofrem um processo de desafricanização. A transformação da feijoada em prato nacional é um exemplo deste processo.

Schwarcz (2018, p.59) ressalta: “Era, portanto, numa determinada cultura popular e mestiça que se selecionavam os ícones deste país [...]” O samba e o carnaval, outros exemplos de cultura popular que ganham ares nacionais, serão tratados no capítulo seguinte da

dissertação. Inclusive seria neste momento histórico que se teria escolhido Nossa Senhora da Conceição como padroeira do Brasil: “Meio branca, meio negra, a nova santa era mestiça como os brasileiros.” (SCHWARCZ, 2018, p.59)

A valorização da mestiçagem surge como uma solução para os problemas de integração e também como chave capaz de operar com as possibilidades de construção de uma civilização nos trópicos.” (SCHWARCZ, 2018, p.63). Conforme conclui Stepan (2005, p.177): “A comunidade imaginada²¹⁸ do Brasil negava a realidade do racismo no país e exaltava as possibilidades de harmonia e unidade raciais.”

2.5 Lima, Freyre e a “democracia racial”

Lima Barreto conseguiu perceber e atacar o bovarismo da elite, da imprensa e das ciências pátrias²¹⁹, que viam o nacional pela ótica da ausência em relação ao estrangeiro. Ressaltou os preconceitos de classe e de cor que se escondiam por trás do projeto de Brasil das elites republicanas. Denunciou este projeto que se baseava nas ideias de força, violência, dissensões, de exclusão do popular, da negação da história nacional, criando uma nova, que buscava “apagar” a população negra. Alertou para os incentivos oferecidos pelos empresários e pelos governos à prática do futebol pelos trabalhadores, como uma forma de perpetuarem a dominação. Os empresários teriam trabalhadores dóceis, enquanto os governos brasileiros imporiam ao povo a “identidade brasileira”. Criticou, de forma até romântica, a mudança das práticas de entretenimento dos subúrbios, identificando nos avanços do futebol e de outros tipos de dança, como os ritmos americanos *ragtime* e *foxtrot*²²⁰, uma forma de descaracterização e bovarismo.

²¹⁸ Aqui utilizamos a expressão de comunidades políticas imaginadas aplicadas por Benedict Anderson para definir as nações. A nação seria um construto imaginado, que teria a si atrelada um significado e um valor simbólico comum - pessoas que se reconheceriam como compatriotas. Vale ressaltar que a nação seria imaginada “como uma comunidade, porque independentemente da desigualdade e da exploração efetiva que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal.” (ANDERSON, 2008, p.31-34).

²¹⁹ Conforme já ressaltado por Schwarcz (2017a), os intelectuais e cientistas brasileiros, advindos, em sua grande maioria, das elites brasileiras (modernizadoras, que se diziam liberais, mas eram conservadoras no campo social, como demonstra Schwarcz (2012) em vários ensaios) enfrentavam um dilema: por um lado, eles apoiavam as ideias europeias de hierarquia racial, da superioridade do branco sobre o negro, que afirmava categoricamente a impossibilidade dos povos não brancos alçarem os mais altos estágios da civilização. Por outro lado, elas queriam transmitir ao mundo a imagem de um Brasil moderno, que mesmo sendo tratado pelos europeus como um laboratório da mistura racial (o atraso do Brasil comprovaria as hierarquias raciais e a tese de que a miscigenação causava degeneração) fadado ao fracasso, a intelectualidade brasileira modificou suas ideias, considerando a miscigenação um fenômeno não totalmente negativo (alguns viam na miscigenação a única saída para o sucesso da colonização europeia nas regiões tropicais) e que a mistura racial poderia ser “curada”, através de políticas como a do branqueamento. Assim, essa intelectualidade procurava se equilibrar: justificava a dominação social e racial das elites, enquanto formulava teses que possibilitariam ao Brasil integrar o rol dos países modernos.

²²⁰ Na crônica *Bailes e divertimentos suburbanos*, publicada na **Gazeta de Notícias**, de 7-2-1922.

Coelho Neto e João do Rio podem ser colocados, a partir das crônicas analisadas neste capítulo sobre futebol, em um campo oposto ao de Lima Barreto: alinhados às elites. Defensores (podemos nos questionar até que ponto) do projeto de nação que excluiria o popular (tanto cultural quanto racialmente).

Cerca de dez anos após a morte de Lima Barreto, a elite encontra um intérprete, Gilberto Freyre, que consegue acomodar a dicotomia elite-povo, branco-negro, com sua ideia de equilíbrio de antagonismos e de democracia racial. De um lado, podemos interpretar esta acomodação e aceitação da cultura e do corpo mestiço como uma “concessão” das elites, justamente para viabilizar a imagem de um país civilizável e uno, esvaziando potenciais conflitos entre dominantes e dominados (colocando-os em igualdade, ao menos teórica). Mas este corpo e esta cultura mestiça, transformados em nacionais, permanecem sob constante tensão; a aceitação não chega a ser total nem no campo do discurso, já que o corpo nacional, agora mestiço, está sob constante pressões rumo ao branqueamento, vide que o modelo ideal continua a ser o corpo branco.

Em 1956, Gilberto Freyre escreve o prefácio do *Diário Íntimo*, na coleção das obras completas organizadas por Francisco de Assis Barbosa e publicadas pela editora Brasiliense, sob o título de *O diário íntimo de Lima Barreto*. Neste prefácio, ele afirma ter realizado o projeto de Lima Barreto de publicar uma espécie *Germinal Negro*²²¹.

Freyre elogia a obra do escritor suburbano, sem deixar de expor a sua teoria das relações raciais. Lima Barreto teria sido o autor que mais “se aproximou de tais possibilidades de revelação e de interpretação da vida, de realidade, da natureza humana, tal como essa natureza ou essa realidade foi condicionada no Brasil, pelas relações entre senhores e escravos, ainda mais do que entre branco e gente de cor ou entre europeus e africanos.” (FREYRE, 1961, p.12)

Além disso, reforça que “há e houve entre nós um grande sentimento liberal com certas restrições em favor do negro”, e que 13 de Maio seria fruto de um consenso nacional. Afinal, o Brasil seria marcado por “preconceitos menos de raça do que de classe.” (FREYRE, 1961, p.16)

²²¹ Cabe, neste momento, aprofundamento sobre este projeto literário de Lima Barreto (2011, p.47-48): “Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de *Germinal negro*, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como os do tempo da escravidão. Como exija pesquisa variada de impressões e eu queira que esse livro seja, se eu puder ter uma, a minha obra-prima, adia-lo-ei para mais tarde. [...] Ah! Se eu alcanço realizar essa ideia, que glória também! Enorme, extraordinária e – quem sabe? – uma fama europeia. [...] Mas... e a glória e o imenso serviço que prestarei a minha gente e a parte da raça que pertencço.”

É curiosa a sempre recorrente comparação entre Machado de Assis e Lima Barreto. Neste caso, Freyre (1961, p.15) atribui parte do descontentamento de Lima por não ter tido sua inteligência reconhecida como Machado, *mulato* como ele, mas que para todo efeito seria branco, de tão inteligente. Freyre (1961, p.14) observa um espaço peculiar de Lima Barreto, que acabava sendo um não lugar – de um lado, sua “condição biológica” o afastava da sociedade, mas de outro, sua instrução o separava da gente de cor: “incapaz de transformar sua simpatia literária em vida comum com ela.”

Freyre deixa transparecer qual teria sido o grande drama na vida de Lima – não embranquecer (FREYRE, 1961, p.14): “Pobre e obrigado, pela sua condição econômica, a ser, em grande parte sociologicamente homem de cor: sem oportunidade de transformar-se em mulato sociologicamente branco como, na mesma época o igualmente negróide evidente – embora mais claro de pele do que Barreto – Machado de Assis.” Aqui Freyre trai sua teoria da igualdade racial no Brasil, deixando escapar como o ressentimento de Lima não deve ser lido como justa revolta contra o preconceito, mas como falta de reconhecimento social, reiterado por sua condição de negro, pelo seu não embranquecimento. Em outras palavras, podemos identificar em Lima Barreto o corpo *mulato* sempre tensionado, sempre rumo ao branqueamento, nunca aceito totalmente, sem um local próprio e cômodo na sociedade brasileira.

Capítulo 3 Lima Barreto e o carnaval carioca

“Vamos recordar Lima Barreto/ mulato pobre, jornalista e escritor/ figura destacada do romance social/que hoje laureamos nesta cidade.” Estes versos abriram o desfile da sétima escola de samba a se apresentar no sambódromo da Marquês de Sapucaí, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Tijuca, no ano de 1982. Com o samba-enredo *Lima Barreto, mulato, pobre, mas livre* a escola classificou-se em 9º lugar entre 12 participantes. Segue a letra:²²²

Vamos recordar Lima Barreto
 Mulato pobre, jornalista e escritor
 Figura destacada do romance social
 Que hoje laureamos neste carnaval
 O mestiço que nasceu nesta cidade
 Traz tanta saudade em nossos corações
 Seus pensamentos, seus livros
 Suas idéias liberais
 Impressionante brado de amor pelos humildes
 Lutou contra a pobreza e a discriminação
 Admirável criador, ô ô ô ô
 De personagens imortais
 Mesmo sendo excelente escritor
 Inocente, Barreto não sabia
 Que o talento banhado pela cor
 Não pisava o chão da Academia
 Vencido pela dor de uma tragédia
 Que cobria de tristeza a sua vida
 Entregou-se à bebida
 Aumentando o seu sofrer
 Sem amor, sem carinho
 Esquecido morreu na solidão (bis)
 Lima Barreto
 Este seu povo quer falar só de você (bis)
 A sua vida, sua obra é o nosso enredo
 E agora canta em louvor e gratidão

A agremiação campeã, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, desfilou sob a canção *Bumbum Paticumbum Prugurundum*, que apresenta o seguinte trecho: “Bumbum Paticumbum Prugurundum/O nosso samba minha gente é isso aí/ Bumbum Paticumbum Prugurundum / Contagiando a Marquês de Sapucaí”.²²³

²²² Informações retiradas de: **Galeria do Samba**. Disponível em: <<http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/unidos-da-tijuca/1982/>>. Acesso em: 01 jan. 2019.; **Samba enredo 1982**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/unidos-da-tijuca-rj/1757369/>>. Acesso em: 05 jan.2019.

²²³ **Galeria do samba**. Disponível em: <<http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/imperio-serrano/1982/>>. Acesso em 10 jan. 2019.

Como veremos neste capítulo, Lima Barreto tinha um posicionamento bastante crítico ao carnaval carioca do início do século XX. Não é possível saber qual seria a reação do escritor ao desfile em sua homenagem. É factível, entretanto, conjecturar a repulsa que lhe causaria *Bumbum Paticumbum Prugurundum*, já que a falta de lógica nas canções era alvo dos ataques que fazia aos festejos momescos de sua época.

3.1 Lima Barreto contra a “lírica atroz e sem sentido”

A música foi assunto da primeira crônica publicada por Lima Barreto, no pequeno jornal estudantil **A Lanterna**²²⁴, em 1º de dezembro de 1900 e intitulada *Francisco Braga – concertos sinfônicos*. Lima apresenta um tom ufanista, característica incomum aos seus escritos futuros, mais próprio às suas personagens, como o Major Policarpo Quaresma, ao enunciar o Brasil como um país abençoado²²⁵ com talentos artísticos (se comparado aos seus vizinhos e tendo a Europa como modelo), inclusive musicais. Ressalva, entretanto, que faltaria gosto à população, devido à educação de baixa qualidade, para apreciar os grandes artistas nacionais. Esta falta de gosto, indiferente aos artistas nacionais de relevo, seria, inclusive, um traço marcante dos brasileiros: “[...] mas a clássica e santa indiferença do povo estiola, pelo desânimo, os rebentos que de vez em quando apontam.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.59) Por fim, o escritor conclui que o músico que dá nome à crônica nunca seria um artista popular, o que talvez indicaria uma qualidade de primeira ordem.

Já em sua primeira crônica, Lima Barreto apresenta a conturbada relação entre o senso estético da obra e a sua popularidade. Nas duas décadas seguintes, o duplo estética-popularidade será retomado quando o escritor tratar do carnaval e das canções carnavalescas.

Em *Um domingo de páscoa*²²⁶, Lima reproduz *Ciranda, cirandinha* e comenta:

Não é de hoje que muitas canções populares não querem exprimir nada.[...] Na própria ‘Ciranda’, que é tão comum, para conhecer-lhe o sentido e significação, precisamos ir ao dicionário e saber que ‘ciranda’ é uma peneira de junco, usada na Europa para joeirar cereais. (LIMA BARRETO, 1961a, p.260)

²²⁴ Conforme atestam Beatriz Resende e Rachel Valença (Lima Barreto, 2004, v.1, p.60), este pequeno jornal estudantil fundado por Júlio Pompeu de Castro e Albuquerque se apresentava como “órgão oficioso da mocidade de nossas escolas superiores”. O amigo de Lima Bastos Tigre também colaborava com o jornal. Vale relembrar que neste momento o escritor ainda cursava a Escola Politécnica.

²²⁵ “Entretanto, poucos países novos foram favorecidos do bom Deus por uma floração tão brilhante de músicos, pintores, poetas [...]” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.59)

²²⁶ **Hoje**, de 21-4-1919.

Na mesma crônica o autor reproduz trechos da canção Samba-lelé²²⁷, e tece o seguinte comentário: “[...] seria própria para desafiar a paciência de um sábio investigador, a fim de lhe explicar o seu sentido e objeto.” (LIMA BARRETO, 1961a, p.260)

Em *Sobre o carnaval*²²⁸, Lima observa que escreve em um sábado véspera de carnaval. Ele atribui à idade (o escritor beirava os 40) o seu aborrecimento com o mesmo. “Nunca fui carnavalesco, mas, como todo melancólico e contemplativo, gosto do ruído e da multidão e não fugia a ele.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.137) Caso fosse rico, participaria das grandes aglomerações humanas (festival no Ganges, peregrinação à Meca no Ramadã). Apesar disto, se pudesse, fugiria do Rio de Janeiro durante o carnaval.

Os motivos que impulsionam seu desejo não são os mesmos da polícia e nem os da Liga pela Moralidade. Lima explica o que o aborrece:

[...] é a conclusão a que fatalmente chego ao ouvir as suas cantigas, sambas, fados, etc., ao ouvir toda essa poética popular e espontânea, de não possuir o nosso povo, a nossa massa anônima, nenhuma inteligência e de faltar-lhe por completo o senso comum. Mete horror semelhante pensamento. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.137)

O escritor reafirma que pouco lhe importa a imoralidade ou a chulice das canções (assinala que a polícia impede a execução das cantigas mais “poluídas”). Pondera, ainda, que, de todo jeito, se as aspirações intelectuais e artísticas fossem seguidas, automaticamente já se combateria a imoralidade e a chulice nas letras das canções. Lima ainda reproduz um telegrama de Belo Horizonte publicado em **A Noite**, no qual a Liga pela Moralidade mineira requer à polícia a proibição da execução de tangos e maxixes pelas bandas que vão se apresentar nos coretos da Avenida Afonso Pena durante o carnaval, pois tais ritmos seriam deveras provocantes²²⁹.

É curioso observar que na crônica *Bailes e divertimentos suburbanos* Lima Barreto (2004, v. 2, p.501) vai justamente reclamar da “licenciosidade” das novas danças de origem africana, não deixando de observar que “Passando para os pés dos civilizados, elas são deturpadas, acentuadas na direção de um apelo claro à atividade sexual, perdem o que significam primitivamente e se tornam intencionalmente lascivas, provocantes e imorais.”

²²⁷ A canção Samba-lelé será analisada neste capítulo, quando se discutirá o racismo presente nas canções carnavalescas.

²²⁸ Veículo e data desconhecidos. Há indicação de provável publicação em fevereiro de 1920.

²²⁹ Dois ritmos afro-americanos. Conforme será estudado adiante neste capítulo, as danças de matrizes afro eram vistas sob os estigmas do barbarismo e da sensualidade. O atrativo, de acordo com a historiadora Martha Abreu (2017), estaria presente justamente na “hediondez”.

Lima acusa os compositores populares de, sem recursos intelectuais e artísticos, recorrerem a estribilhos e cantigas sem nexos. Tal demonstração de pobreza mental lhe causaria piedade, indiferença e aborrecimento.

Lima Barreto assegura conhecer a poesia dos alienados²³⁰ (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.138), e dispara: se comparada à poesia dos carnavalescos, a dos loucos apresentaria vantagem na concatenação de ideias, no sentido e mesmo no fazer poético. Reconhece que seria tolice exigir dos poetas dos cordões e dos ranchos carnavalescos²³¹ sentido impecável, mas ao menos tais poetas deveriam ser:

[...] capazes de não desmentir o estro dos nossos humildes cantores roceiros do “desafio”, que são verdadeiramente povo; entretanto, raramente caem com as suas quadras no contra-senso ou, melhor, no sem-senso, agravado do palavreado oco e idiota da atual musa carnavalesca. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.138)

Além de culpar os poetas, o escritor incrimina também a imprensa, pois ela publicaria esta “lírica atroz e sem sentido”, envaidecendo os autores. Argumenta que a imprensa deveria ser mais criteriosa na publicação e na apreciação, pois assim os poetas carnavalescos melhorariam.

Após realizar a exegese de mais duas canções, Lima Barreto faz um apelo:

Fazendo estas desprezíveis considerações, não me move nenhuma espécie de antipatia pelo folgar do povo; mas, pedir unicamente a ele próprio que nessa sua folgança, nesse poetar de sua alma alanceada, quando procura, nestes três dias, esquecer seu penar e a sua dor, no riso, no gargalhar e no estonteamento, puséssemos seus trovadores mais gosto, mais sentido, compusessem mais cantares que pudessem ser entendidos, coisa que não lhes é impossível, pois todos conhecemos as poesias roceiras, as quadras populares, quase sempre expressivas e denunciando verdadeira poesia. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.140)

O autor adota um tom conciliador ao concluir a crônica. Ele exalta o caráter narcotizante do carnaval e aponta para as poesias roceiras como uma poética nacional-popular exemplar. Lima Barreto assegura que suas observações demeritórias não seriam causadas por nenhuma antipatia pelo povo.

É possível observar como o escritor se coloca logo acima como elemento externo ao povo. É interessante notar as flutuações na identidade que Afonso Henriques enuncia para si em sua obra: ora faz parte do povo, ora não.

²³⁰ À época, Lima Barreto já tinha duas passagens por manicômios.

²³¹ As duas principais formas de se brincar o carnaval à época, conforme Cunha (2001, p.163).

As flutuações podem ser observadas já no mês seguinte em: *Legião da Mulher Brasileira*.²³² Neste texto, Lima abre com críticas às feministas e à recém fundada Legião da Mulher Brasileira.

Em um segundo momento relata que, dias antes do carnaval, alguns de seus colegas de botequim (“me dão a honra de ouvir minhas prédicas sociais e políticas”)²³³ fundaram “um cordão, rancho ou bloco”²³⁴ chamado Rapaduras Gostosas. Pode-se observar a flutuação identitária do autor na passagem a seguir, apesar de a crítica ser a mesma da crônica anterior:

Eu não sei bem por que quiseram tal nome, mas nada objetei-lhes e calei toda a crítica irreverente ou tola a semelhante manifestação de arte popular. Diabo! Eu sou do povo também; não descendo, como o presidente, de fidalgos flamengos [...]. Sou essencialmente homem do povo e criticar manifestações artísticas de pessoas da mesma condição que a minha pode parecer pretensão e soberbia. Guardei a crítica e convenci-me de que podia haver rapaduras amargas. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.161-162)

Novamente o escritor observa falhas na concatenação de ideias dos populares em uma atividade carnavalesca. Desta vez, se inclui no povo. Apesar de não ter feito ressalvas pessoalmente aos seus companheiros neste episódio, as fazia regularmente através da imprensa.

Lilia Schwarcz (2010) ressalta a ambiguidade de Lima, que lutava para refutar as teorias racistas europeias enquanto ele próprio realçava a superioridade do Velho Continente, especificamente no campo cultural, ao diminuir práticas brasileiras, especialmente quando:

[...] procurou desconsiderar sambistas e carnavalescos populares, em sua maioria negros e mestiços, assim como, de maneira oposta, entenderia os cânones literários franceses com ganhos não só dos brancos instruídos e cultivados, mas da própria civilização; da qual ele próprio achava fazer parte. (SCHWARCZ, 2010, p.37)

Lima Barreto retoma a comparação com os alienados e a crítica à música popular em *O pré-carnaval*²³⁵, na qual trata da publicação das letras das canções carnavalescas, principalmente na imprensa. O escritor suburbano reforça que a poética carnavalesca é: “Pior que a dos loucos dos hospícios.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.489)

Nesta crônica, após reproduzir algumas letras de marchinhas nas páginas da revista, conclui: “Logo na primeira estrofe do seu hino, que chama ‘marcha’, denunciam que são

²³² **A.B.C.**, de 27-3-1920.

²³³ É válido observar a caracterização que o escritor faz de seus vizinhos: “[...]Manuel Parafuso, artista pintor de liso, muito consagrado pelas famílias abastadas da redondeza; o secretário era Miguel Barbalho, um rapaz acobreado da mais perfeita aparência caprina [...]” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.162)

²³⁴ Aos olhos de Lima Barreto, assim como aos de boa parte da imprensa da época, as formas populares de carnaval, como ranchos e cordões, eram indistintas. (CUNHA, 2001, p.154)

²³⁵ **Careta**, de 14-1-1922.

candidatos ao primeiro prêmio de reclusão mental que em geral todos eles [compositores carnavalescos] disputam.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.490)

O escritor encerra a crônica reforçando suas críticas: “Enfim, a leitura desta pasmosa literatura carnavalesca, só nos pode levar a uma conclusão; é que a mentalidade nacional enfraquece e o próprio gosto popular se oblitera, em querer perder a sua espontaneidade e simplicidade.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.490)

Retornando à *Bailes e divertimentos suburbanos*, Lima Barreto (2004, v.2, p.504) reclama da mesmice dos festejos momescos, sem originalidade, nem engenho “[...] são os mesmos cordões, blocos, grupos [...]”. O escritor conclui a crônica atestando que o subúrbio não se divertiria mais. A vida estaria tão difícil que os suburbanos não se permitiriam mais as diversões familiares e equilibradas: “Precisa-se de ruído, de zambumba, de cansaço, para esquecer, para espancar as trevas que, em torno da nossa vida, mais densas se fazem, dia para dia, acompanhando *pari passu* as suntuosidades republicanas.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.504). Continua:

[...] o subúrbio se atordoa e se embriaga não só com o álcool, com a *lascívia das danças novas*²³⁶ que o esnobismo foi buscar no arsenal da hipocrisia norteamericana. Para as dificuldades materiais de sua precária existência, criou esse seu paraíso artificial, em cujas delícias transitórias mergulha, inebria-se minutos, para esperar, durante horas, dias e meses, um aumentozinho de vencimentos... (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.504)

Lima Barreto, já soturno, com o aproximar da morte, estaria menos esperançoso. Analisaria os divertimentos e o carnaval pela ótica do embotamento, do esquecimento das agruras, reforçando a crítica à baixa qualidade das canções populares. O escritor também censura a “transposição” das músicas de origem africana para os subúrbios, imitando um modismo estadunidense e europeu, que acabava por reforçar estereótipos racistas ao deslocar tais músicas de seu devido contexto, conforme observado pela historiadora Martha Abreu (2017).

O povo, oprimido, já não teria seus festejos tradicionais. Agora seria mais cômodo imitar as elites, prendendo-se em bovarismos, em ideias estrangeiras, de acordo com Lima Barreto. Este ponto será analisado a seguir. Quem sabe, ao menos no campo do divertimento, segregado e por imitação, o povo pudesse sentir o que seria a modernidade proposta por aquela jovem república.

²³⁶ Grifos meus. Músicas de matriz africana.

3.2 Bovarismo, helenismo e exclusivismo no carnaval carioca

O folclorista Mello Morais Filho (2002, p.41-42) assinala como o marco zero do carnaval carioca a proibição do entrudo, a partir de 1854: “O carnaval do Rio de Janeiro começou após a proibição do jogo do entrudo pelo desembargador Siqueira”; e a proliferação de bailes carnavalescos, em clubes exclusivos, frequentados por “corpos de neve”, de “beleza aristocrática”, e com desfiles de carros com carnavalescos. Destaca a participação da elite, juristas, médicos, fazendeiros, negociantes – “as famílias mais consideradas, a mocidade mais dinheirosa e ilustre” - que teria se associado para criar o carnaval carioca. Em outras palavras, para Mello Morais Filho, o combate às formas tradicionais e populares de se brincar durante a folia assinalaria o começo do carnaval carioca. O carnaval deveria se modelar ao gosto das elites, para ser considerado digno de tal nome, conforme veremos abaixo. O carnaval brasileiro seria um produto (sob influência europeia) da segunda metade do século XIX: um sucessor natural dos “bárbaros” entrudo e cucumbis. (MORAIS FILHO, 2002, p. 39)

O entrudo (de origem incerta: ou trazido das Índias pelos portugueses ou associado ao povo judeu), de acordo com o folclorista, à época em que escrevia o livro (década de 1890), estaria em extinção no Brasil²³⁷, mas seria “ainda na Bahia que encontramos o tipo menos brutal, pelo amestiçamento brasileiro²³⁸.” (MORAIS FILHO, 2002, p.116) Ele é descrito como um jogo praticado por “famílias conhecidas”, rapazes, em especial os estudantes de medicina (elite), em que conhecidos molhavam-se com seringas, com limões de cheiro (cápsulas com águas aromatizadas), com perfumes e corantes. Inclusive, este seria um ritual de namoro das elites: “Os rapazes atiravam para o seio das moças bonitas que lhes deslumbravam os sentidos; as moças procuravam o peito engomado da camisa daqueles que as impressionavam, ou de um futuro noivo.” (MORAIS FILHO, 2002, p.120)

É curioso notar que o folclorista (MORAIS FILHO, 2002, p.120) associa a participação do “povo baixo” no jogo de entrudo às ideias de desordem, de acidentes, de desastres. A historiada Maria Clementina Pereira Cunha (2001, p.85) também reforça esta interpretação, ao afirmar que seria insuportável para as elites que brincavam de entrudo serem

²³⁷ Cunha (2001, p.66-67, 72, 78-79) traz trechos de cronistas reclamando da permanência do entrudo em 1903 e 1907. Inclusive, o já citado prefeito Pereira Passos teria enviado um aviso aos diretores de estabelecimentos de ensino, no ano de 1904, para que se empenhassem em conscientizar a respeito dos malefícios desta diversão “bárbara”, “incompatível com nossos costumes de povo civilizado”, que impede que muitas famílias se entreguem aos “folgedos lícitos”.

²³⁸ Já é possível notar traços que associariam ao amestiçamento e ao brasileiro mestiço qualidades como a doçura, e menor brutalidade (obviamente, o lado brutal ligado ao negro-africano), que seria retomado por Freyre décadas depois.

confundidos e ter de dividir as ruas com o “molecório negro e malcriado”, e com esta “gente sem costumes.”

Ao anoitecer, dominariam as ruas os cucumbis ou cacumbis. Segundo Mello Morais Filho, os cucumbis teriam ocorrido no Rio de Janeiro até 1830, mas continuariam em outras partes do país, e consistiriam em: “[...] um grupo de negros, vestidos de penas, tangendo instrumentos rudes, dançando e cantando [...]” (MORAIS FILHO, 2002, p.141-142).

Cunha (2001, p.45) se contrapõe à visão apresentada por Mello Morais Filho, apontando que os cucumbis foram tolerados até a Abolição. Depois passaram a ser vistos como inaceitáveis, práticas bárbaras e selvagens, que se contraporiam ao Carnaval de “bom-tom” pregado pelas Grandes Sociedades, pois o carnaval das elites seria, após a Abolição, “incapaz de absorver em condições de igualdade as diferenças sociais e culturais.”²³⁹

O cucumbi se assemelharia a um teatro ao ar livre, desfilando e contando uma história dividida em três atos: a saudação, a matança e o epílogo, via de regra constituído por reis e rainhas, feiticeiros, mametos, tendo como tema conflitos, assassinatos, magia e ressurreições. (MORAIS FILHO, 2002, p.144-149) Mello Morais Filho ressalta a ligação dos cucumbis com o carnaval: “Os descendentes diretos dos africanos têm conservado no Brasil a herança paterna, reaparecendo os *Cucumbis*, há alguns nesta corte, devido a influências de pretos baianos aqui residentes.”

A partir de 1870, o carnaval teria girado em torno das grandes sociedades carnavalescas, e suas três principais expoentes: o Clube dos Democráticos, o Clube dos Tenentes do Diabo e o Clube dos Fenianos.

[...] cumpre confessar que os Democráticos, Fenianos e Tenentes são justamente dignos da gloriosa reputação que lhes dispensa o público, reputação adquirida pelo espírito sutil de suas ideias, pelo aparato grandioso de seus préstitos.

Margeando as correntes modernas, substituíram as cavalgadas numerosas, os carros de máscaras, os personagens disfarçados, a mascarada geral, pelas suas custosas bandas de música, pelas alegorias do porta-estandarte, pelos carros de ideias, cada qual mais espirituoso e original, ou mais rico. (MORAIS FILHO, 2002, p.51)

Mello Morais Filho elenca, a seguir, o nome de alguns dos carros de ideias destas sociedades: *A passagem de Vênus*, *A mancha de Júpiter*, *Braços à lavoura*. Deixando claro os temas clássicos, ou seja, ligados à cultura europeia, e à questão da mão de obra nos campos,

²³⁹ Cunha (2001, p.163) inclusive não encontra nenhum grupo carnavalesco que poderia ser caracterizado como cucumbi, entre 1900 e 1920, no Rio de Janeiro.

exortando o trabalho livre²⁴⁰ (e de imigrantes). O folclorista encerra seu capítulo sobre o carnaval carioca no livro *Festas e tradições populares do Brasil* (cuja 1ª edição é de 1901): “Os Fenianos, os Tenentes e os Democráticos²⁴¹, empunhando o cetro da tradição, representam atualmente o carnaval do Rio de Janeiro.” (MORAIS FILHO, 2002, p.51)

Cunha (2001, p.23) ressalta que as Sociedades Carnavalescas trouxeram uma organização ao carnaval carioca, com carros alegóricos e fantasias luxuosas, além de críticas políticas e sociais. Destaca, contudo, um objetivo destas Sociedades: “Pretenderam também, em renhidos combates carnavalescos, substituir todas as outras formas de brincar, consideradas indignas da civilização e do progresso.” Aos cabeças destas Sociedades caberia definir quem, como e onde o carnaval deveria ser brincado.

Já em meados da década de 1850, a pioneira das Sociedades, o Congresso das Sumidades Carnavalescas, definia no primeiro item de seu “decreto carnavalesco”: “Abolição total dos usos das carranças do ‘defunto entrudo’, pela confiscação das formas de limões e seringas anacrônicas que ainda restarem no fundo de algum armário carunchoso.” (CUNHA, 2001, p.100) Assim como no estatuto dos Clubes de Futebol estudados no capítulo anterior, os estatutos das Grandes Sociedades estabeleciam nos critérios de admissão elementos que as tornaram exclusivas: “reconhecida moralidade”, emprego lícito, mensalidade de treze mil réis e família que acompanhasse o sócio aos bailes carnavalescos. (CUNHA, 2001, p.102)

De acordo com o cronista e musicólogo Jota Efegê (1982, p. 30-32, 85), o Clube dos Democráticos teria sido formado em 15 de agosto de 1866 ou em 19 de janeiro de 1867, após um dos fundadores, José Alves da Silva, ganhar um prêmio no jogo do bicho (ou na Loteria da Província) e se reunir com colegas comerciantes como ele. Contando com apoio da colônia portuguesa da cidade, o grupo inaugura o clube carnavalesco no cruzamento entre as ruas do Carmo e do Ouvidor. Os Democráticos seriam, de acordo com Jota Efegê, a síntese da união harmoniosa entre lusos e brasileiros.

Já o Clube dos Tenentes do Diabo foi fundado inicialmente sob o nome de Sociedade Euterpe Comercial, em 31 de dezembro de 1855. Como aponta Efegê (1982, p.33), os associados eram comerciantes abastados, e havia um claro recorte de classe: “Quem não tivesse alguns ‘contecos’ ou boa reputação econômico financeira recebia o veto rígido [...]” e não podia ingressar na Sociedade. Observa que, ainda por volta de 1920, a condição financeira continuava sendo um critério para a associação ao clube. A mudança de nome teria ocorrido

²⁴⁰ O alinhamento das Grandes Sociedades com a causa Abolicionista e Republicana será exposto mais adiante.

²⁴¹ Conforme concorda Cunha (2001, p.106): “[...] Tenentes do Diabo, Democráticos e Fenianos – vão se destacar como verdadeiros baluartes do Carnaval carioca nos anos de 1870 até o início do século XX.”

em uma reunião da Sociedade Euterpe Comercial, em que se discutia atribuir o título de “tenente” aos sócios mais dedicados. Após ter ocorrido um grande tumulto, com protestos sobre os contemplados à “promoção”, o presidente do Clube, exaltado, teria dado um murro na mesa e gritado: “Faz-se uma promoção geral. Ficam todos sendo Tenentes do Diabo”. (EFEGÊ, 1982, p.33-34).

Mello Morais Filho (2002, p.50) traz outra história para a mudança de nome do clube de comerciantes. Em 1861, durante o carnaval, teria ocorrido um incêndio na região central do Rio. Os sócios do clube, pensando que a casa de um companheiro folião estava sendo consumida pelo fogo, “para lá correram, e, com o seu uniforme carnavalesco, auxiliando o corpo de bombeiros, portaram-se com a maior valentia.” Extinto o fogo, o clube foi rebatizado como Tenentes do Diabo.

Já o Clube dos Fenianos²⁴² foi criado no dia 7 de dezembro de 1869, e vinha com um propósito bem claro: “de condenar para sempre o uso das bolinhas de cera, de acabar de vez com a seringa [...]”. Em outras palavras, os Fenianos tinham como objetivo extirpar as “formas incorretas” e populares de se brincar o carnaval e instituir a maneira correta, e civilizada. (MORAIS FILHO, 2002, p.150).

A escolha pelo nome, tomado de um movimento emancipatório irlandês, republicano e antimonarquista, deixava claro o posicionamento político do clube carnavalesco: “Engajaram-se nos movimentos cívicos latentes na época, participando das campanhas pela abolição da escravatura e implantação da República.” (MORAIS FILHO, 2002, p.150) Inclusive, o salão dos Fenianos também seria utilizado para “reuniões graves, sérias, com a participação de republicanos que viam na camuflagem carnavalesca do local segurança para sua ação.” (EFEGÊ, 1982, p.75)

Mello Morais Filho (2002, p.224) também situa a criação dos cordões, ao mesmo tempo que em se proibía o entrudo:

Quando os órgãos policiais houveram por bem, e acertadamente, acabar com o grosseiro entrudo pondo fim ao arremesso de baldes d’água e punhados de farinha de trigo sobre os passantes nos dias de carnaval, vieram para as ruas os cordões. E com eles, as barulheiras de seus bombos e tambores, surgiram também grupos de afoxé e de cucumbis. Os primeiros, os cordões, reunindo ‘bambambãs’, capoeiras, ‘gente de briga’. Os outros moldados no recreativismo afro e índio.

²⁴² Jota Efege comete um equívoco ao retratar os fenianos como tropas irlandesas e católicas de apoio a Oliver Cromwell. Além de Oliver Cromwell ter atacado e agido com crueldade contra os irlandeses, que buscavam independência da Inglaterra durante a Guerra Civil Inglesa (1640-1648), o movimento feniano ocorreu dois séculos depois e buscava a independência da Irlanda, a instauração de uma república democrática e a realização de uma reforma agrária. Para mais informações a respeito dos fenianos: **Dicionário político – movimento dos fenianos**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/movimento_fenianos.htm>. Acesso em: 02 abr. 2019.

Ou seja, se por um lado a elite se valia do aparelho repressor do Estado para coibir formas populares do carnaval, por outro, o povo já ia criando novas formas de brincar, e por que não, resistir. Mello Morais Filho conclui afirmando faltar, a estas novas formas carnavalescas, o refinamento presente nas Grandes Sociedades²⁴³.

As Grandes Sociedades, em acordo com as elites que tomariam o poder em 1889, e com apoio de grande parte da imprensa: “Queriam levar junto para o passado as troças, os mascarados que se compraziam em atormentar os passantes e a vizinhança, os desfiles de negros que cantavam em línguas africanas – todo um rol de práticas que julgavam indignas de frequentar as ruas [...]” (CUNHA, 2001, p.25) As elites buscavam reproduzir no Brasil o cosmopolitismo europeu. Esta imagem de um Brasil moderno é marcada pela exclusão dos elementos que eram considerados inferiores e refratários ao progresso, como a cultura e os próprios corpos dos descendentes de africanos. No caso do carnaval, as Grandes Sociedades teriam uma dupla função: ensinar o jeito correto (europeu) de se festejar e, ao mesmo tempo, apagar os elementos negros. Ao fim e ao cabo, existiria somente a forma à europeia buscada pelas elites.

Este posicionamento das elites é evidenciado pelas palavras de Mello Morais Filho (2002, p.327) que associa a criminalidade à capoeira e ao carnaval popular: “Os capoeiras formam maltas, isto é, grupos de vinte a cem que, à frente dos batalhões, dos préstitos carnavalescos, nos dias de festas nacionais, etc., fazem desordem, esbordoam, ferem...”

A tentativa de ligar o carnaval brasileiro à Europa retrocede até tempos remotos, associando os festejos momescos à Antiguidade Clássica. Em muitas das interpretações tradicionais do carnaval no Brasil parte-se de uma linha evolutiva, desde as bacantes²⁴⁴ gregas, passando pelas saturnálias²⁴⁵ romanas, atingindo as “festas dos loucos” na Idade Média, passando pelos carnavais modernos de Veneza, até ser transplantado para o Brasil pelas elites republicanas. Tal interpretação é expressa pelo folclorista Mello Morais Filho (2002, p.39):

²⁴³ A título de curiosidade, fica a singular descrição de Morais Filho (2002, p.49) a respeito da atuação das grandes sociedades carnavalescas durante a terça-feira de carnaval, no final do século XIX: os foliões transportavam comidas que seriam degustadas dentro de teatros, desfilavam com caixões, simbolizando o fim do carnaval, “entoava-se um *De profundis*, tocavam-se marchas fúnebres [...]”

²⁴⁴ Bacantes consistiria “[...] numa turba de devotos, homens e mulheres, sátiros, silenos, mênades e bassáridas, dançando à sua [de Dionísio] volta, esartejando animais, embriagados e possessos.” HARVEY, P., comp. Diônisos. In: _____. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p.168

²⁴⁵ Festa celebrada entre 17 e 19 de dezembro na religião romana. Homenageava o deus Saturno assim como a sementeira das plantações. “Era um período de festejos generalizados, permissividade para os escravos, oferta de presentes [...]” HARVEY, P., comp. Saturnalia. In: _____. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p.455.

O carnaval, que é uma frenopatia, filia-se às mais altas civilizações, exibindo-se rudimentário entre os povos selvagens. As senha dos Querubins egípcios, das Saturnais romanas, das Bacanais gregas, da festa dos Inocentes e dos loucos, de que falam as crônicas da Idade Média, é a mesma do carnaval de Veneza, de Roma, de Paris, do Rio de Janeiro [...].

O bovarismo e a tentativa de relacionar o carnaval carioca com o europeu também podiam ser identificados em Coelho Neto que escreve *A arlequim*²⁴⁶ na última década do século XIX. Nela lamenta o desaparecimento de figuras tradicionais do carnaval europeu, que teriam sido transportadas ao carnaval pela elite carioca, principalmente através das Grandes Sociedades que, a partir da metade do século XIX, buscavam modernizar, civilizar o carnaval brasileiro, imitando os moldes europeus, principalmente os carnavais de Veneza e de Nice. Podemos conjecturar que, se Lima Barreto leu esta crônica após tomar contato com a teoria bovarista de Jules Gautier, não deixou de observar o bovarismo presente neste posicionamento de Coelho Neto e das elites cariocas em relação ao carnaval.

Na crônica *A arlequim*, Coelho Neto (2013, posição 1615) lamenta o fracasso da iniciativa da elite, com o desaparecimento das sofisticadas figuras carnavalescas europeias, além de apontar a ligação do carnaval carioca com o mundo clássico:

Vai procurar Pierrô, que anda arredio, e Pulcinelo²⁴⁷, que ninguém vê mais. Traze esse bando gárrulo; convida toda a legião de clássicos estroinas. Bate os bosques que outrora eram batidos pelos tropéis dos sátiros hilares. Traze toda essa turba de bacantes, ao crebro som metálico dos címbalos. Traze Sileno²⁴⁸ [...].

²⁴⁶ Publicada na série *Bilhetes Postais* no jornal **O Paiz**, em 1894.

²⁴⁷ Estas figuras europeias, como o arlequim e o polichinelo (*pulcinelo*) foram popularizadas pela *Commedia dell'arte*, surgida na Itália, em Pádua, no ano de 1545. Era um teatro popular, encenado nas praças, com críticas sociais, principalmente contra médicos, militares, nobres, clérigos. As personagens mais populares destas encenações eram os criados (*zannis*) que: ou eram espertos e agitavam com suas intrigas ou eram rudes e simplórios, gerando comicidade com suas trapalhadas. As personagens desta encenação atuavam mascaradas, e dentre os mascarados mais populares estavam o Arlequim (*Arlecchino*), um *zanni*: “Supõe-se que, com o tempo, seu figurino foi ganhando remendos coloridos e dispersos, de onde provém sua atual fantasia de losangos, típica do arlequim no carnaval.” Outra personagem que também fazia sucesso e ligava o teatro popular e o carnaval era o Polichinelo (*Pulcinella*), oriundo de Nápoles. Apesar da repressão das autoridades locais, que dispersavam a população reunida nas praças, a *Commedia dell'arte* foi conquistando os salões da nobreza e da burguesia e durante o século XVII, adentra nas salas de teatro, com obras de Molière e Carlo Goldoni. Entretanto, figuras como arlequim, polichinelo, colombina continuaram nas ruas, agora representando nos festejos carnavalescos. Informações retiradas de: **1545: surge a Commedia**. Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-br/1545-surge-a-commedia-dellarte/a-301330> >. Acesso em: 02 fev. 2019.

²⁴⁸ Seilenôs – um sátiro (espírito das florestas e das colinas, associados à ideia de fertilidade) na mitologia grega; aparece sempre acompanhando o deus Dionísio. São representados como velhos ébrios. Em muitas representações demonstram sabedoria, atuando como preceptores de Dionísio. HARVEY, P., comp. Seilenôs. In: _____. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p.456.

Coelho Neto (2013, posição 1622) não veria, à época em que escreve, sequer vestígios do “bom tempo antigo” e nenhum dos “antigos símbolos de Momo”. Sem os tradicionais símbolos, a ponte entre o carnaval carioca e o mundo clássico perdia suas fundações.

A crônica é encerrada com sinal de desânimo. Os festejos que estariam ocorrendo no Rio não seriam o “verdadeiro carnaval”, seriam apáticos, aborrecidos, justamente porque o povo resistia ao modelo de festejo europeu imposto pelas elites: “Mas Arlequim não dá sinal de si! Que Carnaval, meu Deus! Que pasmaceira!” (COELHO NETO, 2013, posição 1626) O carnaval europeizado e a mania helenizante de Coelho Neto estariam sendo derrotados.

As grandes Sociedades Carnavalescas cariocas, que teriam dominado o carnaval na cidade a partir da segunda metade do século XIX, estavam em franca decadência²⁴⁹ na época em que Lima Barreto, Coelho Neto e João do Rio escreviam²⁵⁰. Conforme destaca Cunha (2001, p.95): “A maioria atribuía a decadência ou fracasso do Carnaval veneziano à ingratidão e ao barbarismo do povo, às pretas massas incultas, incapazes de entender o sentido elevado dos préstitos das Grandes Sociedades [...]” Os ranchos e cordões foram ganhando cada vez mais espaço nos festejos momescos, tanto que entre 1911-1920, 57% dos grupos carnavalescos cariocas eram identificados como ranchos ou cordões, enquanto as Sociedades representavam 18,75%. (CUNHA, 2001, p.163)

De acordo com a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha (2001, p.152-154), os ranchos e os cordões tinham nos seus componentes a sua principal semelhança: trabalhadores braçais, moradores dos subúrbios e dos morros. Os primeiros usavam alegorias sobre carroças, desfilavam com enredos fixos, enfatizavam as harmonias das músicas, realçavam o coro, contavam com presença de instrumentos de cordas e de sopro, com uma leve seção de percussão (com castanholas, por exemplo). Havia uma forte presença feminina nos cordões. Eram, via de regra, mais organizados e bem ensaiados, apresentando, inclusive, mestres de harmonia e de canto, que estruturavam vários ensaios. Já os ranchos se caracterizavam pela percussão – alguns apresentavam mestre de pancadaria -, eram quase exclusivamente masculinos, apresentando,

²⁴⁹ É curiosa a observação de Efegê (1982, p.152), publicada no **Jornal do Brasil** de 29-1-1970, de que as Sociedades Carnavalescas continuavam relevantes na década de 1970, já tendo passado quase um século desde seu período áureo: “Resistindo aos inovadores do nosso Carnaval, quase todos desinformados do que lhe é tradicional e deve merecer certa veneração, as grandes sociedades (na denominação que ainda lhe dão) sobrevivem galhardamente.”

²⁵⁰ Conforme veremos mais abaixo, a decadência das Grandes Sociedades coincide com a implantação dos projetos de modernização gestados pela República que começam a ser aplicados de forma mais consistente a partir da primeira década do século XX. As Grandes Sociedades perdem popularidade junto às classes populares ao se posicionarem em seus préstitos favoravelmente aos projetos de modernização impostos pela República.

no máximo, alguma cantiga unificada. Seus membros desfilavam todos a pé, geralmente fantasiados (inclusive fantasiados de indígenas, remetendo aos cucumbis).

Conforme as sociedades iam perdendo popularidade, os ranchos e cordões iam crescendo. Como ressalta Cunha (2001, p.155-156), entre 1890 e 1910, os cordões eram duramente criticados na imprensa, enquanto os ranchos ganhavam progressivamente destaque positivo, como uma forma de brincar carnaval popular, mas não “bárbara”, não violenta, não marginal. Esta atuação da imprensa seria “também uma forma de balizar os comportamentos de trabalhadores urbanos, valorizando a feição morigerada que se atribuía aos ranchos e desqualificando a atitude supostamente rebelde e indesejável dos cordões.”

O perigo dos cordões, e do elemento africano, já estavam patentes na escrita de João do Rio na década 1910. Em *Presepes*²⁵¹, o escritor descreve seu encontro na praia com o cordão Rei de Ouros “de negros baianos. Essas *criaturas*²⁵² dão-me a honra da sua amizade”. (RIO, 1908a, posição 922) Comenta que o cordão seria formado por “capoeiras perigosos da Rua da Conceição, de S. Jorge e da Saúde.” No meio de pandeiros, palmas e berimbaus “o pessoal, quebrando todo em saracoteios exóticos, cantava com as veias do pescoço saltadas” (RIO, 1908a, posição 936).

E João do Rio (1908a, posição 940) continua com uma descrição estereotipada dos descendentes de africanos e de suas formas de diversão: “Essas canções, porém, são toda a psicologia de um povo, e cada uma delas bastaria para lhe contar o servilismo, a carícia temerosa, o instinto da fatalidade que o amolece, e a ironia, a despreocupada ironia do malandro nacional.”

A passagem acima evidencia como Paulo Barreto deixa transparecer traços racistas associados aos negros: a indolência, a malemolência, o servilismo, o perigo e a contravenção, relacionados às figuras do malandro e do capoeira.

Também na crônica *Atrás da máscara* publicada na **Gazeta de Notícias** do dia 1-3-1908, João do Rio retrata a passagem de um cordão em frente à sede de um jornal:

Os pobres do cordão, sem fantasia, em mangas de camisa, já capengando alguns de estafa e das topadas [...] carregavam bichos trágicos do afoxé – serpentes vivas sem os dentes, lagartos enfeitados de fitas, jabutis aterradores e misteriosos. [...] berravam interminavelmente a mesma toada, no ruído cadenciado dos instrumentos bárbaros. Junto a mim um negro apoplético, com os olhos vermelhos, as mandíbulas arreganhadas, o cuspe nas comissuras dos beijos, grunhia: - ‘ô abre ala/ Que eu quero passa!’²⁵³

²⁵¹ **Gazeta de Notícias**, de 1-1-1905.

²⁵² Grifos meus.

²⁵³ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&PagFis=0> . Acesso em: 20 jun. 2019.

É visível o racismo e o incômodo que os cordões provocavam nas elites cariocas: este povo negro, pobre, que “grunhe”, levando seus “barbarismos” às avenidas da capital da “moderna” República brasileira. Como se apresentou no capítulo anterior, as elites viam no africanismo (por ela entendido como sinônimo de barbarismo) uma ameaça ao futuro “civilizado” da nação brasileira.

É interessante observar a contraposição de Coelho Neto, tanto a João do Rio quanto a si próprio quando, décadas depois de escrever *A Arlequina*, publica *Clubes e Cordões*, em 1922²⁵⁴. Nela o escritor critica o carnaval dos ricos e elogia aquele popular: “O que não conseguiram os grandes clubes gastando rios de dinheiro [...] vai, pouco a pouco, realizando o Povo com as suas modestas sociedades e os seus cordões pitorescos – o renovamento do Carnaval.” (COELHO NETO, 2007, p.158) Inclusive, cabe observar, que este movimento de renovação do Carnaval, de valorização do carnaval popular pelos intelectuais, não seria avaliado de modo positivo por Lima Barreto, que não identificava nenhuma originalidade nos festejos da época, conforme visto em *Bailes e divertimentos suburbanos*.

Coelho Neto recorda das décadas em que as grandes sociedades carnavalescas estavam no auge e dominavam, ao menos em prestígio social, o carnaval. Ele destaca o envolvimento destes grandes desfiles com as causas políticas e sociais do seu tempo:

Antigamente, nos dias imperiais – talvez porque, então, havia mais liberdade – os clubes apresentavam sempre, com o luxo ostentoso dos carros ornados [...] a crítica aos casos políticos do ano, comentários graciosos e caricaturas que provocavam riso e aplauso da multidão. (COELHO NETO, 2007, p.159)

Figuras como o Imperador e o barão de Cotegipe eram satirizadas nestes desfiles. As Grandes Sociedades se engajaram na causa abolicionista e boa parte de seus membros eram republicanos.

Como destaca Cunha (2001, p.117), nos últimos anos da escravidão, setores da elite urbana passaram a se empenhar cada vez mais na causa abolicionista, apesar de seu temor pelo que se seguiria – “Nesse caso, por um lado lutava-se pela abolição, com os olhos no progresso. Por outro, tentava-se configurar e educar o povo inculto e bárbaro, redefinir a cidade e o cidadão, desenhar no país novas identidades [...]” Assim, seria necessário moldar, educar, enquadrar a parcela da população que passava de objeto para pessoa, de escravo para, mesmo que com muitas restrições, cidadão. Um dos meios que estas elites se valeram para “cooptar”

²⁵⁴ A Noite, em 2-2-1922.

esta população seria através das Sociedades Carnavalescas²⁵⁵. Pois, apesar de excludentes, as Grandes Sociedades acabaram se tornando “uma das mais importantes formas de brincar o Carnaval para o conjunto da população carioca”, e notas nos jornais da década de 1880 demonstram sua intensa popularidade entre os trabalhadores pobres do Rio de Janeiro. (CUNHA, 2001, p.118,125)

[...] as sociedades carnavalescas pretendiam amplificar aquelas que consideravam as grandes causas políticas do período. Não pareciam dispostos, é claro, a considerar como sujeitos ou como iguais aquelas hordas bárbaras e incômodas que congestionavam as ruas, mas pretendiam falar em nome delas, traduzindo anseios e interpretando necessidades ao mesmo tempo em que promoviam a educação e seu refinamento, visando uma liberdade sempre protelada. Por isso, a mais importante das causas sem dúvida, era a abolição do trabalho escravo, na qual se empenhavam políticos, homens de letras, advogados e acadêmicos, e cuja discussão, na década de 1880, dava margem a diferentes propostas e um acirrado debate, que parecia ausente da unanimidade da folia. Desde muito cedo, as sociedades carnavalescas associaram sua imagem à propaganda abolicionista, em um esforço que evidentemente ganhou corpo nessa década [1880], para tornar-se uma verdadeira marca registrada dos préstitos e das atividades dessas agremiações. (CUNHA, 2001, p.127)

Assim, não era incomum que, todos os anos, as sociedades carnavalescas anunciassem alforrias de escravos pertencentes aos seus sócios, ou se engajassem em campanhas para arrecadar fundos para a Sociedade Abolicionista. Cunha (2001, p.128-131) destaca que tanto os Fenianos quanto os democráticos desfilaram com carros intitulados “A mancha de Júpiter” – sendo que Júpiter representava o Imperador Pedro II e a mancha seria a manutenção da escravidão.²⁵⁶ Em 1888, um dos carros dos Democráticos chamava-se “Alforria imediata” e, os Fenianos desfilaram com “Questão do Abolicionismo”. Conforme ressalta Cunha (2001, p.130): “Quase todos os anos, as três Grandes Sociedades carnavalescas apresentavam pelo menos um carro de crítica com esta temática, ou marcavam sua presença por gestos simbólicos como a compra de cartas de alforrias.”

²⁵⁵ Vale ressaltar que um fenômeno semelhante ao que ocorreu no futebol também se deu no carnaval. Assim como os clubes de futebol foram deixando de ser exclusividade das regiões centrais e se espalharam pelos subúrbios, o mesmo ocorreu com as Sociedades Carnavalescas, principalmente nas décadas de 1880 e 1890, visto que estas também se multiplicaram pelos subúrbios – sendo formadas, segundo Cunha (2001, p.118-119), por uma elite suburbana que, se por um lado era distante da elite europeizada das áreas nobres da Capital Federal, por outro, também era distante das camadas populares. Cunha (2001, p.155) aponta que esta difusão seria o exemplo que a atitude pedagógica teria dado resultado, mesmo que parcial.

²⁵⁶ Uma das canções dos Fenianos do mesmo ano entoava: “Eis o sota escravocrata/Do reinado da patota/deste reino de patarata, eis o sota escravocrata”. (CUNHA, 2001, p. 341-342, nota 139)

Jota Efegê (1982, p.34) relata que, no Carnaval de 1884, os Tenentes do Diabo destinaram parte do dinheiro que seria utilizado para os préstitos carnavalescos para a compra da alforria de cinco escravos.

As sociedades carnavalescas também se engajavam muito na campanha republicana. Os Democráticos em 1886 desfilaram com o carro “Apoteose à Liberdade”, que apresentava a personificação da República desfilando de barrete frígio.²⁵⁷ Enquanto os Fenianos apresentaram a seguinte canção em 1888: “A monarquia é um erro,/ disse um tribuno outro dia;/ caia, pois, a monarquia, que seu reinado está velho;/ eia, povo, vá por terra, esse cruel despotismo;/morte, morte ao reumatismo!/Viva o barrete vermelho! (CUNHA, 2001, p.136-137).

Não é de se estranhar que o Clube dos Democráticos participou do desfile cívico que comemorou o fim da escravidão em 20-05-1888, organizado pelo abolicionista José do Patrocínio. (EFEGÊ, 1982, p.214)

Porém, com o advento da República, a relação das Grandes Sociedades Carnavalescas com seus “alunos” (pobres, ex-escravos) começa a estremecer. As Sociedades Carnavalescas apoiam irrestritamente a Primeira República. No início do século XX, há um movimento de reforço à posição adotada. Conforme relata Cunha (2001, p.138): “[...] os próprios carros de crítica assumiram com frequência a defesa das iniciativas governamentais (e a condenação aberta a comportamentos e causas populares) [...].” As Reformas do prefeito Pereira Passos contaram com o apoio destas sociedades. O prefeito era homenageado nos carros alegóricos e nos versos: “Deu um passo agigantado/no progresso, a capital. Tem um chefe adiantado/a Prefeitura atual. Vê-se do Passos a mão/a cada passo do pé./ Não escapa um barracão,/ sua reforma fez fé.”²⁵⁸

Cunha (2001, p.344, nota169) afirma que em 1904 as três principais Sociedades dedicaram carros e versos para elogiar Pereira Passos. Os elogios continuaram, como atestavam o carro “Avenida” dos Fenianos em 1906, e mais exemplos nos anos seguintes.

Assim, as Grandes Sociedades perderam, na última década do século XIX, as suas principais bandeiras²⁵⁹ – que haviam motivado a grande dose de simpatia

²⁵⁷ Touca feita de feltro ou de lã, de forma cônica, que seria usada pelos habitantes da Frígia (ou assim eram representados pelos antigos gregos). Durante a Revolução Francesa, foi adotada pelos revolucionários como símbolo da liberdade. Estudiosos sugerem que ocorreu uma confusão com o *pileus* romano, uma espécie de chapéu que era usado pelos escravos recém libertos (logo, símbolo da liberdade), especialmente durante a República Romana. Informações retiradas de: <<https://www.britannica.com/art/Phrygian-cap>>; <<https://www.britannica.com/topic/pileus-hat>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

²⁵⁸ Versos dos Fenianos em 1904. (CUNHA, 2001, p.138)

²⁵⁹ Abolição da escravidão e o regime republicano.

alcançada entre as classes populares do Rio de Janeiro [...] Em troca, restou-lhes a defesa intransigente [...] de reformas urbanas autoritárias, da intervenção médica pela violência, do aparato policial cada vez mais discriminatório – características básicas da política republicana. (CUNHA, 2001, p.143)

A população, que antes aplaudia os desfiles, passou a ser ridicularizada nos desfiles destas Sociedades:

Sem dúvida, quando alvorecia o século XX, as Grandes Sociedades davam sinais de seu próprio ocaso. Pugnando bravamente uma reforma carnavalesca, buscando cânones de uma de uma festa moldada em padrões brancos e europeus – mesmo que longínquos e um tanto postiços, como os de Nice ou Veneza-, elas poderiam sentir-se vitoriosas quando a modernidade tomava forma no Rio de Janeiro, sob as diligentes picaretas de Pereira Passos. [...] De um lado, estava em questão a popularidade de um Carnaval que defendia causas impopulares [...] Sem críticas ou ideias, barradas com eficiência pelo apoio sincero das sociedades ao novo regime, o Carnaval elegante perdia muito de seu charme e do apreço popular e, aos poucos, perderia também associados e patronos. (CUNHA, 2001, p.147-148)

Antes defensoras de causas populares, como a Abolição, as Grandes Sociedades Carnavalescas foram perdendo apoio das camadas populares cariocas quando passaram a encampar as reformas excludentes postas em prática pelo regime republicano.

Retornando a Coelho Neto, pôde-se observar como o escritor caminhara nas quase três décadas que separam *A arlequim* de *Clubes e Cordões* no sentido de aceitação dos elementos populares no carnaval. É neste momento que a intelectualidade brasileira se debruça sobre a formação de uma tradição nacional-popular. As grandes sociedades teriam influenciado as práticas carnavalescas que animavam a elite da época, mais especificamente os ranchos, e menos os cordões, que eram muitas vezes indistintos ao olhar da imprensa²⁶⁰. Esta confusão parece afetar o trecho elogioso de Coelho Neto, que parece identificar nos “antigos cordões” as formas de organização que Cunha (2001) denomina de cordões, e considera os ranchos (na denominação de Cunha), como os “cordões aceitáveis” da década de 1920.

Hoje, os *cordões* são grupos corais que se ensaiam em cantos e em marchas coreográficas de evoluções graciosas. Não trazem luxo, não se impõem pela riqueza, apresentam-se, porém, asseadamente, sempre com uma cantiga satírica ou amorosa e vão, assim, despertando o interesse pela música e trazendo para a grande festa da cidade as lânguidas melodias dos sertões, a voz da terra desde as regiões dos rios até as fronteiras pampeanas. [...] eu, por mim, confesso que acho mais encanto nas cantigas populares que por ali soam e nos bandos de dançadores que por ali circulam [do que pelos carros alegóricos das grandes sociedades] (COELHO NETO, 2007, p.160-161)

²⁶⁰ Cunha (2001, p.152).

Apesar da aceitação enunciada por Coelho Neto, para João do Rio (2001, p.67) em 1916²⁶¹, na crônica *O excesso*, o carnaval seria uma festa para se “brincar só quatro dias de uma certa maneira.”²⁶² Ou seja, na metade final da década de 1910, as elites ainda buscavam controlar as formas de se brincar o carnaval. Havia aquela desejada e a indesejada. Cunha (2001, p.156) ressalta que, após a década de 1910, quase que a totalidade da imprensa vai se tornar ardorosa defensora dos ranchos, enquanto ataca as outras formas de se brincar o carnaval. À época, como visto nos capítulos anteriores, Lima Barreto concentrou suas energias e suas crônicas na discussão acerca do futebol, do racismo, do bovarismo das elites, deixando de participar ativamente dos debates a respeito da identidade nacional e o carnaval.

Por influência das Grandes Sociedades, desde o final do século XIX, os ranchos e cordões vão passar a ter estatuto, estrutura de cargos, sedes fixas, adotando, inclusive, títulos como grêmios, sociedades ou clubes carnavalescos. (CUNHA, 2001, p.158) Os jornais também tiveram grande influência na paulatina “pedagogia” e na posterior aceitação das formas populares de carnaval, especialmente, como já vimos, os ranchos. Desde 1906²⁶³, a **Gazeta de Notícias** publicava durante o carnaval a “Festa dos Cordões”, seção dedicada a premiar os melhores grupos carnavalescos (inclusive, João do Rio foi júri deste primeiro concurso). O concurso estabelecia critérios que seriam avaliados, como: luxo, brilho (entendido como “espírito carnavalesco”), número de associados e qualidades dos versos e das músicas. Desejosos do prestígio de figurar nas páginas dos jornais, grande parte do ranchos e cordões (ainda indistintos na imprensa, vide o nome do concurso) vão se adequando ano a ano aos critérios estabelecidos pelos jornais. Tais critérios tinham influências dos carnavais das Grandes Sociedades. Assim, os jornais conseguem imprimir às manifestações populares um modelo desejável de carnaval, um modelo aceitável para as elites, aproximando-se dos ranchos. “A imprensa descobrira nos ranchos a possibilidade de redenção. Evoé! Enfim, a vitória do Momo podia ser anunciada pelos clarins de anjos de pele escura.” (CUNHA, 2001, p.209)

É importante notar a importância dos imigrantes baianos na transformação do carnaval carioca, capitaneados por nomes como Hilário Jovino e Donga. Hilário Jovino criou um grupo carnavalesco²⁶⁴, chamado Rei de Ouro, que em seu primeiro desfile teria encantado o Rio com sua perfeita formação em rancho, em contraste com os grupos cariocas, que os baianos tratavam com desdém, considerando-os ultrapassados, desorganizados, com excesso de

²⁶¹ **Revista da Semana**, de 23-3-1916.

²⁶² Grifos meus.

²⁶³ As informações deste parágrafo e dos dois seguintes foram retiradas de Cunha (2001, p.205-216, 220-224).

²⁶⁴ Destaca, em depoimento, que a primeira coisa que fez foi buscar a autorização policial. Prática que seria pouco comum entre grupos carnavalescos populares cariocas.

pancadaria (percussão). Logo, surge uma rivalidade entre os grupos carnavalescos populares cariocas e baianos. Os baianos ganharam rapidamente o apoio da imprensa (pelo formato de rancho) e satirizavam, em seus desfiles, os cordões cariocas. Conforme conclui Cunha (2001, p.213): “[...] esses grupos colocavam-se em contraposição carnavalesca aos ‘africanismos’ cariocas e até hostilizam tradições negras locais, talvez decodificadas como práticas ‘antigas’ [...]”.

Vale ressaltar que, assim como no caso dos clubes de futebol, as novas associações carnavalescas “parecem ter constituído espaços centrais de convivência e de criação de identidade para os trabalhadores pobres do Rio de Janeiro”. (CUNHA, 2001, p.192) Os clubes de futebol das regiões pobres do Rio de Janeiro assumiam para os associados “espaços de autonomia, nas quais tinham a chance de efetivar suas próprias práticas e visões de mundo.” (PEREIRA, 2000, p.248) Assim, tanto os clubes carnavalescos quanto os de futebol se consolidaram como locais de condensação de diferentes identidades populares que, inclusive, se chocavam - como na rivalidade entre cariocas e baianos no caso dos festejos de Momo, ou na rivalidade entre operários de fábricas diferentes ou nas disputas entre brasileiros e imigrantes, no caso do esporte bretão.

Além dos jornalistas, os ranchos também foram conquistando a simpatia de figuras de destaque da época como Coelho Neto, o milionário Arnaldo Guinle, o vigário da Igreja da Glória, Ernesto Nazareth. Tanto que, em 1911, o rancho Ameno Resedá foi convidado pelo então presidente da República, Hermes da Fonseca, ao Palácio das Laranjeiras.

Os ranchos se tornaram os grandes propagadores do “carnaval desejado”, substituindo as Grandes Sociedades. Eles iriam acabar ainda com outras formas populares do Carnaval. Assim, “[...] os ranchos cariocas pareciam ter perdido o viés negro e folclórico dos originais, para tornar-se sobretudo um lugar de boa tradição musical e uma manifestação de gosto que os aproximava das Grandes Sociedades” (CUNHA, 2001, p.227) A aceitação e a transformação dos ranchos na forma carnavalesca por excelência contou com um processo de sublimação.

[...] ao final das duas primeiras décadas do século XX o perigo representado pela insistente presença dos trabalhadores pobres no Carnaval de rua parecia controlado, aos olhos dos guardiães da regeneração urbana, da civilização e da modernidade carnavalesca. [...] Com suspiros de alívio, as elites ‘pensantes’ puderam ver nele uma ‘expressão nacional’ em que a ‘alma do povo’ afluía em sua verdadeira expressão, um momento de suspensão dos conflitos e de pacífica e alegre convivência social em um país possível. (CUNHA, 2001, p.239)

Os ranchos continuavam a ser compostos por negros, mas agora as elites ressaltavam o caráter pacífico, controlável, e ainda por cima nacional de tais práticas populares. As elites passaram a ver nos ranchos uma prova de que, apesar da inegável desvantagem do elemento africano perante o branco, seria possível construir uma civilização própria no Brasil.

Para alívio das elites, a influência europeia fez-se sentir nos enredos dos ranchos carnavalescos. Conforme demonstra Jota Efegê (1982, p.108, 186, 189, 195, 203), em 1920, o rancho Recreio das Flores cria um enredo baseado em *Aída* de Verdi, enquanto o Mimosas Cravinas faz um desfile inspirado em *Os lusíadas*. O mesmo Recreio das Flores volta à carga em 1921 e 1922 com enredos a respeito da *Divina Comédia* (um ano dedicado ao inferno e outro ao paraíso). Já os Gualemadas participaram do carnaval com *Carlos Magno e os doze pares da França*. Nada seria mais “seguro” e “civilizado” do que recorrer aos cânones literários (europeus). A Europa também se fez presente, por exemplo, em 1910, quando o grupo Kananga do Japão fez uma canção sobre a melodia de *Sole mio* ou quando a música de maior sucesso no carnaval de 1915 foi uma valsa, intitulada *Paixão de Pierrô*. Seriam essas “concessões” do povo às elites, em troca de aceitação? Para Cunha (2015, posição 1731–1750), os ranchos passaram a ser um espaço onde a população negra e pobre poderia “mostrar-se capaz de europeização e civilidade, equiparando-se aos brancos (ou aos ricos) em seus gostos e padrões; ou adotar, para citar outra possibilidade, o artifício de recorrer a traços de uma tradição rural²⁶⁵ e pacificadamente familiar, exibindo-se à moda “folclórica.” Assim, sob esta ótica, as elites republicanas já poderiam aceitar a participação da população negra e pobre no complexo enredo que engendraria a nacionalidade brasileira.

Ademais, a elite carioca ainda poderia refugiar-se nos bailes fechados, promovidos por clubes distintos. Em *Um baile de carnaval*, João do Rio (1932) descreve o primeiro baile de carnaval realizado no Palace-Hotel em 1919. Os bailes seriam um costume republicano, já que teriam assinalado o final do Império, com o Baile da Ilha Fiscal e haviam se tornado a marca da elite do novo regime: baile da inauguração do Catete, baile pela paz sul-americana, baile do presidente Nilo Peçanha, e a lista continua.

João do Rio descreve os presentes: “São rapazes com ares de ‘sportmen’ ou com ademanes melindrosos. Há de todos os gêneros. São os tanguistas dos chás-dançantes, uns lívidos, outros corados [...]” (RIO, 1932, p.150), fantasiados e mascarados, inclusive de *pierrôt* - todos da alta sociedade carioca. Não se pode deixar de observar como o escritor desvela o véu da mania europeizante da elite:

²⁶⁵ Coelho Neto aceita esta estratégia na já citada *Clubes e Cordões* ao destacar a qualidade das “lânguidas melodias dos sertões, a voz da terra desde as regiões dos rios até as fronteiras pampeanas”.

Estão dançando – o ‘puladinho’. Outrora o maxixe nacional era considerado uma dança imoral. Mas veio o ‘cake-walk’, dança reles norte-americana; veio o ‘tango’, dança reles e lúgubre da Argentina. O maxixe também veio, porque resolvera ir vestir-se a Paris como a gente. E diante dessa democracia coreográfica, de que os verdadeiros Lenines goram os negros dos ‘United-States’, a sociedade virou ‘jazz-band’ e as danças mais decentes são todas como o ‘puladinho’. No ‘puladinho’ o homem, todo tremendo, leva como assente abaixo do ventre o excelentíssimo par. Toda a sociedade galopa nesse estilo [...]. (RIO, 1932, p.148)

Eis mais um exemplo de que a sociedade carioca imitava a europeia. As elites do Velho Continente se encantam com as danças de cultura matriz africana no começo do século XX, compreendendo-as sob o signo do exotismo, do barbarismo, do primitivo. As danças de matriz africana, ao serem praticadas pelas elites europeias, são “trajadas” pela “Civilização”, tornando-se *chic*. Por conseguinte, as músicas de origem afro poderiam ser usufruídas pelas elites brasileiras. Inclusive um ritmo nacional, como o maxixe, por exemplo, era aceito e dançado nos bailes, porque agora ele “vestira-se” em Paris. Partindo de textos publicados na imprensa pelo escritor Lima Campos²⁶⁶ no começo do século XX, Abreu (2017, posição 352–378) comenta como um ritmo afro-americano (partiu “das senzalas aos salões e palcos dos cafés – concerto”), o cakewalk, era dançado nos salões das elites do Rio de Janeiro, de Paris, de Nova Iorque, pois esta dança despertaria emoções, e desejos– “sensações valorizadas no início do século XX por homens e mulheres que descobriam os encantos musicais e dançantes da modernidade.” Assim, a *belle époque* buscou em outros locais (geográficos, inclusive) novos sentimentos para a vida burguesa europeia. Essa busca “Inseria-se num movimento internacional de crescente atração pela cultura africana e afro-americana.” (ABREU, 2017, posição 404). As danças de matriz africanas, com seus “movimentos animalizados, grotescos e selvagens”, com a “malícia e lubricidade típica dos negros, conquistaram as elites europeias (que as brasileiras logo trataram de copiar), justamente por estes fatores “primitivos”, ou seja, eram apreciados sob a ótica do exótico, como um polo oposto da cultura moderna europeia. Desta forma, os ritmos africanos valorizam traços (racistas) que os europeus identificavam

²⁶⁶ César Câmara de Lima Campos (1872-1929) foi um escritor carioca que contribuía regularmente com a imprensa. Foi um importante colaborador da revista **Kosmos!**. Bosi (1975) o define como um simbolista engajado na produção de prosa poética (sem muito sucesso, já que a geração de Lima Campos não teria produzido nada de muita qualidade, pois aponta que: “E, de fato, a prosa narrativa, que no último quartel do século XIX, chegara a um ponto de alta maturação em Raul Pompéia, Aluísio Azevedo e Machado de Assis, não continuará a dar frutos de valor a não ser em escritores deste século, de formação realista, como Lima Barreto, Graça Aranha e Simões Lopes Neto”. Sua principal obra é *Confessor Supremo* de 1904. Foi um dos entrevistados por João do Rio para *O momento literário*. Informações retiradas de: **Biblioteca digital de literaturas de língua portuguesa**. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=1853>>. Acesso em: 20 jun. 2019.; João do Rio, 1908b.; Bosi (1975, p.292-294).

como inerentes aos negros. Lima Barreto, conforme demonstrado anteriormente²⁶⁷, denunciava, em 1922, como a “adoção” das músicas de matriz africana pelas elites acabava por ressaltar traços racistas associados aos negros, como o grotesco e a sensualidade. Segundo Abreu (2017, posição 423-434) sintetiza, esta valorização servia para já incutir um traço de inferioridade às culturas afro:

Mesmo atraentes e valorizadas, as culturas dos povos africanos e afro-americanos continuavam situadas fora das fronteiras civilizacionais das sociedades (e talvez exatamente por isso as vanguardas parisienses gostassem de utilizar o termo negrofilia para provocar e desafiar os valores burgueses). O interesse pelo primitivo, acompanhado da ideia do moderno, tornou-se o caminho pelo qual os europeus representavam sua própria superioridade e se sentiam autorizados a se envolver com essas estéticas, danças e músicas.

Adiante será demonstrado como no carnaval foi sintetizada a cultura nacional, e como ela passou por estes processos que deram novas roupagens a elementos já presentes em culturas populares, pobres, e negras, mas sempre travestindo o elemento africano.

Concluindo, a variedade dos festejos momescos deveria, na visão das elites, tornar-se homogênea, “uma festa cuja reinvenção recorria às fontes mais sagradas de uma suposta tradição europeia, que não admitia convivência com o passado “bárbaro” e colonial.” (CUNHA, 2001, p.85) O carnaval carioca seria uma das faces desta nova nação brasileira que tentavam construir, moderna, europeizada, homogênea. A partir do início do século XX vai ocorrer um processo “conciliatório” entre a elite republicana, cosmopolita, que desejava um Brasil moderno, à europeia e o povo, com suas tradições com raízes africanas. Veremos adiante como este processo de acomodação, de modo similar ao que ocorreu no futebol, entre eixos – na visão das elites – irreconciliáveis: cultura africana e modernidade, corpos negros e civilização, será conduzido pelas elites e resultará na formação de um corpo nacional mestiço e de uma cultura brasileira “genuína”.

Na primeira metade deste capítulo dedicado ao Carnaval, observamos como os três cronistas relataram o carnaval e identificamos uma tensão entre dois polos. De um lado, a elite defendia que o carnaval aos moldes europeus deveria imperar na Capital Federal. Do outro, o povo e as formas populares e tradicionais de se brincar o carnaval pululavam nas ruas do Rio de Janeiro. Salientou-se uma das grandes ressalvas de Lima Barreto em relação ao carnaval: a falta de significado das letras. Além disso, percorremos a história do carnaval brasileiro. Neste

²⁶⁷ Em *Bailes e divertimentos suburbanos*.

percurso, foi possível identificar uma pulsão para excluir o elemento negro-africano (popular) e também um desejo de acomodar este elemento.

As manifestações do racismo nos folguedos momescos, denunciadas por Lima Barreto há mais de um século e que só recentemente são amplamente debatidas na sociedade brasileira, serão tratadas a seguir. Conforme escreveu um jornalista em 1903: “o Carnaval é mais renitente à civilização que os pretos da África.”²⁶⁸

3.3 Racismo no carnaval e na poética popular

Em 1907, na primeira edição da **Revista Floreal**, da qual era editor e um dos donos, na seção “Pretextos”, sob o título *A Caravana*²⁶⁹, Lima Barreto trata da sensibilidade popular em relação à arte. Comenta que seria comum aos literatos se reunirem e formarem sociedades com o objetivo de “animar as letras e as artes”, além de disseminarem o gosto artístico. “Não acredito absolutamente que a arte possa ser popular, não acredito mesmo que possa interessar sinceramente, já não direi mais o povo, mais a um grupo social inteiro, uma casta, uma classe [...]” A sociedade literária em questão, intitulada “A Caravana”, promoveu concurso entre as bandas cujo objetivo era extirpar o gosto popular dos soldados pelos ritmos tango e maxixe²⁷⁰. Lima questiona se não seria mais eficiente estes literatos escreverem nos jornais sobre a “hediondez” da canção “Vem Cá Mulata”²⁷¹, um sucesso carnavalesco.

Tal canção teria desempenhado papel importante numa passagem da vida de Lima Barreto. Francisco de Assis Barbosa (1988, p.179-180) relata que, durante o carnaval de 1906 ou 1907, Lima Barreto se divertia com amigos quando, subitamente, tornou-se taciturno e abandonou os folguedos. O escritor carioca teria confessado ao seu amigo Antonio Noronha Santos, dias depois, o motivo de seu aborrecimento – enquanto acompanhavam um rancho que passava, todos, exceto Lima, teriam cantando “Vem Cá Mulata”. “Aquilo – segredou então ao

²⁶⁸ João Câmara, **Gazeta de Notícias**, 2-1903 *apud* CUNHA, 2001, p.86.

²⁶⁹ LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *A caravana*. **Floreal**: publicação bimensal de crítica e literatura, Rio de Janeiro, Anno I, n.1, p. 29-32, out. 1907. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=164623&PagFis=30&Pesq=mulata>> Acesso em: 23 nov. 2017.

²⁷⁰ Mais um exemplo de intelectuais tentando extirpar os elementos africanos presentes na cultura popular da época, visando, como já dito anteriormente, criar uma identidade nacional à europeia.

²⁷¹ *Vem cá Mulata*, composta por Arquimedes de Oliveira e Bastos Tigre (amigo de Lima) em 1902, fez sucesso a partir de 1906, e por mais dois ou três anos, sendo uma das músicas mais populares da década. Estava atrelada à sociedade carnavalesca carioca Clube dos Democráticos. Informações retiradas de: SEVERIANO, Jairo; HOMEM DE MELLO, Zuza. **A canção no tempo**: 85 anos de músicas brasileiras. 6.ed. São Paulo: Editora 34, 2006. v.1, p.27. A letra é a seguinte: *Vem cá, mulata/ Não vou lá, não (X2)/ Sou democrata, sou democrata/ Sou democrata de coração.* Disponível em: <http://www.carnaxe.com.br/history/1900_63/1906_03.htm>. Acesso em: 20 nov. 2017.

amigo querido - penetrou-me nos ouvidos como um insulto. Lembrei-me de minha mãe. O convite canalha parecia dirigido a ela.” (BARBOSA, 1988, p.180)

Pode-se pensar o quanto tal episódio motivou o artigo publicado na **Floreal**. Mas é inegável que um dos pontos que incomodava Lima nestas canções carnavalescas, além da “pobreza mental” que o autor identificava na cultura popular, era a propagação de estereótipos racistas, neste caso, atribuindo sensualidade e solícitude à figura da *mulata*.

Como forma de denunciar este preconceito, e de certa forma lutar pela “proteção” das mulheres de cor, Lima Barreto escreve *Clara dos Anjos*. Os trechos abaixo, extraídos do romance, demonstram como a sociedade faria a ligação entre o corpo moreno e a sensualidade, e como este preconceito causaria a desgraça de muitas moças de cor.

[...] ele sempre observou a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da cor de sua afilhada [Clara]; e também o mau conceito em que se têm as suas virtudes de mulher. A priori, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social. (LIMA BARRETO, 1909a, posição 18349).

Assim, Lima Barreto expõe o preconceito racial da sociedade como o responsável por criar a fama da mulher mestiça, para assim sempre colocá-la em posição de subalternidade. E claro, a falta de caráter da personagem branca (e para ressaltar o contraste com Clara, sardento e de cabelos claros), causadora da perdição, Cassi Jones – que na visão de Sérgio Buarque de Holanda (1997, p.10) foi retratado de forma tão carregada por Lima que tornaria a personagem menos convincente.²⁷²

Lima Barreto (1909a, posição 18371) ressalta a posição de vulnerabilidade de Clara dos Anjos, por crescer em um ambiente permeado por canções populares. Além de novamente ressaltar a situação de classe e cor da protagonista.

Habituada às musicatas do pai e dos amigos, crescera cheia de vapores de modinhas e enfumaçara a sua pequena alma de rapariga pobre e de cor com os dengues e o simplório sentimentalismo amoroso dos descantes e cantarolas populares.

Em outras passagens do romance, o autor reforça a posição de fragilidade da protagonista. Posição assinalada pela cor.

²⁷² Na visão de Sérgio Buarque de Holanda (1997, p.18-19), Lima Barreto nem sempre teria conseguido se distanciar o suficiente da realidade (de agruras e preconceito) para desenvolver uma perspectiva artística sólida (por isso seria injusto colocá-lo no mesmo patamar de Machado de Assis). Da falta de distanciamento resultariam algumas qualidades, mas muitos defeitos. Clara dos Anjos seria, na visão de Sérgio Buarque, um compêndio dos defeitos de Lima, e esta seria, justamente, a obra “mais transparente” do escritor.

Essa reclusão e, mais do que isso, a constante vigilância com que sua mãe seguia os seus passos, longe de fazê-la fugir aos perigos a que estava exposta a sua honestidade de donzela, já pela sua condição, já pela sua cor²⁷³, fustigava-lhe a curiosidade em descobrir a razão do procedimento [...]. (LIMA BARRETO, 1909a, posição 18647).

Em crônicas, Lima Barreto registrou outras cantigas sobre *mulatas*. O escritor reproduz os quatro primeiros versos da canção “Senhor Pereira de Moraes” (LIMA BARRETO, 1961a, p.245), na crônica *Recordações da Gazeta Literária*, publicada no **Hoje** em 20-3-1919. Abaixo, toda a letra da canção, conforme compilada por Silvio Romero (1883, p.46):

Senhor Pereira de Moraes
 (Sergipe e Rio de Janeiro)
 Onde vai, senhor Pereira de Moraes?
 Vossê vai, não vem cá mais;
 As mulatinhas ficam dando ais,
 Fallando baixo,
 Para metter palavriados ...
 Qu'é d'êl-o pente.
 Para abrir liberdade?²⁷⁴
 Qu'é d'êl-o Perú azul?
 Qu'é d'êl-a banha do teyú²⁷⁵?
 Dois amantes vão dizendo
 «Venda a roupa e fique nú ... »
 Mulatinhas renegadas,
 Mais as suas camaradas,
 Me comeram o dinheiro,
 Me deixaram esmolambado;
 Ajuntaram-se ellas todas
 Me fizeram galhofadas ...
 Ora, meu Deus,
 Ora, meu Deus,
 Estas mulatinhas
 São peccados meus ...

Lima relata, em tom de nostalgia, que sempre cantava esta e outras quadrinhas quando criança, em suas brincadeiras. Curiosamente, não faz nenhuma observação quanto ao papel que a moça de cor representa nesta canção, limitando-se a classificar estas músicas populares como “inocentes”.

²⁷³ Grifos meus.

²⁷⁴ Segundo Silvio Romero (1883, p.46), seria o repartimento do cabelo pelo meio da cabeça, penteado também chamado de estrada real.

²⁷⁵ Teiú é um lagarto típico de várias regiões do Brasil e da América Latina. Para mais informações acesse: *Tupinambis teguixin*. Disponível em: <<http://reptile-database.reptarium.cz/species?genus=Tupinambis&species=teguixin>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

Uma breve análise da Senhor Pereira de Moraes²⁷⁶ já coloca a mulher de cor como a perdição do homem branco (“estas mulatinhas” são o pecado de Pereira de Moraes), sexualizada, que acaba por tirar-lhe todo o dinheiro (uma possível referência à prostituição?)

Na já mencionada *Um domingo de páscoa*²⁷⁷, Lima Barreto (1961a, p.260-261) reclama da falta de sentido das canções populares, especialmente da Sambalelê, mas é patente o teor racista desta canção.

Sambalelê²⁷⁸
 Pisa mulata, pisa na barra da saia
 Sambalelê tá doente
 Tá co'a cabeça quebrada
 Sambalelê precisava
 É dumas oito lambadas
 Pisa, mulata, pisa na barra da saia
 Ô mulata bonita
 Como é que se namora:
 Põem-se o lencinho no bolso
 Com as parlinhas de fora
 Ó Morena bonita
 Onde é que você mora
 Moro na Praia Formosa
 Digo adeus e vou embora

Nesta cantiga a mulher negra é marcada como um objeto a ser consumido. Mesmo sem condições de performatizar (doente, com a cabeça quebrada), ela ainda mereceria receber castigo físicos (as oito lapadas). Esta ideia de punição física, este sadismo senhorial, traz à tona as marcas do Brasil escravista nesta canção popular, e como Lima relata, infantil, já que o próprio a cantava ao brincar de roda na infância.

Rodrigues (2014) ressalta a lascívia associada à mulher escura nesta música: “O apelo à lubricidade surge associado aos movimentos dançantes executados pela *mulata*. Durante a performance, ela deve pisar na barra da saia, privando a vestimenta de seu corpo.”

Na quadra: “ô *mulata bonita/como é que se namora:/Põem-se o lencinho no bolso/Com as parlinhas de fora.*” – a *mulata* responde que para se namorar, deve-se colocar um lenço no bolso e deixar parte dele à vista. Rodrigues (2014) esclarece a relação desta prática

²⁷⁶ Possível referência a José Pereira da Silva Moraes (1821 -1883), desembargador da província da Bahia. A canção teria sido escrita por seus conterrâneos soteropolitanos, quando José teria partido para Olinda estudar ciências jurídicas. Dali, a canção teria se espalhado pelo Nordeste até chegar ao Rio de Janeiro. Informações retiradas de: DÓRIA, Epifanio. Efemérides sergipanas. **Revista da Academia Sergipana de Letras**, v.1, n.12, 1947. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/RASL/article/view/7307/5890>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

²⁷⁷ Publicada quase um mês depois de *Recordações da Gazeta Literária*, no mesmo veículo (**Hoje**), em 21-4-1919.

²⁷⁸ **Sambalelê**. Projeto música coral do Brasil. Sem data. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/projetocoral/wp-content/uploads/2011/05/sambalele.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2019.

com a prostituição, reforçando a objetificação, e a imagem de lubricidade que foi colada no imaginário social à imagem mulher de cor.

O recurso para angariar um namorado pareceria ingênuo se este não fosse a estratégia utilizada pelas prostitutas nos bordéis, em tempos passados. Deixar o lenço à vista significava estar disponível para aquele determinado cliente. Transpondo o fato para o texto em questão, pode-se dizer que nele reside a concepção de assujeitamento da mulher negra. Esta passa a confundir-se com uma mercadoria, disponível para ser comprada e consumida [...].

A ideia de mulher-objeto, de perdição do homem branco, da *mulata* descartável, que após “consumida”, deixa-se só, como se ela não fosse “digna” ou capaz, devido à natureza sensual, de estabelecer laços mais duradouros é retomada no verso final – “*Digo adeus e vou embora.*”

Analisando o estabelecimento no circuito cultural carioca dos ritmos afro-brasileiros entre fins XIX e início do XX, Cunha (2015, posição 2469-2473) elenca duas canções, “O vatapá” e “A mulata da Bahia”. As duas: “cantavam as mulheres mestiças e as iguarias culinárias com a mesma malícia sexual. Abreu (2017, posição 1659) apresenta o maxixe “O teu grammophone é bão”²⁷⁹ (1922), cujos versos apresentam “sentido duplo e com muitos erros gramaticais, imitando ‘língua de preto’ ou o linguajar de pessoas não letradas do interior” e que em conjunto com a capa da partitura, “explicitam as relações figuradas entre maxixes, gramofones, prazer sexual, moreninhas e crioulinhas.”

Abreu (2017, posição 1504) também identifica a reprodução de estereótipos racistas na propagação do samba no início do século XX. A pesquisadora elenca, durante todo o livro, várias capas de partituras dos primórdios do samba, cujas ilustrações apresentam os já conhecidos estereótipos racistas, com traços pesados retratando os lábios e os olhos das personagens negras. Ou seja, além das letras, o racismo estava presente também nas edições das partituras das grandes editoras da época, como a Casa Edison e a Casa Carlos Gomes.

Como observa Corrêa (1996, p.39-41), desde Gregório de Matos até a atual “globeleza”, a *mulata* sempre foi descrita na cultura brasileira como graciosa, dengosa, sensual, desejável. Agentes de disfunção social (causando a perdição de homens brancos, como na cantiga acima, acirrando conflitos, como no caso da Rita Baiana em *O Cortiço*), a *mulata* foi construída como um objeto de desejo e cristalizou-se em um símbolo nacional (e parte do

²⁷⁹ Segue a letra da canção: Moreninha, o teu gramofone/ É tão bão que inté faiz chorá/ Saculeje de leve, ó pequena/ Que é capaz da corda quebrá./ Eu queria passá uma noite/ A ouvi o grammophone tocá /Nunca vi grammophone tão bão/ P’rá gemê soluçá cantá.../ O teu grammophone creolina/ Nunca vi, estou pra vê um assim/ Quando ele para finarmente./ Minha vida acha o seu fim/ Estribilho: Vem, vem, vem/ Vem comigo, vem dança/ Traga o gramofone/ P’ra nós dois,/ Nós dois gozá. /Ai! Ai! Ai!/ Vem, vem, vem/ Vem comigo, vem dança/ Quero ver de perto/ Ele funcioná. (ABREU, 2017, posição 1663-1667).

fabulário da sociedade mestiça). Na verdade, de acordo com Mariza Corrêa (1996, p.50), há uma lógica racista que permeia esta projeção da mulher mestiça: “a rejeição à negra preta.”

É possível observar como o raciocínio desenvolvido acima se assemelha ao argumento de *Clara dos Anjos* e do conto *Um especialista*²⁸⁰, de setembro de 1904. Neste conto, Lima Barreto (2010, p.90) narra a história de dois amigos portugueses que enriqueceram no Brasil. Um deles, o comendador: “Gostava das mulheres de cor e as procurava com afincos e ardor de um amador de raridades.” Nas palavras do próprio: “- A mulata, dizia ele, é a canela, o cravo, é a pimenta; é, enfim, a especiaria de requieime acre e capitoso que nós, os portugueses, desde Vasco da Gama, andamos a buscar, a procurar.” (LIMA BARRETO, 2010, p.90)

O comendador descreve para seu amigo coronel a mais recente conquista:

- É uma coisa extraordinária! Uma maravilha! Nunca vi mulata igual. Como esta, filho, nem a que conheci em Pernambuco há uns vinte e sete anos. É bem fornida de carnes, roliça; nariz não muito afilado, mas bom! E que boca, Chico! Uma boca breve, pequena, com uns lábios roxos, bens quentes... Só vendo mesmo! Só! Não se descreve. (LIMA BARRETO, 2010, p.91-92)

Afinal, como o próprio nome do conto revela, ele seria um *especialista em mulatas*.

O coronel pergunta ao comendador quais eram os planos para sua nova conquista. Obtém como resposta: “Prová-la, enfeitá-la, enfeitá-la e ‘lançá-la’.” (LIMA BARRETO, 2010, p.92). Ou seja, já planejava abandoná-la.

Ao longo de *Um especialista*, a imagem da *mulata* sedutora, hipersexualizada, é reforçada pelas falas e atitudes do comendador e do coronel. Lima insere sua crítica a esta visão racista da mulher de cor no remate do conto: o comendador estava saindo com a própria filha, fruto de um relacionamento com uma mulher de cor que ele seduzira, roubara e abandonara no Recife, anos atrás.

No conto *Cló*, de 1920, podemos aproximar as ideias de Lima Barreto a respeito do carnaval aos pensamentos da personagem do velho professor italiano Maximiliano:

Lá fora, o falsete dos mascarados em trote, as longas cantilenas dos cordões, os risos e as músicas lascivas enchem a rua de sons e ruídos desencontrados e, dela, vinha à sala uma satisfação de viver, um frêmito de vida e de luxúria que convidava o velho professor a ficar durante mais tempo bebendo, afastando o momento de entrar em casa. (LIMA BARRETO, 2010, p.166-167)

²⁸⁰ Curiosamente, devido à temática, dedicada a Bastos Tigre (escritor, amigo de Lima que adaptou *Vem Cá, Mulata!* para O Clube dos Democráticos).

Assim como Lima, o professor evita voltar para casa (será que a personagem também vê sua vida doméstica como a tragédia de sua vida?) e se entrega à bebida.

Conversando com o doutor André, “um bacharel vulgar e um deputado obscuro”, Maximiliano esclarece sua posição sobre os festejos de Momo:

- Não meu caro senhor; do Carnaval, eu só gosto dessa barulhada da tua, dessa *música selvagem*²⁸¹ e sincopada dos reco-recos, de pandeiros, de bombos, desse estrídulo de fanhoso dos instrumentos de metais... Até o bombo gosto, mais nada! Essa barulhada faz-me bem à alma. Não irei... Agora, se o doutor quer ir... Cló vai de preta mina. (LIMA BARRETO, 2010, p.170)

Para o professor italiano, além do carnaval possuir uma face selvagem na música, este é um momento propício para que a filha, Cló, uma jovem branca, de considerável nível social, possa se “fantasiar” de negra, reforçando os laços da submissão, do cativo e, por que não, da “selvageria” dos negros, que poderia ser “admissível” e até ironizada, durante o carnaval. O racismo é tátil na passagem.

O doutor Maximiliano, ao retornar para sua casa, faz um revelador relato sobre o carnaval:

A noite já tinha caído de há muito. Era já noite fechada. Os cordões e os bandos carnavalescos continuavam a passar, rufando, batendo, gritando desesperadamente. Homem e mulheres de todas as cores – os alicerces do país – vestidos de meia, canitares e enduapes de penas multicores, fingindo índios, dançavam na frente ao som de uma zabumbada africana, tangida com fúria em instrumentos *selvagens*²⁸², roufenhos, uns, estridentes, outros. As danças tinham luxuriosos requebros de quadris, uns caprichosos trocar de pernas, umas quedas imprevistas.

Aqueles fantasiados tinham guardado na memória muscular velhos gestos dos avoengos, mas não sabiam coordená-los nem a explicação deles. Eram restos de danças guerreiras ou religiosas dos *selvagens de onde a maioria deles provinha*, que o tempo e outras influências tinham transformado em *palhaçadas carnavalescas*...

Certamente, *durante os séculos de escravidão*, nas cidades, *os seus antepassados* só se podiam lembrar daquelas cerimônias de suas aringas²⁸³ ou tabas, pelo carnaval. A tradição passou aos filhos, aos netos, e estes estavam ali a observá-la com as inevitáveis deturpações. (LIMA BARRETO, 2010, p.172)

Na divagação do Dr. Maximiliano, podemos notar a continuidade de formas carnavalescas combatidas pelas elites, como os cucumbis, já trabalhados acima. O carnaval, à

²⁸¹ Grifos meus.

²⁸² Grifos meus.

²⁸³ Campo entrincheirado dos chefes africanos. **Aringa**. Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/aringa>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

época em que o conto foi escrito, era em grande parte dominado por elementos da cultura africana. As grandes sociedades carnavalescas estavam fracassando.

No trecho a seguir, Maximiliano, ecoando Lima Barreto, não vê arte, ou o mínimo de sentido nas letras carnavalescas.

Arrependeu-se que tivesse feito gostar daquela barulhada; porém, o amator de música vencia o homem desgostoso. Ele queria que aquela gente entoasse um hino, uma cantiga, um canto com qualquer nome, mas que tivesse regra e beleza. Mas – logo imaginou – para quê? Corresponderia a música mais ou menos artística aos pensamentos íntimos deles? Seria mesmo a expansão dos seus sonhos, fantasias e dores?

E, devagar, se foi indo pela rua em fora, cobrindo de simpatia toda a *puerilidade* aparente daqueles *esgares e berros*, que bem sentia profundos e próprios daquelas *criaturas grosseiras* e de *raças tão várias*, mas que encontravam naquele *vozerio bárbaro* e ensurdecedor meio de fazer porejar os seus *sufrimentos de raça* e de indivíduo e exprimir também suas ânsias de felicidade.²⁸⁴ (LIMA BARRETO, 2010, p.172-173)

A ideia de barbárie, de grosseria e de estranhamento persistem. Estaria Maximiliano dando vazão aos sentimentos de Lima Barreto? No trecho acima podemos identificar a dificuldade do escritor suburbano em se irmanar com seus vizinhos, com a gente de cor carioca.

Já em casa, o velho professor italiano recebe o doutor André. Os dois estão na sala a esperar que a esposa e a filha de Maximiliano terminem de se arrumar para um baile a fantasia na casa dos Silva²⁸⁵. O italiano diz:

- Já ouviu a *Bamboula*, de Gottschalk, doutor?

-Não... Não conheço.

- Vou tocá-la.

Sentou-se ao piano, abriu o álbum onde estava a peça e começou a executar aqueles compassos de uma *música negra* de Nova Orleans, que o *famoso pianista tinha filtrado e civilizado*.²⁸⁶ (LIMA BARRETO, 2010, p.175)

A passagem acima é exemplar, demonstra como havia uma atração pelo africano, obviamente sob o prisma do exótico. Claramente, é uma visão fetichista e racista da cultura negra, conforme já apresentado anteriormente. É interessante observar, de acordo com Martha Abreu (2017, posição 2024), como esta valorização da cultura musical africana, um fenômeno transplantado da Europa para o Brasil pela elite republicana, tornou as músicas afro-brasileiras, presentes na sociedade carioca desde os finais do século XIX, uma via de mão dupla: “Se podiam abrir caminhos de valorização desses gêneros, dos músicos negros e de seu talento, também serviam para inferiorizar a população negra e divulgar estigmas sobre seu corpo e seu

²⁸⁴ Grifos meus.

²⁸⁵ Ou seja, o trecho assinala que pessoas de certa condição social, evitando a “crise de igualdade”, na expressão de João do Rio, que ocorreria nas ruas cariocas, se refugiavam em bailes fechados.

²⁸⁶ Grifos meus.

comportamento.” Obviamente, como já vimos, mesmo havendo esta valorização, havia espaços restritos e bem delimitados nos quais poderiam ocorrer estas manifestações artísticas (proibição de execução pública de tangos e maxixes, que a *Caravana* também combatia), e esta valorização também acarretava na ligação entre os negros e o exotismo, o erótico e a licenciosidade. Todas estas características reverberam no conto de Lima Barreto, escrito em 1920.

Finalmente Cló chega à sala, “fantasiada” de preta mina. A cena seguinte apresenta um tom grotesco, quando a filha fantasiada tenta seduzir o doutor André, ali mesmo, na sala da casa de seu pai:

[...] a moça, pondo tudo o que havia de sedução na sua voz, nos seus olhos pequenos e castanhos, cantou a ‘Canção da Preta Mina’:
Pimenta-de-cheiro, jiló, quilombo;
Eu vendo barato, mi compra ioiô! [...]
Mi compra ioiô!
 E repetia com mais volúpia, ainda uma vez:
Mi compra ioiô! (LIMA BARRETO, 2010, p.176)

O conto é encerrado neste momento, deixando patente o racismo das elites cariocas, novamente fazendo o paralelo entre a mulher negra e a lubricidade. Um corpo-objeto, “produzido” para deleitar o seu “senhor” branco.

O movimento de aceitação, mesmo que calcado em preconceitos, por parte das elites republicanas da cultura popular e negra também é destacado por Lima Barreto em crônicas e romances. O escritor carioca explora a imagem do poeta, compositor e músico Catulo da Paixão Cearense²⁸⁷, que fazia sucesso publicando coletâneas de cantigas populares e com performances de modinhas, tanto nos subúrbios quantos nos salões da burguesia carioca.

Na crônica publicada na *Careta* de 27-03-1920, *Uma opinião de Catulo*, sob o pseudônimo Jonathan, Lima Barreto não poupa elogios ao músico, colocando-o como um intelectual à parte no cenário nacional, responsável por reintegrar a capital federal ao Brasil.

A modinha nas suas mãos transformou-se, enriqueceu-se de todo o travo popular; sintaxe, paródia, métrica, nas suas produções, são inteiramente caipiras, babaquaras, sem nenhuma mescla de cultura e disciplina estrangeiras das altas classes e daquelas que imitam os gestos destas. (LIMA BARRETO, 2016, p.196)

²⁸⁷ Catulo da Paixão Cearense (1863-1946) foi um poeta e músico brasileiro que obteve notoriedade na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Chegou a publicar várias coletâneas de canções populares. Compôs, em parceria com João Pernambuco, a música *Luar do Sertão*. Informações retiradas de: **Catulo da Paixão Cearense**. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2895/catulo-da-paixao-cearense>>. Acesso em: 08 jul. 2019. ; **Quem foi Catulo da Paixão**. Disponível em: < <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2018/03/24/Quem-foi-Catulo-da-Paix%C3%A3o-Cearense-o-%E2%80%98poeta-do-sert%C3%A3o%E2%80%99>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

Catulo teria realizado uma revolução na música nacional²⁸⁸, seria um exemplo de poética popular de bom nível artístico, e verdadeiramente nacional, afastando os bovarismos das elites, que tentavam imprimir ares europeus, modernos, à cultura brasileira e, conseqüentemente, ao carnaval.

Coelho Neto publica *Poemas Bravios* no dia 22-9-1921, na qual, assim como Lima, também elogia Catulo da Paixão Cearense, exaltando a brasilidade do estilo com o qual ele cantaria a natureza, a alma do Brasil dos rincões. Novamente acometido por um helenismo, compara Catulo a Anfíon²⁸⁹, figura da mitologia grega que seria um citarista tão habilidoso que faria as pedras se moverem de lugar, ao se emocionarem com sua música.

Apesar de valorizar o esforço realizado por Catulo, Coelho Neto (2007, p.86) não deixa de qualificar a cultura brasileira, e a gente brasileira como “bárbara”:

É a terra bárbara, enfim, que se nos apresenta com a sua gente, tal como vive, tal como a sentiu esse que trouxe para a cidade, ao som de sua lira, em prodígio igual ao que realizou Anfíon, não somente pedras, mas toda a beleza, toda a grandiosidade, toda a poesia dessas regiões misteriosas onde se concentra a Alma do Brasil.

Coelho Neto exalta o mistério do Brasil, belo e grandioso, que Catulo revelaria. Ainda assim, o termo bárbaro revela um juízo de valor negativo por parte do imortal Maximiano, ligando a cultura brasileira à imagem de atraso, de pouco refinamento. Mas deve-se ressaltar a aceitação da cultura popular como nacional, realizada pelo escritor maranhense neste trecho.

Catulo da Paixão Cearense, inclusive, foi a inspiração para Lima Barreto criar Ricardo Coração dos Outros, de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, quase dez anos antes da crônica *Uma opinião de Catulo* (Policarpo aparece pela primeira vez em 1911, em folhetim do **Jornal do Comércio**).²⁹⁰ No romance, o ufanista major Quaresma, após muito meditar e estudar sobre qual seria a “expressão poético-musical característica da alma nacional”, conclui que esta seria a modinha acompanhada pelo violão. Assim, decidiu contratar o principal modinheiro da cidade para ensiná-lo, Ricardo Coração dos Outros.

²⁸⁸ Conforme destaca Abreu (2017, posição 80-90), desde o final do século XIX, parte da intelectualidade, especialmente folcloristas e literatos, buscavam a “música popular” brasileira, e, associá-la à nação que buscavam construir.

²⁸⁹ HARVEY, P., comp. Anfion. In: _____. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p.42.

²⁹⁰ A versão em livro de *Triste fim de Policarpo Quaresma* seria publicada somente em 1915, custeada pelo próprio autor.

Ricardo Coração dos Outros, assim como Catulo na vida real, teria sido o responsável por transformar o violão e as modinhas em elementos mais palatáveis às elites²⁹¹ – “[...] era um artista a frequentar e a honrar as melhores famílias do Méier, Piedade e Riachuelo.” (LIMA BARRETO, 1909c, posição 9176 – 9186).

Apesar disso, o preconceito ao violão e à modinha continuava:

A velha irmã de Quaresma não tinha grande interesse pelo violão. A educação que se fizera, vendo semelhante instrumento entregue a escravos ou gente parecida, não podia admitir que ele preocupasse a atenção de pessoas de certa ordem. (LIMA BARRETO, 1909c, posição 10285)

A passagem acima ilustra bem como as formas populares de arte ainda não eram de todo aceitas pelas elites, através da chave da rejeição ao elemento africano.

Conforme o romance avança, podemos notar novamente o incômodo com o elemento africano, na medida em que emerge um rival para Ricardo:

Aborrecia-se com o rival, por dois fatos: primeiro: pelo sujeito ser preto; e segundo: por causa das suas teorias. Não é que ele tivesse ojeriza particular aos pretos. O que ele via no fato de haver um preto famoso tocar violão era que tal coisa ia diminuir ainda mais o prestígio do instrumento. [...] E além disso com aquelas teorias! Ora! Querer que a modinha diga alguma coisa e tenha versos certos! Que tolice! (LIMA BARRETO, 1909c, posição 10300-10309)

Assim, o racismo e a ligação feita pela irmã de Quaresma, Adelaide, são também explicitados por Ricardo Coração dos Outros. Todo o esforço que o alter ego de Catulo realizava, ao tentar “dignificar” o violão e as modinhas, em outras palavras, afastá-los, mesmo que só de “fachada”, dos elementos africanos, seu rival, apenas, e justamente por ser negro, já colocava em risco. Desse modo, mesmo com a atração pelas músicas de matriz africana por parte das elites europeias e brasileiras ressaltada por Martha Abreu (2017), o racismo estava na ordem do dia. Logo, como destacado em *Cló* e em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, ainda era essencial que as músicas negras fossem civilizadas pelo pianista estadunidense Gottschalk e pelo brasileiro Catulo (Ricardo Coração dos Outros), respectivamente.

É curioso evidenciar ainda o final da passagem acima. O negro, que deveria ser, na visão das elites republicanas, o elemento disruptivo, de desordem, e de atraso, é apresentado por Lima Barreto, na figura deste rival de Ricardo Coração dos Outros, como elemento ordenador, e de certa forma, “civilizador”, ao querer dar forma fixa e incutir significado nas modinhas.

²⁹¹ Mesmo que, no exemplo a seguir, seja uma elite de subúrbio, já que habitava o Méier, a Piedade e Riachuelo.

Lima Barreto, conforme visto anteriormente, apesar de valorizar Ricardo/Catulo, já criticava, em 1911, a falta de sentido nas músicas e a visão de que a melodia deveria ser bela, e a letra um mero acessório, sem nada dizer. Conforme reflete Ricardo Coração dos Outros, em outra passagem do romance: “Aquele tal preto continuava na sua mania de querer fazer a modinha dizer alguma coisa, e tinha adeptos.” (LIMA BARRETO, 1909c, posição 10682)

Retornando à crônica *Uma opinião de Catulo* (1920), Lima reproduz um diálogo que teria tido com Catulo a respeito da proibição que o artista impusera à execução de uma composição sua durante o carnaval. O escritor suburbano questiona:

- Por quê? O Carnaval é a nossa verdadeira festa nacional²⁹²... O momento era de calhar, perfeitamente adequado...
- Não há dúvida, mas o estão estragando...
- Como?
- Cantam agora coisas que têm significação, que têm sentido. Vi logo pelos ensaios; aborreci-me e proibi aos rapazes que profanassem meu hino.
- Então?
- É isto! Eu só quero metáfora, imagens...Você já viu poesia assim como um ofício burocrático, pretendendo dizer alguma coisa! (LIMA BARRETO, 2016, p.197)

Ou seja, a crítica feita à *clef* em 1911 é retomada em 1920, desta vez sob pseudônimo Jonathan. A crítica de Lima ao que ele considerava falta de sentido nas canções populares, já trabalhada neste capítulo, faz-se presente em toda sua carreira literária.

João do Rio também dedica uma crônica ao violão, na qual exalta o instrumento como expressão do nacional. Em *O violão mineiro*, João do Rio apresenta o mineiro Brant Horta²⁹³ chegando ao Rio, em uma “cruzada em prol do violão”. Horta, inclusive, se apresenta no salão de **O jornal**. De acordo com João do Rio, a preocupação do violonista era demonstrar que o violão era um instrumento “respeitável”, como o piano, por exemplo. Para isso, teria executado obras de Chopin e Wagner.

Paulo Barreto questiona a utilidade de se tocar ao violão peças clássicas europeias. Observa que o violão já tinha sido “moda” nos salões burgueses, utilizado para execução de lundus - sob o estigma do exotismo, de acordo com Abreu (2017).

João do Rio (1917b, p.259) sugere que o violão pode ser levado de volta às salas burguesas, para que estas salas “tenham um cunho menos estrangeiro, cunho que, quando não é snob, é sempre párvunu. Mas o violão popular, o violão da nossa raça. O violão só violão.”

²⁹² Esta transformação do carnaval na festa nacional e como o próprio Lima começa a vê-la como tal, será tratada mais adiante.

²⁹³ Brandt Horta (1877-1959), violonista, poeta e pedagogo. Obteve notoriedade com uma série de concertos na cidade do Rio de Janeiro entre as décadas de 1900 e 1920. Informações retiradas de: **Brandt Horta**. Disponível em: <<https://www.violaobrasileiro.com.br/dicionario/visualizar/brant-horta>>. Acesso em 10 mar. 2019.

O violão seria o instrumento brasileiro por excelência, *másculo, sensual, com meneios tropicais e espasmos de luxúria*²⁹⁴. O violão clamaria pela voz, pelas modinhas. Este seria o violão tipicamente brasileiro, “cheirando à carne e à floresta, o Violão que soluça a alma inteira de uma pobre pátria.” (RIO, 1917b, p.259-260)

João do Rio encerra sua elegia ao violão pedindo que ele continue sendo um instrumento para execução de canções brasileiras, sem a interferência de obras europeias, para que continuasse a ser “o esquife sonoro da alma perdida dos humildes.” (RIO, 1917b, p.261)

Apesar de buscar uma valorização do nacional e um afastamento dos modelos europeus, este nacional, para Paulo Barreto, estaria sob o signo do exotismo, sob uma atração doentia da luxúria e da selvageria. Em outras palavras, uma visão estereotipada do nacional. Podemos traçar paralelos entre a posição de João do Rio com a personagem Policarpo Quaresma de Lima Barreto, justamente por ambos trazerem uma visão generalizada, repleta de senso comum do que seria o elemento nacional “autêntico” brasileiro.

Catulo voltaria a ser mencionado por Lima Barreto em *Bailes e divertimentos suburbanos*, em fevereiro de 1922. Neste texto, Lima somente elogia-o por ter dignificado a modinha e o violão, atraindo a atenção dos salões burgueses. Ressalta que ainda haviam Casanovas²⁹⁵, que fariam uso da posição conquistada por Catulo - a dignidade recém adquirida pelas modinhas e pelo violão - para levarem desgraça aos lares pobres, ao fazerem se perder as moças ingênuas e inexperientes. Neste trecho, é possível se fazer uma relação com o modinheiro Cassi Jones²⁹⁶, personagem de *Clara dos Anjos*.

Lima Barreto (1909a, posição 1788; 18048; 18953 – 18961) descreve-o como:

[...] um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante [...]; Cassi o tipo mais completo de vagabundo doméstico que se pode imaginar. É um tipo bem brasileiro. A sua instrução era mais que rudimentar; mas, assim mesmo, talvez devido a uma necessidade íntima de desculpar-se, gostava de ler versos líricos, principalmente os de amor. Não lia jornais, nem coisa alguma; mas, num retalho apanhado aqui, num almanaque acolá, num livro que lhe ia ter às mãos, sem saber como, conseguia ler alguns e os

²⁹⁴ Novamente, a lubricidade sendo ligada ao popular (e logo, aos negros brasileiros).

²⁹⁵ Giacomino Girolamo Casanova (1725-1798) foi um célebre veneziano viajante e intelectual, eternizado por ter sido a inspiração (muitos dizem ter contribuído na escrita do libreto) para a personagem Dom Giovanni da ópera de mesmo nome. Tornou-se sinônimo de sedutor inescrupuloso. Mais informações em: **Casanova, muito além....** Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/casanova-muito-alem-de-um-sedutor/>>. Acesso em: 12 jan. 2019; **França expõe manuscrito.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/turismo/2011/11/1009770-franca-expoe-manuscrito-de-us-98-milhoes-do-livro-do-conquistador-casanova.shtml>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

²⁹⁶ Esta representação de um malandro com tons tão negativos não era tão comum, principalmente entre os cariocas. Cunha (2015, posição 4694-4708) argumenta que décadas se passaram até que nos anos de 1930, a figura do malandro se cristaliza: “A imagem do simpático malandro, assim, vinha sendo construída desde muito tempo no Rio de Janeiro como uma espécie de marca da cidade, diretamente associada à serenata, ao violão e ao sucesso com as mulatas ou morenas.”

entender pela metade. [...] nele não havia Amor de nenhuma natureza e em nenhum grau. Era concupiscência aliada à sórdida economia, com uma falta de senso moral digna de um criminoso nato — o que havia nele.

Na descrição de Cassi Jones, Lima Barreto ressalta o caráter nacional desta personagem (“é um tipo bem brasileiro”) e, conseqüentemente, também ressalta o violão, a modinha, e o cançãoeiro popular como traços identitários da nossa nacionalidade.

A saúde debilitada após a segunda internação no hospício e o pressentimento da morte talvez possam explicar a agressividade com que Lima Barreto, no final da vida, retrata o carnaval e o povo, especialmente o povo suburbano e negro, novamente separando-se deste.

Em *O pré-carnaval*, publicada na **Careta** de 14-1-1922, Lima Barreto recorre inclusive aos estereótipos racistas que tanto combateu para desqualificar o carnaval.

No segundo período da crônica, dispara:

O carnaval é hoje a festa mais estúpida do Brasil. Nunca se amontoaram tantos fatos para fazê-la assim. Nem no tempo do entrudo, ela podia ser tão idiota como é hoje. O que se canta e o que se faz, são o supra-sumo da mais profunda miséria mental. (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.489)

Fazendo ataques diretamente ao povo, retomando a figura racista do macaco, continua: “‘Blocos’, ‘ranchos’, grupos, cordões disputam-se em indigência intelectual e entram na folia sem nenhum frescor musical. São guinchos de símios e coaxar de rãs, acompanhados de uma barulheira de instrumentos chineses e africanos.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.489)

Tais grupos sairiam de suas furnas²⁹⁷ e iriam até o centro da cidade “[...] estortar cousas infames a que chamam ‘marchas’”, que seria “pior que a dos loucos dos hospícios.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.489) Para Afonso, os autores de tais marchas seriam “candidatos ao primeiro prêmio de reclusão mental.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.490)

Nesta crônica, temos um Lima Barreto novamente distante do povo. Este, nas palavras do escritor, sairia de suas cavernas invadindo o centro da cidade (área nobre), com seus sons de macaco²⁹⁸ e seus instrumentos estrangeiros, que fazem barulho, não música. Ao

²⁹⁷ Vale recorrer ao dicionário: 1. Caverna ou gruta, geralmente formada de blocos de pedra; fojo, antro, cova, lapa. 2. Subterrâneo(6). 3. Bras. BA Lugar retirado e esquisito. A escolha desta palavra por Lima Barreto reforça a ideia de primitivo, de sub-humano. Informações retiradas de: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Furnas. In: _____. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5.ed. Curitiba: Positivo, 2010.

²⁹⁸ De acordo com Cunha (2001, p.363, nota 225), o uso do termo macaco para se referir de forma depreciativa aos negros já era comum no Brasil no início do século XX. Tanto que neste período surge, no Rio de Janeiro, o rancho Macaco é Outro, formado por migrantes baianos negros. Todos vestiam-se, de maneira simples, de roupas marrons, aludindo a macacos. (EFEGÊ, 1982, p.211-212) A marca antirracista do rancho é evidenciada em um depoimento de um de seus participantes. Relembrando a participação do rancho na Festa da Penha de 1916, relata: “quando colocávamos as mãos nas máscaras gozando a cor e o aspecto da nossa raça e dizíamos baixinho: ‘Nós somos gente’, e bem alto o grito de guerra: ‘O macaco é outro!’” (CUNHA, 2001, p.238-239)

fazer uma exegese das letras carnavalescas Lima teria a comprovação de que o povo brasileiro seria um povo estúpido, sem gosto e com a mentalidade enfraquecida. O escritor, assim, acaba também por fazer uso de imagens próximas às dos que defendiam uma sociedade higiênica e branqueada, ligando o povo e a figura do negro à falta de vigor intelectual.

Poucos meses antes de sua morte Lima Barreto, retoma, em seu padrão habitual, a relação entre carnaval e racismo. Em *Iaiá das Marimbas*²⁹⁹, o escritor suburbano comenta que o comissário de polícia Romero “foi obrigado a prender por causa de um ‘rolo’ setenta e poucos sócios de uma sociedade dançante, que se diz familiar, intitulada ‘Iaiá das Marimbas’.” (LIMA BARRETO, 2004, v.2, p.525).

Conforme ressaltam Cunha (2015, posição 1434) e Abreu (2017, posição 1321), as associações dançantes e carnavalescas, mais numerosas que as associações de trabalhadores, se tornavam espaços que, durante todo o ano, agiam como ponto de encontro e diversão das camadas pobres da população carioca. Ao mesmo tempo, atuavam como espaços de autonomia para práticas culturais africanas (inclusive religiosas), tornando-se centros identitários e de ações da população negra brasileira após a abolição.

Voltando à crônica, Lima ironiza que um chefe de polícia precise reunir vários camburões (viúvas-alegres) para prender frequentadores de candomblé. A polícia teria detido setenta participantes. Incontestável que há uma perseguição perpetrada pelo Estado brasileiro aos cultos africanos, novamente na mesma chave de tentar extirpar o Brasil de seus laços históricos com a África e de apagar sua população negra. Lima Barreto (2004, v.2, p.525) conclui com ironia: “O doutor Edgar Romero, que prendeu tanta gente, sem culpa nem crime formado, me disse como Tito³⁰⁰, a delícia do gênero humano: - Foi o melhor dia da minha vida; e isto por causa da ‘Iaiá das Marimbas.’”

A relação entre carnaval, danças e cultos afro-brasileiros também foi retratada por João do Rio. Em *As religiões do Rio*, o jornalista observa: “No carnaval os negros fazem ebó. - Que vem a ser ebó? - Ebó é despacho. Os santos vão todos para o campo e ficam lá descansando.” (RIO, 1976, posição 41).

²⁹⁹ Careta, de 03-6-1922.

³⁰⁰ Referência a Titus Flavius Sabinus Vespasianus, imperador de Roma entre 79 e 81 d.C. Famoso pelos feitos militares, Tito também recebeu o cognome de *delícia do gênero humano*, devido a uma prodigiosa moralidade e benevolência. Atribui-se a ele a frase que um dia em que não fosse praticada uma boa ação, seria um dia perdido. Informações retiradas de: HARVEY, P., comp. Tito. In: _____. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p.495.; **História de frases famosas**. Disponível em: <http://www.estacio.br/institutodapalavra/img/hist_frases_famosas.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2019.

Paulo Barreto (1908a) também explicita a visão da elite no tripé carnaval-negros-racismo na crônica *Cordões*³⁰¹. A crônica inicia-se com observações sobre o carnaval nas ruas:

A rua convulsionava-se como se fosse fender, rebentar de luxúria e de barulho. [...]Serpentinas riscavam o ar; homens passavam empapados d'água, cheios de confetti; mulheres de chapéu de papel curvavam as nuças à etila dos lança-perfumes, frases rugiam cabeludas, entre gargalhadas, risos, berros, uivos, guinchos. Um cheiro estranho, misto de perfume barato, fartum, poeira, álcool, aquecia ainda mais o baixo instinto de promiscuidade. (João do Rio, 1908a, posição 1037-1041)

João do Rio descreve como uma grande algazarra, uma bagunça, onde pessoas, embriagadas, fedidas, pobres, que, como animais, rugem, uivam e guincham. A associação com a população negra é evidenciada abaixo:

Na turba compacta o alarma correu. O cordão vinha assustador. A frente um grupo desenfreado de quatro ou cinco caboclos adolescentes com os sapatos desfeitos e grandes arcos pontudos corria abrindo as bocas em berros roucos. Depois um negralhão todo de penas, com a face lustrosa como piche, a gotejar suor, estendia o braço musculoso e nu sustentando o tacape de ferro. (RIO, 1908a, posição 1048 – 1053)

A confusão entre as formas de brincar popular parecem também confundir o cronista, já que a descrição se assemelha a um cucumbi, festejo típico dos afro-brasileiros. Vale destacar o tom de alarme dado pelo autor, denunciando o perigo e a desordem causados por esta camada da população.

Em certo ponto, o narrador da crônica exclama: “Oh! estes cordões! Odeio o cordão.” (RIO, 1908a, posição 1053) O interlocutor reage:

Mas que pensas tu? O cordão é o carnaval, o cordão é vida delirante, o cordão é o último elo das religiões pagãs. Cada um desses pretos ululantes tem por sob a belbutina e o reflexo discrômico das lantejoulas, tradições milenares; cada preta bêbada, desconjuntando nas tarlatanas amarfanhadas os quadris largos, recorda o delírio das procissões em Biblos pela época da primavera e a fúria rábida das bacantes. [...] O Carnaval é uma festa religiosa, é o misto dos dias sagrados de Afrodita e Dionísios, vem coroadado de pâmpanos e cheirando a luxúria. (RIO, 1908a, posição 1053-1058, 1071)

Novamente, a visão consagrada por parte da historiografia e defendida pelas elites brasileiras reaparece – o carnaval como festa com raízes no mundo clássico. Os negros aparecem nos trechos acima, novamente, ligados ao barbarismo e ao atraso (Biblos, no atual

³⁰¹Publicada em **Kosmos**, ano 3, nº2, fev. 1906.

Líbano, pela tradição clássica, teria sido a primeira cidade, criada pelo deus Cronos³⁰²); à fúria rábida, à lubricidade (os quadris largos, as tarlatanas, as bacantes).

É curioso notar nesta crônica um movimento que acaba por aceitar como inexorável a presença popular nos festejos carnavalescos, que será incorporado gradativamente no século XX, até resultar na chamada “verdadeira cultura brasileira”³⁰³, formulada na década de 1930, em movimentos capitaneados por Freyre e outros intelectuais. João do Rio (1908a, posição 1064) escreve: “Os cordões são os núcleos irredutíveis da folia carioca, brotam como um fulgor mais vivo e são antes de tudo bem do povo, bem da terra, bem da alma encantadora e bárbara do Rio.”

Já se toleraria a presença dos negros no carnaval. Assim como se apreciava as músicas de matriz afro, ainda que sob a ótica do bárbaro e do atraso. João do Rio (1908a, posição 1082) passa a descrever, com tons carregados, a passagem do “Grêmio Carnavalesco Destemidos do Inferno”, dizendo que “zépereiravam” e entoavam canções sem nexos nenhum, analfabetos e animalizados: “desconhecendo a palavra, talvez apenas sentindo-a como certos animais que entendem discursos e sofrem a ação dos sons.” (RIO, 1908a, posição 1010)

Com os “lábios grossos, úmidos de cuspe”, retomando o tópos da morena sensual e namoradeira, entoavam: “Bela morena/Me empresta seu leque”. Em sentido contrário aos Destemidos do Inferno, vinha o cordão “Rainha do Mar”, que também cantava as belezas da mulher escura:

Moreninha bela
Hei de te amar
Sonhando contigo
Nas ondas do mar. (RIO, 1908a, posição 1010)

Mais adiante, arremata: “- A morena é uma preocupação fundamental da canalha.” (RIO, 1908a, posição 1102).

Horrível, tétrico, sandice, são alguns dos vocábulos que se repetem juntos com as descrições dos encontros de cordões. A torrente de canções, de confusão. Os dois amigos são arrastados pela multidão. O narrador conclui:

Oh! sim! Ele tinha razão! O cordão é o carnaval, é o último elo das religiões pagãs, é bem o conservador do sagrado dia do deboche ritual; *o cordão é a nossa alma ardente*³⁰⁴, luxuriosa, triste, meio escrava e revoltosa, babando

³⁰² De acordo com escritor antigo Filo de Biblos (64-141). Informações retiradas de: BARR, James. **Philo of Byblos and his “Phoenician History.”** Disponível em: <http://r.4dt.org/pdf/Barr_Philof-Byblos-and-His-Phoenician-History.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2019.

³⁰³ Este tema será tratado mais detidamente ainda neste capítulo.

³⁰⁴ Grifos meus.

lascívia pelas mulheres e querendo maravilhar, fanfarrona, meiga, bárbara, lamentável... (RIO, 1908a, posição 1125)

As elites, assim como no caso do futebol, vão tentando acomodar (e de certa forma conter) este elemento africano, a despeito da tentativa de criar uma imagem nacional à europeia. Neste momento é interessante destacar como Paulo Barreto apresenta uma mudança na percepção do que se encaixaria como nacional. Na já trabalhada *Presepes*, publicada originalmente em janeiro de 1905, João do Rio utiliza o termo “povo” para se referir aos elementos africanos da população carioca, separando o eu do narrador do “brasileiro”. Na crônica acima, *Cordões*, de fevereiro de 1906, o “povo” ao qual se refere é o brasileiro, já incorporando os elementos negros e o próprio autor. Tal afirmação é evidenciada com o uso da expressão “a nossa alma”.

Ainda assim, o carnaval é retratado nesta crônica como revelador da alma nacional, adjetivada por Paulo Barreto como lasciva, escrava, bárbara (traços associados, como demonstrado, aos negros), de atitude bazófia, meiga, triste, mas por fim, lamentável. Mesmo descrita de forma tão negativa, aquela seria a alma nacional. Intrinsecamente ligada ao carnaval.

Nesta seção do capítulo, analisamos o racismo presente nas canções populares e carnavalescas. Além disso, apresentou-se como a cultura africana começou a ser utilizada, mesmo que sob a égide do exotismo, do barbarismo, do erotismo, para a formação de uma cultura nacional. A seguir, o trabalho vai tratar mais detidamente da transformação do lastimável ao celebrado: a formação da identidade nacional ao redor do carnaval, do samba, e do corpo mestiço.

3.4 Carnaval, samba e *mulata*: símbolos nacionais

Pode-se observar que no começo do século XX acontecia um duplo movimento em relação ao carnaval. Inicialmente, como já demonstrado anteriormente, ocorreu um movimento intransigente, capitaneado pelas elites, que buscava alijar dos festejos carnavalescos qualquer elemento africano e transformar a festa à moda europeia, “civilizada”. Conforme os anos avançam, e as grandes sociedades vão perdendo fôlego, há movimentos, partindo de autores alinhados à elite, como João do Rio e Coelho Neto, que buscam “acomodar” esta presença popular. Busca-se, semelhante ao que ocorreu e já foi discutido acerca do futebol, transformar o carnaval, o samba e também, por fim, o corpo mestiço, que se consolidaria na figura da *mulata*, em símbolos da nacionalidade.

Lima Barreto publica *O Morcego*, em 02 de janeiro de 1915, no **Correio da Noite**. O escritor apresenta os folguedos momescos como expressão da alegria *nacional*, uma forma de espantar a tristeza das almas, de se deixar atordoar e encher-se de prazer. “Todos *nós* vivemos para o carnaval. Criadas, patroas, doutores, soldados, todos pensamos o ano inteiro na folia carnavalesca.” (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.137) Ou seja, seria uma festa que absorveria *toda a sociedade brasileira*, sem deixar de ser especialmente ansiada pelo povo.

Lima destaca o “Morcego”, uma figura popular nos carnavais da época, um “sacerdote abnegado”, que durante o ano seria um grave oficial da diretoria dos Correios, mas que no carnaval sairia da sua gravidade burocrática, atiraria a máscara fora (o ser ordeiro seria uma máscara social) e esqueceria tudo – “Delicioso esquecimento!”

O escritor (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.137-138) destaca a importância de tais figuras em um país como o Brasil:

Em nossa triste vida, em país tão triste, precisa desses videntes de satisfação e de prazer; e a irreverência da sua alegria, a energia e a atividade que põem em realizá-la, fazem vibrar as massas panurgianas dos respeitadores dos preconceitos.

Morcego é uma figura e uma instituição que protesta contra o formalismo, a convenção e as atitudes graves.

Eu o bendisse, amei-o, lembrando-me das sentenças falsamente proféticas do sanguinário positivismo do Senhor Teixeira Mendes.

A vida não se acabará na caserna positivista enquanto os “morcegos” tiverem alegria.

Lima acaba por retratar o carnaval sob uma ótica peculiar nesta crônica. Por um lado, vê o carnaval como um momento de embotamento, de entorpecimento do povo; uma diversão para esquecer as agruras da vida. O carnaval desempenharia tal papel, mas a alegria de seus festejos romperia a ordem do dia a dia, opondo-se ao formalismo. Seria como uma resposta aos projetos positivistas instaurados com a República. Pode-se interpretar que, apesar das hierarquias dominarem e subjugarem diariamente o povo, a alma deste não foi cooptada pela ideologia positivista, e nestes poucos dias, liderado por profetas como o “Morcego”, ele pode exteriorizar seu âmago. Lima Barreto encontra no carnaval carioca uma *festa nacional*. É importante traçar, novamente, a comparação com o futebol. Lima Barreto não chega a reconhecer o futebol como um esporte nacional. O escritor encarou este esporte como um bovarismo. Uma prática trazida da Europa para o Brasil pelas elites e que caíra no gosto popular.

A personalidade retratada por Lima Barreto, o Morcego, também é personagem da crônica *Um eleitor*³⁰⁵, de Coelho Neto. Morcego era o apelido pelo qual era chamado o

³⁰⁵ **A Noite**, de 2-3-1922.

funcionário dos Correios, Norberto do Amaral Júnior, reconhecido por ser um grande folião, associado ao Clube dos Democráticos. Devido aos seus trejeitos elaborados, às diversas fantasias e à desenvoltura com que participava dos festejos carnavalescos, sempre era figura de destaque nos carros de ideia (ou de crítica) nos desfiles dos Democráticos. (EFEGÊ, 1982, p.103-104)

Efegê (1982, p.105) reproduz trechos de uma entrevista de Norberto do Amaral Júnior de 1929, na qual o Morcego não aceitava a oficialização do carnaval: “Quando é que se viu, no tempo do falecido Carnaval, o irreverente, o independente deus Momo andar pedindo dinheiro ao governo para sair à rua?” Ou seja, já no final da década de 1920 havia incentivos governamentais para as festas carnavalescas, o que, de toda forma, acabava oficializando-as. Como o próprio Estado brasileiro patrocinava as festas de carnaval, estas ganhavam cada vez mais legitimidade como um elemento representativo da identidade cultural brasileira. Em contrapartida, de acordo com Efegê, as agremiações carnavalescas estavam proibidas de realizar críticas.

Efegê (1982, p.119) comenta que desde 1933 existiria um concurso organizado pelo jornal **A Noite** com regras para eleição do rei Momo³⁰⁶. A imprensa, agora uma aliada e incentivadora deste “novo carnaval”, visto como um traço nacional, apoia e organiza os primeiros desfiles das escolas de sambas, que foram progressivamente conquistando popularidade e substituindo os ranchos como a forma carnavalesca por excelência no Rio de Janeiro.

A ideia do carnaval como a festa nacional e oficial, que como já vimos neste capítulo, vinha sendo gestada desde o início do século XX, só cresce com o desenrolar do século. Conforme ressalta Jota Efegê (1982, p.159), duas leis estaduais de 1967 definiam as regras para a eleição do Rei Momo do carnaval carioca. Este deveria ter: no mínimo, 1,65m de altura, pesar ao menos 100kg, atestado de saúde; ser “portador de reconhecida idoneidade moral” e atuar em uma “profissão condizente com a dignidade humana.”

Em 1918, os festejos de carnaval assumem, para Lima Barreto, o papel de uma demonstração da nacionalidade brasileira, em *O que é, então?*, publicada em **Lanterna** de 22-1. A crônica foi escrita em resposta a um artigo do teatrólogo Múrcio da Paixão, que afirmara ser o Rio de Janeiro a menos nacional das cidades do Brasil. Inicialmente, Afonso rebate com um argumento censitário (2/3 da população da Sebastianópolis seria composta por brasileiros

³⁰⁶ Jota Efegê (1982, p.119-120) comenta que o primeiro a interpretar e ser reconhecido como rei Momo carioca foi o palhaço de circo negro, Benjamin de Oliveira.

natos) e ataca seu interlocutor, que só conheceria a rua do Ouvidor. Por fim, o criador de Policarpo recorre ao carnaval:

[...] venha no mês que vem, assistir o carnaval. Não só o senhor verá que o Rio tem muita coisa de seu, má ou boa, como também espontaneamente soube resumir as tradições e cantares plebeus do Brasil todo – o que se vê durante os dias consagrados a Momo. (LIMA BARRETO, 2004, v.1, p.306)

Lima Barreto posiciona o carnaval como um traço que define o Brasil. O carnaval carioca seria a prova que a cidade do Rio de Janeiro seria brasileira por excelência, já que nestes festejos ocorreria a síntese das canções e tradições do povo brasileiro e de todo o Brasil.

Paulo Barreto (2001, p.60-61), na crônica *Poeau*, publicada na **Revista da Semana** de 4-3-1916, escreve que o carnaval carioca seria o melhor do mundo, comparando-o com o de Londres, Veneza, Munique: “De ti só se pode falar como dos grandes acontecimentos históricos – porque tu és tu, só tu, incomparável e único.” Em outras palavras, João do Rio, em meados da década de 1910, já acredita ver o carnaval carioca, com suas óbvias presenças africanas, observadas por ele há pelo menos uma década, como o melhor do mundo, abandonando o modelo europeu, que se tentou impor no Rio de Janeiro através das Grandes Sociedades Carnavalescas.

O carnaval, à época, para João do Rio (2001, p.60-61), já não teria as barreiras do final do XIX e início do XX, unindo como um só corpo as diferentes classes que “se confundem no mesmo riso, no mesmo desejo, na mesma pândega.” O carnaval é qualificado como “única e possível e suficiente *crise*³⁰⁷ de igualdade das várias camadas”

Coelho Neto, em 1923, na crônica *Os ranchos*³⁰⁸, observa a derrocada do modelo europeu de se brincar o carnaval e assinala a emersão de um modelo que ele considera nacional. O escritor critica as três grandes sociedades carnavalescas (Democráticos, Tenentes e Fenianos) que há trinta anos fariam a mesma festa, com os mesmos carros, só que com um agravante: enquanto no século XIX ainda eram relevantes, retratando crises sociais (como os retirantes nordestinos) e ironizando o já agonizante Império (e D. Pedro II, retratado como um caju), há anos não fariam nada digno de nota, seja no campo político, seja no campo poético. Seriam demonstração de luxo, e só de luxo.

O contraponto aconteceria nos festejos populares, especialmente nos ranchos: “Os ranchos modestos, não podendo competir em fausto com tais congregações, recorrem à Poesia

³⁰⁷ Grifos meus.

³⁰⁸ **A Noite**, de 12-2-1923.

e com ela, posto que pobremente vestida, começam a interessar o público, conquistando-lhe a simpatia [...]” (Coelho Neto, 2007, p.282)

Nesse momento, se as tradições ‘africanas’ dos cordões não deviam ser valorizadas, os ranchos traziam a possibilidade de uma outra leitura: manifestações originadas de antigas formas de religiosidade popular, nascidas em recantos distantes do interior, os ternos de reis traduzidos para o Carnaval carioca aparentavam um enraizamento no passado capaz de lhes conferir a vantagem de pertencer a uma herança cultural ‘miscigenada’, exclusiva do país que tais intelectuais buscavam redesenhar. Esse Carnaval podia comportar ‘todos’ sem os riscos de antes, transformando o folclore em arma política importante. (CUNHA, 2001, p.258-259).

Cunha destaca a atuação de intelectuais como Coelho Neto, a aceitação dos ranchos e o processo de transformação do carnaval na festa nacional brasileira. A busca desta intelectualidade pela autenticidade popular, pela alma brasileira, parecia estar chegando ao fim. O Carnaval carioca traria a possibilidade da construção de uma figura nacional autêntica e mestiça, desde que extirpando-se os cordões com seus africanismos, e “abrasileirando” os ranchos, ligando-os a uma tradição rural e a um folclore brasileiro. Cria-se e valoriza-se um passado nacional pacificado. O folclore emerge, em posição de destaque, como cristalização de um país que teria sido marcado, desde sempre, pelas relações amistosas entre seus indivíduos, independente das origens étnicas. Esta busca dos intelectuais brasileiros encontra seu ponto de entonação quando Freyre publica *Casa-Grande & Senzala* em 1933.

Voltando à crônica *Os ranchos*, para Coelho Neto, os foliões dos ranchos seriam os responsáveis por transformar o carnaval em um festejo realmente brasileiro:

É o que estão fazendo os foliões dos ranchos: mergulham na tradição, digamos: no folclore, e trazem à tona, não só a poesia como a música, poesia e música da nossa gente, da nossa raça, para que outros as aperfeiçoem e lhes deem brilho. E agora, ainda mais, iniciam os ranchos o culto dos nossos heróis, começando pelos poetas [...]. (COELHO NETO, 2007, p.284-285)

É válido destacar que esta “nossa gente”, “nossa raça” agora para Coelho Neto, incluiria os elementos afro-brasileiros. O cronista se opõe à presença de elementos estrangeiros nos festejos momescos, assinalando uma radical mudança de posição:

Se temos ouro e gemas conosco por que nos havemos de servir do plaquê e dos dobles de fora? Inspiremo-nos nas fontes próprias, que são límpidas e copiosas, deixemo-nos de imitações e empréstimos, de que não carecemos. (COELHO NETO, 2007, p.286)

O carnaval, e mais especificamente o carnaval brincado nos ranchos, seria uma demonstração do gênio brasileiro, uma festa que se apropriaria das tradições populares, como

o folclore, músicas e poesias populares, onde o negro está presente, formando uma festa realmente nacional, e que seria, futuramente, transformada em símbolo de brasilidade.

Cunha (2001, p.260) assinala que a adoção dos ranchos, e do carnaval popular, pela intelectualidade brasileira, revela um processo de acomodação, que possibilitaria a síntese de uma cultura nacional. Os ranchos:

[...] seriam capazes de evidenciar a capacidade de absorver e empreender uma espécie de tradução da cultura branca e erudita, que aprendiam no contato no mundo das artes e das ideias. O civismo patriótico constituía uma espécie de corolário dessa parceria em prol de uma autêntica (e útil) cultura nacional, enraizada nas expressões da folia e conduzida pelos intelectuais.

Coelho Neto é o exemplo basilar do novo posicionamento que a intelectualidade brasileira alinhada à elite vai construindo ao redor do carnaval. A partir desse momento - assim como no futebol - o carnaval, o samba e o corpo mestiço serão transformados em símbolos da nacionalidade brasileira na década, fenômeno que se consolida nos anos de 1930.

O corpo mestiço, e mais especificamente, a *mulata* - que seria “puro corpo” (CORRÊA, 1996, p.40) – torna-se símbolo da nacionalidade brasileira. Uma especificidade, um traço definidor desta identidade nacional:

[...] o ideal de mestiçagem acabou se transformando no *locus* da autenticidade nacional, e a categoria *mulata*, em uma espécie de acerto desse ideal. Nessa figura, claramente idealizada e exotizada, residia a possibilidade de promover um precário equilíbrio, em que as diferenças conviveriam intensa e ambigualmente. (SCHWARCZ, 2018, p. 68)

O historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2005) observa agudamente as mudanças de Coelho Neto em relação ao carnaval. Na década de 1890, especialmente na série *Bilhetes Postais*, o escritor maranhense, distante das práticas populares, qualificava-as como barbarismos; seus escritos tinham caráter pedagógico³⁰⁹, calcados nos valores europeus, modernos, desprezando e negando voz e espaço ao popular. Já no final da década de 1910, Coelho Neto estaria mais em consonância com o povo e suas práticas carnavalescas, vendo nelas um traço de originalidade brasileira, porém, somente após adotar alguns dos costumes

³⁰⁹ Além de Pereira (2005), Marcos Antonio de Moraes (2007, p. XXXIX) também faz esta observação a respeito de Coelho Neto: “Para Coelho Neto a arte cumpre o papel pedagógico que propicia as mudanças sociais.” Cunha (2001, p.88), anteriormente, sem citar diretamente Coelho Neto, também já se referiu a este fenômeno pedagógico, que seria “um termo adequado para exprimir a visão de uma parcela intelectualizada da sociedade, próxima ou dependente das elites tradicionais mas empenhada em projetos de transformação e atualização do país sob uma ótica liberal e progressista.”

européus das Grandes Sociedades, excluindo certas práticas populares (africanas) que seriam menos desejáveis. Pereira (2005, p.229) escreve:

Rendendo-se ao apelo dos pequenos grupos carnavalescos, deixava de lado a posição anterior de incentivo às brincadeiras de modelo europeu e de desilusão com o barbarismo que via nas práticas festivas dos grupos iletrados. [...] Adotando muito da estética presente em décadas anteriores nas Grandes Sociedades Carnavalescas nas quais ele mesmo se divertia na juventude, os ranchos compunham para Coelho Netto uma manifestação original [...] O literato mostrava, no texto, que não eram mais as sociedades luxuosas que mereciam sua admiração, mas sim os grupos formados por aqueles que eram antes simples alvos de seus discursos pedagógicos. [...] Por terem incorporado às suas práticas tradicionais o impulso artístico que era característico das Grandes Sociedades, eles teriam dado uma ‘nova feição ao nosso carnaval’.

Ou seja, mesmo assim, a Europa continua a ser o farol que ilumina a cultura brasileira, mas já se admite um diálogo maior com o popular; há uma tentativa de criar algo, ou de reconhecer como nacional, como brasileiro. Logo, concessões são feitas: à cultura, e ao corpo brasileiro mestiço. O carnaval e o samba vão se tornar a festa e o ritmo musical nacional por excelência. Concomitantemente, como visto no capítulo anterior, acontecia o mesmo com o futebol, com o processo de assimilação de jogadores negros nos grandes clubes e na seleção nacional, até a formação de um “estilo brasileiro” de se jogar futebol, e a transformação deste esporte em símbolo nacional.

O movimento que se cristalizaria na década de 1930 com Gilberto Freyre já encontra ecos nos escritos de Coelho Neto na década anterior. A busca por encontrar um equilíbrio entre o nacional-popular, a tentativa de contornar a presença de elementos africanos e dar um “verniz civilizado” (ocidental) à cultura nacional integram este processo. Coelho Neto passa a:

[...] buscar as raízes da nacionalidade no mesmo movimento que tentava dar a elas uma aparência de civilização – na tentativa de definição de uma cultura autenticamente nacional, mas expurgada de alguns atrasos e barbarismos que ainda via em outros tipos de agrupamentos carnavalescos. Através desse novo jogo de luz e sombras, tentava ainda, como nos primeiros anos de sua atuação, construir uma imagem moderna e civilizada para o país. Para além de simplesmente lançar sobre os grupos iletrados seus discursos pedagógicos, baseados apenas nos costumes e padrões do Velho Continente, tratava-se porém, nas primeiras décadas do século XX, de ouvi-los e de interagir com suas práticas e tradições para alcançar seus objetivos. (PEREIRA, 2005, p.230)

O trecho acima exemplifica uma inflexão no movimento “civilizatório”, no projeto modernizador das elites republicanas. A retórica que prega a exclusão dos elementos populares e suas práticas é substituída por outra, que busca diálogo e realiza movimentos no sentido de

buscar uma acomodação com o popular. Assim, Coelho Neto, através da escrita, passa a “defender o sertão, a força do ambiente rural e a alma de seu povo, fruto da mestiçagem de descendentes de africanos e nativos, como caminho positivo para a construção da originalidade nacional, moderna e republicana.” (ABREU, 2017, posição 3755) Sem, contudo, esquecer da cultura europeia.

Desse modo, pouco a pouco, foi construindo-se a imagem do carnaval brasileiro, consagrada nas interpretações clássicas de autores como Eneida de Moraes e Roberto DaMatta. Nestas interpretações a respeito do carnaval:

Continua-se por aqui a vê-lo como se tivesse nascido e crescido em simbiose com sua gêmea, a nação, em uma existência simétrica que lhe definiu idades, formas e significados: a infância colonial do entrudo, seguida pela adolescência enfatuada e esnobe dos préstitos venezianas de oligarcas afrancesados, por fim substituídos pela maturidade original e cadenciada das escolas de samba que celebram e exprimem a imagem que nos reconcilia, acima da diversidade e das profundas desigualdades entre brasileiros. (CUNHA, 2001, p.15)

Abreu (2017, posição 1258, 1510) segue na mesma trilha traçada por Cunha, enfatizando o campo musical, ressaltando que a ideia de música popular brasileira, fruto de mistura racial entre brancos negros, entre Europa e África, gera este produto particular, mestiço, que passa por um processo de depuração dos traços africanos. A música popular brasileira, que foi formatada quase hegemonicamente ao redor do ritmo samba, exaltado tanto por políticos quanto por intelectuais como um símbolo do nacional, seria um ponto de contato entre os diversos grupos sociais brasileiros.

A análise de Cunha, (2015, posição 134) a respeito do samba é similar. Destacando o abasileiramento dos ritmos africanos, aprimorados no *lôcus* nacional da mestiçagem.

A identidade negra do samba foi estabelecida desde muito cedo em um viés complicado, que viu nele uma espécie de resultado do abasileiramento dos ritmos africanos, obtido através dos processos de refinamento pela mestiçagem. Eis aí de volta a insistente leitura da identidade mulata da nação, hoje reconciliada com seu próprio passado nos carnavais multirraciais da televisão.

Assim, os sambas, ao longo dos anos 1920, foram valorizando a miscigenação, sedimentando o campo das ideias para o alicerce da “democracia racial” de Freyre da década seguinte. (CUNHA, 2015, posição 555).

Na década de 1930, ocorre a ascensão das escolas de samba e a consolidação dos modelos de desfiles semelhantes aos atuais. As escolas de samba contaram com financiamento e regulamentação impostos pelo regime Vargas. Em troca, atribuíam aos seus préstitos

carnavalescos um discurso nacionalista, expressando a ideia de uma cultura nacional-popular e evitando apologias à vadiagem³¹⁰ e outras transgressões. (CUNHA, 2001, p.241)

Assim, nos anos 1930, a adesão entusiástica do Estado Novo e dos agentes de sua política cultural ao novo modelo do carnaval ancorava-se, ao que parece, em mais do que o simples fervor “nacional-popular” apregoado pelos seus ideólogos para fazer aparecer uma nova configuração no carnaval carioca. Logo os sambas orquestrados, alguns triunfalistas e comprometidos com o regime político, encherão as casas e ruas da cidade, entronizando o gênero como um verdadeiro símbolo nacional no qual uns e outros se confundiam sob o rótulo comum.

O novo regime olhava com simpatia as manifestações da chamada “cultura popular”, organizada em desfiles regrados, devidamente controlados e capitalizados politicamente pelo governo. Ouvia-se com bons ouvidos o samba que tocava nas eletrolas e, logo, nas rádios, associado à própria ideia de nacionalidade, e frequentemente “civilizado” por arranjos orquestrais e pelas vozes poderosas dos tenores e das divas da música popular. (CUNHA, 2015, posição 4828-4842)

Concluindo, entre meados do século XIX e início do século XX, ocorreu um intenso debate acerca do Carnaval no Rio de Janeiro. Os intelectuais da época intervinham neste debate, de forma a imprimir sua marca nestes festejos carnavalescos que, assim como o futebol, também não eram vistos como uma prática apolítica, mas sim como uma arena em que se digladiavam, de um lado, as elites europeizadas, republicanas, que desejavam um país moderno, à europeia, que tinham reservas em relação ao sangue negro que corria nas veias de boa parte da população brasileira, às suas práticas, aos seus “barbarismos” e “atavismos.” Do outro, temos o grosso da população brasileira, com suas práticas próprias, não uniformes³¹¹; um amálgama de práticas americanas, africanas e europeias. Esta população, no período pós-monarquia e pós-abolição, buscava seu espaço no campo político e cultural brasileiro.

Conforme foi demonstrado no capítulo, as práticas carnavalescas populares e da elite disputavam espaço nas ruas cariocas. Encarado como um indicador do país que poderia se formar sob o regime republicano, o carnaval foi amplamente discutido nos jornais, por escritores com perfis diversos, como Lima Barreto, João do Rio e Coelho Neto. Todos os três apresentam ressalvas e simpatias em relação às práticas populares; Lima o mais crítico ao carnaval, dedica especial atenção ao carnaval proposto pelas elites, denunciando as práticas excludentes, racistas e bovaristas.

³¹⁰ Como era comum nos primórdios do samba. Outras características dos desfiles das escolas de samba que permanecem até hoje também foram imposições do governo Vargas: o uso generalizado das baterias, a falta de instrumentos de sopro (comuns aos sambas da época), enredos de temática histórica. (CUNHA, 2015, posição 1604).

³¹¹ Explícita, por exemplo, na rivalidade entre carnavalescos baianos e cariocas.

As mortes precoces de João do Rio e de Lima Barreto acabam por reduzir a possibilidade de aprofundamento no estudo das flutuações dos autores em relação às mudanças que presenciaram do carnaval carioca. Já no caso de Coelho Neto, um escritor e intelectual que se harmoniza com as elites republicanas, é possível identificar um percurso bem delimitado: partindo do entusiasmo pelos carnavais à europeia (e ligado ao mundo clássico) das Grandes Sociedades, somado ao desgosto com as práticas populares “atrasadas”, chegando ao ponto em que ele consegue identificar aspectos positivos e passa a ser um apoiador dos ranchos. Ficou demonstrado como nos ranchos houve a incorporação de aspectos defendidos pela elite republicana, e como a partir desta forma de se brincar o carnaval avançou-se até a “maturidade” do carnaval brasileiro, considerado, ainda hoje, um símbolo da cultura nacional, alicerçado no corpo mestiço - mais especificamente no corpo da *mulata* - no samba, o ritmo nacional por excelência, e na “ordem” e nos espaços bem delimitados ocupados pelas escolas de samba. Novamente, assim como no caso do futebol, procurou-se acomodar as tensões entre as elites republicanas e a população pobre e negra, resultando em mais um dos símbolos da “democracia racial” (também considerada como um traço identitário brasileiro) defendida por Gilberto Freyre: o Carnaval brasileiro.

Considerações finais

O estudo pretendeu mostrar como Lima Barreto se manteve fiel ao seu projeto de literatura militante, gestado desde o início de sua carreira literária, de acordo com Francisco de Assis Barbosa (1968, p.13). O biógrafo do autor carioca de fato, observa como, já nos primeiros esboços de *Clara dos Anjos* (1904), a escrita de Afonso estabelece “entre o escritor e o público um compromisso, para ajudá-lo a conhecer não apenas o drama íntimo de cada um, como também as competições, erros e misérias da sociedade em que vivemos.”

Outro estudioso da obra de Lima Barreto, o crítico Carlos Magno Gomes (2008, p.49), também ressalta como a partir desta concepção literária, o escritor, sobretudo em seus textos para a imprensa, contesta o poder e os projetos excludentes das elites republicanas: “seu projeto individual funda um espaço discursivo, no qual o sujeito escritor vai de encontro ao poder, no intuito de desmascará-lo e questioná-lo no interior do texto.”

Além de assumir este posicionamento militante, a produção jornalística de Lima Barreto, conforme observado por Felipe Botelho Corrêa (2012, 2013, 2014), conseguiu atingir um dos maiores públicos leitores entre todos os escritores da Primeira República. Através destes textos, não somente Lima, mas todos os escritores e intelectuais brasileiros se posicionavam e tentavam convencer seu público leitor de que suas ideias eram as mais adequadas e benéficas para o conturbado período republicano.

Afonso Henriques, ademais, ocupa um papel peculiar na história da literatura brasileira, por se reconhecer como um literato negro e buscar fazer uma literatura negra, que apelidara de “negrismo” em seu diário íntimo. Em *História de um mulato*³¹², Lima Barreto critica o livro de estreia de Eneias Ferraz, *História de João Crispim*. O livro tem como protagonista João Crispim, um *mulato* culto e beberrão, que de acordo o jornalista Bolívar Torres³¹³ seria o próprio Lima Barreto. Torres comenta, inclusive, que o escritor suburbano teria conhecimento desta “homenagem” de Eneias Ferraz.

Ao analisar o romance e, supomos, a partir de sua própria trajetória de vida, Lima afirma que, na dita sociedade democrática republicana brasileira, havia (e ainda há) limites impostos, que não são anunciados ou escancarados, às pessoas de cor – o racismo velado.

Há nessas almas, nesses homens assim alanceados, muito orgulho e muito sofrimento. Orgulho que lhes vem da consciência da sua superioridade

³¹² **O Paiz**, de 17-4-1922.

³¹³ Em *Lima Crispim, João Barreto*. Disponível em: <<https://blogdoims.com.br/lima-crispim-joao-barreto/>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

intrínseca, comparada com os demais semelhantes que os cercam; e sofrimento por perceber que essa superioridade não se pode manifestar plenamente, completamente, pois há, para eles, nas nossas sociedades democraticamente niveladas, limites tacitamente impostos e intransponíveis para a sua expansão em qualquer sentido. (LIMA BARRETO, 2017, p.313)

Assim, boa parte do ressentimento e da ojeriza que Lima Barreto (2017, p.314) sente em relação a escritores que ele considerava menos talentosos que ele, como Coelho Neto e João do Rio, também transparecem neste artigo: “[...] não posso, porém, deixar de observar que um tipo como esse João Crispim devia ser conhecido, mais ou menos, por todo o mundo, neste vasto Rio de Janeiro, onde sujeitos menos originais que Crispim são apontados por toda a gente.”

Coelho Neto e João do Rio, os autores aqui escolhidos para debater os temas do futebol, da música popular e do carnaval com Lima Barreto, foram, em boa parte de suas carreiras, defensores ferrenhos dos projetos modernizadores e excludentes da Primeira República, conforme demonstrado nesta dissertação. Mesmo tendo lamentado em um momento ou outro a perda de alguma tradição brasileira, eles, ao lado de Olavo Bilac, quase sempre “aceitaram a *belle époque* tal como ela se apresentava”, de acordo Needell (1993, p.260).

Enquanto Lima identificou no futebol o projeto de um Brasil racista e elitista, ligado à teoria da hierarquia das raças, à defesa do branqueamento e ao bovarismo dos brasileiros, João do Rio e Coelho Neto viam neste esporte uma maneira de se regenerar o corpo da população brasileira e de se criar uma identidade nacional patriótica, em torno da seleção nacional. Este corpo dos brasileiros seria maltratado, por um lado, pela aversão do povo ao trabalho, e, por outro, pela mistura de raças, que, de acordo com a lógica do darwinismo social, teria gerado uma nação de degenerados.

Já no carnaval, Lima Barreto denuncia a falta de qualidade artística das canções e o racismo presente tanto nessas canções quanto nas próprias práticas carnavalescas (vide a “fantasia” de Cló). No entanto, diferentemente do futebol, o escritor enxerga o carnaval como uma manifestação brasileira. João do Rio se dedica a descrever e elogiar os bailes das elites cariocas, ressaltando de maneira racista as manifestações momescas populares. Mas acaba, assim como Lima, a reconhecer traços da nacionalidade nos festejos populares. Coelho Neto apresenta a maior mudança de postura: em seus primeiros escritos sobre o carnaval ataca as práticas populares e defende os modelos europeus que as Grandes Sociedades Carnavalescas tentavam impor. Com o passar dos anos, ressalta a falta vigor do carnaval das elites e se empolga com os festejos populares (que, como demonstrado, já tinham tido alguns traços depurados por

influência das elites) tornando-se defensor de muitos ranchos cariocas, e identificando nestes festejos uma autêntica expressão da nacionalidade brasileira.

Tanto os capítulos dedicados ao futebol quanto ao carnaval foram encerrados com a transformação destas práticas em símbolos nacionais. Conforme destaca Carvalho (2019, p.39), no decorrer das primeiras décadas do século XX “foram surgindo os elementos que constituiriam uma primeira identidade coletiva da cidade [Rio de Janeiro], materializada nas grandes celebrações do carnaval e do futebol.”

A dissertação demonstrou, deste modo, que as elites não conseguiram impor seus projetos modernizantes e evitar a participação dos pobres e negros, à sua maneira, no futebol e no carnaval. Por fim, ocorreu um processo de acomodação, no qual a elite conseguiu por meio da atuação de intelectuais como Gilberto Freyre, construir a narrativa de um país sem preconceito de raças, de um país pacífico, berço da democracia racial, exemplificados no *futebol brasileiro*, no *carnaval brasileiro* e no *corpo nacional mestiço*.

Arrematando, esta dissertação pretendeu destacar a produção jornalística de Lima Barreto, sobretudo suas crônicas, de forma a também incentivar novas reflexões e novos estudos acerca do papel do conjunto de textos escritos nesse gênero na obra do escritor suburbano. Buscou-se, por fim, valorizar a leitura das crônicas como documentos úteis à historiografia do período republicano.

Referências

ABREU, Marha. **Da senzala ao palco**: canções escravas e racismo nas Américas, 1870-1930. Campinas: Editora da Unicamp, 2017. (Históri@ Ilustrada) Edição do Kindle. ASIN B077SYQN4Y.

ACADÊMICOS. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/membros>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AULETE digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

AZEVEDO, F.F. dos S. **Dicionário analógico da língua portuguesa**: ideias afins/thesaurus. 2. ed. atual. e rev. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Recordações do escravidão Isaías Caminha**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

_____. **A vida de Lima Barreto**: 1881-1922. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BASTOS, Élide Rugai. Gilberto Freyre e a questão nacional. In: ANTUNES, Ricardo; FERRANTE, Vera B.; MORAES, Reginaldo. **Inteligência brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

BIBLIOTECA Digital de Literaturas de Língua Portuguesa. c2019. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BOMFIM, Manuel. **América Latina**: males de origem. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. _____. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOTELHO, Denílson. **A pátria que quisera ter era um mito**: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural da Secretaria Municipal de Cultura, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? In: _____. **Questões de sociologia**. Lisboa: Editora Fim de Século, 2003.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil: 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: história de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2002.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

CARDOSO, Fernando Henrique. Um livro perene. In: FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. 52.ed. São Paulo: Global, 2013. Edição comemorativa 80 anos.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (Orgs). **História em cousas miúdas**: capítulos da história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Orgs.) **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. (Histórias do Brasil)

COELHO NETO. **Às quintas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

_____. **Melhores crônicas**. Seleção e prefácio Ubiratan Machado. São Paulo: Global, 2013. Edição do Kindle. ASIN B015JQN0HO.

_____. **O meu dia**: hebdomanadas d'A Noite. Porto: Livraria Chardron, 1922.

CORREA, Felipe Botelho. Introdução. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Sátiras e outras subversões**: textos inéditos. Organização, introdução, pesquisa e notas de Felipe Botelho Corrêa. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

_____. Lima Barreto's *Marginália*: the magazine writer's dream. **Machado de Assis em Linha**, Rio de Janeiro, v.7, n.14, p.61-81, dez. 2014.

_____. A postcard to an anonymous reader: Lima Barreto's Brazilian diction in the magazine *Careta*. **Brasiliana**: journal for Brazilian studies, Londres, v.2, n.1, mar.2013.

_____. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v.8, n.1, p.71-97, jan./jun. 2012.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.6-7, p.35-50, 1996.

COSTA, Cristina. **Pena de aluguel**: escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTINHO, Carlos Nelson. O significado de Lima Barreto na literatura brasileira. In: COUTINHO, Carlos Nelson et al. **Realismo e anti-realismo na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia**: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. "**Não tá sopa**": sambas e sambistas no Rio de Janeiro, de 1890 a 1930. Campinas, Editora da Unicamp, 2015. (Históri@ Ilustrada). Edição do Kindle. ASIN B01N0XFZPA.

CUTI. **Lima Barreto**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

EFEGÊ, Jota (João Ferreira Gomes). **Figuras e coisas do Carnaval carioca**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.

ENCICLOPEDIA Treccani. Disponível em: <<http://www.treccani.it>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

ENCYCLOPEDIA Britannica. Disponível em: <<http://www.britannica.com>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5.ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FGV/CPDOC. **Atlas histórico do Brasil**. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de; FERREIRA, Ceila Maria. (Orgs.) **Lima Barreto, caminhos de criação**: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. São Paulo: Edusp, 2017.

FIGUEIREDO, Jackson de. **A coluna de fogo**. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1925. Exemplar disponível em: BCCL – Coleção Primeiras Edições.

_____. **A literatura reacionária**. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1924. Exemplar disponível em: BCCL – Coleção Primeiras Edições.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42.ed. Petrópolis: Vozes, 2014b.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. 52.ed. São Paulo: Global, 2013. Edição comemorativa 80 anos.

_____. O diário íntimo de Lima Barreto. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques. **Diário íntimo**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

GOMES, Carlos Magno. A identidade cultural engajada de Lima Barreto. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, Ano II, v. 3, n. 3, p. 47-55, jan./jun. 2008.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2009.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão**: memória operária, cultura e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. _____. 3. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

HARVEY, P., comp. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. (Saraiva de bolso)

_____. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terance. (Orgs.) **A invenção das tradições**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Clara dos Anjos e outras histórias**. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

_____. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HUGO, Victor. **Os trabalhadores do mar**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2002.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Bagatelas**. São Paulo, Brasiliense, 1961a.

_____. **Clara dos Anjos**: texto integral. Lisboa: Livraria Clássica, 1909a. (Sátiras e romances de Lima Barreto, 1) Edição do Kindle. ASIN B012PJ2JK2.

_____. **Clara dos Anjos e outras histórias**. Prefácio Sergio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

_____. **Coisas do Reino de Jambon**. São Paulo: Brasiliense, 1961b.

_____. **Contos completos.** Organização e introdução: Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Correspondência.** São Paulo: Brasiliense, 1961c. v.1-2.

_____. **Diário íntimo.** São Paulo: Brasiliense, 1961d.

_____. _____. São Paulo: Globus, 2011.

_____. **Impressões de leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1961e.

_____. **Impressões de leitura e outros textos críticos.** Organização e introdução: Beatriz Resende; prefácio Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

_____. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha:** texto integral. Lisboa: Livraria Clássica, 1909b. (Sátiras e romances de Lima Barreto, 1) Edição do Kindle. ASIN B012PJ2JK2.

_____. _____. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

_____. **Sátiras e outras subversões:** textos inéditos. Organização, introdução, pesquisa e notas de Felipe Botelho Corrêa. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

_____. **Toda crônica:** Lima Barreto. Organização: Beatriz Resende e Rachel Valença; apresentação e notas: Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v.1-2.

_____. **Triste fim de Policarpo Quaresma:** texto integral. Lisboa: Livraria Clássica, 1909c. (Sátiras e romances de Lima Barreto, 1) Edição do Kindle. ASIN B012PJ2JK2.

LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Claudio H.M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. (Orgs.) **Culturas de classe:** identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto:** um pensador social na Primeira República. Goiânia: Editora UFG; São Paulo: Edusp, 2002.

MACHADO, Ubiratan. O cronista que não queria escrever crônicas. In: COELHO NETO. **Melhores crônicas.** Seleção e prefácio: Ubiratan Machado. São Paulo: Global, 2013. Edição do Kindle. ASIN B015JQN0HO.

MORAES, Eneida. **História do carnaval carioca**. Revista e ampliada por Haroldo Costa. Rio de Janeiro: Record, 1987.

MORAES, Marco Antonio. Introdução. In: COELHO NETO. **Às quintas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

MORAIS FILHO, Mello. **Festas e tradições populares do Brasil**. Prefácio Silvio Romero. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. (Coleção Biblioteca básica brasileira)

NEGREIROS, Carmen; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa. (Orgs.) **Belle Époque**: crítica, arte e cultura. Rio de Janeiro: LABELLE : Faperj; São Paulo: Intermeios, 2016.

NEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NORVELL, John M. A brancura desconfortável das camadas médias brasileiras. In: REZENDE, Cláudia Barcellos; MAGGIE, Yvonne. **Raça como retórica**: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

PEIXOTO, Afrânio. **A esfinge**. São Paulo: Editora Clube do Livro, 1978.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O carnaval das letras**: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

_____. O jogo dos sentidos: os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Orgs.) **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. Cap. 8, p. 195-231. (Histórias do Brasil)

_____. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. (Histórias do Brasil)

_____. Literatura em movimento: Coelho Netto e o público das ruas. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Orgs.) **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 201-237. (Várias Histórias)

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; CHALHOUB, Sidney. Apresentação. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Orgs.) **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 7-14. (Histórias do Brasil)

PRADO, Antonio Arnoni. **Cenário com retratos**: esboços e perfis. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. (org.) **Lima Barreto**: uma autobiografia literária. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Lima Barreto**: o crítico e a crise. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Rio de Janeiro: UFRJ; Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. _____. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. Profissão: jornalista. In: **Toda crônica**: Lima Barreto. Organização: Beatriz Resende e Rachel Valença; apresentação e notas: Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v.2.

_____. **Sobre Lima Barreto** : três ensaios. S.l.: e-galáxia, 2017. (Peixe-elétrico Ensaios) Edição do Kindle. ASIN B07H11R47L.

_____. Sonhos e mágoas de um povo. In: **Toda crônica**: Lima Barreto. Organização: Beatriz Resende e Rachel Valença; apresentação e notas: Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v.1.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908a. Edição do Kindle. ASIN B00AGB28PS.

_____. **Celebridades - desejo**. Rio de Janeiro: Gráfica da Pátria Portuguesa e Lusitana. 1932.

_____. **Crônicas efêmeras**: João do Rio na Revista da Semana. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **O momento literário**. Rio de Janeiro: Garnier, 1908b.

_____. **No tempo de Wenceslau...** Rio de Janeiro: Villas-Boas, 1917a.

_____. **Pall-Mall: inverno mundano de 1916**. Rio de Janeiro: Villas-Boas, 1917b. Exemplar disponível em: BCCL – Coleção Primeiras Edições.

_____. **As religiões no Rio**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. (Coleção Biblioteca Manancial, n. 47) Edição do Kindle. ASIN B00AGB2BL4.

RODRIGUES, Hermano de França. O negro na literatura: discursos memórias e representações. **Cadernos Imbondeiro**, João Pessoa, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/view/21396/12791>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

ROMERO, Sílvio. Canções populares do Brazil. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1883. v.1. Disponível em: **Cantos populares do Brazil**. <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/518774>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva: Editora da USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1993. (Debates, v.258)

ROSSO, Mauro. **Lima Barreto versus Coelho Neto: um Fla-Flu literário**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Tudo é história, 20)

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. Um “clube da fábrica” e um “clube de fábrica”: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1910). **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 100-117, 2013.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1669.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a.

_____. Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil república. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Contos completos**. Organização e introdução: Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017b.

_____. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2018.

_____; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARZ, Roberto. **As ideias fora do lugar**: ensaios selecionados. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

_____. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEVERIANO, Jairo; HOMEM DE MELLO, Zuza. A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras. 6.ed. São Paulo: Editora 34, 2006.

SHAKESPEARE, William. **O mercador de Veneza**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

SILVA, Raphael Frederico Acioli Moreira da. Os macaquitos na Brazundanga: racismo, folclore e nação em Lima Barreto (1881-1922). In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (Orgs). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p.161-199. (Várias Histórias)

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G.; ARMUS, D., (Orgs.) **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. p. 330-391.

_____. **A hora da eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

STOLCKE, Verena. A 'natureza' da nacionalidade. In: REZENDE, Cláudia Barcellos; MAGGIE, Yvonne. **Raça como retórica**: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

THÉRENTY, Marie-Ève. La crónica en el periódico francés del siglo XIX: ¿caso irónico, rúbrica mediática o taller literário? **Boletín**, Cidade do México, v.XI, n.1-2, p. 131-160, 2006.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.